

Colecção Mil Folhas PÚBLICO 32

O AMANTE DE LADY CHATTERLEY
D. H. Lawrence

Título original: *Lady Chatterley's Lover*

Tradução: Maria Teresa Pinto Pereira

Publicações Europa- América 2002

Data de impressão: Dezembro de 2002

Este livro é vendido exclusivamente com o jornal PÚBLICO.

Todos os direitos reservados.

D. H. LAWRENCE
O Amante de Lady Chatterley

Tradução de Maria Teresa Pinto Pereira

Sumário

Sumário	3
Capítulo I	4
Capítulo II	12
Capítulo III	18
Capítulo IV	28
Capítulo V	37
Capítulo VI	50
Capítulo VII	61
Capítulo VIII	74
Capítulo IX	85
Capítulo X	96
Capítulo XI	127
Capítulo XII	143
Capítulo XIII	154
Capítulo XIV	169
Capítulo XV	184
Capítulo XVI	198
Capítulo XVII	217
Capítulo XVIII	232
Capítulo XIX	246
COMENTÁRIOS SOBRE O AMANTE DE LADY CHATTERLEY	258

Capítulo I

A nossa época é essencialmente trágica, por isso nos recusamos a aceitá-la tragicamente. O cataclismo deu-se, estamos entre as ruínas, desatamos a construir novos pequenos habitat, a alimentar novas esperançazinhas. É uma tarefa difícil, já não há nenhuma estrada suave em direcção ao futuro: rodeamos os obstáculos, ou passamos por cima deles. Seja qual for o número de réus que desabem, temos de viver.

Esta era, mais ou menos, a posição de Constance Chatterley. A guerra tinha sido como um tecto que lhe caísse em cima, e ela compreendera que seria necessário viver e aprender.

Casara-se com Clifford Chatterley em 1917, numa altura em que ele estivera na Inglaterra a gozar um mês de licença. Tiveram uma lua-de-mel de um mês. Regressara depois à Flandres, para voltar outra vez à Inglaterra, seis meses mais tarde, mais ou menos em bocados. Constance, a mulher, tinha então vinte e três anos e ele vinte e nove.

O apego dele à vida foi maravilhoso. Não morreu e os bocados parecerem voltar a juntar-se outra vez. Durante dois anos andou pelas mãos dos médicos. A seguir foi dado como curado e pôde voltar de novo à vida corria a parte inferior do corpo, da cintura para baixo, paralisada para sempre.

Estava-se em 1920. Clifford e Constance voltaram ao lar deles, ao lar da família, Wraghy. O pai de Clifford falecera, ele era agora um baronete, Sir Clifford, e Constance era Lady Chatterley.

O casal iniciou a sua vida no lar bastante delapidado dos Chatterley com um rendimento razoavelmente limitado. Clifford tinha uma irmã, mas falecera e não havia mais parentes próximos. O ir mão mais velho morrera na guerra. Aleijado para sempre, sabendo que nunca poderia ter descendentes, Clifford regressou à fumacenta região dos Midlands para manter vivo, enquanto pudesse, o nome dos Chatterley.

Não se sentia realmente deprimido. Podia deslocar-se pelos seus próprios meios numa cadeira de rodas e dispunha também de uma outra cadeira de rodas com um pequeno motor: assim, podia deslocar-se devagarinho pelo jardim e pelo gracioso e melancólico parque, de que tanto se orgulhava, embora se mostrasse desprendido de tudo.

Tendo sofrido tanto, a capacidade para o sofrimento, em certa medida, acabara por abandoná-lo. Permanecia um ser estranho, animado e bem disposto. Dir-se-ia, quase, que era um ser alegre pela aparência do seu corado e saudável rosto e pelos seus olhos azul-claros, provocantes e brilhantes. Os ombros dele eram largos e robustos e fortes as mãos. Vestia-se muito bem e usava graciosas gravatas adquiridas na Bond Street. Mas, mesmo na sua cara, podia detectar-se o olhar atento, a leve vacuidade de um aleijado.

Estivera de tal maneira quase à beira de perder a vida, que aquilo que restava dela era para ele desmesuradamente precioso. Podia ver-se, no brilho ansioso dos seus olhos, como ele se sentia orgulhoso de si mesmo por estar vivo após tão grande choque. Mas havia sido tão dolorosamente ferido, que algo dentro dele morrera, alguns dos seus sentimentos tinham desaparecido. Havia um vazio de insensibilidade.

Constance, a mulher de Clifford, tinha um ar de rapariga de campo, corada, com cabelo castanho e suave, um corpo robusto e movimentos lentos carregados de uma invulgar energia. Tinha uns olhos grandes e sonhadores e uma voz suave e doce. Parecia ter acabado de chegar da sua aldeia natal, mas não era. O pai de Constance era o velho Sir Malcolm Reid, que fora outrora bem conhecido por pertencer à Academia Real, a mãe fora um dos distintos membros da Sociedade Fabiana¹ do período florescente, mais exactamente do período pré-rafaelita. Criadas entre artistas e socialistas cultos, Constance e a irmã, Hilda, tinham tido o que se poderá chamar uma educação estética, mas inconvençional. Havia sido levadas, por princípios artísticos, a Paris, Florença e Roma; e, com outro, haviam sido levadas à cidade da Haia e a Berlim, a grandes convenções socialistas, onde os oradores falavam em todas as línguas civilizadas e onde ninguém se sentia intimidado.

Assim, as duas raparigas, desde muito cedo, nem por sombras se manifestavam desconcertadas quer pela arte, quer pelas ideologias políticas. Essas coisas faziam parte do mundo delas. Eram ao mesmo tempo cosmopolitas e provincianas, com aquele provincianismo artístico que é compatível com os puros ideais sociais.

Aos quinze anos tinham sido mandadas para Dresda, para estudar Música, entre outras coisas, e aí passaram uns tempos muito agradáveis. Viviam livremente entre estudantes, discutiam com os homens sobre assuntos filosóficos, sociológicos e artísticos, e eram tão boas como eles, ou melhores ainda, pelo facto de serem mulheres. E palmilhavam as florestas com jovens robustos, que traziam as suas guitarras, cantavam canções de Wandervogel, e eram livres, livres! Essa a grande palavra, num mundo sem barreiras, em florestas à luz da manhã, com rapazes sadios e vozes magníficas, livres de fazerem o que queriam, e, acima de tudo, de dizer o que queriam. Era a discussão o que mais interessava; o debate apaixonado, em que o amor era apenas um mero acessório.

Ambas tiveram a sua tentadora história de amor aos dezoito anos. Os jovens com quem discutiam tão apaixonadamente, com quem cantavam e acampavam debaixo das árvores em completa liberdade, quiseram, evidentemente, relações amorosas. As raparigas estavam indecisas, mas era uma coisa de que se falava muito e parecia ser muito importante. E eles

¹ Sociedade fundada na Inglaterra em 1884 e que preconizava princípios da evolução progressiva. (N. da T)

humildes e insistentes. Porque era que uma rapariga não se havia de se comportar como uma rainha e conceder as suas graças?

E assim se deram, como mulheres, cada uma ao jovem com quem tinha discussões mais subtis e íntimas. As conversas, as discussões, eram o ponto importante. A relação amorosa e a ligação eram apenas uma espécie de retorno ao primitivo e constituíam anticlímax. Depois, gostaram menos dos rapazes, e quase sentiam um pouco de ódio, como se eles tivessem violado a sua intimidade, a sua liberdade interior. Porque, evidentemente, toda a dignidade e significado da vida de uma rapariga consistia na obtenção de uma liberdade absoluta, perfeita, pura e nobre. Que mais poderia significar a vida de uma rapariga, para além da rejeição de velhas e sórdidas ligações e emancipação de sujeições?

E, apesar de ser possível sentimentalizar, a parte sexual foi sempre uma das mais antigas e sórdidas ligações e sujeições. Os poetas que a glorificaram eram na grande maioria homens e as mulheres sempre souberam que havia algo de melhor e mais nobre. E agora sabiam-no com maior certeza do que nunca. A bela e pura liberdade de uma mulher era infinitamente mais maravilhosa do que o amor-sexo. Lamentavelmente, os homens estavam muito atrasados em relação às mulheres nesse ponto. Insistiam no acto sexual como cães.

E a mulher tinha de ceder. Um homem era como uma criança com os seus caprichos. A mulher tinha de lhe dar o que ele queria ou como uma criança tornar-se-ia provavelmente desagradável e agitar-se-ia com impaciência e estragaria o que podia ser uma ligação muito agradável. Mas a mulher podia dar-se a um homem sem que o seu eu interior livre cedesse, e a este ponto os poetas e os homens que falaram sobre o sexo não deram suficiente importância. Uma mulher podia conquistar um homem sem se atraiçoar, podia tê-lo sem se submeter ao seu poder, podia usar o sexo para exercer o seu poder sobre ele. Bastava retrair-se no acto sexual e deixá-lo terminar e esgotar-se sem ela ter a sua crise. E então ela podia prolongar o acto e alcançar o orgasmo e a sua crise, enquanto ele era apenas um instrumento.

As duas irmãs tiveram a sua experiência amorosa na altura em que a guerra rebentou e tiveram de voltar apressadamente a Inglaterra. Nenhuma delas esteve apaixonada por um rapaz, a não ser que ele e ela estivessem verbalmente muito próximos, excepto quando lhes interessava profundamente FALAR um com o outro. A grande, espantosa, profunda e inacreditável emoção residia na discussão apaixonada com um jovem realmente inteligente, recomeçando hora a hora, dia após dia, e isto durante meses. Isso nunca elas tinham pensado que fosse possível até ao momento em que aconteceu! A promessa do Paraíso — "Terás homens com quem falar!" — nunca fora proferida. A promessa cumpriu-se antes de a conhecerem.

E, depois destas discussões vivas e revitalizantes que estimulavam a intimidade e iluminavam o espírito, o sexo tornara-se mais ou menos

inevitável. Acontecia. Assinalava o fim de um capítulo. Tinha também uma emoção própria: uma estranha vibração corporal, um espasmo final de auto-afirmação, como que a última palavra, excitante, muito semelhante à linha de asteriscos que se põe para indicar o fim de um parágrafo e uma interrupção no tema.

Quando as raparigas regressaram das férias do Verão de 1913, Hilda tinha então vinte anos e Come dezoito, o pai percebeu logo perfeitamente que elas tiveram a experiência amorosa.

L'amour avait passé par là², como se costuma dizer. Mas ele próprio era um homem com experiência e permitia que a vida seguisse o seu rumo. Enquanto a mãe, uma doente nervosa, nos últimos meses de vida, queria apenas que as filhas fossem "livres" e "se realizassem". Ela nunca o conseguira, isso fora-lhe negado. Só Deus sabia porquê, porque era uma mulher que tinha o seu próprio rendimento e o seu próprio rumo. Culpava o marido, mas na realidade era devido a uma velha impressão de autoridade gravada no espírito ou na alma de que não se conseguia libertar. Sir Malcolm, que permitia à sua mulher nervosa, hostil e corajosa, que se ocupasse dos seus assuntos, enquanto ele seguia o seu caminho, não tinha culpa.

Assim, as duas jovens eram "livres" e voltaram para Dresda e para a sua música, para a universidade, para os rapazes. Amavam-nos e eles amavam-nas com toda a paixão da atracção mental. Todas as coisas maravilhosas que eles pensavam, e diziam, e escreviam, pensavam-nas, diziam-nas, e escreviam-nas para as raparigas. O jovem de Connie era músico, o de Hilda técnico. Eles viviam exclusivamente para elas, no que respeitava a espírito e a intelecto. Noutros pontos eram um pouco repelidos, embora não o soubessem.

Era óbvio, olhando para eles, que conheciam o amor, isto é, tiveram a experiência física. É curiosa a subtil, mas inequívoca, transformação que isso provoca no corpo quer dos homens, quer das mulheres: a mulher floresce, as suas formas ficam mais redondas, as formas angulosas atenuam-se, a expressão torna-se inquieta ou triunfante; o homem torna-se mais calmo, mais interiorizado, e o contorno dos ombros e dos rins menos acentuado, mais hesitante.

As duas irmãs quase sucumbiram ao poder estranho do macho, quando sentiram no corpo a excitação sexual. Mas rapidamente se recompuseram, encararam a excitação sexual como uma sensação e continuaram livres. Os homens, gratos às mulheres pela experiência física, deram-lhes um pouco das suas almas. Depois, pareciam mais uma pessoa que perde dez tostões e encontra cinco. O jovem de Connie tinha mau feitio e o de Hilda era trocista. Mas os homens são assim! Ingratos e sempre insatisfeitos; se não são aceites, odeiam a mulher por não os aceitar; se o são, odeiam-na por qualquer outra

² "O amor tinha passado por lá." (N. da T)

razão, ou por nenhuma razão, porque são crianças descontentes e nada os satisfaz, por mais que a mulher faça.

Todavia a guerra rebentou e Hilda e Connie regressaram apressadamente a Inglaterra, depois de já terem estado em casa em Maio para o funeral da mãe. Antes do Natal de 1914, os dois jovens já estavam mortos, e as irmãs choraram-nos e amaram-nos apaixonadamente, mas no fundo tinham-nos esquecido, já não existiam.

As duas irmãs viviam na casa do pai, ou, melhor, da mãe, em Kensington. Davam-se com um jovem grupo de Cambridge que lutava pela "liberdade" e defendia as calças, camisas de flanela abertas no pescoço e uma espécie de cortês anarquia emocional. Tinham uma voz sussurrante de quem fala baixo e eram ultra-sensíveis. Hilda, porém, casou de súbito com um homem dez anos mais velho do que ela, dos mais velhos membros do mesmo grupo de Cambridge, um homem com bastante dinheiro e com um bom cargo oficial, que escrevia também ensaios filosóficos. Vivia com ele numa pequena casa em Westminster e começou a frequentar aquele tipo de sociedade do meio governamental que não é exactamente o pináculo, mas que constitui, ou, pelo menos, deveria constituir, o poder realmente inteligente da nação: pessoas que sabem do que falam, ou falam como se assim fosse.

Connie teve um emprego de guerra e ligou-se aos intransigentes, de calças de flanela do grupo de Cambridge, que subtilmente troçavam de tudo. O seu "amigo" era Clifford Chatterley, um jovem de vinte e dois anos, que regressara apressadamente de Bona, onde estudava as técnicas da exploração mineira do carvão. Antes estivera em Cambridge dois anos e agora era primeiro-tenente num regimento de escol. Assim podia escarnecer de tudo, mais elegantemente no seu uniforme.

Clifford Chatterley era de melhor sociedade que Connie. Esta pertencia à intelectualidade próspera, mas ele era da aristocracia, não da alta, mas da aristocracia, de qualquer modo. O pai era baronete e a mãe filha de um visconde.

Mas Clifford, apesar de mais educado e de melhor sociedade do que Connie, era à sua maneira mais provinciano e mais tímido. Sentia-se à vontade no seu pequeno "grande mundo", isto é, entre a aristocracia da terra, mas tímido e nervoso perante esse outro grande mundo que consiste nas hordas das classes média e baixa e dos estrangeiros. Para dizer a verdade, ele tinha um pouco de receio da humanidade da classe média e baixa e dos estrangeiros que não pertenciam à sua classe. Estava consciente da sua impossibilidade de defesa, embora possuísse a defesa do privilégio. É curioso, mas é um fenómeno do nosso tempo.

Assim, a suave autoconfiança de uma rapariga como Constance Reid fascinava-o. Ela era muito mais senhora de si mesma naquele mundo caótico do que ele.

Todavia, também ele era um rebelde, rebelando-se até contra a sua classe. "Rebelde" talvez seja uma palavra forte de mais. Ele apenas partilhava

da aversão geral e popular dos jovens às convenções e a qualquer tipo de verdadeira autoridade. Os pais eram ridículos, o seu ainda mais por ser obstinado. E os governos eram ridículos, e o nosso principalmente por manter uma atitude de expectativa. E os exércitos eram ridículos, assim como os antiquados generais, o mais importante de todos o conde Kjtchner. Até a guerra era ridícula, embora matasse muita gente.

De facto, tudo era um pouco ridículo, ou muito ridículo: tudo aquilo relacionado com autoridade, quer fosse no exército, no governo ou nas universidades, era muitíssimo ridículo. E, na medida em que as classes dirigentes tinham pretensões de governar, eram também ridículas. O pai de Clifford, Sir Geoffrey, era bastante ridículo a deitar abaixo as árvores e a expulsar os homens da mina de carvão para os mandar para a guerra, sendo ele tão prudente e patriota, e ao mesmo tempo gastando mais dinheiro do que possuía para bem da pátria.

Quando Miss Chatterley chegou a Londres, vinda dos Midlands, para trabalhar como enfermeira, era discretamente muito espirituosa quando falava de Sir Geoffrey e do seu patriotismo decidido. Herbert, o irmão mais velho e herdeiro, ria abertamente, embora fossem as suas árvores que caíssem para fazer as trincheiras da propriedade, mas Clifford só sorria, um pouco constrangido. De facto, tudo é ridículo, mas quando nos começa a tocar de mais perto tornamo-nos também ridículos... Pelo menos, pessoas de outra classe, como Connie, eram honestas em alguma coisa, acreditavam em alguma coisa.

Eram honestas em relação ao problema dos "Tommies", e à ameaça de recrutamento e à escassez de açúcar e de caramelos para as crianças. Evidentemente, que por este estado de coisas as autoridades estavam a laborar ridiculamente num erro. Mas Clifford não podia tomar isto muito a peito; para ele, as autoridades eram ridículas *ab ovo*, não por causa dos caramelos ou dos "Tommies".

E as autoridades sentiam-se ridículas e comportavam-se de uma forma bastante ridícula, e tudo aquilo pareceu durante algum tempo uma festa em casa de um louco. Até que as coisas chegaram a este ponto no continente, e Lloyd George vinha salvar a situação na ilha. Isto ultrapassava os limites do ridículo, os jovens irreverentes deixaram de rir.

Em 1916 Herbert Chatterley foi morto; assim, Clifford passou a ser o herdeiro. Até com isso ficou aterrorizado, a sua importância como filho de Sir Geoffrey e senhor de Wraghy estava tão arraigada nele que não se podia libertar. E, apesar de tudo, sabia também que isto era ridículo aos olhos do imenso mundo em agitação. Agora era herdeiro e responsável por Wragby. Era uma situação terrível e esplêndida e, ao mesmo tempo, talvez, profundamente absurda.

Sir Geoffrey não compreendia o absurdo de tudo aquilo. Era pálido e tenso, reservado, obstinadamente decidido a salvar o seu país e a sua posição, fosse Lloyd George quem fosse. Estava tão isolado, tão separado daquela

Inglaterra que era a verdadeira Inglaterra, tão profundamente incapacitado, que tinha mesmo boa opinião de Horatio Bottornley. Sir Geoffrey lutava pela Inglaterra e por Lloyd George como os seus antepassados tinham lutado pela Inglaterra e por São Jorge, e nunca compreendeu que havia uma diferença. Assim, Sir Geoffrey deitava as suas árvores abaixo e defendia Lloyd George e a Inglaterra, a Inglaterra e Lloyd George.

E queria que Clifford casasse e lhe desse um herdeiro. Clifford reconhecia que o pai era um anacrónico incurável, mas o único ponto em que estava mais evoluído era exactamente no sentido de ridículo em relação a todas as coisas, e no imenso ridículo da sua própria posição. Porque, quer fosse desejado ou indesejado, assumiu a baronia e Wragby com a maior seriedade.

O entusiasmo alegre da guerra desaparecera. Morrera. Havia demasiada morte e horror. Um homem precisava de apoio e de conforto, tinha necessidade de uma âncora num mundo seguro. Um homem precisava de uma esposa.

Os Chaterley, dois irmãos e uma irmã, por estranho que pareça, tinham vivido sempre isolados, fechados em conjunto em Wragby, apesar de todas as suas relações pessoais. Uma sensação de isolamento reforçara os laços de família, uma sensação de fragilidade da sua posição, de carência de defesas, apesar do título e da propriedade, ou talvez por causa disto. Viviam afastados desse Midlands industrial no qual tinham passado as suas vidas. Viviam afastados das pessoas da sua classe, pelo carácter instável, obstinado, taciturno, de Sir Geoffrey, o pai, de quem escarneciam, mas a quem eram muito sensíveis.

Os três tinham afirmado que viveriam sempre juntos. Mas, agora, Herbert estava morto, e Sir Geoffrey queria que Clifford casasse. Sir Geoffrey mal tocava no assunto, falava muito pouco. Mas a insistência silenciosa, melancólica, de que assim deveria ser fora para Clifford difícil de suportar.

Mas Emma disse "Não!". Era dez anos mais velha do que Clifford e sentia que o casamento dele seria uma deserção e uma traição a tudo aquilo por que tinham lutado os jovens da família.

Apesar disso, Clifford casou com Connie e teve o seu mês de lua-de-mel com ela. Foi no terrível ano de 1917, e viviam tão intimamente como duas pessoas que se mantêm unidas num navio prestes a afundar-se. Ele era virgem quando casou e a parte sexual não tinha para ele grande significado. Eram tão íntimos, ele e ela, independentemente disso! E Connie sentiu-se feliz com essa intimidade que estava para além do sexo, para além da "satisfação" do homem; Clifford, de qualquer forma, interessava-se menos por essa satisfação do que a maior parte dos homens. Não, a intimidade era mais profunda, mais pessoal do que isso, e o sexo era apenas um acidente, ou um complemento, um desses processos curiosamente obsoletos, orgânicos, que persistem na sua própria inépcia, mas não são na realidade necessários.

Connie, porém, queria filhos, quanto mais não fosse para a proteger contra a cunhada Emma.

Mas, nos princípios de 1918, Clifford. foi reenviado para Inglaterra em bocados, e não haveria filhos. E Sir Geoffrey morreu de desgosto.

Capítulo II

Connie e Clifford foram para Wragby no Outono de 1920. Miss Chatterley, indignada ainda com a deserção do irmão, tinha saído de casa e vivia num pequeno apartamento em Londres.

Wragby era uma casa comprida, baixa e antiga de pedra castanha, principiada a construir nos meados do século XVIII e sucessivamente aumentada, sem no entanto ter um estilo definido. Edificada numa elevação no meio de um parque antigo e belo com carvalhos, mas podia-se ver a pouca distância a chaminé da hulheira de Tevershall, com as suas nuvens de vapor e fumo e, na distância húmida e enublada da colina, a aldeia de Tevershall toscamente dispersa, uma aldeia que começava quase nos portões do parque e se estendia numa grande extensão sinistra, feia e profundamente esmagadora: casas, filas de pequenas casas de tijolo, miseráveis, pequenas, enegrecidas, com telhados pretos de ardósia, com ângulos pontiagudos e de aspecto sombrio, intencional e inexpressivo.

Connie estava habituada a Kensington, ou às colinas da Escócia, ou às dunas do Sussex: esta era a sua Inglaterra! Com o estoicismo dos jovens, aceitou imediatamente a fealdade extrema, desumana dos Midlands de carvão e ferro. Era incrível, e não valia a pena pensar nisso. Das divisões sombrias de Wragby ela ouvia o chocalhar dos crivos na mina, o barulho do motor do guindaste, o estalido das camionetas em manobras e o desgarrado e enrouquecido apito das locomotivas de carvão. O silo do poço de Tevershall estava a arder havia anos, e custaria milhares para o extinguir. Por isso tinha de arder. E quando o vento soprava desse lado, o que era frequente, a casa enchia-se do cheiro pestilento da combustão sulfurosa do excremento da terra. Mas, mesmo nos dias sem vento, havia sempre o cheiro a qualquer coisa debaixo da terra: enxofre, ferro, carvão ou ácido. E até sobre as rosas do Natal se fixava a fuligem persistente e inconcebivelmente, como se fosse um maná negro de um céu maldito.

Bem, assim era, estava escrito como tudo o resto. Era terrível, mas para quê resistir? Não era possível, tinha de se continuar. A vida como sempre. No céu baixo e negro da noite havia manchas vermelhas de fogo que iluminavam, oscilavam, tornando-se nítidas, cresciam e contraíam-se, como queimaduras que fazem sofrer. Eram as fornalhas. A princípio fascinaram Connie, mas sentia ao mesmo tempo pavor, tinha a impressão de estar a viver debaixo da terra, depois habituou-se a elas. De manhã chovia sempre.

Clifford dizia que gostava mais de Wragby do que de Londres. Aquela região tinha uma determinação própria, inflexível, e os habitantes eram corajosos. Connie perguntava a si mesma se teriam algo mais: olhos e espírito não tinham com certeza. As pessoas eram tão pálidas, disformes, tristes e hostis como a terra. Só na dureza do seu dialecto e no malhar das botas

mineiras, ferradas, quando em grupo se arrastavam no asfalto em direcção a casa vindos do trabalho, havia qualquer coisa de terrível e de misterioso.

Não houve boas-vindas para o jovem fidalgo, nem festa, nem delegação, nem mesmo uma simples flor. Somente uma viagem húmida de carro através de uma estrada sombria e húmida, que desaparecia por entre as árvores tristes e reaparecia na vertente do parque, onde carneiros cinzentos e húmidos pastavam, até chegar ao cimo do monte, onde a casa estendia a sua fachada castanha-escura e a governanta e o marido esperavam, como caseiros indecisos, prontos a balbuciar as boas-vindas.

Não havia comunicação entre Wragby Hall e a aldeia de Tevershall, nenhuma. Nem saudações, nem reverências. Os mineiros apenas olhavam, os comerciantes tiravam os bonés a Connie como a uma pessoa conhecida e baixavam a cabeça desajeitadamente a Clifford. E era tudo. Havia um abismo intransponível e um tranquilo ressentimento de parte a parte. Ao princípio, Connie sentiu-se afectada com os laivos constantes de ressentimento que a aldeia manifestava. Depois tornou-se insensível e passou a ser como um tónico aquilo com que era obrigada a viver. Ela e Clifford não eram de modo nenhum impopulares, mas pertenciam a uma espécie diferente da dos mineiros. Havia um abismo intransponível, uma brecha indescritível, talvez como riem sequer exista no sul de Trent. Mas nos Midlands e o Norte industrial havia um abismo tal que era impossível uma comunicação. "Fica no teu lugar que eu fico no meu!" Uma estranha recusa do pulso comum da humanidade.

No entanto, a aldeia gostava de Clifford e de Connie, num plano abstracto. Na carne, de cada lado era "Deixem-me em paz". O reitor era um homem simpático, de cerca de sessenta anos, sempre ocupado com os seus deveres, e reduzido como pessoa quase a uma insignificância pelo silencioso "Deixem-me em paz" dos aldeões. As mulheres dos mineiros eram quase todas metodistas, os mineiros não eram nada. Mas até o uniforme oficial do clérigo era o suficiente para ocultar a realidade de que ele era um homem como qualquer outro. Não, ele era o senhor Ashby, uma espécie de obrigação automática, para pregar e orar.

Esta teimosia, tendência de pensar sempre "Somos tão boas como tu, Lady Chatterley", nos primeiros tempos confundia e desorientava Connie profundamente. A amabilidade curiosa, desconfiada, falsa, com que as mulheres dos mineiros lhe correspondiam; e o tom estranhamente ofensivo de "Valha-me Deus! Agora sou *alguém*, porque a Lady Chatterley falou comigo! Mas ela que não pense que vale mais do que eu" que ela sempre ouvia vibrar nas vozes, quase adadoras, das mulheres, eram impossíveis de suportar. Era impossível de transpor esta barreira. Era irremediável e ofensivamente não conformista. Clifford deixava-as em paz, e ela aprendeu a fazer o mesmo.

Passava sem as ver, e elas fixavam-na como se fosse uma figura de cera a andar. Quando Clifford tinha de lidar com elas, era altivo e desdenhoso, impedindo imediatamente toda a cordialidade. Na realidade era sempre assim

com pessoas de outra classe. Mantinha-se firme sem fazer qualquer tentativa de conciliação. O povo não gostava nem desgostava dele, apenas fazia parte das coisas como a própria mina e Wragby.

Mas Clifford, desde que ficara estropiado, era extremamente tímido e embaraçado. Odiava ver pessoas a não ser os seus criados, porque tinha de estar sentado numa cadeira de rodas. Todavia vestia-se com a mesma elegância de sempre, fatos feitos por caros alfaiates e as habituais gravatas da Bond Street, e, sentado, parecia tão elegante e distinto como sempre. Nunca fora um dos jovens modernos, efeminado; até bastante bucólico, com o seu rosto corado e ombros largos. Mas a sua voz suave, hesitante, e os olhos ao mesmo tempo corajosos e assustados, firmes e inseguros, revelavam a sua natureza. A sua maneira de ser era muitas vezes ofensivamente arrogante, e, logo a seguir, modesta e humilde, quase trémula.

Connie e Clifford estavam ligados um ao outro à maneira moderna, distraída. Ele estava demasiado magoado pelo choque que sofrera, ficar aleijado, para poder ser simples e superficial. Era uma coisa magoada e Connie por isso mesmo era-lhe apaixonadamente fiel.

Mas não podia deixar de sentir que ele tinha realmente pouca ligação com as pessoas. Os mineiros eram, de certo modo, os seus homens, mas considerava-os mais como objectos do que como homens, partes da mina e não partes da vida, mais um fenómeno rude e natural do que seres humanos. De certa maneira, receava-os, não podia suportar que eles o observassem agora, que estava aleijado. E a vida deles, estranha e rude, parecia-lhe tão anormal como a do ouriço-cacheiro.

Era um homem remotamente interessado, como se visse tudo por um microscópio ou por um telescópio. Estava de fora. Estava afastado de todos, excepto de Wragby, por tradição, e, por um laço estreito de defesa familiar, de Emma. Para além disto, nada realmente o tocava. Connie sentia que estava longe dele, talvez porque não havia nada entre os dois, só a negação do contacto humano.

No entanto, ele era totalmente dela, precisava dela em todos os momentos. Embora grande e forte, não podia fazer nada. Podia deslocar-se na cadeira de rodas e na cadeira de três rodas com motor, que lhe permitia passear lentamente pelo parque. Mas sozinho era como uma coisa perdida; precisava que Connie estivesse com ele, para lhe garantir que ainda existia.

Todavia, era ambicioso. Tinha começado a escrever histórias, histórias curiosas, muito pessoais, sobre pessoas que conhecera. Inteligentes, um pouco malévolas e, no entanto, estranhamente vazias de significado. A observação era extraordinária e peculiar, mas sem ligação, sem contacto real, era como se toda a acção se passasse no vácuo. E porque a vida hoje é muito semelhante a um palco artificialmente iluminado, as histórias eram curiosamente fiéis à vida moderna, à moderna psicologia.

Clifford era sensível às histórias de um modo quase doentio. Queria que todos as considerassem de boa qualidade, da melhor, *nec plus ultra*. Foram

publicadas nas revistas mais modernas, e como é habitual foram elogiadas e censuradas. Mas para Clifford a censura era uma tortura, como se fossem facas a picá-lo, era como se todo o seu ser estivesse nas suas histórias.

Connie ajudava-o no que podia. A princípio entusiasmara-se. Discutia com ela sobre tudo, numa voz monótona, insistente, persistente, e ela tinha de responder com todo o seu entusiasmo. Era como se toda a sua alma, o seu corpo e o seu sexo tivessem de despertar e passar para as histórias. Isto apaixonava-a e absorvia-a.

A vida material era limitada. Ela tinha de dirigir a casa, mas a governanta trabalhara para Sir Geoffrey durante muitos anos, e a mulher que servia à mesa, seca, de certa idade, extremamente correcta — a quem não se podia chamar criada de sala, nem mesmo mulher —, estava naquela casa havia quarenta anos. Até as outras criadas já não eram novas. Um horror! Que se poderia fazer em semelhante lugar, a não ser deixar as coisas como estavam? Todos aqueles salões enormes de que ninguém se servia, toda a rotina dos Midlands, o asseio e a ordem mecânicos! Clifford insistira em ter uma nova cozinheira, uma mulher bastante experiente que tinha sido sua criada em Londres. Tudo no solar parecia dirigido por uma anarquia mecânica. As coisas decorriam em perfeita ordem, dentro de uma limpeza e pontualidade estritas, e até de uma estrita honestidade. E, todavia, para Connie era uma anarquia metódica, nenhum calor humano a unia intrinsecamente. A casa parecia tão lúgubre como uma rua abandonada.

Que poderia ela fazer senão deixar as coisas continuarem como antes? E assim fez. Miss Chatterley aparecia de vez em quando, com o seu rosto aristocrático e magro, e exultava ao ver que nada se tinha alterado. Nunca perdoaria a Connie por a ter despojado da sua união psicológica com o irmão. Deveria ser ela, Emma, a produzir esses contos, esses livros, com ele. Os contos Chatterley, algo de novo no mundo, e que era deles, dos Chatterley. Não existia nada que os tivesse precedido, nem nenhuma ligação orgânica, quer de pensamento, quer de expressão. Apenas algo de novo no mundo: os livros Chatterley, inteiramente pessoais.

O pai de Connie, quando fez uma visita rápida a Wragby, disse à filha, a sós: "Aquilo que Clifford escreve está em voga, mas é vazio. Não terá futuro!". Connie olhou para aquele cavalheiro escocês corpulento, que sempre vivera bem, e os seus olhos, os seus grandes olhos azuis espantados, tornaram-se vagos. *Vazio!* Que queria ele dizer com *vazio*? Se os críticos elogiaram, e o nome era quase famoso, e já ganhava até dinheiro com o que escrevia... que queria o pai dizer com o "vazio" dos seus contos? Que é que lhes faltava?

Connie adoptara o lema das jovens: o momento presente era tudo. E os momentos sucediam-se sem relação necessária uns com os outros.

No segundo Inverno passado em Wragby, o pai disse-lhe:

Espero, Connie, que não permitas que as circunstâncias te obriguem a ser uma *demi-vierge*.

— *Demi- vierge!*- repetiu Connie, num tom vago. — Porquê? Porque não?

— A não ser que gostes, evidentemente — respondeu o pai com vivacidade. Depois disse o mesmo a Clifford, estando os dois a sós:

— Receio que Connie não seja do tipo de mulher que se adapte a uma *demi- vierge*.

— Semivirgem — repetiu Clifford, traduzindo, para ter a certeza da expressão.

Pensou por uns momentos, depois ficou muito vermelho. Estava zangado e ofendido.

— Em que é que não se adapta a ela? — perguntou, num tom duro.

Está a ficar magra... angulosa. Não é o estilo dela. Não é do género de mulher magra como uma solha, é uma truta escocesa das grandes.

— Sem as manchas, evidentemente — respondeu Clifford. Mais tarde quis falar no assunto a Connie, da história da *demi- vierge*, do estado de semivirgindade das suas relações, mas não foi capaz. Era, ao mesmo tempo, demasiado íntimo com ela e não suficientemente íntimo para o fazer. Espiritualmente, os dois eram como se fossem um só, mas, corporalmente, não existiam, e nenhum deles seria capaz de falar no *corpus delicti*. Eram muito íntimos e muito intocáveis.

Connie sabia no entanto que o pai tinha dito alguma coisa, e que essa coisa estava na mente de Clifford. Sabia que ele não se importava que ela fosse meio virgem ou meio mundana, desde que ele o ignorasse completamente e nunca fosse obrigado a saber. O que os olhos não vêem, o espírito não conhece: não existe.

Connie e Clifford viviam já há quase dois anos em Wragby, aquela vida vaga de absorção por Clifford e pelo seu trabalho. Os seus interesses eram todos canalizados para a sua obra. Conversavam e discutiam na angústia da composição, e sentiam que algo se estava a passar, realmente, que preenchia todo o vazio.

E a vida era isto: vazio. Tudo o resto não existia. Wragby estava ali com os criados... somente espectros inexistentes. Connie dava passeios no parque e na floresta próxima, e desfrutava a solidão e o mistério. Pisava as castanhas folhas de Outono e colhia as primaveras. Mas tudo era um sonho, ou um simulacro da realidade. As folhas de carvalho pareciam-lhe agitar-se, reflectidas num espelho, ela própria era uma figura tirada de um livro, e que colhia primaveras que eram apenas sombras ou recordações ou palavras. Não havia substância à sua volta, nada... nada para tocar, nenhum contacto. Somente aquela vida com Clifford, aquele entrelaçar permanente de fios de histórias, das minúcias da consciência, aquelas histórias que Sir Malcolm considerava vazias e efémeras. Porque é que haviam de ter conteúdo e porque é que haviam de ser duradouras? Cada dia tem o seu calvário. Cada momento, a sua aparência de realidade.

Clifford tinha bastantes amigos, mais conhecidos do que amigos, que convidava para Wragby. Convidava todos os tipos de pessoas, críticos, escritores, pessoas que contribuíam para que os seus livros fossem elogiados. Todos se sentiam lisonjeados pelo convite para Wragby, e elogiavam realmente. Connie entendia tudo perfeitamente. Mas porque não? Era uma das transitórias imagens do espelho. Não via nisso nenhum inconveniente.

Recebia todas aquelas pessoas, na sua maioria homens. Recebia igualmente as poucas relações aristocráticas de Clifford. Com a sua doçura e o seu bom aspecto de rapariga do campo, com tendência para as sardas, com os grandes olhos azuis e o cabelo castanho encaracolado e uma voz suave, o torso feminino, mas forte, era considerada um pouco antiquada e demasiado "feminina". Não era "um esqueleto", nem tinha peito e nádegas de rapazinho. Era demasiado mulher para ser completamente elegante.

Por isso os homens, especialmente os não jovens, eram muito gentis para com ela. Mas, sabendo a tortura que Clifford poderia sentir à menor suspeita de devaneio amoroso da sua parte, não lhes dava absolutamente nenhum encorajamento. Era tranqüila e distante, não tinha nenhum contacto com eles nem tencionava tê-lo. Clifford sentia-se extraordinariamente orgulhoso.

A família de Clifford tratava-a de uma forma muito gentil. Sabia que essa gentileza não era mais do que falta de medo, pois esse

tipo de pessoas só respeitam aqueles que receiam. Também não tinha contacto com eles, deixava-os ser amáveis e desdenhosos, deixava-os sentir que não precisavam de se pôr em defesa. Estava completamente longe deles.

O tempo passava. Tudo o que acontecia não era nada, porque ela estava fora de todas as coisas. Ela e Clifford viviam as suas ideias e os livros dele. Ela recebia, pois havia sempre visitas em casa. O tempo passava, como num relógio. Eram oito e meia em vez de sete e meia.

Capítulo III

Connie, contudo, sentia dentro de si uma inquietação crescente. Em virtude do seu afastamento de todas as coisas, uma inquietação apossava-se dela como se fosse demência, contraía-lhe os membros quando não queria, fazia-a levantar-se quando preferia ficar confortavelmente sentada; vibrava dentro dela, no ventre, por todo o corpo, até sentir que tinha de se atirar à água para se libertar. Era uma inquietação exasperada. Fazia bater o coração com muita força e sem razão. E estava a emagrecer.

Era apenas inquietação. Queria correr pelo parque, abandonar Clifford e deitar-se de barriga para baixo nos fetos. Fugir daquela casa, tinha de fugir daquela casa e das pessoas. O bosque era o seu único refúgio, o seu santuário.

Mas não era realmente um refúgio, um santuário, porque ela não tinha nada a ver com ele. Era apenas o lugar para onde podia ir libertar-se do resto. Nunca esteve em contacto com o espírito do bosque, se é que tal absurdo existia.

Sabia vagamente que, de certo modo, se estava a desfazer física e mentalmente. Sabia vagamente que estava fora de tudo, que tinha perdido o contacto com o mundo real e vital. Só Clifford e os seus livros, que não existiam, vazios por dentro do vazio. Tinha consciência de tudo isto, vagamente. Mas era como bater com a cabeça contra uma pedra.

O pai voltou a avisá-la: "Porque não arranjas um apaixonado, Connie? Aproveita o que há de bom na vida".

Nesse inverno, Michaelis veio passar alguns dias em Wragby. Era um jovem irlandês, que já tinha feito fortuna com as suas peças na América. Fora apoiado muito entusiasticamente por uns tempos pela alta sociedade de Londres, porque escrevia peças de salão. Depois, gradualmente, essa mesma sociedade foi-se apercebendo que tinha sido ridicularizada por um rato sujo das ruas de Dublin, e a reacção súbita sobreveio. Michaelis era a última palavra em grosseria e má-criação. Descobriu-se que ele assumia uma posição antibritânica, e para a classe que tinha feito esta revelação, era pior do que o crime mais condenável. Foi completamente ignorado e o seu cadáver lançado à lata do lixo.

Apesar disso, Michaelis tinha o seu apartamento em Mayfair, e a imagem de um cavalheiro descia a Bond Street, porque nem os melhores alfaiates põem de parte os clientes grosseiros quando estes pagam.

Clifford convidava um homem de trinta anos no momento menos auspicioso da sua carreira. Mas, apesar de tudo, Clifford não hesitou. Michaelis captara as atenções de talvez um milhão de pessoas, provavelmente, e, sendo um intruso sem remissão, sem dúvida ficaria grato pelo convite para Wragby no momento em que todo o mundo elegante o

repudiava. Sem dúvida que a sua gratidão só poderia trazer "vantagens" a Clifford, do lado de lá, na América. Glória! Um homem consegue a glória, seja ele o que for, se se falar dele da maneira certa, especialmente "do lado de lá". Clifford era um homem de futuro, e era notável o seu profundo instinto de publicidade. Afinal retratou-o magnificamente numa peça, e Clifford era uma espécie de herói popular. Até ao dia em que descobriu que tinha sido ridicularizado.

Connie estranhava um pouco a tendência cega, imperiosa de Clifford de se tornar conhecido, conhecido nesse mundo vasto e amorfo, que ele próprio não conhecia e que receava com inquietação; ser conhecido como escritor, como escritor moderno de primeira classe. Connie sabia, pelo afortunado, velho, vigoroso e bonacheirão Sir Malcolm, que os artistas faziam a sua própria publicidade e se esforçavam por exportar as suas obras. Mas o pai servia-se de vias já preparadas, que eram de todos os outros académicos que vendiam os seus quadros, enquanto Clifford descobria novas vias de publicidade, quaisquer que fossem. Convidava todos os tipos de pessoas para Wragby, sem no entanto se rebaixar. Mas, decidido a conseguir rapidamente uma reputação, servia-se de tudo o que estivesse ao seu alcance.

Michaelis chegou no momento oportuno, num bom carro, com o seu motorista e um criado. Era incontestavelmente um homem de Bond Street! Mas, ao vê-lo, Clifford, que tinha qualquer coisa de fidalgo rural, retraiu-se. Ele não era de modo nenhum... não era exactamente... de facto, em suma, não era como pretendia parecer, atendendo à sua aparência. Para Clifford isto era decisivo e suficiente. Apesar de tudo foi muito delicado, porque ele alcançara um êxito extraordinário. A Glória, a deusa-cadeia, como se costuma chamar, andava à volta dos pés de Michaelis, quase humildes e provocadores, ao mesmo tempo rosnadora e protectora, e isso intimidava totalmente Clifford, porque ele também se queria prostituir à Glória, deusa-cadela, se ela o aceitasse.

Obviamente que Michaelis não era inglês, apesar dos alfaiates, chapeleiros, barbeiros e sapateiros do melhor bairro de Londres. Não, era óbvio que ele não era inglês, tinha uma cara fora do comum, pálida e uniforme, e um rancor também fora do comum. Mostrava ressentimento e rancor, e isso era evidente para qualquer cavalheiro de genuíno sangue inglês, que nunca permitiria que tais sentimentos transparecessem. Pobre Michaelis, tinha sido tão maltratado, que ainda não perdera um certo ar de cauda entre as pernas. Tinha aberto o seu caminho por puro instinto e total ousadia até à cena, à boca da cena, com as suas peças. Tinha surpreendido o público e pensara que os maus dias tinham acabado. Mas não, nunca acabariam. De certo modo fazia os possíveis por ser maltratado, porque se imiscuía num meio a que não pertencia: a alta sociedade inglesa. E divertia-se com os pontapés que lhe dava. E ele odiava-a.

Mesmo assim viajava com o criado e num bom carro, esse vadio de Dublin.

Havia qualquer coisa nele que Connie apreciava. Não se fazia importante, não tinha ilusões sobre si próprio. Conversava com Clifford de maneira delicada, breve, prática sobre tudo que este queria saber. Não se expandia nem se deixava entusiasmar. Sabia que tinha sido convidado para Wragby para ser usado, e, como um velho homem de negócios, esperto e indiferente, como um importante homem de negócios, permitia que o interrogassem e respondia sem que os seus sentimentos interferissem.

— Dinheiro! O dinheiro é uma espécie de instinto, uma das características da natureza humana é fazer dinheiro. Não tem nada a ver com o que uma pessoa faça, nem é um jogo. É uma espécie de acidente permanente da nossa própria natureza. Quando se começa, faz-se dinheiro e não se pára mais, até um determinado ponto, é claro.

— Mas e preciso começar — respondeu Clifford.

— Oh, absolutamente, é preciso entrar na roda, quando se está de fora não se consegue nada. Tem de se lutar para entrar, e uma vez que o tenha conseguido, é inevitável.

— Mas poderia ter ganho dinheiro sem as peças?

— Oh, provavelmente não! Posso ser bom ou mau, mas sou escritor, um escritor teatral, e não podia ser outra coisa. Disso não tenho a menor dúvida.

— E acha que tem de ser um autor de peças para o grande público — perguntou Connie.

— É esse exactamente o ponto! — respondeu Michaelis, voltando-se para ela, num impulso súbito. — Tudo isso não significa nada. A popularidade não significa nada, nem o grande público, se quiser. Realmente não há nada nas minhas peças que as torne populares, não é isso. São apenas como o tempo... São como têm de ser, pelo menos por agora.

Olhou para Connie e os seus olhos um pouco rasgados e a expressão lenta eram de quem se tivesse afogado numa desilusão abismal. Ela sentiu um estremecimento. Parecia muito velho, infinitamente velho, formado por camadas de desilusão, afundando-se dentro dele geração após geração, como os estratos geológicos. E, ao mesmo tempo, estava perdido como uma criança. Um proscrito, de certo modo, mas com a coragem desesperada de uma existência de ratazana.

— Pelo menos é extraordinário o que você já fez, com a sua idade - disse Clifford, pensativo.

— Tenho trinta anos, sim, trinta! — respondeu Michaelis, de maneira ríspida e brusca, com um riso estranho, ao mesmo tempo profundo, triunfantemente amargo.

— E está só? — perguntou Connie.

— Que é que quer dizer? Se vivo só? Tenho o meu criado, é grego, ele assim o afirma, e é bastante incompetente. Mas conservo-o. E vou casar. Ah, sim, tenho de casar.

— Parece que está a falar de uma operação às amígdalas — disse Connie, a rir-se. — Tem de fazer esforço?

Ele olhou para ela com admiração.

— Bem, Lady Chatterley, de certo modo tenho. Acho... desculpe... acho que não me poderia casar com uma inglesa, nem mesmo com uma irlandesa.

— Experimente com uma americana! — disse Clifford.

— Oh, as americanas! — respondeu, com um grande sorriso.

— Não, pedi ao meu criado que me encontrasse uma turca, ou coisa assim... mais oriental.

Connie estava realmente impressionada com este curioso e melancólico espécime, com um êxito extraordinário. Dizia-se que, só da América, tinha um rendimento de cinquenta mil dólares. Por vezes era atraente, outras, quando olhava de lado ou para baixo, e a luz incidia nele, tinha uma beleza silenciosa e persistente, como uma máscara de um negro esculpida em marfim, com os seus olhos muito rasgados, as sobrancelhas pronunciadas, curiosamente arqueadas, a boca imóvel e contraída. Aquela imobilidade momentânea, mas expressa, aquela imobilidade e intemporalidade a que o Buda aspira e que os negros possuem por vezes, sem querer. Qualquer coisa de velho, de velho e aquiescente, própria da raça. Séculos de aquiescência como destino de raça, em vez da nossa resistência individual. E depois uma travessia a nado como fazem os ratos num rio escuro. Connie sentiu uma súbita e estranha simpatia por ele, feita de compaixão, e com uma tonalidade de repulsa, quase amor.

O intruso! O intruso! E chamavam-lhe pretensioso! Clifford parecia muito mais pretensioso e convencido! E muito mais estúpido.

Michaelis percebeu imediatamente que a tinha impressionado. Olhava-a com os seus olhos rasgados, cor de avelã, ligeiramente salientes, com uma expressão de pura indiferença. Estava a avaliá-la e a avaliar a impressão que despertara. Com ingleses ele nunca podia deixar de ser o eterno intruso, mesmo tratando-se de amor. No entanto, algumas vezes, as mulheres cediam, e as inglesas também.

Sabia exactamente a sua posição em relação a Clifford. Eram dois cães de raça diferente que teriam preferido rosnar, e que, pela força das circunstâncias, sorriam um para o outro. Mas, em relação à mulher, não estava seguro.

O pequeno-almoço era servido nos quartos; Clifford nunca aparecia antes do almoço e a sala de jantar era um pouco lúgubre. Depois do café, Michaelis, bastante inquieto, perguntava a si próprio o que havia de fazer. Era um lindo dia de Novembro, bonito para Wragby. Olhou para o melancólico parque. Meu Deus, que sítio!

Mandou uma criada perguntar a Lady Chatterley se precisava de alguma coisa. Pensou ir de carro até Sheffield. A resposta chegou. Lady Chatterley convidava-o para a sua sala.

Connie tinha uma sala de estar no terceiro andar, o último da parte central da casa. Os aposentos de Clifford eram, evidentemente, no rés-do-chão. Michaelis estava lisonjeado por ter sido convidado e seguiu a criada como se fosse cego, nunca reparava nas coisas, nem tinha contacto com que o

rodeava. Na sala relanceou vagamente os olhos pelas belas reproduções alemãs de Renoir e Cézanne.

— Isto aqui é muito agradável — comentou, com o seu estranho sorriso, mostrando os dentes, como se lhe doesse sorrir. Fez muito bem em ter escolhido o último andar.

— Também acho — respondeu ela. Os seus aposentos eram os únicos alegres e modernos na casa, o único lugar em Wragby, onde a sua personalidade se revelava. Clifford não os conhecia e eram poucas as pessoas que ela recebia ali.

Sentaram-se em frente um do outro, um de cada lado do fogão de sala e conversaram. Ela fez-lhe perguntas de ordem pessoal, sobre a mãe e o pai e os irmãos, as outras pessoas eram sempre para ela uma surpresa, e, quando a sua simpatia era despertada perdia o sentimento de classe. Michaelis falou dele com inteira franqueza, sem afectação, revelando simplesmente a sua alma de cão perdido, azeda e indiferente, e, ao mesmo tempo, qualquer coisa do seu orgulho vingativo pelo êxito que alcançara.

— Mas porque é tão solitário? — perguntou-lhe Connie, e ele voltou a olhá-la com os seus olhos rasgados, penetrantes, cor de avelã.

— Algumas pessoas são assim — replicou. E depois com uma ironia quase íntima: — E você? Não será também uma solitária?

Connie, um pouco surpreendida, pensou por instantes e acabou por responder.

— De certo modo, sim. Mas não totalmente como você.

— Sou totalmente solitário? — perguntou ele, com aquele sorriso rasgado, como se tivesse dor de dentes, era tão forçado. Os seus olhos nunca mudavam, sempre melancólicos, ou estóicos, ou desiludidos, ou receosos.

— Porquê? — perguntou ela, quase sem respirar, enquanto o fitava. — E não é?

Sentiu uma terrível atracção por ele, que quase a fez perder o equilíbrio.

— Sim, tem razão — respondeu, virando a cabeça para outro lado, olhando de lado e desviando o olhar, com aquela imobilidade estranha de uma raça antiga que dificilmente se encontra no nosso tempo. Era exactamente isso que impedia Connie de o encarar friamente.

Olhou para ela com aqueles olhos que viam tudo e tudo registavam. Nesse momento, a criança que gritava na noite, que gritava no seu peito e chamava por ela, afectava-a profundamente.

— É muito gentil da sua parte pensar em mim - disse laconicamente.

— Porque é que não havia de pensar em si? - exclamou ela, quase ofegante.

Ele riu, de maneira estranha e rápida, num riso de troça.

— Bem, dessa forma! Posso pegar na sua mão por um minuto? perguntou, de repente, fixando os seus olhos nela, com uma força quase hipnótica e lançando uma súplica que a penetrou violentamente.

Ela ficou a olhá-lo, fascinada e petrificada. Aproximou-se e ajoelhou-se ao lado dela e prendeu-lhe os pés com as mãos, enterrou a cara no colo de Connie, e assim ficou sem se mexer. Ela estava como hipnotizada, contemplando com uma espécie de admiração a linha suave da sua nuca, sentindo a cara dele a apertar-lhe as coxas. Com toda a consternação violenta que sentia dentro de si, não podia deixar de afagar com ternura e compaixão aquela nuca desprotegida, e ele começou a tremer com força. Depois olhou para ela, e nos seus olhos rasgados e brilhantes lia-se aquela súplica terrível a que ela não se sentia capaz de resistir. Todo o seu ser respondia ao desejo ardente do homem e ela era capaz de lhe dar o que ele quisesse.

Ele foi um amante estranho e dócil, muito dócil com a mulher. Tremia sem controlo, mas, ao mesmo tempo mantinha-se consciente, atento ao menor ruído do exterior.

Para Connie, aquilo não significou mais que uma entrega sua àquele homem. E ele, finalmente, deixou de tremer e ficou tranquilo, completamente tranquilo. Ela, com os seus dedos pálidos e compassivos, afagou-lhe a cabeça, deitada no seu peito.

Quando ele se levantou, beijou-lhe as mãos, os pés nas chinelas de camurça, e, em silêncio, afastou-se até ao fim do quarto, onde ficou, de costas voltadas para ela. Durante uns minutos não trocaram uma única palavra. Depois virou-se e veio para junto dela, enquanto ela se sentava no seu lugar, junto ao fogão da sala.

— E agora, suponho, que me odiará — comentou ele, com a voz calma, como se fosse uma coisa inevitável. Ela levantou rapidamente os olhos para ele.

— Porquê? — perguntou.

— É sempre assim — depois corrigiu. — Quero dizer.. as mulheres reagem sempre assim.

— Este é o último momento em que poderia odiá-lo — respondeu ela, ressentida.

— Julguei... julguei que deveria ser assim. É muito boa para mim... — exclamou ele, lastimoso.

Ela não percebia porque é que ele havia de se sentir infeliz.

— Porque não se sinta outra vez? — perguntou ela, enquanto ele olhava para a porta.

— Sir Clifford! Ele não... não ... ? Ela ficou uns momentos pensativa.

— Talvez! — E depois, olhando para ele: — Não quero que Clifford saiba... nem que suspeite sequer. Isso magoá-lo-ia muito. Mas eu não acho mal. Acha?

— Mal? Não, meu Deus, não! Você é infinitamente boa para mim... mal posso acreditar.

Ele virou-se, e ela percebeu que ele estava quase a chorar.

— Mas não é necessário permitirmos que Clifford saiba, pois não? — insistiu ela. — Isso fá-lo-ia sofrer tanto! E, se não souber, se não suspeitar, ninguém ficará magoado.

— Por mim? — respondeu ele, num tom quase furioso. — Por mim ele nunca saberá nada. Aliás, poderá verificar. Eu deixar-me apanhar? — E ria, forçado, cinicamente, com tal ideia. Ela olhava-o, espantada. Ele acabou por dizer: — Posso beijar-lhe a mão e ir-me embora? Creio que irei até Sheffield almoçar, se me permite. Estarei de volta à hora do chá. Em que poderei ser-lhe útil? Posso ter a certeza de que não me odeia, e que não me vai odiar? — terminou, com uma nota desesperada e cínica.

— Não, não o odeio, você agrada-me!

— Ah! — respondeu ele, furiosamente. — Como gosto muito mais que me diga isso do que se dissesse que me ama! Significa muito mais para mim. Verno-nos então esta tarde. Terei muito tempo para pensar em tudo.

Beijou-lhe humildemente as mãos e foi-se embora. Ao almoço, Clifford comentou: — Acho que não posso suportar aquele homem.

Porquê? — perguntou Connie. É um pretensioso. Debaixo do verniz... está sempre à espera do momento oportuno para nos saltar em cima.

— Acho que as pessoas têm sido muito rudes para com ele respondeu ela.

— E admira-se? Acha que ele aproveita as suas horas de lazer para ser agradável com as pessoas?

— Creio que há nele uma certa generosidade.

— Em relação a quem?

— Isso não sei.

— Naturalmente que não sabe. Receio que esteja a confundir falta de escrúpulos com generosidade.

Connie calou-se. Estaria realmente a confundir? Se assim era, a falta de escrúpulos de Michaelis tinha para ela um certo fascínio. Ele ia até ao fim das coisas, ao passo que Clifford apenas dava uns passos tímidos. Era assim que tinha conquistado o mundo, que era o que Clifford queria fazer. Seriam os meios e fins de Michaelis mais desprezíveis do que os de Clifford? Seriam os processos do pobre intruso, que tinha singrado, forçado as portas, piores que os de Clifford, de autopropaganda, para ser conhecido? A deusa-cadela, a Glória era perseguida por milhares de cães ofegantes e de língua de fora. O primeiro que a apanhava era realmente o cão entre os cães, se é que se podia estabelecer a diferença à base do êxito. Por isso Michaelis podia andar com a cauda levantada.

Mas o que era estranho é que não andava. Regressou à hora do chá com um grande ramo de violetas e de lírios, e a mesma expressão de cão vadio, astuto e envergonhado. Connie, por vezes, perguntava a si própria se seria uma espécie de máscara para desarmar os opositores, de tal modo era fixa. No fundo, seria Michaelis o cão infeliz que parecia?

O seu ar de cão triste, de pessoa morta por dentro, manteve-se durante o serão, muito embora Clifford sentisse que, por baixo, se ocultava um desafio. Connie não o sentiu, talvez porque não era dirigido às mulheres, somente aos homens, com as suas presunções e convicções. Esse desafio indestrutível, interior, daquele homem magro, constituía a causa principal do rancor que os outros homens lhe tinham. A presença, só por si, era uma afronta a qualquer homem da sociedade, por mais escondida que estivesse sob as boas maneiras.

Connie estava apaixonada por ele, mas conseguiu ficar sentada a fazer o seu bordado sem interromper a conversa dos homens e sem se trair. Michaelis foi perfeito; exactamente o mesmo homem melancólico, atento, reservado, da noite anterior, infinitamente distante dos seus hospedeiros, capaz de conviver laconicamente na medida exacta, mas não se permitindo a mais pequena aproximação. Connie sentia que ele tinha esquecido o que se tinha passado de manhã. Ele não se esquecerá, mas sabia perfeitamente a posição em que se encontrava, a mesma posição, a margem, onde se conservam aqueles que aí nasceram. Para ele, fazer amor não significava nada de pessoal. Sabia que nunca deixaria de ser um cão sem dono, a quem toda a gente inveja a coleira de ouro, mas que ninguém quer acolher e transformar em belo cão de sala.

O facto final é que, mesmo no fundo da sua alma, ele era um homem à margem, anti-social, e aceitava-o como tal, apesar da sua aparência impecável de Bond Street. O seu isolamento era-lhe fundamental, tão fundamental como a sua aparição e a sua integração entre as pessoas da alta sociedade.

Mas o amor, de quando em quando, como um reconfortante e um lenitivo, era bom, e ele não era ingrato. Sentia-se ardente e profundamente grato a qualquer gesto de gentileza natural e espontânea, quase chorava. Sob o seu rosto pálido, imóvel, desiludido, uma alma de criança soluçava de gratidão pela mulher e ansiava por estar de novo com ela. Ao mesmo tempo, sabia que a sua de proscrito se afastaria realmente dela.

Teve uma oportunidade de lhe dizer, enquanto acendiam as velas na entrada:

— Posso subir?

— Não, eu irei ter consigo — respondeu ela.

— Está bem! Esperou por ela bastante tempo, mas ela chegou. Ele era o tipo de amante que tremia de excitação, com uma crise que sobrevinha rapidamente e de curta duração. O seu corpo nu tinha qualquer coisa de infantil e indefeso, como o de uma criança nua. Todas as suas defesas eram mentais e de certo modo engenhosas, e, quando estas estavam como que em suspenso, ele parecia duplamente nu e semelhante a uma criança, com um corpo inacabado, suave, que se debate desesperadamente.

Despertava na mulher uma compaixão e uma ternura selvagens e um desejo físico, violento e selvagem também. Pela sua rapidez, não satisfazia o

desejo físico, de Connie. Depois abandonava-se deitado no peito dela, recuperando a sua atitude de desafio, enquanto ela permanecia confusa, desiludida, perdida.

Mas depressa aprendeu a dominá-lo, a conservá-lo após a sua crise. E então ele era generoso e curiosamente potente; mantinha-se dentro dela, dando-se-lhe, enquanto ela era activa, muito selvática e apaixonadamente activa, até atingir a sua crise. Quando sentia que ela tinha alcançado o orgasmo através da sua passividade firme, experimentava uma sensação curiosa de orgulho e satisfação.

— Ah, que bom! — murmurou ela, com voz trémula, e ficou inerte, presa a ele. E ele ficou no seu isolamento, mas orgulhoso.

Dessa vez só se demorou três dias, e para Clifford foi sempre igual à primeira noite. Para Connie também. A sua fachada de homem exterior nunca se alterou.

Escreveu a Connie no mesmo tom triste e melancólico de sempre, por vezes irónico, e imbuído de um estranho afecto sem sexo.

O seu afecto por ela não envolvia nenhuma expectativa, e a distância que mantinha continuava igual. Não havia lugar para expectativa ou esperança dentro dele. Odiava a esperança. "*Une immense espérance a traversé la terre*",¹ era uma frase que tinha lido não sabia onde, e à qual acrescentou "e destruiu na sua passagem tudo o que valia a pena".

Connie nunca o percebeu muito bem, mas, à sua maneira, amou-o. Ela sentia sempre dentro de si a sua falta de esperança, e, sem esperança, não podia amar. Ele, pela mesma razão, jamais seria capaz de amar.

Continuaram a escrever-se durante um tempo e a encontrar-se ocasionalmente em Londres. Ela continuava a querer aquela emoção física, sexual, que conseguia através da sua própria actividade, depois do curto orgasmo de Michaelis. E ele continuava a querer dar-lhe isso mesmo. Era o suficiente para continuarem ligados.

Queria ainda dar-lhe uma forma de autoconfiança, cega e um pouco arrogante. Era uma confiança quase mecânica do seu poder, que fazia com muito bom humor.

Sentia-se extremamente bem disposta em Wragby. E utilizava toda essa boa disposição despertada para estimular Clifford, que escreveu o melhor da sua obra nessa época e sentiu-se quase feliz no seu estranho estado de cegueira. Ele colhia os frutos da satisfação que ela tirava da passividade erecta do macho. Mas nunca o soube, e, se o tivesse sabido, não se sentiria agradecido.

No entanto, quando os dias de completa, rejubilante jovialidade e excitação acabaram, acabaram totalmente, e ela se mostrou deprimida e

¹ "Uma enorme esperança atravessou a Terra." (N. da T)

irritável, Clifford sentiu-lhe imensamente a falta! Se soubesse, talvez desejasse um recomeço entre ela e Michaelis.

Capítulo IV

Connie adivinhou sempre que a sua ligação com Mick, como as pessoas lhe chamavam, era temporária. No entanto, parecia que os outros homens nada significavam para ela. Estava ligada a Clifford, que lhe exigia muito da sua vida e ela dava-lha. Mas queria muito da vida de um homem, e Clifford não lhe dava, não podia. Mas ela soube sempre que aquela ligação com Michaelis acabaria. Ele não podia manter coisa nenhuma, era parte integrante da sua própria natureza ter de romper com todos os elos, e ficar liberto, isolado, abandonado. Esta era a sua maior necessidade, embora sempre tivesse dito: "Ela deixou-me".

Parece que o mundo possui imensas possibilidades, mas estas, na experiência pessoal, ficam reduzidas a muito poucas. Há muito bom peixe no mar.. talvez haja... mas sobretudo cavala e arenque, e, se não se é cavala ou arenque, não se encontra muito bom peixe no mar.

Clifford começava a ganhar fama e até dinheiro. As pessoas vinham para o visitar. Connie quase sempre tinha convidados em Wragby, mas, se não eram cavalas eram arenques, ou, ocasionalmente, carapau de gato ou congro.

Havia alguns que apareciam regularmente, antigos companheiros de Clifford em Cambridge. Tommy Dukes, que tinha ficado no exército, e era brigadeiro. "O exército deixa-me tempo para pensar e evita que eu tenha de enfrentar a batalha da vida", dizia. Charles May, irlandês, que escrevia livros científicos sobre as estrelas. Hammond, também escritor.

Todos eles tinham mais ou menos a idade de Clifford, o grupo dos jovens intelectuais do momento. Acreditavam na vida do espírito, e tudo o que não fosse vida do espírito eram assuntos estritamente pessoais e pouco importantes. Ninguém pergunta a ninguém a que horas costuma ir à casa de banho. São coisas que interessam somente ao próprio.

Exactamente como a maior parte dos factos do dia-a-dia. O dinheiro, o amor, as aventuras, tudo isto respeita meramente ao próprio, tal como ir à casa de banho. Nada disso interessa aos outros.

— Tudo o que se pode dizer sobre o problema sexual — disse Hammond, que era um homem magro, alto, casado e com dois filhos, mas exclusivamente interessado na máquina de escrever — é que não há nada a dizer sobre isso. Não constitui rigorosamente um problema. Se não vamos atrás de uma pessoa para a casa de banho, também não nos interessa segui-la quando vai para a cama com uma mulher. Se dermos tanta importância a uma coisa como a outra, deixa de haver problema. Não faz sentido e não interessa. Não passa de uma curiosidade inoportuna.

— Está bem, Hammond, está bem, mas se alguém começa a fazer a corte a Júlia, tu enervas-te, e se continua, tu explodes. Júlia era a mulher de Hammond.

— Evidentemente que expludo, como também explodiria se alguém começasse a urinar num canto da minha sala de visitas. Cada coisa tem o seu lugar.

— Queres dizer que não te importarias se essa pessoa fizesse amor com a Júlia numa alcova discreta?

Charles May estava a ser um pouco irónico, porque tinha feito vagamente a corte a Júlia e Hammond não tinha gostado.

— Claro que me importava. O sexo é uma coisa privada entre mim e Júlia, e claro que não gostava que qualquer outra pessoa se intrometesse.

— De facto — comentou Tommy Dukes, que era magro e sardento e parecia muito mais irlandês do que o pálido e gordo May.

— De facto, Hammond, você tem um forte instinto de posse, uma forte vontade de auto-afirmação, e de querer o êxito. Desde que fiquei definitivamente no exército e me afastei da vida em sociedade, percebi como é extraordinariamente forte o desejo de auto-afirmação e de êxito nos homens. Está hiperdesenvolvido. Toda a nossa individualidade se orienta nesse sentido. É evidente que homens como você pensam que terão mais possibilidades com o apoio de uma mulher. É por isso que são tão ciumentos. O sexo para vocês significa isso... um dínamo vital e pequeno entre si e Júlia, visando o êxito. Se começasse a ser mal sucedido, começaria a fazer a corte a outras mulheres, é o caso de Charlie. As pessoas casadas como você e Júlia têm rótulos, como as malas de viagem. O rótulo de Júlia é Mrs. Arnold B. Hammond.. tal como uma mala no caminho-de-ferro que pertence a alguém. E você Arnold B. Hammond, aos cuidados de Mrs. Arnold B. Hammond. Oh, no fundo tem razão, imensa razão. A vida do espírito necessita de uma casa confortável e de uma boa cozinha. E até de posteridade. Mas tudo gira à volta do instinto de êxito.

Hammond parecia um pouco irritado. Tinha orgulho na sua integridade de espírito e de *não* ser um escravo do tempo. No entanto procurava o êxito.

— É verdade, não se pode viver sem dinheiro — comentou May. — Tem de se ter algum para se poder viver, e, para se ser livre, para *pensar*, é necessário ter dinheiro, senão o estômago não deixa. Mas acho que o sexo não deve ser rotulado. Somos livres para falar com quem nos apetece; porque é que não havemos de ser livres, para fazer amor com uma mulher que nos apetece?

— Fala o celta lascivo — exclamou Clifford.

— Lascivo? Bem, porque não? Não vejo em que posso fazer maior mal a uma mulher dormindo com ela do que dançando ou falando sobre o tempo. E apenas uma troca de sensações em vez de ideias, portanto qual é o mal?

— A promiscuidade dos coelhos — respondeu Hammond.

— Porque não? O que é que os coelhos fazem de mal? São piores do que os homens neuróticos, revolucionários, cheios de raiva?

— Mas nós não somos coelhos — insistiu Hammond.

— Exactamente. Tenho uma vida de espírito. Tenho de fazer cálculos em assuntos de astronomia que me preocupam quase mais do que a vida ou a morte. Às vezes sofro de indigestão. A fome far-me-ia muito mal, exactamente como a falta de actividade sexual. Qual seria a diferença?

— Acho que lhe faria muito pior a indigestão sexual provocada por excesso —comentou Hammond, ironicamente.

— Não, não exagero na comida nem no amor. Tenho liberdade de escolher se hei-de comer muito ou pouco. Mas você matava-me à fome.

— De modo nenhum! Pode casar.

— Como é que sabe se posso? O casamento pode não estar de acordo com a minha estrutura de espírito. O casamento poderia, ou talvez, acabaria por me matar o espírito. Não estou motivado para isso, de que me serviria ficar fechado numa cela como um monge? Que loucura, meu caro. Tenho de viver e de fazer os meus cálculos. De vez em quando preciso de uma mulher, o que não é muito importante para mim, e recuso-me a ouvir qualquer censura ou condenação em nome da moral. Teria vergonha de ver uma mulher com o meu nome como rótulo, morada e destino como uma mala de roupa.

Os dois homens não se tinham esquecido do caso com Júlia.

— É uma ideia engraçada, Charlie — disse Dukes —, essa do sexo ser outra forma de diálogo, em que se representam as palavras em vez de as pronunciar. Acho que é assim. Suponho que podemos trocar tantas sensações e emoções com as mulheres como opiniões sobre o tempo, etc. O sexo devia ser uma espécie de diálogo habitual entre o homem e a mulher. Não falamos com uma mulher se não temos ideias em comum, isto é, não se fala se não há um interesse. Do mesmo modo que não dormimos com uma mulher, se não compartilhamos emoção ou simpatia com ela. Mas se tivéssemos...

— Se sentimos em relação a uma mulher emoção e simpatia, temos obrigação de dormir com ela — respondeu May. — É a única coisa decente a fazer, ir para a cama com ela. Exactamente como quando estamos interessados em falar com alguém, a única coisa decente é falar. Não colocamos a língua entre os dentes e a mordemos pudicamente. Se é a vez de falar, fala-se. Com o amor é o mesmo.

— Não — disse Hammond —, não é assim. Você por exemplo, May, desperdiça metade da sua energia com mulheres. Você nunca fez realmente o que devia, apesar da cabeça que tem. Uma grande parte de si perde-se noutras coisas.

— Talvez seja assim... e quanto a si é o contrário, perde muito pouco de si com essas coisas, casado ou solteiro, meu caro Hammond. Você pode conservar a pureza e a integridade do seu espírito, mas ele está a ressequir-se. O seu puro espírito está tão ressequido como arcos de rabeça, pelo menos assim parece. Você estraga-o com o que diz.

Tommy Dulces começou a rir à gargalhada.

— Oh! Que dois grandes espíritos! Olhem para mim, não tenho um trabalho mental elevado e puro, limito-me a registar algumas ideias. E, no

entanto, não me caso nem ando atrás de mulheres. Acho que Charlie tem razão. Se quer andar atrás de mulheres, pode fazê-lo como quiser, eu nunca o proibiria. Quanto a Hammond, com o seu instinto de posse, convém-lhe a estrada recta e o portão estreito. Hão-de vê-lo ainda um homem de letras britânico, ABC da cabeça aos pés. Resto eu, que não sou nada, que sou uma coisita. E você, Clifford? Acha que o sexo é um dínamo que ajuda o homem a conseguir êxito na vida?

Nestas ocasiões Clifford falava sempre muito pouco, nunca insistia nas suas ideias, que não eram suficientemente importantes, e sentia-se também confuso e emotivo. Corou e ficou com um ar pouco à vontade.

— Bem, como estou *hors de combat*,² não tenho nada a dizer sobre isso.

— De modo nenhum — respondeu Dukes —, a sua cabeça não está de modo nenhum *hors de combat*. Tem a vida do espírito sólida e intacta. Portanto, diga-nos o que pensa.

— Bem — balbuciou Clifford —, mesmo assim não penso grande coisa, não é o "case-se e pronto" que simboliza muito bem aquilo que penso. Se bem que, evidentemente, o amor para um homem e uma mulher que gostam um do outro seja uma coisa importante.

— Coisa importante como? — perguntou Tommy.

— Oh! completa a intimidade — respondeu Clifford, embaraçado como se fosse uma mulher na mesma situação.

— Pois bem, Charlie e eu cremos que o sexo é uma espécie de comunicação, como a linguagem. Se uma mulher enceta comigo uma conversa sobre sexo, é natural que a acabemos na cama na dela. Tudo no seu devido tempo. Infelizmente nenhuma mulher a começa, e tenho de ir para a cama sozinho. Não me sinto infeliz por isso, creio. Mas como poderia ter a certeza? De qualquer modo não faço cálculos brilhantes que pudessem ser prejudicados, e também não escrevo obras imortais. Sou simplesmente um homem que se refugia no exército.

Caiu o silêncio. Os quatro homens fumavam e Connie dava mais um ponto ao seu trabalho de costura. Sim, ela estava ali, sentada, silenciosa. Tinha de estar calada como um rato, para não interferir nas especulações extremamente importantes daqueles homens superiores. Sem a presença dela as coisas não correriam bem, as suas ideias não fluíam tão livremente. Clifford, quando ela não estava, ficava muito mais indeciso e nervoso, com os pés frios, e o diálogo não se estabelecia. Tommy Dukes era o que se saía melhor, sentia-se inspirado com a presença de Connie. De Hammond, ela não gostava, era intelectualmente egocêntrico. E Charles May, embora simpatizasse com ele, parecia-lhe destituído de gosto e desordenado, apesar das suas estrelas.

² "Fora de combate."

Tantas noites que Connie ficou ali sentada a escutar as manifestações dos quatro homens! E de mais outros dois ainda. Nunca chegavam a conclusão nenhuma, mas isso não a afectava profundamente. Gostava de ouvir o que eles tinham a dizer, especialmente quando Tommy estava presente. Era divertido. Em vez de os homens a beijarem e a tocarem fisicamente, revelavam o seu espírito. Era divertido! Mas os espíritos eram gelo.

Ao mesmo tempo, tudo aquilo era um pouco irritante. Ela tinha mais respeito por Michaelis, por quem todos sentiam um tão profundo desprezo, esse mestiço insignificante, arrivista e pretensioso inculto, como lhes chamavam. Mestiço e pretensioso, ou não, chegava com prontidão às suas próprias conclusões, e não se limitava a pensar em círculos com milhões de palavras, na parada da vida do espírito.

Connie apreciava bastante a vida do espírito e entusiasmava-se muito. Mas achava que era levada ao excesso. Gostava de ficar ali, no ambiente de tabaco daqueles famosos serões de amigos íntimos, como lhes chamava para si própria. Divertia-se muito e sentia-se orgulhosa pelo facto de, até para aquelas conversas, necessitarem da sua presença silenciosa. Tinha um enorme respeito pelo pensamento, e aqueles homens esforçavam-se, pelo menos, por pensar com honestidade. Mas havia sempre um obstáculo, que não era transposto, com que todos chocavam e que ela não conseguia dizer o que era. Mick também chocava com esse mesmo obstáculo.

Mas Mick não queria mais do que fazer a sua vida e impô-la às outras pessoas, enquanto os outros queriam impor a sua vida à dele. Era realmente um anti-social, Clifford e os seus amigos não o eram, e acusavam-no por isso. Tinham uma tendência para salvar a humanidade, ou pelo menos para a instruir.

Num domingo à noite houve uma animada conversa sobre o amor mais uma vez.

— "Bendito o elo que liga, de uma ou de outra maneira, os nossos corações, numa só afinidade" — disse Tommy Dukes. Gostava de saber o que é esse elo, esse elo que hoje nos liga é uma fricção mental que exercemos uns nos outros. E, à parte isso, não temos outros elos. Separamo-nos e dizemos coisas terríveis do próximo, como todos os intelectuais, e toda a gente afinal. Ou então escondemos as coisas terríveis que pensamos, sob falsa doçura. É curioso que a vida do espírito parece florescer com as suas raízes no rancor, num rancor inefável e abismal. Sempre foi assim! Reparem em Sócrates, em Platão e o seu grupo! O rancor total, a alegria em reduzir o outro a zero. Protágoras, ou como é que se chama! E Alcibiades e os seus cães fiéis acompanhando-o na luta. Devo dizer que isto nos leva a preferir Buda, tranquilamente sentado sob uma árvore assustadora, ou Jesus contando aos seus discípulos histórias de domingo, em paz e sem fogos-de-artifício mentais. Na verdade, há qualquer coisa na vida do espírito que está errada, radicalmente errada, pois tem as suas raízes na inveja e no rancor. E a árvore conhece-se pelos frutos.

— Não acho que as pessoas sejam assim tão malévolas — protestou Clifford.

— Meu caro Clifford, repare na forma como *discutimos* uns com os outros, todos nós. Sou o pior, porque prefiro infinitamente o ódio espontâneo às lisonjas forjadas que são *veneno*. Se começar a fazer elogios a Clifford, pobre Clifford! Por amor de Deus, todos vocês dizem coisas terríveis a meu respeito, então ficarei a saber que signifique alguma coisa para vocês. Não façam elogios, ou estarei perdido.

— Mas creio que nós somos todos sinceramente amigos — comentou Hammond.

— Nós temos... temos de dizer coisas tão desagradáveis, temos de dizer mal uns dos outros por detrás. Eu sou o pior.

— Creio que você confunde vida mental com actividade crítica. Concordo que Sócrates deu um grande impulso à actividade crítica, mas fez mais do que isso — disse Charles May magistralmente. Os amigos eram extremamente pomposos sob a capa da falsa modéstia! Era tudo muito *ex cathedra* numa aparente humildade.

Dukes recusou-se a falar de Sócrates.

— Isso é verdade, crítica e conhecimento não são a mesma coisa — disse Hammond.

— Evidentemente que não — intrometeu-se Berry, um homem tímido, moreno, que tinha telefonado para saber de Dukes e passava ali a noite.

Todos olharam para ele como se um burro tivesse falado.

— Não me referi ao conhecimento, referi-me à vida do espírito — comentou Dukes, a rir. — O verdadeiro conhecimento vem da consciência na sua totalidade, do ventre e do pénis, como do cérebro e do espírito. O espírito apenas pode analisar e racionalizar. Se a razão tem poder sobre tudo, só pode criticar, e mais nada. Digo tudo o que pode fazer. Meu Deus, o mundo hoje tem necessidade de crítica, de uma crítica tremenda. Portanto vivamos a nossa vida do espírito, glorifiquemos o nosso ódio, desmantelemos o velho espectáculo. Mas atenção, enquanto vivemos a nossa vida, somos de certa maneira um todo orgânico com tudo o que é vida. Quando vivemos a vida do espírito, arrancamos a maçã da árvore. Quebra-se a conexão entre a maçã e a árvore, a conexão orgânica. E se não temos mais nada senão a vida do espírito, então somos maçãs colhidas, caídas da árvore. E, nesse caso, o ódio é uma necessidade lógica, da mesma forma que o apodrecimento é uma necessidade natural.

Clifford estava muito espantado, nada daquilo fazia sentido para ele. Connie ria secretamente.

— Bem, então somos todos maçãs colhidas — exclamou Hammond, de uma forma azeda e petulante.

— Bem, tornemo-nos em cidra — acrescentou Charlie.

— Mas que é que pensam do bolchevismo? — interrompeu Berry, como se toda a conversa levasse necessariamente a este ponto.

—Bravo! — exclamou Charlie. — Que é que pensam do bolchevismo?

— Ora, não vamos agora para o bolchevismo! — disse Dukes.

— Acho que o bolchevismo é um problema muito vasto comentou Hammond, abanando a cabeça com ar grave.

— O bolchevismo, parece-me — começou Charlie —, é apenas um ódio superlativo por tudo o que chamam burguês. Não está definido o significado de burguês, e inclui o capitalismo entre outras coisas. Os sentimentos e emoções são incontestavelmente tão burgueses que é necessário inventar um homem que não os tenha.

"O indivíduo, o homem enquanto pessoa, é burguês, portanto tem de ser suprimido. O homem deve mergulhar numa coisa mais elevada, que é o Estado socialista soviético. Até um organismo é burguês, e o ideal tem de ser mecânico; uma unidade não orgânica, composta de muitas partes diferentes, todas elas essenciais, é uma máquina; cada homem é uma parte da máquina, e a força motriz da máquina é o ódio; o ódio por tudo o que é burguês; isto para mim é o bolchevismo."

—Absolutamente —respondeu Tommy. —Mas parece-me ser também a descrição perfeita de todo o ideal industrial. É o ideal do dono da fábrica numa casca de noz, cuja única diferença é ele negar que a força motriz é o ódio. E é... ódio da própria vida. Reparem neste Midlands, se a palavra ódio não está inscrita em toda a parte! Mas faz parte da vida do espírito, é um desenvolvimento lógico.

Recuso-me a aceitar que o bolchevismo seja lógico, porque rejeita as premissas básicas —disse Hammond.

—Meu caro, admite premissas de ordem material, como o espírito... exclusivamente.

—Pelo menos, o bolchevismo resolveu ir até ao fundo das coisas — disse Charlie.

— Até ao fundo! Um fundo sem fundo. Dentro de pouco tempo os bolchevistas terão o melhor exército do mundo e o melhor equipamento mecânico.

— Mas isso não pode continuar.. todo esse ódio. Tem de haver uma reacção... — disse Hammond.

—Bem, esperámos durante anos... e vamos esperar mais uns tempos. O ódio é uma coisa que cresce, como tudo o resto. É a consequência inevitável da violência que impomos aos nossos instintos e sentimentos mais profundos, para estarem de acordo com as nossas ideias. Guiamo-nos por uma fórmula, como uma máquina. O espírito lógico pretende ordenar tudo, e esse tudo converte-se em ódio. Somos todos bolchevistas e hipócritas. Os russos são bolchevistas sem serem hipócritas.

— Mas há muitas outras formas sem ser a soviética —disse Hammond. —Os bolchevistas não são realmente inteligentes.

— Evidentemente que não. Mas, às vezes, ser inteligente é ser imbecil, para se conseguir o que se quer. Pessoalmente, considero o bolchevismo

imbecil, mas a nossa vida social no Ocidente também é imbecil. E a nossa grande vida do espírito também é imbecil. Somos uns cretinos indiferentes, uns idiotas desapaixonados. Todos nós somos bolchevistas, só que damos outro nome. Pensamos que somos deuses, ou homens iguais a deuses. É como o bolchevismo. Para se ser humano é necessário possuir um coração e um sexo, senão transformamo-nos em deuses, ou em bolchevistas, porque Deus e bolchevistas são a mesma coisa, demasiado boas para poderem ser verdadeiras.

No meio de um silêncio de reprovação ouviu-se a pergunta ansiosa de Berry:

— Você acredita no amor, não é verdade, Tommy?

— Rapaz encantador! — respondeu Tommy. — Não, meu querubim, cem vezes não. O amor é outra das coisas imbecis dos nossos dias. Rapazes com cinturas oscilantes fazendo amor com rapariguinhas que dançam jazz e têm ancas pequenas como os rapazes, semelhantes a dois botões de colarinho! Referes-te a esse tipo de amor? Ou o da propriedade comum, em vista do êxito, ou do meu marido minha mulher? Não, meu caro, não acredito mesmo nada.

Mas acredita nalguma coisa?

— Eu? Sim, intelectualmente acredito que tenho um bom coração, um pénis vivo, uma inteligência activa e a coragem de dizer "merda" diante de uma senhora.

— Bem, isso tudo tem realmente — respondeu Berry. Tommy Dukes começou a rir às gargalhadas.

— Meu anjo! Se eu tivesse! Ah, se eu tivesse! Não, o meu coração está tão paralisado como uma batata, o meu pénis cai e nunca levanta a cabeça e eu preferia cortá-lo a dizer "merda" à frente da minha mãe ou da minha tia, que são senhoras. E não sou realmente inteligente, sou apenas um adepto da vida mental. Seria maravilhoso ser inteligente: sentir-me-ia vivo em todas as partes citadas e não citadas. O pénis de uma pessoa inteligente levanta a cabeça e diz: "Como está?". Renoir dizia que pintava os seus quadros com o pénis, e era verdade. E que belos quadros! Gostava de fazer qualquer coisa com o meu, mas, meu Deus, só podemos falar dele. Mais uma tortura a juntar às do Inferno. E foi Sócrates que começou.

— Há mulheres agradáveis no mundo — comentou Connie, levantando a cabeça e falando, finalmente.

Os homens ofenderam-se. Ela devia ter fingido que não estava a ouvir, não gostavam de admitir que ela tinha seguido tão de perto aquela conversa.

— Meu Deus!

Se não são agradáveis comigo, Que me importa que sejam agradáveis?

— Não, não há nada a fazer. Simplesmente não posso vibrar em uníssono com uma mulher. Não há nenhuma mulher que eu realmente queira, quando a encaro, e não vou forçar-me a isso. Meu Deus, isso não! Continuarei como sou, e a ter a minha vida de espírito. É a única coisa honesta que posso fazer.

Sinto-me muito feliz a falar com uma mulher, mas é um prazer puro, desesperadamente puro. Desesperadamente puro! Que diz, Hildebrand, meu pequeno?

— É tudo muito menos complicado se é puro — respondeu Berry.
Sim, até a vida é demasiado simples.

Capítulo V

Numa manhã gelada de Fevereiro, em que o sol mal brilhava, Clifford e Connie foram dar um passeio através do parque até ao bosque. Clifford manobrava a sua cadeira com motor e Connie caminhava a seu lado.

O ar pesado ainda cheirava a enxofre, mas já estavam habituados. No horizonte perpassava uma neblina, opalescente pela geada e pelo fumo, lá em cima um pouco de céu azul. Parecia que tudo estava fechado, enclausurado. A vida era um sonho, um delírio, mas sempre encarcerado.

Os carneiros pastavam a erva dura e seca do parque, cujas moitas a geada colorira de azul. Através do parque passava um caminho até ao portão do bosque, uma bela faixa cor-de-rosa, que Clifford tinha mandado cobrir recentemente com cascalho da mina. Depois de a rocha e os resíduos do mundo subterrâneo arderem e libertarem enxofre, ficava cor-de-rosa claro, cor de camarão nos dias secos, e mais escuro, cor de caranguejo, nos dias húmidos. Naquele dia estava cor de camarão, pálido, com um tom branco azulado da geada. Connie gostava daquele caminho colorido rosa-Claro. Era um vento maléfico, que não fazia bem a ninguém.

Clifford conduzia cautelosamente, descendo a colina desde o castelo, e Connie conservava a mão sobre a cadeira. Em frente ficava o bosque, a mata de avelaneiras primeiro e ao fundo os carvalhos cor de púrpura. Da orla do bosque coelhos saltavam, mordiscavam aqui e ali. As gralhas apareciam de repente no horizonte e subiam para o céu deixando um rasto negro.

Connie abriu a cancela de madeira do bosque e a cadeira, que transportava Clifford, deixando escapar um leve vapor, seguiu lentamente por entre a larga estrada que penetrava na espessura da mata ladeada de avelaneiras. O bosque era aquilo que restava da grande floresta onde Robin Hood caçava, e a estrada, antiga pista para cavaleiros, outrora atravessava o país. Agora, evidentemente, era apenas uma pista de cavaleiros em mata privada. A estrada de Mansfield passava mais ao norte.

No bosque tudo estava imóvel, velhas folhas juncavam o chão conservando a geada. Bruscamente um gaio gritou e muitos passarinhos bateram as asas. Mas não havia nenhum animal de caça, nem mesmo faisões, tinham sido mortos durante a guerra, e o bosque tinha ficado desprotegido, até ao momento em que Clifford tinha de novo arranjado um couteiro.

Clifford amava o bosque e os velhos carvalhos, tinha a Impressão que lhe pertenceram durante gerações; queria protegê-los, manter aquele lugar inviolado, desligado do mundo.

A cadeira prosseguiu lentamente, lutando contra uma ladeira, oscilando e aos solavancos sobre a terra gelada. E, subitamente, à esquerda, apareceu uma clareira onde não havia nada mais que um emaranhado de fetos mortos, pequenos arbustos despontando aqui e ali, e grandes troncos serrados, ainda

com raízes, já sem vida. E manchas escuras, locais onde os lenhadores haviam queimado montes de folhas e ramos secos, e lixo.

Era um dos terrenos em que a madeira fora toda mandada cortar por Sir Geoffrey durante a guerra, para guarnição das trincheiras. Toda a colina que se elevava à direita da estrada estava nua e estranhamente abandonada. O cume da colina, onde tinha havido carvalhos, estava nu, e do alto, por cima das árvores, podia ver-se o caminho-de-ferro da mina e as novas fábricas de Stacks Gate. Connie tinha parado e mirava aquela falha de toda a reclusão do bosque, que deixava penetrar o mundo. Mas nada disse a Clifford.

Aquele lugar despido incomodava terrivelmente Clifford. Ele que tinha vivido a guerra, sabia o que isso significava. Mas só tinha realmente sentido raiva quando vira aquela despida. Estava a fazer a replantação, mas tudo aquilo fê-lo odiar Sir Geofrey.

Clifford subia lentamente na sua cadeira, com o rosto imóvel. Quando chegaram ao cimo, parou, não se arriscava a descer a rampa comprida e irregular. Ficou a olhar a abertura esverdeada da pista de cavaleiros, a passagem por entre fetos e carvalhos. No sopé da colina fazia uma curva, e desaparecia. Mas era uma curva tão suave que evocava os cavaleiros montando os seus cavalos e as donzelas nos seus palafréns.

— Acho que isto é realmente o coração da Inglaterra — disse para Connie, enquanto estava ali sentado à luz esbatida do sol de Fevereiro.

— Sim? — respondeu ela, sentando-se num cepo junto ao caminho. Estava vestida com um vestido azul de malha.

— Absolutamente! Isto é a velha Inglaterra, o coração da Inglaterra, que tenciono conservar intacto.

— Com certeza. E, ao mesmo tempo, ouviu as sirenes das onze horas na mina de carvão em Stacks Gate. Clifford estava demasiado habituado àquele som para ouvir.

— Quero este bosque perfeito... intacto, e que ninguém aqui entre sem minha autorização.

Havia qualquer coisa de trágico nas suas palavras. O bosque ainda conservava um pouco do seu mistério selvagem, da velha Inglaterra, mas os cortes de Sir Geoffrey durante a guerra tinham sido um golpe fatal — As árvores tranquilas, com os seus inúmeros ramos enrugados, erguidos para o céu, e os troncos cinzentos e obstinados despontavam por entre os fetos castanhos. Os pássaros voavam entre as árvores sem receio. Outrora, naquele lugar, havia veados e archeiros e monges montados em burros. A aldeia lembrava-se ainda.

O sol pálido incidia no cabelo macio e muito louro de Clifford, no seu rosto indecifrável e rosado.

— Quando venho aqui, sinto mais do que nunca a falta de um filho.

— Mas o bosque é mais antigo do que a sua família — respondeu Connie, delicadamente.

— É verdade, mas nós conservamo-lo, e sem nós ter-se-ia perdido, como o resto da floresta. Temos de conservar o que resta da velha Inglaterra!

—Temos? Mesmo se tivermos de a conservar contra a nova Inglaterra? É triste, eu sei.

— Se não for preservado um pouco da velha Inglaterra, a Inglaterra desaparecerá — respondeu Clifford. — E nós, que temos este tipo de propriedade e a amamos, temos de a conservar.

Fez-se silêncio.

— Sim por algum tempo — respondeu Connie.

— Por algum tempo, sim! É tudo o que podemos fazer, podemos contribuir com a nossa pequena parte. Sinto que todos os homens da minha família o fizeram, desde que esta herdade nos pertence. Podemos ir contra a convenção, mas temos de manter a tradição.

De novo o silêncio.

—Que tradição? — perguntou Connie.

—A tradição da Inglaterra! De tudo isto!

—Sim — respondeu Connie, com voz lenta.

—É por isso que é útil ter um filho, nós somos apenas um elo da cadeia.

Connie não apreciava cadeias, mas não respondeu. Pensava na curiosa impessoalidade daquele homem ter um filho.

— Lamento que não possamos ter um filho — respondeu ela. Ele olhou-a fixamente, com os seus olhos azul-pálidos.

— Seria quase de desejar que tivesse um filho de outro homem — disse. — Seria educado em Wragby, e pertencer-nos-ia, assim como à herdade. Não acredito realmente muito na paternidade, e, se tivéssemos um filho para educar, seria nosso, e continuar-nos-ia. Não acha que é de pensar no assunto?

Connie olhou para ele, finalmente. O filho, o seu filho, era um "assunto" para Clifford. Um "assunto"!

— E o homem?

— Tem muita importância? Será que essas coisas nos afectam muito? Teve esse amante na Alemanha... que é que ele significa hoje na sua vida? Praticamente, nada. Parece-me que o importante na vida não são esses actos e ligações insignificantes. Passam, e onde ficam? Onde? Onde estão as neves do ano passado? O que conta é o que é duradouro na vida; a minha vida é importante para mim pela sua continuidade e desenvolvimento. Que interessam as ligações ocasionais? Particularmente as de ordem sexual? Se as pessoas não as exagerarem ridiculamente, como os acasalamentos das aves. E está certo. Que importam? O que importa é a companhia de uma vida inteira, o viver a dois, dia-a-dia, e não a pessoa com quem se dormiu uma ou duas vezes. Nós somos marido e mulher, aconteça o que acontecer, estamos habituados um ao outro, e, para mim, os hábitos são mais vitais do que a excitação de momento. Aquela coisa longa, lenta, duradoura, é a nossa vida, e não um espasmo ocasional, de qualquer tipo. A pouco e pouco, quando duas

peessoas vivem juntas, sentem uma união mais funda, uma vibração comum. Esse é o verdadeiro segredo do casamento, e não o sexo, pelo menos o sexo como função. Estamos unidos por um casamento. Se nos mantivermos fiéis a ele, parece-me que podemos encontrar uma solução para o problema físico, que é como ir ao dentista, uma vez que o destino nos deu um xeque-mate sob esse ponto de vista.

Connie estava sentada e ouvia-o espantada e um tanto receosa. Não sabia se ele tinha ou não razão.

Havia Michaelis, que ela amava; repetia-o para si mesma. Mas o seu amor era como uma excursão fora do seu casamento com Clifford — um duradouro e lento hábito de intimidade, formado em anos de sofrimento e paciência. Talvez a alma humana tenha necessidade de excursões, e não se lhe devem negar. Mas a particularidade de uma excursão é que depois se regressa a casa.

— E não faz questão de saber de que homem eu pudesse ter um filho?

— Mas, Connie, confio no seu instinto natural de decência e de selecção! Com certeza não permitiria que um indivíduo menos bem lhe tocasse.

Ela pensou em Michaelis que era exactamente o tipo de indivíduo menos bem para Clifford.

— Mas os homens e as mulheres têm sentimentos diferentes sobre os homens — respondeu.

— Não — replicou ele, interessa-se por mim, não creio que alguma vez se pudesse interessar por um homem que fosse incompatível comigo. O seu próprio ritmo não lho permitiria. Ela calou-se. A lógica não admitia réplica, porque estava completamente errada.

E quer que lhe diga? — perguntou ela num relance.

— Não, prefiro não saber. Mas concorda comigo que um acto físico ocasional não significa nada, comparado com uma longa vida em comum, não é verdade? Não acha que podemos subordinar a questão sexual às necessidades de uma longa vida? Usá-la, uma vez que somos assim. Afinal essas excitações temporárias terão importância? Toda a problemática da vida não consistirá, afinal, na construção lenta de uma personalidade completa através dos anos? Em levar uma vida completa? Uma vida incompleta não interessa. Se a ausência de relações físicas a deixa incompleta, então saia e tenha uma aventura. Se a falta de uma criança a deixa incompleta, tenha um filho se puder. Mas faça-o somente para ter uma vida completa, em harmonia consigo própria. Podemos colaborar os dois, não acha? Se nos adaptarmos às necessidades, podemos, ao mesmo tempo, converter a nossa mútua adaptação numa construção sólida da nossa vida em comum, não lhe parece?

Connie ficou um pouco confundida com aquelas palavras. Sabia que ele tinha razão, teoricamente. Mas, quando mencionou a construção sólida de uma vida em comum, ela... ela hesitou. Seria realmente o seu destino continuar absorvida na vida dele para sempre? Não haveria mais nada na sua vida? Pois

seria realmente assim? Ter-se-ia de satisfazer com a vida em comum, como se fossem um só, vida essa enfeitada, aqui e ali, pela flor ocasional de uma aventura. Mas como poderia ela saber o que sentiria no ano seguinte? Alguém poderia sabê-lo? Como é que se poderia dizer "Sim"? Um sim durante anos e anos? Um pequeno sim, como um suspiro, e ficar-se preso a essa palavra leve como uma borboleta! Evidentemente que tinha de bater as asas e desaparecer, para ser seguido por outros sins e não, como um bando de borboletas a esvoaçar.

— Acho que tem razão, Clifford. E creio que concordo consigo, mas a vida de repente pode mudar.

— Mas, enquanto não mudar, concorda?

— Sim, penso que sim, realmente. Ela estava a prestar atenção a um cão, um spaniel castanho que surgira de uma curva do caminho, e os olhava com o focinho no ar, soltando um breve e suave latido. De repente, apareceu um homem com uma espingarda, atrás do cão, avançando para eles, como se fosse atacar. Em vez de os atacar, parou, cumprimentou e começou a descer o monte. Era o novo guarda-caça, o coiteiro, mas Connie tinha-se assustado, ele surgira como uma ameaça súbita. Foi assim que ela o viu, uma ameaça que aparecia de repente sem ela saber de onde.

Era um homem que envergava calças de bombazina verde-escuras e polainas, à moda antiga, de rosto vermelho e bigode ruivo, e um olhar distante. Descia o monte em passos rápidos.

— Mellors! — chamou Clifford.

O homem voltou-se e saudou, num movimento rápido de continência como um soldado.

— É capaz de fazer o favor de virar a cadeira para ela andar? Assim seria mais fácil para mim.

O homem suspendeu imediatamente a caçadeira em bandoleira, avançou no mesmo movimento rápido e simultaneamente suave, como se quisesse ser invisível. Era de tamanho mediano, um pouco magro, e não falou. Nem sequer olhou para Connie, só a cadeira lhe prendeu a atenção.

— Connie, este é o novo coiteiro, Mellors. Não conhecia ainda Lady Chatterley, Mellors?

— Não, Sir Clifford. — resposta foi imediata e neutra.

O homem tirou o chapéu, deixando ver o cabelo espesso, quase louro. Fitou Connie nos olhos, com uma expressão perfeita, sem receio, impessoal, como se quisesse perscrutar. Isto intimidou-a. Baixou-lhe a cabeça timidamente, ele mudou o chapéu para a mão esquerda, e fez uma pequena vénia como um cavalheiro. Mas não disse nada, ficou calado com o chapéu na mão.

— Mas já cá está há um tempo, não é verdade? — perguntou Connie.

— Oito meses, minha senhora... Vossa senhoria — corrigiu, tranquilamente.

— E agora? — perguntou ela, olhando-o nos olhos. Os olhos dele fizeram-se mais pequenos, com ironia e um pouco de impudência.

— Sim, obrigado, minha senhora. Fui criado aqui... Fez outra pequena vénia, voltou-se, pôs o chapéu na cabeça e preparou-se para pegar na cadeira. As últimas palavras que proferiu tiveram o tom pesado e arrastado do dialecto... talvez até por troça, porque antes não se tinha notado. Quase que podia ser um cavalheiro. De qualquer forma era um homem curioso, perspicaz, singular, solitário, mas seguro de si.

Clifford accionou o motor, o homem virou cuidadosamente a cadeira e pô-la voltada de frente para o declive que ia dar à mata de avelaneiras.

É tudo, Sir Clifford? — perguntou. Não, talvez seja melhor acompanhar-me, porque ela pode parar. O motor não é suficientemente forte para subir.

O homem olhou em volta, procurando o cão atentamente. O spaniel olhou para ele e agitou levemente a cauda. Um pequeno sorriso, irónico ou brincalhão, mas suave, aflorou nos seus olhos por momentos, depois desapareceu e o seu rosto retomou a mesma expressão vaga. Desceram bastante depressa o declive, o homem segurava a barra com as mãos para a controlar. Parecia mais um soldado do que um criado, e havia qualquer coisa nele que, para Connie, fazia lembrar Tommy Dukes.

Quando chegaram à pequena mata de avelaneiras, Cormie, de repente, estugou o passo e abriu o portão que dava para o parque. Enquanto ela o segurava, os dois homens olharam-se ao passar, Clifford com um olhar crítico, o outro com espanto e uma curiosidade indiferente, como se quisesse simplesmente ver o aspecto dela. E ela notou nos seus olhos azuis, impessoais, uma expressão de sofrimento, indiferença e ternura ao mesmo tempo. Porque seria ele tão distante, tão ausente?

Clifford parou a cadeira, já dentro do parque, e o homem avançou delicadamente para fechar o portão.

— Porque correu para abrir o portão? — perguntou Clifford numa voz lenta, calma, que evidenciava a sua reprovação. — Mellors podia tê-lo feito.

— Pensei que não queria parar — respondeu ela.

— E deixá-la para trás para ter de correr até chegar ao pé de nós?

— Oh, gosto de correr de vez em quando! Mellors segurou de novo a cadeira, com um ar perfeitamente ausente, embora Connie sentisse que ele prestara atenção a tudo. Enquanto empurrava a cadeira pela inclinação íngreme do parque, a sua respiração era rápida com os lábios entreabertos. Não era muito forte, na verdade. Possuía uma certa vitalidade, mas era frágil e sufocava facilmente. O seu instinto de mulher sentiu-o.

Connie ficou para trás deixando passar a cadeira. O dia tornara-se cinzento e a pequena réstia de céu desaparecera. O circulo de névoa fechara-se, e estava frio, um frio desagradável. Ia nevar. Tudo cinzento, tudo cinzento! O mundo parecia exausto.

A cadeira esperava! por ela no cimo do caminho cor-de-rosa. Clifford voltou-se para a ver.

— Está cansada? — perguntou ele.

— Não, não. Mas estava. Começava a invadi-la uma estranha sensação de fadiga e insatisfação. Clifford nada notou, não tinha consciência da existência desse tipo de coisas. Mas o estranho percebeu. Connie sentia que o seu mundo e a sua vida estavam gastos, e a sua insatisfação era mais antiga do que aquelas colinas.

Chegaram junto da casa, contornando-a até às traseiras, onde não havia degraus. Clifford conseguiu passar sozinho para a cadeira de rodas baixa; tinha muita força e agilidade nos braços. Depois, Connie levantou as pernas mortas e ajeitou-as.

O guarda, esperando em sentido que o mandassem embora, observava tudo atentamente sem perder um só pormenor. Empalideceu como que receoso quando viu Connie levantar nos braços as pernas inertes daquele homem, enquanto ele se voltava na cadeira. Estava assustado.

— Obrigado pela ajuda, Mellors — agradeceu Clifford, distraidamente, começando a empurrar a cadeira em direcção ao corredor, que dava para os aposentos dos criados.

— Precisa de mais alguma coisa, Sir? — disse Mellors na sua voz neutra, como as dos sonhos.

— Mais nada, bom dia.

— Bom dia, Sir.

— Bom dia! Foi muito amável em empurrar a cadeira pela colina acima, e espero que não tenha sido um esforço demasiado disse Connie, voltando-se para o guarda, de pé, fora da porta.

Ele fitou-a nos olhos por instantes, como se tivesse acordado e apercebido da sua presença.

- Não, não foi demasiado! - respondeu ele depressa. Depois voltou a falar dialecto, acrescentando: - O bom dia a vossa senhoria!

— Quem é o seu couteiro? — perguntou Connie, ao almoço.

— Mellors! Viu-o.

— Sim, mas donde é ele?

— De parte nenhuma! Nasceu em Tevershall, era filho de um mineiro, creio eu.

— E ele era mineiro?

— Foi ferreiro na mina, creio, chefe dos ferreiros. Mas foi guarda aqui durante dois anos, antes da guerra, depois entrou para a tropa. O meu pai sempre teve boa opinião dele, assim quando regressou e voltou para a mina a oferecer-se para ferreiro, apenas o recebi outra vez como guarda. Fiquei muito satisfeito quando ele aceitou, porque é praticamente impossível encontrar um bom guarda nesta zona, e um couteiro tem de ser um homem que conheça as pessoas.

— E não é casado?

— Foi. Mas a mulher partiu com... outro... com outros homens, até que acabou por trocá-lo por um mineiro de Stacks Gate. Creio que ainda lá vive.

—Então não tem ninguém?

— Mais ou menos. A mãe vive na aldeia, parece-me, e acho que tem um filho.

Clifford olhou para Connie, nos seus olhos azul-pálidos, ligeiramente salientes, aflorou uma expressão de vazio. Aparentemente parecia estar vigilante, mas no fundo era como a atmosfera dos Midlands, nebuloso, esfumado. E a neblina parecia estar a mover-se vagarosa e silenciosamente. Quando fitava Connie, de um modo peculiar, dando-lhe informações rigorosas e precisas, ele sentia o mais profundo do seu ser encher-se de bruma e de vazio. Isso assustava-o, tornava-o impessoal, próximo da demência.

E ela apercebia-se levemente de uma das grandes leis da alma humana: quando a alma emocional recebe um golpe que fere, mas que não mata o corpo, a alma parece restabelecer-se ao mesmo tempo que este; mas isto é apenas aparente, não passa do mecanismo de um hábito reassumido; lentamente, muito lentamente, a ferida da alma começa a fazer-se sentir, como uma chaga que se torna mais profunda e dolorosa, até que recobre toda a psique; e quando julgamos que recuperámos e esquecemos, surgem outros efeitos, terríveis, mais agudos do que nunca.

Era assim com Clifford. Depois de ficar "bom" e voltar a Wragby, começou a escrever as suas histórias, sentiu-se seguro da vida, apesar de tudo, parecia ter esquecido e recuperado toda a serenidade de espírito. Mas os anos foram passando, e, lentamente, Connie foi notando que a chaga do medo e do horror crescia e se espalhava dentro dele. Durante um certo tempo foi tão profunda quanto invisível, quase inexistente. Agora começava a desenhar-se mais concretamente, em contornos de medo, que se aproximavam da paralisia. Mentalmente estava vivo. Mas a paralisia, a chaga de um golpe demasiado severo, alastrava gradualmente ao seu eu afectivo.

E invadia-o a ele e ao mesmo tempo a ela. Connie sentia a sua alma penetrada de um medo interior, de um vazio e indiferença em relação a todas as coisas. Quando Clifford estava bem disposto, podia ainda ser brilhante, por assim dizer, e determinar o futuro, como quando no bosque ele lhe falara em ter um filho e em dar um herdeiro a Wragby. Mas no dia seguinte todas essas palavras brilhantes pareciam folhas mortas, retorcidas, a desfazerem-se em pó, sem significado, arrastadas por uma rajada de vento. Não eram palavras folhudas de uma vida real, com uma energia jovem fazendo parte da árvore. Eram folhas caídas, pedaços de uma vida malograda.

Tudo lhe parecia desfeito, por toda a parte. Os mineiros de Tevershall falavam novamente numa greve, e Connie sentia que não era mais uma vez uma manifestação de força, era a chaga da guerra que estivera em suspenso e que, lentamente, vinha agora à superfície e gerava uma grande dor de inquietação, torpor e descontentamento. A chaga era funda, funda, funda... a chaga de uma guerra falsa e desumana. Seriam necessários muitos anos para que o sangue vivo das gerações dissolvesse o enorme coágulo preto de

sangue que lhes marcava as almas e os corpos. E seria necessária uma esperança nova.

Pobre Connie! Os anos passavam, e crescia dentro dela o medo do vazio. A vida mental de Clifford e a sua estavam ameaçadas pelo vazio, e o casamento, a vida em comum, fundada num hábito de intimidade, como ele dizia, havia dias em que tudo se tornava em vazio, em nada. Palavras, muitas palavras, mas a única realidade era o vazio, coberto por uma hipocrisia de palavras.

Depois, havia o êxito de Clifford: a deusa-cadela! Na verdade, ele era quase famoso, e os seus livros rendiam mil libras. A sua fotografia aparecia em toda a parte, tinha o seu busto e um retrato em duas galerias. Parecia a voz mais moderna da moderna geração. Graças ao seu estranho instinto de pessoa aleijada para a publicidade, em quatro ou cinco anos tinha-se tornado o mais conhecido dos jovens "intelectuais". Onde estava o "intelectualismo", Connie não percebia. Clifford conseguia uma análise inteligente e levemente humorista das pessoas e dos motivos, mas que destruía tudo. Era como os cachorrinhos a rasgar as almofadas do sofá; mas aqui não era sinal de juventude nem brincadeira, mas sim de velhice e vaidade obstinada. Estranho e vazio, assim ecoava duas ou três vezes na sensibilidade de Connie. Aquilo não era nada, não passava de um espectáculo maravilhoso de vazio. Um espectáculo! Um espectáculo! Um espectáculo!

Michaelis tinha escolhido Clifford para figura central de uma peça. A intriga estava esboçada e o primeiro acto escrito. Michaelis era ainda melhor do que Clifford na construção de um espectáculo de vazio. Era o último sopro de vida que ainda existia dentro destes dois homens: a paixão pelo espectáculo. Desconheciam a paixão sexual, estavam mortos sob esse ponto de vista. E nessa altura não era dinheiro que Michaelis pretendia. Clifford também não tinha iniciado a sua carreira por dinheiro, embora não desperdiçasse oportunidades, porque o dinheiro é a marca e o selo do êxito. Êxito era o que ambos procuravam. Ambos queriam fazer uma verdadeira exibição, uma exibição de si próprios, que prendesse as multidões durante um tempo.

Estranha, essa prostituição à deusa-cadela. Connie, uma vez que estava de fora e já era insensível a tudo aquilo, sentia de novo todo o vazio. Até a prostituição à deusa-cadela era um nada, embora os dois homens se prostituíssem sem cessar. Até isso era destituído de sentido.

Michaelis escreveu a Clifford sobre a peça. Evidentemente que ela tinha conhecimento disso havia muito tempo. Clifford ficou entusiasmado, mais uma vez viria a público levado, e com vantagem, por outro. Convidou Michaelis para Wragby com o Acto I.

Michaelis veio. Era Verão. Vestido com um fato claro, luvas brancas de camurça e um ramo de orquídeas cor de malva para Connie. O Acto I era extraordinário. Até Connie gostou — naquela medida em que podia ainda gostar. E Michaelis estava maravilhoso, emocionado pelo seu poder de

arrebataram as pessoas. E estava belo, pelo menos aos olhos de Connie, via nele aquela inércia antiga de uma raça que já não pode sofrer desilusão, um máximo de impureza que no fundo é pura. Naquilo em que se afastava da sua prostituição suprema à deusa-cadela, parecia puro, puro como uma máscara africana de marfim que, pelo sonho, converte a impureza em pureza, nos seus contornos claros.

O momento em que tinha conseguido entusiasmar os dois Chatterley, foi o ponto culminante da vida de Michaelis. Tinha triunfado, tinha-os entusiasmado. Até Clifford o adorou temporariamente, se assim se pode dizer.

Na manhã seguinte, Mick estava mais agitado do que nunca: inquieto, devorado, as mãos nervosas metidas nos bolsos das calças. Connie não tinha ido ter com ele na noite anterior, e ele não sabia onde ela estava. Coquetismo!... no próprio momento do seu grande triunfo.

De manhã subiu à sala de estar de Connie. Ela sabia perfeitamente que ele viria. E a sua agitação era evidente. Perguntou-lhe a opinião sobre a peça, se a tinha achado boa. Precisava de ouvir elogios, os elogios tocavam-no, naquele pequeno fio de paixão que ainda existia dentro dele, para além do orgasmo sexual. E ela enalteceu-a entusiasticamente, embora no fundo da sua alma soubesse que não tinha sentido nada.

— Escute — acabou ele finalmente por dizer — porque não fazemos o que deve ser, porque não nos casamos?

— Mas eu sou casada! — respondeu ela, espantada, e, no entanto, sem nada sentir.

— É verdade, mas ele aceita o divórcio. Porque não nos casamos? Quero casar, sei que seria para mim a melhor solução. Casar e ter uma vida normal. Levo uma vida dos diabos e dou cabo de mim. Escute, nós somos feitos um para o outro, como a luva para a mão. Porque não nos casamos? Vê alguma razão para o não fazermos?

Connie olhou-o, admirada, e sem a mais pequena perturbação. Os homens são todos iguais, esquecem-se de tudo o que é essencial. Elevam-se no ar como se fossem foguetes e esperam que os sigam no balanço das frágeis canas.

— Mas eu já sou casada — repetiu ela — e sabe que não posso deixar Clifford.

— Mas porque não? Porquê? — gritou Mick. — Daqui a seis meses ele mal se lembra que o deixou. Para ele não existe ninguém, senão ele próprio. Nem precisa de si, vive preocupado exclusivamente consigo próprio, tanto quanto posso observar.

Connie sentiu que havia uma certa verdade nas suas palavras, mas sentiu, ao mesmo tempo, que Michaelis revelava claramente todo o seu egoísmo.

— Não se preocuparão todos os homens exclusivamente consigo próprios? — perguntou ela.

— Até certo ponto, concordo. É necessário, para se conseguir ser alguém, para triunfar. Mas não é essa a questão. Até que ponto um homem pode fazer uma mulher feliz. Ele pode fazê-la feliz ou não? Se não pode, não tem quaisquer direitos...

Parou e fitou-a, com os seus olhos rasgados, cor de avelã, quase hipnotizantes.

— Bem — acrescentou —, creio que sou capaz de fazer uma mulher feliz, e julgo que posso garantir.

— Fazer feliz como? — perguntou Connie. E continuava a olhá-lo com um espanto próximo da inquietação. Continuava a não sentir nada por dentro.

— De todas as maneiras, que diabo, em tudo. Vestidos, jóias até certo ponto, clubes nocturnos, conhecer gente, acompanhar o ritmo da vida moderna... Viajar, ser importante em qualquer lugar... Sei lá, em tudo.

Michaelis falava, quase com um brilho de triunfo nos olhos, e Connie fitava-o, como se estivesse deslumbrada, mas sem nada sentir. Nem à superfície ela estava excitada com o futuro esplendoroso que ele lhe oferecia. Nem o seu eu exterior, que outrora teria reagido, se sentia tocado. Não sentia nada, não podia "partir". Continuou sentada, a olhá-lo com espanto, sem sentir nada, apenas o extraordinariamente desagradável odor da deusa-cadela, em qualquer parte.

Mick estava sentado, inclinado para a frente, na cadeira, aflito e fitando-a com uma expressão quase histérica. E, na sua vaidade, estaria mais ansioso pelo sim dela ou mais apavorado no seu receio desse mesmo sim? Quem poderia sabê-lo?

— Terei de pensar nisso — respondeu ela. — Por agora nada lhe posso dizer. Pode-lhe parecer que Clifford não conta, mas não é verdade. Quando me lembro do seu estado...

— Mas, por amor de Deus, quando as pessoas se começam a servir das suas desgraças! Podia começar a dizer como me sinto sozinho, como sempre me senti, todos os sentimentalismos do género. Por amor de Deus, quando não resta mais nada senão as desgraças para manter uma posição!

Voltou-se e mexia furiosamente as mãos nos bolsos das calças. Nessa noite disse a Connie:

— Vem ao meu quarto, não vem? Não sei onde é o seu.

— Está bem — respondeu ela. Nessa noite foi um amante mais apaixonado do que nunca, na sua nudez estranha e frágil de rapazinho. Connie não conseguiu realizar-se antes de ele acabar, embora ele despertasse nela uma certa paixão ansiosa, na sua nudez macia de rapazinho. Quando ele acabou, ela continuou, num tumulto selvagem e agitado dos rins, enquanto ele, heroicamente, manteve a posição dentro dela, na entrega completa de si próprio, até que ela conseguiu a sua realização, dando pequenos gritos estranhos.

Quando finalmente se afastou dela, comentou com uma voz amarga quase sarcástica:

— Não será capaz de se realizar ao mesmo tempo que eu? Ou só o consegue sozinha e no momento escolhido por si?

Este pequeno comentário, naquele momento, constituiu um dos grandes choques da sua vida. Aquela forma passiva de ele se dar constituía a sua maneira de comunicar com os outros, e isso era evidente.

Que quer dizer?

— Sabe muito bem o que quero dizer. Continua até muito depois de eu ter acabado, e tenho de me manter de dentes cerrados até conseguir o seu prazer sozinha.

Ela ficou aturdida com aquela brutalidade súbita e inesperada, exactamente no momento em que se sentia invadida por um amor sem palavras, talvez uma forma de amor por ele. Como tantos homens modernos, ele terminava pouco depois de começar, o que obrigava a mulher a ser activa.

— Mas não quer que eu continue até sentir prazer? Ele deu uma gargalhada sinistra.

— Quero, claro que quero! Quero manter-me de dentes cerrados enquanto se esforça.

— Mas não quer? Ele iludiu a resposta.

— Todas as mulheres são assim. Ou não têm orgasmo como se estivessem mortas, ou esperam até um homem acabar, e então actuam por si, começam a sentir prazer e o homem tem de aguentar. Nunca me deitei com uma mulher que se realizasse ao mesmo tempo que eu.

Connie mal ouvia este relatório masculino, que era novo para ela, estava aturdida com aquela agressividade, aquela incompreensível brutalidade. Sentia-se inocente.

— Mas quer que sinta prazer ou não? — insistiu.

— Claro que sim, estou de acordo. Mas aguentar até uma mulher ter o orgasmo, não é lá muito agradável.

Este discurso foi um dos golpes cruciais na vida de Connie. Matou qualquer coisa dentro dela. Nunca se tinha sentido muito entusiasmada por Michaelis antes de ele agir. Não o queria. Era como se nunca o tivesse querido de verdade. Mas depois de tudo começar, parecia-lhe tão natural realizar-se com ele! Quase o tinha amado por isso... nessa noite quase o amara, quase desejara casar com ele.

Talvez instintivamente ele o soubesse, e fosse essa a razão daquela brutalidade que destruía tudo como um castelo de cartas a tombar. Toda a emoção sexual que sentia por ele, ou por qualquer outro homem, morreu nessa noite. A sua vida separou-se completamente da dele como se jamais ele tivesse existido.

Os dias continuaram a passar-se lentamente. Nada restava senão aquele mecanismo de vazio a que Clifford chamava vida completa, uma longa vida em comum de duas pessoas que estão habituadas a viverem na mesma casa.

O vazio. Aceitar o grande vazio da vida pareceu a Connie ser o único objectivo da sua existência. Todas as pequenas coisas importantes e urgentes que, somadas, constituem a totalidade do vazio.

Capítulo VI

- Porque é que os homens e as mulheres de hoje não gostam uns dos outros? - perguntou Connie a Tommy Dukes, que era para ela uma espécie de oráculo.

- Oh, mas eles gostam! Desde que a espécie humana foi criada, não creio que tenha havido uma época em que os homens e as mulheres tenham gostado tanto uns dos outros como a nossa. É um afecto genuíno! Eu sou um exemplo. Na verdade, gosto mais das mulheres do que dos homens, são mais corajosas, e pode-se ser franco para com elas.

Connie ficou a meditar nestas palavras.

- É verdade, mas nunca tem nada a ver com elas - respondeu.

- Eu? Que é que estou a fazer neste momento, senão a falar com toda a sinceridade com uma mulher?

- Sim, falar...

- E que mais poderia fazer, se você fosse um homem, do que falar consigo com sinceridade?

- Possivelmente mais nada. Mas uma mulher..

- A mulher quer que um homem goste dela e fale com ela, mas, ao mesmo tempo, que a ame e a deseje, e parece-me que as duas coisas se excluem mutuamente.

- Mas não devia ser assim.

- Sem dúvida que a água não devia ser tão húmida, é um excesso de humidade. Mas é assim. Gosto de mulheres e falo com elas, por isso não as amo nem desejo. As duas coisas não coexistem em mim.

Acho que deviam coexistir.

- Está bem. Mas o facto de as coisas deverem ser uma coisa e serem outra não é da minha conta.

Connie ficou a pensar.

- Isso não é verdade. Os homens podem amar as mulheres e falar com elas. Não compreendo como podem amar sem falarem, sem amizade, sem intimidade. Não lhe parece?

- Bem, não sei. Para quê generalizar? Apenas conheço o meu caso pessoal. Gosto de mulheres, mas não as desejo. Gosto de falar com elas, e, embora se estabeleça depois uma intimidade, afasto-me sempre mais. No que respeita a beijarmo-nos, por exemplo. É assim. Mas não me tome como um exemplo da maioria. Provavelmente sou um caso particular, um daqueles homens que gostam de mulheres, mas não as amam, e que até as odeiam se os obrigam a meterem-se numa história de amor ou a simulá-la.

- E isso não o entristece?

- Porquê? De modo nenhum. Vejo Charles May e outros homens que têm aventuras. Não, não os invejo. Se o destino me fizesse encontrar uma

mulher que eu quisesse, ótimo, mas nunca conheci nem vi nenhuma. Ora, creio que sou frígido, mas há mulheres de quem realmente gosto muito.

- Gosta de mim?

- Muito! E, como vê, não nos apetece beijarmo-nos, não é verdade?

- Sem dúvida, mas não nos devia apetercer?

- Porquê? Por amor de Deus?! Gosto de Clifford, mas o que diria, se o fosse beijar?

- Mas não há uma diferença?

- Onde é que ela está, em relação a pessoas como nós? Somos seres humanos inteligentes, e o problema do sexo é secundário. Absolutamente secundário. Que sentiria se de repente comesse a comportar-me como os homens do continente e a fazer exhibições amorosas.

- Detestava.

- Aí tem! Repare, se realmente sou um macho, não ando atrás de uma fêmea da minha espécie. Não lhe sinto a falta. Simplesmente gosto de mulheres. Quem é que me vai obrigar a amar, ou a fingir amar, ou a fazer exhibições amorosas?

- Não, eu não. Mas não acha que há qualquer coisa que está errada?

- Você pode ter essa impressão, eu não.

- Eu sinto... sinto que está qualquer coisa errada entre os homens e mulheres. As mulheres já não têm encanto para os homens.

- E os homens para as mulheres? Ela pensou no outro aspecto da pergunta.

- Não muito - respondeu com sinceridade.

- Então deixemos isso, sejamos decentes e simples, como seres humanos dignos. A compulsão sexual artificial não interessa. Recuso-me a pensar nisso.

Connie sabia que ele tinha razão. Contudo, sentia-se abandonada... abandonada e perdida como uma apara num lago escuro.

Nada tinha sentido, nem ela própria.

Era a sua juventude que se revoltava. Aqueles homens pareciam velhos e frios. Tudo lhe parecia velho e frio, e Michaelis tinha-a desiludido. Também não lhe interessava. Os homens não queriam realmente uma mulher, nem mesmo Michaelis.

E os pretensiosos que fingiam e simulavam o amor eram os piores de todos. Era triste, e nada se podia fazer contra isso. O homem tinha perdido o encanto para a mulher, e a única solução era a auto-sugestão, pensar que um homem a possuía, como em relação a Michaelis. Entretanto, a vida ia passando. Ela compreendia perfeitamente a razão da existência dos *cocktails*, do *jazz* do *charleston* até à exaustão. Era necessário dar um escape à juventude, sob pena de ela devorar o indivíduo. Horrível, a juventude, quando os jovens se sentem tão velhos como Matusalém, e, apesar de tudo, qualquer coisa ferve por dentro e não dá alívio. Que vida! Sem qualquer perspectiva de futuro! Quase desejou ter partido com Mick e transformado a sua vida num

cocktail e numa noite de *jazz*, permanentes. Era preferível do que vaguar à espera da morte.

Num dos seus dias maus foi dar um passeio pelo bosque, lentamente, sem prestar atenção a nada, sem saber sequer para onde ia.

O estampido de um tiro, não muito longe, assustou-a e irritou-a.

À medida que foi avançando ouviu vozes e recuou. Pessoas! Não queria ver pessoas. Mas o seu ouvido apurado captou outro som, que lhe chamou a atenção: uma criança a chorar. Percebeu imediatamente que alguém maltratava uma criança. Desceu rapidamente o caminho molhado, indignada, preparando-se para fazer uma cena.

De uma curva do caminho viu duas figuras ao fundo da senda: o coqueiro e uma garota com um casaco cor de púrpura e uma touca de pele de toupeira. A criança chorava.

- Ah, cala-te, mentirosa! - dizia o homem, e a criança soluçava mais alto.

Constance aproximou-se, com os olhos a brilhar. O homem voltou-se e olhou para ela, saudando-a friamente; estava pálido de cólera.

- Que é que se passa? Porque é que ela está a chorar? - perguntou Constance imperiosamente, quase sem respirar.

Com uma espécie de sorriso trocista, o homem respondeu com certa brutalidade, em dialecto cerrado.

- Não sei, acho melhor que lhe pergunte a ela. Connie sentiu-se como se ele lhe tivesse dado uma bofetada, e a sua cara mudou de cor. Depois correspondeu ao desafio, olhou para ele, com os olhos azuis a brilhar:

- Foi a si que perguntei - exclamou ofegante. Ele fez uma pequena vénia, tirando o chapéu.

- Perguntou, minha senhora... E, de novo, em dialecto:

- Mas não lhe posso dizer. E parecia de novo um soldado, impenetrável, mas pálido por ser incomodado.

Connie voltou-se para a criança, que não teria mais de nove ou dez anos, corada e de cabelo preto.

- Que foi, minha querida? Diz-me porque estás a chorar. Falou-lhe num tom de voz e de doçura, apropriadas. A criança redobrou ainda mais o choro, segura de si. Connie disse-lhe, com maior doçura ainda:

- Então... então, não chores. Vá, conta-me o que é que te fizeram!

Enquanto falava com a criança tacteava na algibeira do casaco de malha, até que encontrou uma moeda de seis pence.

- Não chores - e inclinando-se para ela. - Vê o que eu tenho para ti!

Entre soluços e fungadelas, a pequena tirou a mão da cara, cheia de lágrimas, e os seus olhos pretos e vivos projectaram-se por um segundo na moeda. Depois mais soluços, mas menos fortes.

- Então, qual é o problema? Conta-me - insistiu Connie, pondo o dinheiro na mão rechonchuda, que logo se fechou.

- Foi... foi... o bichano! - exclamou aos arranques.

- Que bichano, querida? Após breve silêncio, timidamente, apontou com a mão fechada sobre os seis pence para a moita.

- Ali! Connie olhou e viu realmente um gato preto, grande, estendido no chão, ameaçador e com sangue.

- Oh! - disse com repulsa.

- Um caçador furtivo, minha senhora - comentou o homem, ironicamente.

Ela olhou-o, irritada.

- Não admira que a criança chore, se disparou à frente dela. Não admira.

Olhou-a nos olhos, lacónico, desdenhoso, sem esconder os seus sentimentos. Connie corou de novo. Sentiu que tinha estado a fazer uma cena a alguém que a não respeitava.

- Como te chamas? - perguntou à criança em tom de brincadeira. - Não queres dizer-me o teu nome?

Fungou e respondeu, numa voz afectada e estridente.

- Connie Mellors.

- Connie Mellors! É um nome bonito. E saíste com o teu papá e ele deu um tiro num gatinho? Mas ele era mau!

A criança olhou para ela, com os seus olhos negros, impudentes e inquiridores, medindo-a a ela e à extensão da sua simpatia.

- Queria ficar com a avozinha.

- Querias? Mas onde está a tua avozinha? A criança levantou um braço e apontou para o caminho.

- Na casa do bosque.

- Na casa do bosque? E queres voltar para lá? Arrepios e soluços mais fracos.

- Quero!

- Vem então, que eu levo-te. Queres que te leve para a tua avó? E assim o teu papá pode fazer o seu trabalho.

Voltando-se para o homem:

- É sua filha, não é verdade?

O homem respondeu com uma saudação e um sinal afirmativo com a cabeça.

- Creio que posso levá-la - acrescentou Connie.

- Como vossa senhoria quiser. Voltou a olhá-la nos olhos com a mesma expressão calma, indiferente, de um homem muito solitário e independente.

Queres que te leve para o pé da tua avó para a cabana, querida?

A criança respondeu com voz trémula e um sorriso afectado:

- Quero! Connie não gostou daquela criança mimada e falsa; apesar disso, limpou-lhe a cara e pegou-lhe na mão. O guarda saudou sem dizer palavra.

- Bom dia - disse Connie. Estavam a cerca de uma milha da cabana pitoresca do couteiro, e, quando chegaram, Connie já se tinha cansado da pequena, tão cheia de artimanhas como um macaco e muito segura de si.

A porta estava aberta e ouvia-se barulho lá dentro. Connie deteve-se, a criança soltou a mão e correu para dentro de casa.

- vó... vó!

- Ah, já cá estás outra vez.

Era um sábado de manhã e a avó tinha acabado de pôr grafite no fogão. Veio à porta com o seu avental de serapilheira e uma escova na mão; tinha uma mascarra no nariz. Era uma mulher baixa, ressequida.

- Meu Deus - disse, enquanto limpava apressadamente a cara com as costas da mão quando viu Connie parada no limiar da porta.

- Bom dia - disse esta. - Ela estava a chorar e vim trazê-la a casa.

A avó voltou rapidamente a cabeça e fitou a criança.

- Onde está o teu pai?

A garota agarrou-se às saias da avó, a sorrir.

- Estava ali - respondeu Constance -, mas matou um gato, um caçador furtivo, e a miúda ficou perturbada.

Oh, não tinhas nada que incomodar Lady Chatterley! Foi muito gentil da sua parte, mas tu não devias ter maçado a senhora. Nunca se viu tal coisa!

E depois a velhota voltou-se para a criança:

- Lady Chatterley teve esta maçada toda por tua causa! Não tinhas nada que a maçar!

- Não foi maçada nenhuma, apenas um passeio - respondeu Connie, a sorrir.

- Ah!, foi muito gentil. Então ela estava a chorar? Tinha a certeza que, antes de se afastarem, se ia passar qualquer coisa. Ela tem medo dele, é o que é, ele é quase um estranho para ela... quase um estranho então vejo que se entendam. Ele tem a sua maneira de ser.

Connie não sabia que responder.

- Olhe, vó - interrompeu a criança. A velhota viu a moeda de seis pence na mão da miúda.

- E seis pence e tudo! Oh, Lady Chatterley, não devia ter sido tão boa. Foi muito boa para ela. Palavra que esta manhã estás cheia de sorte.

Ela pronunciou o nome como todas as outras pessoas da aldeia: "Chat'ley". Connie não podia deixar de olhar para o nariz da mulher, que voltou a limpar a cara com as costas da mão sem tirar a mancha.

Connie ia-se embora.

- Muito obrigada Lady Chat'ley, muito obrigada. Diz muito obrigada a Lady Chat'ley.

Obrigada! - murmurou a criança. É um amor! - disse Connie, com um sorriso. - Bom dia. E foi-se embora, satisfeita por se afastar. Era curioso como "aquele homem magro e orgulhoso podia ser filho de uma mulher baixa e astuta.

Mal Connie havia partido, a velhota correu a agarrar num espelhinho da copa. Quando se viu com a cara suja bateu com o pé no chão, impaciente.

"Evidentemente que ela tinha de me ver com este avental e a cara suja. Deve ter ficado com uma bonita ideia a meu respeito!" Connie dirigiu-se lentamente para Wragby. Para "casa"! Casa era uma palavra calorosa para aquela enorme barraca triste. Outrora tivera significado, mas perdera-se. Todas as palavras grandiosas tinham perdido o significado para a geração de Corime: amor, alegria, felicidade, casa, mãe, pai, marido - numa agonia prolongada. A casa era o lugar onde se vivia, o amor uma coisa sobre que não havia ilusões, alegria a palavra que se aplicava a um bom *charleston*, felicidade o termo hipócrita para enganar os outros, o pai um indivíduo que gostava da vida, o marido aquele com quem se vivia e se compartilhava o bom humor. O sexo, a última das palavras grandiosas, não passava de um termo de *cocktail* para traduzir uma excitação que animava por uns escassos momentos, mas que depois deixava a pessoa mais desprotegida do que nunca. Um desgaste como se as pessoas fossem feitas de matéria de má qualidade que se ia desfazendo até ficar em nada.

Tudo o que realmente subsistiu foi um estoicismo obstinado, de que era possível extrair prazer. A própria experiência do vazio da vida, fase por fase, etapa por etapa, trazia uma forma tristonha de satisfação. É assim! - era sempre a última palavra: casa, amor, casamento, Michaelis: é assim! E à hora da morte, as últimas palavras à vida seriam: é assim!

E o dinheiro? Com o dinheiro não se pode dizer o mesmo, as pessoas sempre quiseram o dinheiro. O dinheiro, o êxito, a deusa-cadela - como Tommy Dulces dizia sempre parafraseando Henry James -, eram uma necessidade permanente. Não se pode gastar o último tostão e depois dizer: é assim! Não, porque é preciso dinheiro para isto ou para aquilo, mesmo que seja para mais dez minutos de vida. Num desenrolar mecânico, para tudo é preciso dinheiro. É preciso tê-lo, tem de se ter dinheiro. Nada mais interessa. É assim!

Já que não temos culpa de estar vivos, mas como estamos, o dinheiro é uma necessidade, a única necessidade absoluta. Pode-se passar sem todas as outras coisas, em caso de emergência, mas não sem dinheiro. Enfaticamente. É assim!

Ela pensou em Michaelis e no dinheiro que podia ter com ele e que nem sequer desejava. Preferia a quantia menor que ajudava Clifford a ganhar com os seus livros. Ela realmente ajudava-o a ganhar esse dinheiro. "Clifford e eu ganhámos mil e duzentas libras por ano com os seus livros", dizia. Ganhar dinheiro! Ganhá-lo! Extraí-lo do ar, ou de coisa nenhuma! Era o único ponto de honra. O resto não interessava.

Voltou para casa, para Clifford, para juntar as suas forças às dele e fazerem uma história do nada. Uma história significava dinheiro. Clifford preocupava-se muito com as suas histórias, se seriam consideradas literatura de primeira classe ou não. Ela com isso não se importava. "Vazias!", tinha-lhe

dito o pai. Mil e duzentas libras no ano passado - era a resposta simples e definitiva.

Quando se é jovem, cerram-se os dentes, até morder, e espera-se, até que o dinheiro comece a surgir do invisível; trata-se de uma questão de força, uma questão de vontade. É uma emanção muito subtil e poderosa da vontade que devolve esse misterioso vazio que é o dinheiro: uma palavra escrita num pedaço de papel. É uma espécie de magia, e significa com certeza o êxito. A deusa-cadela! Bem, se a pessoa tem de se prostituir, ao menos que seja à deusa-cadela! Pode-se sempre desprezá-la, mesmo depois da prostituição à Glória, o que constitui uma vantagem.

Clifford continuava, evidentemente, a ter muitos tabus e feitiços da infância. Queria que pensassem que ele era "realmente bom", como pretensão, não fazia o menor sentido. Um escritor realmente bom é aquele que se torna popular, e não vale a pena ser bom sem consequências. Parecia que a maior parte dos homens "realmente bons" perdiam o autocarro. A vida é só uma, e se se perde o autocarro fica-se sozinho no passeio com a carga de todos os fracassos.

Comne tencionava passar com Clifford o Inverno seguinte em Londres. Ambos tinham apanhado o autocarro, assim podiam também viajar no segundo piso, e que toda a gente visse.

O pior era que Clifford tinha tendência para o vago, para a ausência, para crises de vazio e depressão. Era a chaga da sua alma que se começava a fazer sentir e Connie tinha vontade de gritar. Meu Deus, se o próprio mecanismo da consciência acabasse por falhar, que se poderia fazer? Far-se-á o que for possível. Mesmo perder totalmente a coragem?

Por vezes chorava amargamente, mas mesmo durante esses acessos, dizia para si mesma: "Idiota, sempre a molhar lenços, como se isso resolvesse alguma coisa!".

Depois de romper com Michaelis, tinha decidido que não queria nada da vida. Esta parecia a solução mais simples de tudo o que era insolúvel. Não queria nada mais do que já tinha: Clifford, os seus livros, Wragby, o título, dinheiro, fama. Queria viver de tudo isso. O amor, o sexo, e tudo o resto era como se fossem apenas sorvetes de frutas. Se a pessoa os devorar e os esquecer, se se convencer que não significavam nada, não significam mesmo. Especialmente o sexo!... Por uma decisão mental, o problema fica resolvido. Sexo e um cocktail: duraram mais ou menos o mesmo tempo, tiveram o mesmo efeito e conduziram ao mesmo fim.

Mas uma criança, um filho! A isso ainda ela reagia. Mas só com toda a prudência se meteria em tal aventura. Havia a considerar o problema do homem, e era curioso, não havia um único homem no mundo de quem ela quisesse ter um filho. Um filho de Mick - era um pensamento que repudiava, era como ter um filho de um coelho. Tommy Dukes?... Ele era muito gentil, mas impossível associá-lo a um filho, a outra geração. Ele acabava em si próprio. E, em todo o círculo de relações de Clifford, que não era restrito, não

havia um único homem por quem ela não sentisse desprezo, quando pensou em ter um filho dele. Muitos seriam absolutamente possíveis como amantes, até Mick. Mas deixá-los gerar um filho! Seria uma abominável humilhação.

Assim era! Apesar disso, Connie continuava a pensar num filho. Esperar! Esperar! Passaria várias gerações de homens na sua peneira, e procuraria até encontrar um que servisse para pai do seu filho. "Ide pelas ruas e atalhos de Jerusalém e vede se podeis encontrar um homem." Não foi possível encontrar um homem na Jerusalém do Profeta, embora houvesse milhares de machos. Mas um homem! *C'est une autre chose!*¹

Pensava num estrangeiro, não queria um inglês, e um irlandês ainda menos. Um estrangeiro mesmo.

Mas era preciso esperar, esperar! No Inverno seguinte levaria Clifford a Londres; depois, no outro, iriam para o Sul da França e Itália. Esperar! Ela não tinha pressa em relação à criança. Era um assunto que só a ela dizia respeito, e o único que, na sua originalidade de mulher, queria levar a sério no mais profundo da sua alma. Não se iria arriscar ao primeiro arrivista, não! Um amante pode ser qualquer pessoa, mas um homem para fazer um filho... Esperar, esperar, trata-se de um problema muito diferente. "Ide pelas ruas e atalhos de Jerusalém ... " Não era uma questão de amor, mas sim de um homem. Ela até poderia odiar como pessoa. Mas se ele fosse o homem, esse ódio não interessaria. O importante era a outra parte da pessoa.

Tinha chovido, como sempre, os caminhos estavam demasiado enlameados para a cadeira de Clifford, mas Connie iria sair. Saía todos os dias sozinha e passeava no bosque, onde podia estar realmente só, onde não via ninguém.

Naquele dia, porém, Clifford quis mandar um recado ao guarda, e como o criado estava de cama com gripe - havia sempre alguém com gripe em Wragby -, Connie disse que passaria pela cabana.

O ar era suave e calmo, como se o mundo estivesse a morrer. Um silêncio cinzento e viscoso. Nem sequer se ouvia o ruído arrastado das minas, porque estavam a laborar durante pouco tempo, e naquele dia tinham parado. O fim de todas as coisas!

No bosque tudo estava completamente inerte e imóvel, só dos ramos despidos de folhas se desprendiam grandes gotas fazendo um ruído seco. Entre as velhas árvores havia profundidades cinzentas, numa inércia sem esperança, silêncio, vazio.

Connie foi avançando quase sonambúlica. O velho bosque emanava uma melancolia, sem idade, algo que lhe agradava muito mais do que a dura insensibilidade do mundo exterior. Gostava daquela interioridade do que restava da floresta, a taciturnidade silenciosa das velhas árvores. Pareciam fortes e caladas, e eram, ao mesmo tempo, uma presença viva. Elas também estavam à espera: uma espera obstinada, estóica, e libertavam a sua força

¹ "Isso é outra coisa." (N. da T)

silenciosa. Talvez esperassem unicamente o seu fim: serem cortadas, levadas, como o fim da floresta, o fim de todas as coisas. Mas talvez o seu forte e aristocrático silêncio, o silêncio de robustas árvores, tivesse qualquer outro significado.

Quando saiu do bosque, no lado norte, avistou a cabana do guarda, muito escura, de pedra castanha, com empenas e uma chaminé graciosa. Parecia desabitada, silenciosa, abandonada. Mas um fio de fumo saía da chaminé e o pequeno jardim rodeado de uma vedação em frente da casa estava cavado e tratado. A porta estava fechada.

Naquele momento sentiu vergonha daquele homem de olhos estranhamente perspicazes. Não gostava de lhe dar ordens, e sentiu vontade de se ir embora. Bateu à porta suavemente, mas ninguém respondeu. Voltou a bater. Espreitou por uma janela e viu a pequena sala escura, com um aspecto privado, quase sinistro, como se não quisesse ser invadida.

Ficou ali à escuta e pareceu-lhe ouvir ruídos do lado de trás da cabana. Como não conseguiu fazer-se ouvir, o seu brio estava despertado, não se daria por vencida.

Deu a volta à casa. Atrás o terreno elevava-se a pique, e o pátio das traseiras ficava enterrado, cercado por um muro baixo de pedra. Virou a esquina da casa e parou. A dois passos dela o homem estava a lavar-se, completamente absorto. Desnudado até às ancas, com as calças de belbutina caídas a expor-lhe o torso até aos rins, e as suas delicadas costas curvavam-se para uma grande bacia de água, onde boiava espuma de sabão, na qual mergulhava a cabeça e esfregava num movimento rápido, erguendo os braços delgados e brancos. Tirava a água ensaboada dos ouvidos rápido e subtil, como uma doninha a brincar com a água, completamente só. Connie recuou, contornando a esquina da casa, e retirou-se apressadamente para o bosque. Sem querer tinha tido um choque, afinal era apenas um homem a lavar-se, coisa banal, ela própria não percebia porquê.

De certo modo como uma visão, que a afectara fisicamente. Vira as calças grosseiras a escorregarem pelo torso alvo, delicado, os ossos um pouco à mostra, e um sentido de solidão total, de uma criatura completamente só. Tudo isto a tinha perturbado. Uma nudez perfeita, singela, solitária, de um ser que vive só e é profundamente solitário por dentro. Uma certa beleza de um ser puro; não a beleza material, nem mesmo a beleza do corpo, mas uma cintilação, um calor, uma chama branca de uma vida solitária, a revelar-se em contornos palpáveis. Um corpo!

Connie tinha tido um choque no mais profundo do seu ser, sabia-o, e a impressão conservou-se. Mas, mentalmente, via o ridículo: um homem a lavar-se num pátio das traseiras de uma casa.

De certeza, com sabão amarelo de cheiro desagradável. Estava irritada. Porque é que havia de ter presenciado aquela cena íntima e banal?

Começou a andar para fugir de si mesma, mas logo se sentou num cepo. Estava demasiado confundida para pensar, mas, no meio da sua confusão,

resolveu dar o recado ao homem. Não se deixaria inibir. Tinha de lhe dar tempo de se vestir, mas não para sair.

Voltou lentamente à cabana, atenta ao menor ruído. Quando já estava perto, notou que tudo permanecia na mesma. Um cão ladrou, bateu à porta. O seu coração batia violentamente, o que a perturbava.

Ouviu os passos do homem, a descerem a escada, com rapidez. Abriu de repente a porta, ela sobressaltou-se. Ele próprio parecia embaraçado, mas imediatamente um sorriso aflorou-lhe o rosto.

- Lady Chatterley! - disse. - Deseja entrar? Recebia-a de maneira tão afável e descontraída, que ela passou a soleira e entrou no compartimento pequeno e lúgubre.

- Tenho um recado de Sir Clifford - disse ela, numa voz suave, quase ofegante.

O homem fitou-a com aqueles olhos azuis introspectivos, e ela teve de virar um pouco a cara. Ele achou-a donairoso, quase bonita na sua timidez, e imediatamente tomou conta da situação.

- Quer-se sentar? - perguntou, convencido que ela não o faria.

A porta continuava aberta.

- Não, obrigada. Sir Clifford pergunta... - e deu-lhe o recado, fitando-o inconscientemente nos olhos.

Os olhos do homem eram ardentes e afáveis, principalmente para uma mulher, maravilhosamente ardentes e afáveis, e descontraídos.

- Muito bem, minha senhora. Vou já tratar disso.

Quando recebeu o recado, todo o seu eu se modificou e ficou recoberto de uma certa dureza e distância. Connie hesitou. Tinha de se ir embora. Mas olhou à volta, para aquela sala pequena, limpa, arrumada, porém escura, quase com consternação.

- Vive aqui sozinho? - perguntou.

- Completamente, minha senhora.

- Mas a sua mãe?

- Tem uma casa onde vive, na aldeia.

- Com a criança?

- Com a criança. E o seu rosto liso e gasto teve uma nota de sarcasmo, mudava constantemente, o que a desconcertava.

- Não - acrescentou ele, vendo que Connie não estava a perceber -, a minha mãe vem cá todos os sábados fazer a limpeza. Eu mesmo faço o resto.

Connie fitou-o mais uma vez. Os seus olhos sorriam de novo, mas de maneira um pouco trocista, ardentes, azuis, e afáveis. Ela olhava-o com um certo espanto. Ele estava vestido com umas calças e uma camisa de flanela e uma gravata cinzenta. O cabelo era macio, mas estava ainda húmido. O rosto era muito pálido e gasto. Quando os seus olhos paravam de sorrir, parecia um homem que tinha sofrido muito, mas todavia sem perderem o seu ardor. Mas notava-se-lhe uma solidão. Para ele, ela não estava ali.

Sentiu o desejo de dizer muitas coisas, mas nada disse. Só olhou para ele de novo e comentou:

- Espero não ter incomodado. Os olhos dele ficaram mais pequenos com um sorriso de troça:

- Estava só a pentear-me, se não se importou de esperar. Só peço desculpa de não ter vestido o casaco, mas não fazia ideia de quem estava a bater. Aqui ninguém bate, e o inesperado é sempre ameaçador.

Desceu o carreiro do jardim à frente dela, para segurar o portão. Em camisa, sem o casaco grosseiro de belbutina, ela tornou a notar como ele era esbelto, um tanto curvado. Quando passou por ele, viu que no seu cabelo louro e nos olhos cintilantes havia algo de muito jovem e vivo. Devia ser um homem de trinta e sete ou trinta e oito anos.

Connie foi andando com dificuldade até ao bosque. Sabia que ele ficara a olhá-la e ela preocupava-se com isso mais do que queria.

Ele voltou para casa pensando: "Ela é encantadora, realmente. Ela é mais atraente do que julga!".

Ele confundia muito. Não parecia um couteiro, nem tão pouco um trabalhador. Todavia tinha qualquer coisa de comum com as pessoas da região. Mas também qualquer coisa que não tinha nada a ver com elas.

- O couteiro, Mellors, é uma criatura muito curiosa - disse ela a Clifford. - Quase poderia ser um cavalheiro.

- Podia!? - respondeu Clifford. - Nunca tinha reparado.

- Mas não acha que ele tem qualquer coisa de especial? - insistiu Connie.

- Penso que é simpático, mas conheço-o mal. Saiu do exército no ano passado, há menos de um ano. Velo da Índia, creio. Pode ter apanhado certos hábitos, talvez fosse ordenança de um oficial, e subisse de posto. A alguns acontece isso. Mas não é nada bom para eles, porque têm de retomar os seus antigos empregos quando regressam.

Connie olhou para Clifford, pensativa. Notou nele uma repulsa inabalável contra todas as pessoas de classe baixa que podiam subir na vida, o que era característico do seu meio.

- Mas não acha realmente que ele tem qualquer coisa de especial?

- Francamente não. Que eu tenha notado, é claro. Ele olhou-a com estranheza, constrangido, semidesconfiado. Ela sentiu que ele estava a dizer a verdade, mas não para ele próprio. Detestava a menor sugestão de que um ser de outra classe fosse excepcional. As pessoas tinham de estar mais ou menos ao seu nível, ou abaixo.

Connie sentiu uma vez mais a impermeabilidade, a mesquinhez dos homens da sua geração. Eram tão limitados, tinham tanto medo da vida!

Capítulo VII

Quando Connie subiu para o quarto, fez o que não fazia há muito tempo: despir-se completamente e ver-se nua no enorme espelho. Não sabia o que procurava, nem o que queria ver, não sabia; no entanto, deslocou o candeeiro para, com a luz, se ver melhor.

E pensou uma vez mais o que já tinha pensado muitas vezes...como é frágil, sensível, patético, um corpo humano nu! Qualquer coisa de inacabado, de incompleto.

As pessoas diziam que ela tinha boa figura, mas, presentemente, estava fora de moda: era um corpo demasiado feminino, sem contornos de um adolescente. Não era muito alta, tinha um tipo escocês, baixo, com uma certa graça fugidia que podia ser beleza. A pele era levemente morena, os membros emanavam uma certa paz. O seu corpo devia ter possuído uma riqueza e uma plenitude, fugidias, mas faltava-lhe qualquer coisa: em vez de estar amadurecido nos seus contornos, estava a ficar mole e um pouco rígido, como se lhe faltasse sol e calor. Um pouco acinzentado, sem seiva!

Desiludido o corpo de mulher, pois não lograra tornar-se pueril, imaterial e transparente; em vez disso ficara opaco.

Tinha os seios pequenos, caídos em forma de pêra. Mas também não amadurecidos, um pouco amargos, sem sentido. A barriga tinha perdido o brilho fresco e arredondado de quando era nova, dos tempos do jovem alemão que a tinha verdadeiramente amado fisicamente. Nessa época o seu corpo era jovem, expectante, com um aspecto característico. Agora estava a ficar flácido, sem profundidade, magro de mais, com uma magreza mole. As coxas, antes ágeis e cheias de vida na sua rotundidade feminina, estavam achatadas, relaxadas, sem sentido.

O seu corpo estava a perder o significado, a ficar apagado e opaco, uma substância insignificante. Isto fê-la sentir-se muito deprimida e desesperada. Haveria alguma esperança? Estava uma velha, velha aos vinte e sete anos, sem brilho, sem fulgor carnal. Velha por abandono e recusa. Sim, recusa. As mulheres da moda mantinham os corpos resplandecentes como porcelana delicada, pelos cuidados que lhes prestavam. Mas o corpo de Connie nem porcelana parecia. Oh!, a vida do espírito! Nesse momento sentiu um ódio surdo por essa imensa fraude!

Olhou no outro espelho o reflexo das suas costas, a cintura, os rins. Estava a emagrecer, o que não lhe ficava bem. A curva da cintura, por detrás, que ela podia ver torcendo a cabeça, estava gasta, quando tinha outrora um aspecto jovial. O movimento das ancas e das nádegas tinha perdido o brilho, o sentido de opulência. Tudo isso tinha desaparecido! Só o jovem alemão o amara, mas estava morto havia quase dez anos. Como tinha passado o tempo! Morto havia dez anos, e ela tinha somente vinte e sete. Esse rapaz saudável

com toda a sua sensualidade jovem e inexperiente que ela tanto desprezava! Onde poderia encontrá-la de novo? Extinguira-se nos homens! Tinham os seus espasmos patéticos de dois segundos, como Michaelis; mas não possuíam uma sensualidade humana saudável, que aquece o sangue e refresca todo o corpo.

Achava contudo a parte mais bela do seu corpo a queda das ancas no fundo das costas, e a quietude arredondada e adormecida das nádegas. Pareciam colinas de areia, da terra dos árabes, macias e inclinadas. Aí tinha ela ainda uma réstia de vida. Mas também aí estava mais magra, e a ficar um pouco madura, rígida.

A parte da frente do corpo desesperava-a, estava a ficar flácida, com uma magreza mole, quase mirrada, a envelhecer antes de ter realmente vivido. Pensou no filho que poderia ter. Estava ela ainda em estado de conceber uma criança?

Vestiu a camisa de noite, foi para a cama, e começou a chorar amargamente. Da sua amargura nasceu uma indignação fria contra Clifford, os seus livros e tudo o que ele dizia; contra todos os homens como ele, que defraudavam uma mulher até do seu próprio corpo.

Era injusto... injusto! O sentido de uma profunda injustiça física invadia-lhe a alma.

Mas, no dia seguinte, tudo foi igual, levantou-se às sete horas da manhã e desceu ao quarto de Clifford. Tinha de o ajudar em todas as coisa íntimas, porque não tinha um criado e recusava uma criada. O marido da governanta, que o conhecia de pequeno, ajudava-o e pegava-lhe ao colo. Mas as coisas mais pessoais fazia-as Connie, e fazia-as de boa vontade. Custava-lhe, mas queria ajudá-lo em tudo o que podia.

Por isso quase nunca saía de Wragby, nunca por mais de um dia ou dois. Nessas ocasiões era a senhora Betts, a governanta, que tratava de Clifford. Ele, com o decorrer do tempo, passou a aceitar todo o auxílio. Obviamente, teria de ser assim.

No entanto, dentro dela começou a ganhar forma um sentido de injustiça e frustração. O sentido físico de injustiça é um sentimento perigoso quando desperta. Tem de se manifestar, ou acaba por devorar a pessoa que o sente. Pobre Clifford, ele não tinha culpa. A maior desgraça era dele. Tudo fazia parte da catástrofe geral.

Mas, de certo modo, não teria ele culpa? A falta de entusiasmo da parte dele, de um contacto físico simples, apaixonado, não seria culpa sua? Ele nunca era arrebatado, nem gentil, estava embrenhado nos seus pensamentos, concentrado, sempre naquela maneira delicada e fria! Não possuía aquele calor que um homem pode dispensar a uma mulher, como o pai de Connie dispensava à filha: o calor de um homem que pensa em si e só em si, mas que ainda sabe confortar uma mulher com toda a sua masculinidade.

Mas Clifford era um homem diferente, como todos da sua raça. Interiormente, eram insensíveis e indiferentes, e a afabilidade não de uma nota de mau gosto.

Estaria tudo muito certo se fossem duas pessoas da mesma classe e da mesma raça. Então podia-se ser reservado e estimado, e ao mesmo tempo manter uma posição e usufruir a satisfação de a possuir. Mas quando se pertence a outra classe e raça, não resulta, não se sente prazer em ser indiferente, nem em pertencer à classe dominante.

Que sentido pode isso ter se até os melhores aristocratas têm pouco para ser reservados! A sua regra não é uma regra, mas uma farsa. Que sentido pode isso ter? Não passa de uma imbecilidade sem sentido.

Uma sensação de revolta estava latente em Connie. Que significava tudo aquilo? Que sentido tinha o seu sacrifício e dedicação a Clifford? Que causa estava afinal a servir? Um espírito gelado e vaidoso, incapaz de contactos humanos, corrupto como um judeu de nascimento humilde, ansioso por se prostituir à deusa-cadela da Glória. Nem a certeza de Clifford, fria e distante, de pertencer à classe dirigente evitava que corresse com a língua de fora atrás da deusa-cadela. Afinal, Michaelis era muito mais digno em tudo isso, tinha um êxito muito maior. Vendo bem, Clifford não passava de um bobo, e ser bobo é muito mais humilhante do que ser pretensioso.

Comparando os dois homens, Michaelis podia ser-lhe muito mais útil. Ele até precisava mais dela. Qualquer boa enfermeira podia encarregar-se das pernas estropiadas de Clifford. E quanto a esforços heróicos, Michaelis era um rato corajoso e Clifford um cão-d'água exibicionista.

Havia pessoas hospedadas em Wragby, entre elas uma tia de Clifford, Eva, Lady Bennerley. Era uma mulher magra, de sessenta anos, com um nariz vermelho. Viúva e com qualquer coisa de *grande dame*¹. Pertencia a uma das melhores famílias, e via-se. Connie gostava dela, era simples e franca, na medida exacta em que o queria ser, e superficialmente gentil. No fundo, era mestra na reserva, e considerava os outros um pouco abaixo. Não era sequer uma *snobe*, tinha demasiada confiança em si; perita no jogo frio da reserva e em conseguir que os outros cedessem sempre.

Era gentil para Connie e tentava penetrar no seu espírito com o estilete afiado das suas observações delicadas.

- Acho-a verdadeiramente extraordinária - disse a Connie
- e tem feito maravilhas pelo Clifford. Nunca tinha suspeitado do génio dele, mas teve êxito. - A tia Eva sentia-se complacentemente orgulhosa pelo triunfo de Clifford, que era mais uma pena na boina da família. Não se interessava absolutamente nada pelos seus livros. Para quê?
- Oh, não creio que seja obra minha - respondeu Connie.

¹ "Grande senhora." (N. da T)

- Tem de ser! Não pode ser de mais ninguém. E parece-me que não é suficientemente recompensada.

- Como?

- Vive aqui fechada! Já disse a Clifford: se aquela rapariga um dia se revolta, a culpa é tua!

- Mas Clifford nunca me recusa coisa nenhuma.

- Mas, minha filha - e Lady Bennerley pousou a mão magra no ombro de Connie -, uma mulher tem de viver a sua vida, ou depois arrepende-se de a não ter vivido. Acredite-me! E bebeu um pouco mais de brande, que era talvez a sua manifestação de arrependimento.

- Mas eu vivo a minha vida, não vivo?

- Não acho! Clifford devia levá-la para Londres e deixá-la sair. Os amigos dele estão bem para ele, mas estarão para si? Se estivesse no seu lugar não me satisfazia. A sua juventude está a ir-se embora, e passará a velhice e a meia-idade a arrepender-se.

Lady Bennerley caiu num silêncio pensativo suavizado pelo brande.

Mas Connie não queria ir para Londres e ser introduzida por ela no mundo elegante. Achava-se pouco dotada para viver nesse mundo, não lhe interessava. Sentia toda a frieza característica, fulminante, desse mundo: como a terra do Labrador, que tem à superfície pequenas flores de cores vivas, mas poucos centímetros mais abaixo é gelo.

Tommy Dukes estava em Wragby, outro homem era Harry Winterslow, ainda Jack Strangeways e a mulher, Olive. A conversa que se estabelecia era muito mais desconexa do que quando só estavam os amigos íntimos, e as pessoas aborreciam-se, porque fazia mau tempo e só se podiam entreter com os bilhares ou a dançar ao som da pianola.

Olive estava a ler um livro sobre o futuro, em que as crianças seriam reproduzidas em garrafas e as mulheres "imunizadas".

- Que bom seria - comentou ela - uma mulher poder fazer a sua vida.

Strangeways queria filhos, mas Olive não.

Gostaria de ser imunizada? - perguntou-lhe Winterslow, com um sorriso desagradável.

Espero já o estar, naturalmente. De qualquer modo o futuro terá mais sentido, e a mulher deixará de ser escrava das suas funções.

- Talvez flutuem e desapareçam no espaço - comentou Dukes.

- Penso que uma civilização capaz deveria eliminar muitas das incapacidades físicas - respondeu Clifford. - Todos os problemas ligados ao amor, por exemplo, podiam também ser eliminados. Creio que o seriam se pudessemos reproduzir crianças em garrafas.

Não! - exclamou Olive. - Isso faria com que as pessoas tivessem mais tempo livre para se divertirem!

Creio - disse Lady Bennerley, pensativa - que se os problemas de amor desaparecessem, qualquer outra coisa tomaria o seu lugar. Morfina, talvez.

Um pouco de morfina no ar! Seria maravilhosamente reconfortante para as pessoas!

- O governo lançar éter para o ar todos os sábados para as pessoas passarem um fim-de-semana agradável! - disse Jack. Soa bem, mas como nos sentiríamos nós às quartas-feiras?

- Desde que consigam esquecer o corpo, os homens viverão felizes; no momento em que começam a tomar consciência do corpo, os homens sentem-se deprimidos. Assim, uma das coisas em que a civilização nos pode ajudar será a esquecer o corpo, e o tempo passará agradavelmente, sem darmos por isso.

Ajudem-nos a libertar-nos a todos do corpo - comentou Winterslow -, já é tempo de o homem ver a sua natureza aperfeiçoada, especialmente no que respeita ao físico.

- Imaginem se flutuássemos como o fumo do tabaco - interveio Connie.

- Isso não acontecerá - respondeu Dukes. - O nosso velho espectáculo será um fracasso, a nossa civilização cairá. E cairá num poço sem fundo, no abismo. Acreditem, a única ponte sobre o abismo será o falo.

- Oh! Não! Impossível, general! - exclamou Olive.

- Creio que a nossa civilização vai desmembrar-se - disse a tia Eva.

E que virá depois? - perguntou Clifford.

- Não faço a mínima ideia, mas qualquer outra coisa creio eu respondeu a idosa senhora.

- Connie fala em pessoas como baforadas de fumo, Olive em mulheres imunizadas e bebês em garrafas, Dukes no falo, ponte para o futuro. E pergunto o que irá realmente acontecer - disse Clifford.

- Oh, não se preocupe com isso - disse Olive. - Continuemos com o presente. O que é preciso é que essas garrafas para as crianças apareçam depressa, e as pobres das mulheres possam ter um pouco de paz.

- Numa fase futura poderão até existir verdadeiros homens. Realmente homens, inteligentes, sadios, e mulheres também sadias e bonitas. Não acham que seria uma grande mudança em relação a nós? Nós não somos homens e as mulheres não são mulheres. Limitamo-nos a cerebralizar experiências provisórias, místicas, intelectuais. É possível que venha uma civilização de homens e mulheres genuínos, em vez dos nossos pequenos grupos de homens habilidosos, todos com a idade mental de sete anos. Tudo isso seria ainda mais espantoso do que seres de fumo e bebês em garrafas.

- Oh, quando se começa a falar de verdadeiras mulheres, eu desisto - respondeu Olive.

- Realmente, a única coisa que possuímos com um certo valor é o espírito - acrescentou Winterslow.

- *Espírito*² - troçou Jack, bebendo o seu uísque com soda.

². Referência ao "espírito", (álcool). (N. da T)

- Troça, não? Dêem-me a ressurreição do corpo! - disse Dukes. - Com o tempo virá, quando tivermos afastado um pouco o peso de espírito, do dinheiro e o resto. Então teremos uma democracia de contacto, em vez de democracia de algibeira.

Estas palavras tiveram eco em Connie. "Dêem-me a democracia de contacto, a ressurreição do corpo." Não percebia exactamente o que aquilo queria dizer, mas sentiu-se reconfortada, como as coisas sem sentido produzem sempre esse efeito.

De qualquer forma, tudo aquilo era terrivelmente absurdo, e Connie sentia-se farta de tudo, de Clifford, da tia Eva, de Olive e Jack, de Winterslow e até de Dukes. Falar, falar, falar! Era um inferno aquele palavreado permanente.

Mas depois de todos se irem embora, o ambiente não ficou mais agradável. Continuou a dar os seus passeios, mas a cólera e a irritação tinham-se apoderado dela, e não se conseguia libertar. Os dias pareciam rodar lentamente, dolorosamente, e nada acontecia. Não parava de emagrecer, o que até a governanta notou e perguntou-lhe como se sentia. Tommy Dulces insistia também que ela não andava bem de saúde, embora ela negasse.

Começou a ter medo das pedras tumulares muito brancas, desse branco repugnante do mármore de Carrara, odiosas como dentes postiços, que se erguiam na vertente da colina onde ficava a igreja de Tevershall, e que ela via perfeitamente do parque. O eriçar dos hediondos dentes postiços das pedras tumulares chocavam-na, sentia um pavor medonho. Tinha a impressão que se aproximava o dia em que seria enterrada ali, juntamente com a multidão sinistra que repousava sob aquelas pedras e monumentos destes horrorosos Midlands.

Precisava de ajuda, tinha consciência disso. Escreveu um pequeno cri du coeur à irmã Hilda: "Não me tenho sentido bem ultimamente e não sei o que tenho".

Hilda preparou-se imediatamente para descer até Wragby, vinda da Escócia, onde estava a morar. Chegou em Março, só, ao volante do seu carro de dois lugares. Subiu pelo caminho, buzinando, e contornou a relva ovalada junto a duas grandes faias selvagens num terreno plano em frente da casa.

Connie correu pelos degraus. Hilda parou o carro, saiu e abraçou a irmã.

- Connie! Mas que é que se passa?

- Nada! - respondeu Connie, timidamente. Ela, em contraste com Hilda, estava marcada por tudo o que tinha sofrido. As duas irmãs tinham a mesma pele dourada, luminosa, um cabelo castanho sedoso e um aspecto forte e saudável. Mas agora Connie estava magra e tinha uma cor térrea. Da gola do blusão saía um pescoço descarnado, amarelecido.

- Mas tu estás doente, minha filha! - disse Hilda, quase sem respirar, numa voz suave, comum às duas irmãs.

Hilda era pouco menos de dois anos mais velha do que Connie.

- Não, não estou doente. Sinto-me maçada, talvez - respondeu Connie, num tom de voz um pouco patético.

A animação do combate resplandeceu no rosto de Hilda: era o tipo da antiga amazona, afável e calma, que não se entendia com os homens.

- Maldito lugar! - exclamou Hilda, numa voz mansa, olhando o pobre, velho, pesado Wragby com verdadeiro ódio.

Tinha um aspecto agradável e ardente, como uma pêra madura, e era uma amazona da melhor linhagem.

Entrou calmamente à procura de Clifford. Ele lembrava-se de como ela era graciosa, mas, ao mesmo tempo assustava-o. A família da mulher não tinha o mesmo tipo de maneiras, de etiqueta. Considerava-os um pouco intrusos, mas quando apareciam cedia sempre.

Estava sentado na sua cadeira, bem arranjado, os cabelos louros macios, uma pele fresca, os olhos azuis e pálidos um pouco salientes. A sua expressão era imperscrutável, mas cortês. Hilda achou-o com um ar carrancudo e estúpido. Ele esperava que ela falasse, com aprumo, mas Hilda não lhe interessava o ar dele, estava pronta para protestar energicamente, e teria sido o mesmo se ele fosse o papa ou imperador.

- Connie está com muito mau aspecto - disse ela com a sua voz suave, fitando-o com os lindos olhos cinzentos ameaçadores.

Hilda tinha, como Connie, um ar de rapariga, mas ele conhecia bem o espírito da obstinação escocesa que estava por baixo.

- Está um pouco mais magra - respondeu ele.

- Não faz nada para solucionar isso?

- Acha que é necessário? - perguntou ele com a afectação mais melíflua, própria dos ingleses. As duas características, em geral, incluem-se mutuamente.

Hilda limitou-se a olhar para ele, ameaçadoramente, sem responder. A réplica não era o seu forte, como também não era para Connie. Ficou a olhá-lo, o que o fez sentir-se muito mais constrangido do que se ela tivesse falado.

- Vou levá-la ao médico - disse Hilda, por fim. - Sabe indicar-me algum bom, aqui nas redondezas?

- Creio que não.

- Então levo-a para Londres. Temos um médico em que confiamos.

Embora fervendo de raiva, Clifford não disse nada.

- Suponho que posso também aqui passar a noite - disse Hilda tirando as luvas - e amanhã levo-a de carro à cidade.

Clifford estava amarelo de raiva, e à noite as córneas dos seus olhos estavam também um pouco amarelas. Sentia-se mal disposto. Hilda manteve o seu ar humilde de rapariga.

Devia ter uma enfermeira ou qualquer pessoa para tratar de si. Devia ter um criado - disse Hilda, quando se sentaram numa calma aparente, à hora do café depois do jantar.

Hilda falava suavemente, gentilmente, mas Clifford. sentiu como se ela lhe tivesse batido na cabeça com uma moça.

- Acha que sim? - disse friamente.

- Tenho a certeza, é necessário. Ou então o pai e eu temos de levar Connie por alguns meses. Isto não pode continuar.

- Não pode?

- Não vê como ela está? - perguntou Hilda, olhando-o fixamente.

Clifford parecia um enorme caranguejo cozido naquele momento. Pelo menos aos olhos de Hilda.

- Connie e eu discutiremos o assunto.

- Já o discuti com ela - respondeu Hilda. Clifford tinha passado um período demasiado longo nas mãos de enfermeiras, e odiava-as, porque não o deixavam ter a sua vida privada. E um criado!... não podia suportar um homem a andar lentamente à volta dele. Quase preferia uma mulher. Mas porque não havia de ser Connie?

As duas irmãs partiram na manhã seguinte. Connie parecia um cordeiro pascal, muito pequena, ao lado de Hilda, que ia ao volante. Sir Malcolm não estava em Londres, mas a casa de Kensington estava aberta.

O médico examinou Connie atentamente e fez-lhe todo o tipo de perguntas sobre a sua vida.

- Vejo às vezes a sua fotografia e a de Sir Clifford em jornais ilustrados. São quase celebridades, não é verdade? É o que acontece às jovens bem-educadas, e você continua a ser uma jovem, apesar dos jornais. Não, não há nenhuma perturbação orgânica, mas a sua vida não pode continuar assim. Diga a Sir Clifford que tem de a trazer à cidade ou de a levar para o estrangeiro para se divertir. Tem de se divertir, a sua vitalidade está muito debilitada, não tem reservas, nenhuma. Os nervos do coração já não estão em muito bom estado. oh, sim, são somente nervos, e com um mês em Cannes ou em Biarritz ficará boa. Mas isto não deve continuar, não deve, garanto-lhe, e eu não me responsabilizo pelas consequências. Está a gastar a sua vida sem a renovar. Tem de se divertir de maneira correcta, saudável. Está a perder a energia sem nada ganhar em troca. Não pode ser, sabe? E a depressão! Evite a depressão!

Hilda começou a fazer um sermão, e isso tinha algum significado.

Michaelis soube que elas estavam na cidade e apareceu com um ramo de rosas.

- Que é que se passa? - exclamou. - Você parece uma sombra de si própria. Mas que mudança, meu Deus! Porque é que não me disse nada? Venha para Nice comigo, ou para a Sicília. Venha para a Sicília, agora é uma altura ótima. Você precisa de sol, de vida! Está-se a desgastar. Venha comigo! Venha até África, e mande Sir Clifford para o diabo. Caso logo que ele se divorcie de si. Venha viver a vida. Por amor de Deus! Um sítio como Wraghy dá cabo de qualquer pessoa. Lugar sórdido, infecto! Dá cabo de

qualquer pessoa! Venha comigo para os países do Sol, é do sol que você precisa, e, evidentemente, de uma vida normal.

Mas Connie, por dentro, não reagia à ideia de abandonar Clifford naquele lugar e naquela altura. Não podia fazer isso, tinha de voltar para Wragby.

Michaelis estava profundamente desgostoso. Hilda não gostou dele, mas quase o preferiu a Clifford. As duas irmãs voltaram para os Midlands.

Hilda falou com Clifford, que ainda tinha os globos oculares amarelos quando elas regressaram. Ele próprio também estava exausto, mas teve de ouvir a opinião de Hilda, do médico, só não a de Michaelis, é claro. Ficou em silêncio durante o ultimato.

- Tem aqui a morada de um bom criado de um inválido, cliente do médico, até ele morrer, no mês passado. É um bom homem, vem de certeza.

- Mas eu não sou um inválido e não quero um criado - respondeu Clifford, pobre diabo.

- Estão aqui as moradas de duas mulheres. Vi uma delas, servirá muito bem. Deve ser uma mulher dos seus cinquenta anos, calma, forte, afável, e de certo modo culta.

Clifford limitou-se a amuar e não respondeu.

- Muito bem, Clifford. Se amanhã não tiver decidido nada, telegrafo ao meu pai e levamos Connie.

- Connie irá? - perguntou Clifford.

- Ela não quer, mas sabe que deve ir. A nossa mãe morreu de cancro provocado pela inquietação. Não vamos correr esse risco.

Assim, no dia seguinte Clifford sugeriu a senhora Bolton, uma enfermeira da paróquia de Tevershall. Parece que foi a senhora Betts que a indicou. A senhora Bolton tinha-se afastado dos seus deveres da paróquia para se ocupar de serviços de enfermagem particular. Clifford tinha um pavor fora do vulgar de se entregar nas mãos de uma estranha, mas a senhora Bolton tinha-o uma vez tratado de escarlatina, e ele conhecia-a, portanto.

As duas irmãs foram imediatamente visitar a senhora Bolton, que vivia numa casa quase nova numa rua, para Tevershall, era muito selecta. Encontraram uma mulher com muito bom aspecto, de quarenta a cinquenta anos, vestida de enfermeira, com um colarinho e um avental a preparar o chá, numa pequena sala de estar a abarrotar de móveis.

A senhora Bolton era muito atenciosa e delicada, parecia simpática; falava com um pouco de pronúncia, mas num inglês muito correcto. Como tratara de mineiros durante muitos anos, tinha boa opinião a seu respeito e grande confiança em si. Em resumo, era à sua maneira uma das pessoas da classe dominante na aldeia, e todos a respeitavam.

- Sim, Lady Chatterley não está com bom aspecto! Tinha um ar tão saudável, dantes, e agora não! Foi enfraquecendo durante o Inverno. É terrível, pobre Sir Clifford! É a guerra a responsável por estas desgraças.

A senhora Bolton estava disposta a seguir imediatamente para Wragby se o doutor Shardlow autorizasse. Tinha de fazer o serviço da paróquia durante mais quinze dias, por direito, mas talvez alguém a pudesse substituir.

Hilda foi procurar o doutor Shardlow, e no domingo seguinte a senhora Bolton chegou a Wragby, no carro de aluguer de Leiver, com duas malas. Hilda conversou muito com ela; a senhora Bolton estava sempre pronta para conversar. E parecia tão jovem! Quando se emocionava corava, embora fosse muito pálida. Tinha quarenta e sete anos.

O marido, Ted Bolton, tinha morrido vinte e dois anos antes na mina, fizera precisamente vinte e dois anos no Natal. Deixara-a com duas filhas, sendo uma delas ainda um bebé de peito. Esse bebé estava já casada com um farmacêutico de Sheffield. A outra era professora primária em Chesterfield, vinha visitar a mãe aos fins- -de-semana quando esta estava em casa. Os jovens de hoje divertiam-se, não era como no tempo de rapariga de Ivy Bolton.

Ted Bolton contava vinte e oito anos quando morrera devido a uma explosão na mina. O mineiro que seguia à frente gritou para todos se deitarem imediatamente no solo, eram quatro homens. Todos se deitaram logo, menos Ted, só a ele vitimara.

Depois, no inquérito, segundo os outros mineiros, que defendiam os capatazes, disseram que Ted se assustara e que tentara fugir, sem obedecer às ordens, morrera por sua culpa. Desse modo, a compensação que lhe coubera fora apenas de trezentas libras, e elaboraram-no de forma a parecer mais uma dádiva do que uma compensação legal, porque a culpa fora do marido. Mas não a deixaram receber o dinheiro; ela queria montar uma pequena loja, mas eles disseram que possivelmente ela o iria gastar, talvez em bebida. Só podia receber trinta xelins por semana. Sim, todas as segundas-feiras de manhã tivera de se deslocar aos escritórios e esperar de pé duas horas pela sua vez. Durante quatro anos aconteceu o mesmo todas as segundas-feiras. Que podia ela fazer com duas filhas para sustentar? A mãe de Ted. foi muito boa para ela. Quando a mais pequena começou a andar, tomava conta delas durante o dia enquanto ela, Ivy Bolton, ia assistir às aulas em Sheffield em cursos especiais de ambulâncias. Ao fim de quatro anos fez um exame de enfermagem e obteve o diploma. Estava decidida a ser independente e a criar as filhas. Trabalhou como enfermeira auxiliar no hospital de Uthwaite durante um tempo. Mas quando a Companhia, a Companhia Mineira de Tevershail, na realidade Sir Geoffrey, viu que ela já não precisava de ninguém, e que sempre a tratara bem, ajudou-a, e deu-lhe o serviço da paróquia; e apoiou-a, isso confirmava ela. Nunca tinha abandonado o lugar, mas presentemente era demasiado trabalho, e precisava de um serviço menos pesado, e uma enfermeira oficial tinha muito que fazer.

- Sim, a Companhia tem sido muito boa para mim, digo-o sempre. Mas não me esqueço do que disseram do Ted, que não podia ser mais corajoso e

ousado do que era, o mais valente de todos. Depois de ele morrer, já não se podia defender.. chamaram-lhe covarde.

Aquela mulher, quando falava, manifestava uma estranha variedade de sentimentos. Gostava dos mineiros, tinha-os tratado durante muito tempo, mas sentia-se superior a eles. Sentia-se quase de uma classe superior, e, ao mesmo tempo, havia dentro dela um ressentimento contra a classe dominante. Os patrões! Entre os patrões e os homens ela era sempre a favor dos homens. Mas quando tudo corria bem, ela própria queria ser superior, pertencer ao escalão social mais elevado. As classes superiores fascinavam-na, atraíam a sua paixão, essa paixão tão profundamente inglesa pela superioridade.

Sentia-se emocionada por trabalhar em Wragby, falar com lady Chatterley, palavra de honra, tão diferente das mulheres dos mineiros. Disse isto pelas mais diversas palavras. E, no entanto, sentia-se nela um rancor pelos Chatterley, uma raiva aos patrões.

- Oh, evidentemente que este trabalho acabava por dar cabo de Lady Chatterley. Foi uma felicidade a irmã vir em seu auxílio. Os homens não pensam, os da alta como os da baixa sociedade acham normal o que uma mulher faz por eles. Repreendi muitas vezes os mineiros por causa disso. Mas é muito duro para Sir Clifford, é claro, assim inválido. Foi sempre uma família orgulhosa, distante. Mas têm direito a sê-lo, e, depois disto, o trabalho é mais duro para Lady Chatterley, demasiado duro, talvez. Do que ela se priva! Só tive Ted durante três anos, mas, palavra de honra, enquanto o tive foi um marido que ainda hoje não posso esquecer.

Igual a ele há um entre mil, e alegre como um dia de sol. Quem havia de pensar que ia morrer? Ainda hoje me custa a acreditar, nunca consegui acreditar, embora tenha sido eu própria que o lavei. Mas para mim nunca morreu, nunca, nunca aceitei isso.

Era uma voz diferente em Wragby, muito diferente para Connie. Ouvia-a com um interesse diferente.

Na primeira semana, a senhora Bolton foi muito pacífica em Wragby. Perdeu os modos seguros e autoritários, e andava nervosa. Com Clifford era tímida, quase receosa, e taciturna. Ele apreciava isso e depressa recuperou o seu autodomínio, permitindo que ela lhe prestasse serviços sem mesmo se aperceber da sua presença.

- Ela é uma nulidade muito útil - dizia ele. Connie abria os olhos, espantada, mas não o contradizia. Como duas pessoas podem ter impressões tão diferentes!

Rapidamente, tornou-se soberbo, assumindo ares de grande senhor perante a enfermeira. Ela estava à espera que isso acontecesse e ele dava-lhe razão sem o saber. Tão sensíveis que nós somos àquilo que se espera de nós! Os mineiros sempre se tinham comportado com a senhora Bolton como se fossem crianças; falavam com ela, contavam-lhe o que os fazia sofrer, enquanto ela lhes punha ligaduras e os tratava. Sempre a tinham feito sentir-se importante, quase sobre-humana, nos seus serviços. Agora Clifford fazia-a

sentir-se insignificante, uma criada, e ela aceitava o facto sem protestos, adaptando-se à classe superior.

Aparecia, silenciosa, com o seu rosto comprido e belo, e de olhos baixos, para o tratar. E dizia humildemente:

- Quer que faça isto, Sir Clifford? Quer que faça aquilo?
- Não, deixe por agora. Faz depois.
- Muito bem, Sir Clifford.
- Venha daqui a meia hora.
- Muito bem, Sir Clifford.
- E leve aqueles jornais velhos, sim?
- Muito bem, Sir Clifford. Retirava-se sem fazer ruído, e voltava

silenciosa, meia hora depois. Sentia-se oprimida, mas não se importava. Estava a viver a sua experiência da alta sociedade. Não se ofendia nem antipatizava com Clifford: ele fazia parte de um fenómeno, o fenómeno das pessoas de alta categoria, que ela não conhecia, mas começava a conhecer. Sentia-se mais à vontade com Lady Chatterley, e, no fundo, a dona da casa é sempre a pessoa mais importante.

A senhora Bolton ajudava Clifford a acomodar-se à noite na cama, e dormia no corredor, a seguir ao quarto dele. Se ele a chamava, ela ia. Auxiliava-o também pela manhã, e, ao fim de pouco tempo, encarregava-se de tudo, até de o barbear, suave e femininamente. Era muito boa e competente, e rapidamente aprendeu a dominá-lo. Afinal, não era muito diferente dos mineiros, quando ela lhe ensaboava e o barbeava. A altivez e a falta de sinceridade não a incomodavam, era uma nova experiência na sua vida.

Clifford, no entanto, nunca perdoou a Connie por ter desistido de tratar dele e contratar uma mulher. Estava convencido que com isso se tinha destruído a verdadeira flor da intimidade entre os dois. Para Connie essa flor não passava de uma orquídea, um bolbo parasita na árvore da sua vida que dava flores velhas.

Passou a ter mais tempo para si própria e podia tocar suavemente piano na sua sala e cantar: "Não toques na urtiga... porque os laços do amor estão doentes, prestes a quebrar-se". Ela, até há pouco, nunca conseguira compreender como estavam doentes, prestes a quebrar-se, esses laços do amor. Mas graças a Deus, tinha-os quebrado! Sentia-se feliz por estar só, e não ter de falar sempre com Clifford. Quando estava sozinho escrevia, escrevia, escrevia à máquina, sem parar. Mas quando não estava a "trabalhar", e ela estava ao pé dele, falava, falava; infinitas análises das pessoas e dos motivos, de resultados, caracteres e personalidades. A ponto de ela se ter cansado. Durante anos, tinha gostado, mas agora estava cansada, subitamente tinha-se tornado um exagero. Estava grata por poder estar só.

Era como se milhares e milhares de pequenas raízes e filamentos da consciência de dois seres se tivessem entrelaçado numa rede complicada, até não ser possível mais nenhum entrelaçamento; a planta estava a morrer.

Tranquilamente, subtilmente, ela desfazia a rede das duas consciências, quebrava os filamentos, um a um, ao mesmo tempo com paciência e impaciência para se libertar. Os laços daquele amor estavam mais doentes, prestes a quebrar-se do que muitos outros, embora a vinda da senhora Bolton tivesse constituído um grande auxílio.

Mas, como dantes, Clifford continuava a querer aqueles serões íntimos para conversar com Connie: falar ou ler em voz alta. Mas ela tinha conseguido que a senhora Bolton os viesse interromper às dez horas. Então, Connie subia para o quarto e podia ficar só. Clifford ficava com a senhora Bolton, em boas mãos.

A senhora Bolton comia com a senhora Betts nos aposentos desta, porque eram agradáveis. E, coisa curiosa, parecia que os aposentos do pessoal tinham ficado muito mais próximos, junto ao gabinete de Clifford, quando antes eram tão distantes. E só porque a senhora Betts de vez em quando ia visitar a senhora Bolton, e Connie ouvia-as falar baixo, sentia que uma vibração forte das classes trabalhadoras invadia a sala quando estava só com Clifford. Wragby tinha mudado muito com a vinda da senhora Bolton.

E Connie sentia-se liberta, noutro mundo, a respirar de outra maneira. Mas continuava a ter medo de todas aquelas raízes, talvez mortais, que estavam entrelaçadas nas de Clifford. No entanto, sentia-se respirar mais livremente. Uma nova fase iria começar na sua vida.

Capítulo VIII

Também a senhora Bolton tinha um sentido maternal em relação a Connie, sentia que a sua protecção como mulher e como profissional lhe era extensiva. Insistia sempre para que Connie saísse de casa, fosse de carro até Uthwaite, para tomar ar. Connie tinha adquirido o hábito de ficar calmamente sentada junto do fogo a fingir que lia ou que cosia, e saía raramente.

Num dia ventoso, depois da partida de Hilda, a senhora Bolton disse-lhe:

- Porque é que não vai dar um passeio pelo bosque e ver os narcisos que estão por detrás da cabana do coiteiro? São a coisa mais linda que se pode ver num dia de Março. E podia pôr alguns no seu quarto, os narcisos selvagens são tão bonitos, não são?

Connie aceitou as sugestões da mulher, mesmo a troca da palavra narcisos pelo verbo renunciar, mas narcisos selvagens! Afinal a pessoa não devia confiar no seu juízo! A Primavera voltava... "As estações voltam, mas para mim não volta o dia, nem a suavidade da tarde, nem a da manhã. "

E o guarda, com o seu corpo magro e branco como o pistilo solitário de uma flor invisível! Na sua enorme depressão, tinha-se esquecido dele, mas, naquele momento, qualquer coisa despertava... "Pálido além do pórtico e do portal..."... o que é preciso é passar os pórticos e os portais.

Sentia-se mais forte, podia andar melhor, e no bosque o vento não era tão cansativo como no parque, abatendo-se contra ela. Ela queria esquecer, esquecer o mundo e toda essa gente horrível com corpos podres. "Tendes de nascer outra vez! Acredito na ressurreição do corpo! Se o grão de trigo cai na terra e não morre, desenvolve-se.

Quando o croco nascer, eu também sairei da terra e verei o sol.

Naquele dia ventoso de março frases sem fim perpassavam na sua consciência.

Pequenas réstias de sol espriavam-se, estranhamente brilhantes, e iluminavam as celidónias na orla do bosque sob as hastes das avelaneiras cobertas de lantejoulas resplandecentes e amarelas. E o bosque estava silencioso, mais silencioso do que nunca, agitado somente pelas réstias de sol. As primeiras anémonas começavam a despontar, e todo o bosque tinha um aspecto pálido, com a palidez das pequenas anémonas sem fim que matizavam o solo irregular. "O mundo empalideceu ao teu sopro."

Mas, desta vez, era o sopro de Perséfone,¹ que tinha saído do Inferno numa manhã fria. Começaram a soprar rajadas de vento frio, e na ramaria havia já uma fúria de vento emaranhado, preso nos galhos das árvores. O

¹ Mitologia grega. Rainha dos Infernos, filha de Zeus e de Deméter. Identificada com a Prosêrpina dos romanos. (N. da T)

vento também tinha sido apanhado e procurava libertar-se, o vento, como Absalão.² Nas suas saias de crinolina verde as anêmonas pareciam encolhidas de frio, balanceando os seus ombros brancos! Mas suportavam-no. Iguamente, pelo carreiro branqueavam umas quantas primaveras e botões amarelos desabrochavam.

O rumor e a correria ouvia-se por entre as árvores, em baixo só havia correntes de ar frio. Connie sentia-se ali no bosque estranhamente excitada; a cor afluía-lhe as faces e os seus olhos azuis brilhavam mais. Caminhava muito lentamente, colhendo algumas primaveras e as primeiras violetas, que exalavam um aroma doce e frio; tão doce e tão frio! Vagueava sem saber onde estava.

Ao chegar à clareira, no extremo do bosque, viu a casa de campo, de pedra manchada de verde que parecia quase cor-de-rosa como a parte de dentro de um cogumelo, a pedra aquecida numa explosão de sol. E junto à porta havia uma cintilação de jasmims amarelos, junto à porta fechada. Não se ouvia nenhum som, nem um cão a ladrar, nem fumo a sair da chaminé.

Deu lentamente a volta à casa onde o terreno se elevava; tinha a desculpa de ir à procura de narcisos.

E encontrou-os, umas flores com pés curtos, a restolhar, a balouçar, a agitar-se tão intensamente brilhantes e vivos, mas sem terem parte alguma para onde pudessem voltar os rostos e escapar ao vento. Agitavam com tanta aflição os brilhantes e dourados farrapos que os cobriam! Mas no fundo talvez gostassem de ser fustigados.

Connie sentou-se com as costas apoiadas a um jovem rebento de pinheiro, que se movimentava contra ela como uma criatura animada de uma vida estranha, elástica, poderosa e ascendente. Erecto, vivo, com a copa voltada para o Sol. Olhava os narcisos subitamente dourados por um raio de sol, que lhe atingiu o rosto e o colo como uma lufada de calor; sentiu até o odor ténue e um pouco semelhante ao alcatrão, que se desprendia das flores. E assim, calma e solitária, parecia-lhe que voltava a entrar na corrente do seu próprio destino. Tinha sido agarrada com uma corda, sacudida e empurrada, como um barco preso com amarras; agora estava liberta e à deriva.

O sol deu lugar ao frio. Os narcisos estavam envoltos na escuridão, inclinados em silêncio, ficavam assim durante o resto do dia e da noite, longa e fria. Mas como eram fortes na sua fragilidade!

Ergueu-se, com o corpo um pouco rígido, colheu alguns narcisos e começou a descer. Não gostava de arrancar flores, queria simplesmente uma ou duas. Tinha de voltar para Wragby e para aquelas paredes, que agora

² Filho de David, revoltou-se contra o pai. Vencido em combate, evadiu-se, mas a sua longa cabeleira emaranhou-se nos galhos de uma árvore, deixando-o em suspenso. Joab, que o perseguia, matou-o. (N. da T)

odiava, especialmente aquelas paredes espessas. Paredes, sempre paredes! No entanto precisava delas por causa do vento.

Quando chegou a casa, Clifford perguntou-lhe: - Aonde foi?

- Atravessei o bosque. Olhe, não são lindos estes narcisos? Pensar que eles vêm da terra!

- Como do ar e do sol - respondeu ele.

- Mas modelados na terra - retorquiu Connie, tão pronta na sua réplica, que até se surpreendeu.

No dia seguinte, à tarde, voltou ao bosque. Enveredou pelo largo carreiro, antiga pista para cavalos, que serpenteava por entre a mata de lárices até uma fonte chamada John's Well. Naquela parte da colina fazia frio e não se avistava uma única flor na escuridão das lárices. Mas a pequena fonte gelada tentava elevar-se do seu leito minúsculo de seixos límpidos, de um branco-avermelhado. A água estava gelada, transparente e brilhante! O novo guarda tinha colocado, com certeza, seixos à pouco tempo. Ouvia o som abafado da água que saía do leito e gotejava pela encosta abaixo. Mesmo com o ruído sibilante da mata de lárices, que espalhava a sua escuridão eriçada, sem folhas e feroz no talude, ela escutava o tinido como se fossem sinos de água.

Este lugar era um pouco sinistro, frio e húmido. No entanto, a nascente deve ter sido um fontanário durante centenas de anos. Presentemente já não era. A pequena clareira onde ficava situada era luxuriante, fria e triste.

Ergueu-se e dirigiu-se lentamente em direcção a casa. De repente ouviu à sua direita o ténue som e ficou à escuta. Seriam marteladas ou um pica-pau? Marteladas com certeza.

Continuou a caminhar, sempre à escuta, e viu um caminho estreito entre pequenos abetos, um caminho que parecia não conduzir a parte nenhuma. Mas apercebeu-se de que alguém tinha passado ali. Resolveu meter por ele corajosamente, por entre os espessos e novos abetos, que logo davam lugar a uma mata de velhos carvalhos. Continuou a seguir o trilho, e as marteladas estavam agora mais próximas, no silêncio do bosque ventoso, porque o ruído do vento a bater nas árvores era o próprio silêncio.

Descobriu uma pequena clareira recôndita e uma cabana isolada feita de estacas rústicas. Nunca ali tinha estado antes! Percebeu que era naquele lugar tranquilo que os faisões faziam criação. O guarda, em mangas de camisa, estava de joelhos, a martelar. A cadela aproximou-se dela a correr, com um latido breve e estridente o que levou o guarda a levantar a cabeça. Olhou-a, surpreendido.

Endireitou-se e cumprimentou, fitando-a em silêncio, enquanto ela avançava, com as pernas a tremer. Ele não gostou da sua intromissão, amava a solidão como a única forma de liberdade possível.

- Ouvei as marteladas e tive curiosidade de ver o que era - disse ela, sentia-se fraca e ofegante, um pouco receosa do olhar dele.

- Estou a reparar as capoeiras para as aves pequenas - respondeu o guarda, em dialecto cerrado.

Ela não sabia o que havia de dizer, e sentiu-se a perder as forças.

- Gostava de me sentar aqui por uns momentos.

- Venha sentar-se na cabana - respondeu ele, avançando à frente, em direcção à cabana, empurrando com o pé algumas vigas e objectos. Puxou uma cadeira rústica de galhos secos de avelaneira. - Quer que acenda o lume? - perguntou no seu dialecto.

- Oh, não se incomode. Mas ele notou que ela estava com as mãos azuladas. Rapidamente, pegou nalgumas hastes de lárices e pô-las na pequena lareira de tijolo, e logo uma chama amarela subia pela chaminé. Ele arranhou-lhe um lugar junto à fogueira.

- Sente-se aqui um pouco e aqueça-se. Ela obedeceu. Emanava dele um tipo curioso de autoridade protectora a que ela obedecia. Sentou-se e aqueceu as mãos na fogueira, deitou-lhe cepos, enquanto ele continuava a martelar lá fora. Na realidade não lhe apetecia estar ali sentada, empurrada para um canto junto ao lume. Preferia ficar à porta, a vê-lo, mas tinha de se sujeitar.

A cabana era muito acolhedora, forrada de pinho natural, com uma pequena mesa e um banco, rústicos, além da cadeira onde ela estava sentada. Havia ainda um banco de carpinteiro, uma caixa grande, ferramentas, tábuas, pregos; muitas coisas penduradas em cavilhas: um machado, outra machadinha, armadilhas, coisas em sacos, o casaco do guarda. Não tinha janelas, a luz entrava pela porta aberta. Havia uma confusão lá dentro, mas era também como um pequeno santuário.

Ela escutava o bater do martelo, que já não era tão alegre. Ele sentia-se angustiado, tinha havido uma violação da sua intimidade, e uma violação perigosa. Uma mulher! Ele tinha atingido aquele estado em que tudo o que queria no mundo era conservar a sua solidão. Mas estava impotente para a preservar; ele era um empregado e ela a patroa.

Muito em especial não se queria envolver outra vez com uma mulher. Tinha medo, a ferida deixada por antigos contactos era muito grande. Sentia que, se não pudesse estar só, e se não o deixassem, morreria. O seu afastamento do mundo exterior era total, o bosque era o seu último refúgio, onde se podia esconder.

Connie começava a aquecer junto do lume, que ela atiçara, depois já estava com calor. Levantou-se e sentou-se no banco na soleira, a ver o homem a trabalhar. Parecia não notar a sua presença, mas sabia. Continuava no entanto a trabalhar como se estivesse absorvido. A cadela castanha, sentada a seu lado, contemplava o mundo falso.

Esbelto, tranquilo e destro, o homem acabou a capoeira que estava a fazer, virou-a, experimentou a porta corrediça, depois pô-la de lado. Levantou-se, foi buscar uma capoeira velha e levou-a para o cepo onde estava a trabalhar. Ajoelhou-se e experimentou as hastes; algumas partiram-

se-lhe nas mãos; começou a tirar os pregos. Depois virou-a ao contrário e ficou a pensar. E tudo isto sem dar o menor sinal de ter notado a presença da mulher.

Connie olhava-o fixamente. Aquela mesma solidão interior que tinha visto no seu corpo despido, via-a nele vestido: solitário, concentrado, como um animal que trabalha sozinho, mas que também pensa, como uma alma que se afasta de todo o contacto humano. Silenciosamente, pacientemente, aquele homem afastava-se, até dela própria, naquele momento. Era a paciência tranquila e intemporal, num homem impaciente e apaixonado, que perturbava Connie. Notava isso na sua cabeça inclinada, nas mãos rápidas e calmas, na curva do torso delgado e delicado. Em todo ele havia uma nota de paciência e retraimento. Sentia que a experiência dele tinha sido mais profunda e maior do que a sua. Muito maior e mais profunda, e talvez mais mortal ainda. Este pensamento consolava-a; sentiu-se quase irresponsável.

Ficou sentada na soleira da cabana como se estivesse a sonhar, profundamente inconsciente do tempo e das circunstâncias. Ela estava tão longe dali que ele olhou de repente para ela e viu-a completamente serena, com uma expressão expectante. Achou que era esta a expressão dela. E uma pequena e fina língua de fogo deslizou-lhe subitamente pelas costas, e sentiu uma dor no coração. Receava com uma repulsa quase mortal qualquer contacto humano. Acima de tudo, desejava que ela se fosse embora e o deixasse no seu próprio isolamento. Receava a vontade dela, a sua vontade de mulher, e a sua insistência de mulher moderna. Acima de tudo receava a sua impudência fria, própria da alta sociedade: fazer o que queria. Porque, no fundo, ele era um empregado. E odiava a presença dela ali.

Connie voltou a si e sentiu-se pouco à vontade. Levantou-se. Começava a cair a noite, mas não conseguia ir-se embora. Aproximou-se do homem, que estava de pé, em sentido. Tinha um rosto gasto, firme e sem expressão, os olhos observavam-na.

- É tão agradável este lugar, tão repousante! - disse ela. Nunca aqui tinha vindo.

- Não?

- Creio que virei sentar-me aqui de vez em quando.

- Sim!

- Fecha a cabana à chave quando não está aqui?

- Sim, minha senhora.

- Não seria possível arranjar outra chave? Existem duas chaves?

- Que eu saiba não. Ele recomeçava a falar dialecto. Connie hesitou; ele estava a oferecer resistência. Aquela cabana era dele ou quê?

- Não seria possível arranjar outra? - perguntou ela, na sua voz suave, que encobria a determinação de uma mulher de conseguir o que queria.

- Outra? - comentou ele, olhando-a com raiva e escárnio ao mesmo tempo.

- Sim, um duplicado - respondeu, corando.

- Talvez Sir Clifford saiba - respondeu ele, desculpando-se.
- Está bem, é possível que ele tenha outra. Senão manda-se fazer outra pelo molde daquela que está na sua posse. Suponho que não levará mais de um ou dois dias, portanto pode dispensá-la por esse tempo.

- Não lhe sei dizer. Saiba vossa senhoria que nestas redondezas não conheço ninguém que faça chaves.

Connie sentiu-se corar de irritação.

- Está bem. Eu própria tratarei disso.

- Muito bem, minha senhora. Os olhos de ambos encontraram-se. Os dele frios, ameaçadores, plenos de desagrado, desprezo e indiferença pelo que se estava a passar. Os de Connie brilhavam devido à recusa que tinha sofrido.

Mas ela sofria. Via como era profunda a antipatia que ele lhe tinha quando ela lhe resistia. E via-o com uma espécie de desespero.

- Boa tarde!

- Boa tarde a vossa senhoria! - cumprimentou ele voltando-lhe as costas. Ela tinha acordado os cães adormecidos da sua raiva tenaz contra a fêmea obstinada. E ele sentia-se impotente, impotente. Ele sabia-o.

Estava furiosa contra o macho obstinado. De mais a mais um criado! Dirigiu-se para casa, taciturna.

Foi encontrar a senhora Bolton debaixo da grande faia no cimo do monte, que andava à procura dela.

- Minha senhora, estava aqui à espera que voltasse para casa - comentou num tom alegre.

- Estou atrasada? - perguntou Connie.

- Oh... Sir Clifford estava à sua espera para o chá.

- Porque é que não fez e serviu o chá?

- Oh, não, não me competia a mim. Penso que Sir Clifford não gostaria.

- Não percebo porquê. Entrou em casa dirigindo-se ao gabinete de Clifford, onde a velha chaleira de latão fervia na bandeja.

- Estou atrasada, Clifford? - perguntou, pousando as flores e pegando na lata do chá, junto do tabuleiro, de chapéu e lenço ao pescoço. - Lamento muito, mas porque não mandou a senhora Bolton preparar-lhe o chá?

- Foi coisa que nunca me passou pela ideia - respondeu com uma ponta de ironia. - Não a imagino muito bem a presidir o chá.

- Não há nada de sacrossanto a respeito de um bule de prata. Ele mirou-a com curiosidade.

- Que é que fez durante a tarde? - perguntou ele.

- Dei um passeio e estive sentada num sítio abrigado. Sabe que ainda há bagas no azevinheiro grande?

Tirou o lenço, mas ficou com o chapéu e sentou-se para fazer o chá. As torradas já estariam com certeza duras. Colocou o abafador para o chá no bule e levantou-se para ir buscar uma jarra pequena para as violetas. As pobres flores pairavam sobre os seus pés frágeis.

- Voltarão a reviver - disse ela, pondo as flores na frente dele para que sentisse o aroma.

- "Mais doces que as pálpebras de juno" - citou Clifford.

- Não vejo nenhuma relação entre o verso e as violetas propriamente ditas. Os isabelinos eram muito retóricos.

Serviu-lhe o chá. - Acha que haverá uma segunda chave daquela cabana pequena próxima de John's Well, onde se criam os faisões?

- Talvez haja. Porquê?

- Descobri-a hoje, nunca lá tinha estado antes. É um sítio encantador. Podia ir até lá de vez em quando, não é verdade?

- Mellors estava lá? .

- Estava, e foi por ele que descobri a cabana, estava a martelar. Creio que não lhe agradou o meu aparecimento. Na realidade, foi quase grosseiro quando lhe perguntei por uma segunda chave.

- Que é que ele disse?

- Oh, nada de especial. Foi simplesmente a maneira de falar. Disse que não sabia de nenhuma chave.

- Talvez haja uma no gabinete do pai. A Betts conhece-as uma por uma, estão todas lá. Digo-lhe para procurar.

- Agradecia-lhe muito!

- Então Mellors foi quase grosseiro?

- Não propriamente, mas não creio que lhe agradasse a ideia de eu poder utilizar livremente aquele local.

- Oh! Porque não?!

- Mas não vejo nenhuma razão para ele se importar. Não é a casa dele, não é o sítio onde vive. Não percebo porque não haveria de ir para lá quando me apetecer.

- Tem razão. Aquele homem pensa demasiado em si próprio.

- Acha que sim?

- Em absoluto! julga-se um ser invulgar. Já lhe disse que ele era casado com uma mulher com quem não se entendia, por isso alistou-se em 1915. Foi mandado para a Índia, penso eu. De qualquer modo, foi ferrador num regimento de cavalaria no Egipto durante uns tempos. Esteve sempre ligado a cavalos, percebe disso. Depois um coronel indiano simpatizou com ele e fê-lo tenente. É verdade, deram-lhe uma comissão. Creio que regressou à Índia com o coronel e estiveram na fronteira do noroeste. Adoeceu, e ficou com uma pensão; creio que só saiu do exército no ano passado.

É natural que não seja fácil para um homem deste tipo retomar o seu lugar no nível social a que pertence. Teve as suas dificuldades. Mas cumpre os seus deveres, no que me diz respeito. Simplesmente, não estou disposto a aceitar a faceta tenente Mellors.

- Como é que se pode ser oficial se ele fala o dialecto de Derbyshire?

- Não fala, a não ser quando lhe convém. Sabe falar um inglês perfeito, para o seu nível. Creio que ele pensa que, tendo voltado à antiga posição, é melhor falar como os da sua classe.

- Porque é que nunca me tinha falado dele?

- Oh, não tenho paciência para esses romances. São a ruína da ordem, e lamento mil vezes que ainda hoje aconteçam.

Connie sentiu-se levada a concordar. Qual a vantagem de existirem pessoas descontentes que não se integram em situação nenhuma?

No período de bom tempo, também Clifford quis ir até ao bosque. O vento era frio, mas não cansava, e o sol era como a própria vida, quente e pleno.

- É espantoso - comentou Connie - como as pessoas se sentem diferentes num dia realmente bonito. Geralmente parece que o próprio ar está semimorto. As pessoas matam o ar.

- Acha que são as pessoas?

- Acho. A exalação do cansaço, do descontentamento, da raiva de todas as pessoas, mata a vitalidade do ar. Estou convencida disso.

- Ou talvez sejam as próprias condições da atmosfera que reduzem a vitalidade das pessoas - respondeu Clifford.

- Não, é o homem que envenena o universo - afirmou ela.

- Polui o seu próprio ninho - acrescentou Clifford. A cadeira avançava lançando baforadas de fumo. Na mata de avelaneiras anãs pendiam candeias cor de ouro pálido, e as anémons, nos sítios onde os raios de sol batiam de chapa, estavam completamente abertas, que pareciam proclamar a alegria de viver, como no tempo em que as pessoas a podiam proclamar com elas. Tinham um aroma ténue de flor de macieira. Connie colheu algumas para Clifford.

Este pegou nelas e contemplou-as atentamente.

- "Tu, noiva da quietude ainda inviolada" - recitou ele, citando. - Parece que está muito mais de acordo com as flores do que com ânforas gregas.

- Violada é uma palavra tão horrível! - exclamou ela. - São somente as pessoas que violam as coisas.

- Oh, não sei... os caracóis também.

- Os caracóis só as comem, e as abelhas não violam. Connie sentia-se irritada com ele, por converter tudo em palavras: as violetas eram as pálpebras de juno, as anémons noivas invioladas. Odiava as palavras que sempre se interpunham entre ela e a vida. As palavras é que violam tudo - as palavras e as frases feitas que sugavam a seiva das coisas vivas.

O passeio com Clifford não melhorou a situação. Entre ele e Connie havia uma tensão que ambos fingiam não notar, mas que existia. De repente, com toda a violência do seu instinto de mulher, ela começava a repudiá-lo. Queria libertar-se dele, e, sobretudo, da sua consciência, das palavras, da

obsessão de si próprio, uma obsessão infinita, monótona, de si mesmo, e das suas palavras.

Recomeçou a chover. Mas, um ou dois dias depois, ela voltou a sair, mesmo com chuva, e foi até ao bosque. Dirigiu-se à cabana. Chovia, mas não fazia frio, e o bosque estava silencioso e longínquo, inacessível no crepúsculo chuvoso.

Chegou à clareira. Deserta! A cabana estava fechada à chave, e ela sentou-se no socalco de madeira da entrada, sob o pórtico rústico, aquecendo-se com o próprio calor do corpo. Ficou sentada a observar a chuva e a escutar o ruído silencioso e os estranhos sussurros do vento nos ramos mais altos, embora parecesse não haver vento. Os velhos carvalhos cinzentos, de troncos fortes, enegrecidos pela chuva, redondos e vigorosos, libertavam as pernadas audaciosas. O terreno estava relativamente liberto de mato, matizado por anémonas; havia um ou dois arbustos mais velhos, ou bolas-de-neve, e um emaranhado arroxeadado de sarças: o velho castanho-avermelhado dos fetos quase desaparecia sob tufos verdes de anémonas. Talvez aquele fosse um dos inviolados. Inviolado! Todo o mundo estava inviolado.

Há coisas que não podem ser violadas, como uma lata de sardinhas. Muitas mulheres e homens também não. Mas a terra!

A chuva estava a aliviar. Os carvalhos já não pareciam envoltos em escuridão. Apeteceu-lhe ir-se embora, no entanto continuou sentada. Começava a sentir-se penetrada pelo frio, mas a opressiva inércia do seu ressentimento interior retinha-a ali, como se estivesse paralisada.

Violado! Podia-se ser violado sem o menor contacto. Violado por palavras mortas tornadas obscenas, por ideias mortas convertidas em obsessões.

Um cão castanho, a escorrer água, apareceu a correr sem ladrar, levantando a cauda que mais parecia unia pluma. Seguiu-se o homem, que envergava um casaco preto de couro, curto, encharcado, como usam os motoristas, e o rosto afogueado. Ela notou um recuo no seu passo rápido, quando a viu. Levantou-se e ficou no pequeno espaço seco debaixo do pórtico. Saudou-a sem falar, aproximando-se lentamente. Connie começou a afastar-se.

- Ia-me já embora - murmurou ela.

- Estava à espera para entrar na cabana? - perguntou em dialecto, olhando para a cabana, e não para ela.

- Não, só me sentei aqui por instantes para me abrigar - respondeu com uma dignidade calma.

Ele fitou-a. Pareceu-lhe que ela tinha frio.

- Então Sir Clifford não tinha outra chave? - perguntou.

- Não, mas não faz mal. Posso perfeitamente sentar-me debaixo deste pórtico para me recolher da chuva. Boa tarde!

Odiava aquele dialecto arrastado do guarda. Ele ficou a olhá-la enquanto ela se afastava. Depois puxou subitamente o casaco, meteu a mão na algibeira das calças, tirando a chave da cabana.

Talvez seja melhor ficar com esta chave e eu trato das aves noutro sítio.

Connie fitou-o.

- Que é que quer dizer com isso? - perguntou.

- Quero dizer que arranjo outro sítio para tratar dos faisões. Se quer vir para aqui, não quer com certeza que esteja aqui a trabalhar.

Ela olhou para ele, tentando perceber o que ele dizia no seu palavreado em dialecto, que era como um nevoeiro a envolver as palavras.

- Porque é que não fala o inglês de toda a gente? - perguntou friamente.

- Eu?! Julgava que era o de toda a gente. Ficou calada por um momento, irritada.

- Se quer uma chave é melhor ficar com esta. Ou talvez seja melhor eu entregar-lha amanhã, e hoje arrumo tudo. Está bem assim?

Connie estava cada vez mais irritada.

- Não quero a sua chave e não quero que arrume coisa nenhuma. Não quero de modo nenhum expulsá-lo da cabana. Obrigado! Só queria vir aqui de vez em quando, como hoje. Posso sentar-me perfeitamente debaixo do pórtico. Não se fala mais nisso.

Ele voltou a fitá-la com olhar malévolo.

- Mas - começou ele, no seu dialecto pesado e lento -, vossa senhoria é bem-vinda, como o Natal, à cabana com a chave e todas as coisas que lá estão dentro. Só que nesta altura do ano há ovos para pôr no choco, tenho de andar por aqui para tratar das aves. No Inverno quase nunca venho a este lugar. Mas na Primavera Sir Clifford quer que eu trate dos faisões, e vossa senhoria não gostaria que eu andasse por aqui a rondar quando lhe apetecesse vir.

Ela escutava com estupefacção.

- Porque é que me havia de importar que estivesse? - perguntou ela.

Ele fitou-a com estranheza.

- Mas importo-me eu - respondeu, com brevidade e segurança.

Connie corou.

- Muito bem! - disse ela por fim. - Não o incomodarei. Mas acho que não me teria importado de ficar sentada a vê-lo a tratar das aves. Teria gostado. Mas, uma vez que isso o perturba, não o incomodo, não tenha medo. É o guarda de Sir Clifford, não o meu.

A frase soou-lhe estranha, sem saber porquê, mas não corrigiu.

- Não, minha senhora, a cabana é sua. Seja como vossa senhoria quiser. Pode mandar-me embora de oito em oito dias, mas...

- Mas o quê? - perguntou ela, desconcertada. Puxou para trás o chapéu, de maneira cómica.

- Pensei que quisesse a cabana só para si quando aqui viesse, não gostasse de ouvir-me trabalhar.

- Mas porque não? - respondeu, irritada. - Acaso não é um ser humano civilizado? Acha que devia ter medo de si? Porque me hei-de importar que esteja aqui ou não? É assim tão importante a sua presença?

Ele olhou para ela, o seu rosto cintilava com um riso malévolo.

- Não, de maneira nenhuma - respondeu.

- Então qual é o problema? - perguntou Connie.

- Posso arranjar-lhe outra chave então?

- Não, obrigada, não quero.

- De qualquer maneira, arranjo-a. É melhor haver duas chaves desta porta.

- É um insolente - disse Connie, enrubescida e um pouco ofegante.

- Não, não - respondeu ele, apressadamente. - Não diga isso, não! Não queria dizer nada de especial, só pensava que queria que eu não estivesse aqui quando viesse. Nesse caso tinha de levar tudo e arranjar outro sítio. Mas, se vossa senhoria não se importa que esteja aqui, a cabana é de Sir Clifford, e tudo será como quiser, desde que não se importe comigo enquanto faço o meu trabalho.

Connie afastou-se completamente desorientada. Não tinha a certeza de ter sido insultada e mortalmente ofendida ou não. Talvez a única intenção do homem fosse realmente a que ele tinha dito, pensar que ela o queria fora dali. Nunca querer tal coisa! Como se ele fosse importante, ele e a sua estúpida presença. Voltou para casa, sem saber o que pensar ou o que sentir.

Capítulo IX

Connie admirava-se do seu sentimento de aversão por Clifford, e o que é mais importante, sentia que realmente nunca tinha gostado dele. Não era ódio, mas um sentimento completamente destituído de paixão, uma profunda aversão física. Quase lhe parecia que tinha casado com ele porque lhe desagradava de maneira secreta, física. Mas, evidentemente, casara, porque mentalmente ele a atraía e a excitava. Parecera, de certo modo, o seu mestre, fora do seu alcance.

Agora a excitação mental desgastara-se e sucumbira, e ela estava apenas consciente da aversão física, que crescia dentro dela. Compreendia até que ponto lhe tinha devorado a vida.

Sentia-se fraca e completamente perdida. Desejava que algum auxílio viesse do exterior, mas em todo o mundo não havia auxílio. A sociedade era terrível, porque estava louca. A sociedade civilizada está alienada. O dinheiro e o pseudo-amor são as duas grandes manias, principalmente o dinheiro. O indivíduo, na sua loucura desordenada, tenta afirmar-se das duas formas; pelo dinheiro e pelo amor. Michaelis, por exemplo! A sua vida e actividade eram loucura. O seu amor era como que uma loucura.

O mesmo acontecia com Clifford. Toda aquela conversa, toda aquela literatura! Toda aquela luta selvagem para tentar atrair as atenções! Tudo aquilo era loucura. E ia-se agravando, próxima da demência total.

Connie sentia-se exausta de medo. Mas agora pelo menos Clifford exercia a sua tirania sobre a senhora Bolton e não sobre ela. Ele não tinha consciência disso. Como acontece com todos os loucos, a medida da sua loucura podia ser avaliada pela quantidade de coisas de que não tinha consciência, pelos enormes espaços desertos da sua consciência.

A senhora Bolton era admirável em muitos aspectos. Mas tinha aquele prazer estranho de dominar, de afirmação constante da sua vontade, que são sinais de loucura na mulher moderna. Estava convencida de que era totalmente subserviente e que vivia para os outros. Clifford fascinava-a, porque, sempre ou quase sempre, frustrava a sua vontade, como se fosse pelo instinto mais puro. A forma de afirmação da vontade dele era mais requintada, mais subtil. Nisto residia o seu principal encanto aos olhos da senhora Bolton.

Talvez Connie tivesse achado também algum encanto nisso mesmo.

- Está um dia maravilhoso - costumava ela dizer, na sua voz meiga, persuasiva. - Acho que devia dar uma pequena volta na cadeira de rodas, está um sol encantador.

- Ah, sim? Dê-me aquele livro, por favor, o amarelo. Acho que será melhor tirar daqui aqueles jacintos.

- Oh! Mas são tão bonitos! E o aroma é simplesmente esplêndido!

- É exactamente o cheiro que me incomoda, acho- o um pouco fúnebre.

- Acha? - exclamava ela, surpreendida, um pouco ofendida, mas impressionada.

E levava os jacintos para fora do quarto, impressionada com tanto tédio.

- Quer que o barbeie esta manhã ou barbeia-se sozinho? Sempre a mesma voz suave, meiga, subserviente, mas, apesar disso, dominadora.

- Não sei bem. Se não se importa, espere um pouco. Toco a campainha quando estiver pronto.

- Muito bem, Sir Clifford - respondia ela, suave e submissa, retirando-se discretamente.

Mas cada réplica fazia aumentar dentro dela a energia de uma vontade firme. Quando, passado um bocado, ele tocava, vinha imediatamente. E ele então diria:

- Penso que é melhor a senhora barbear-me.

O coração dela batia mais apressado de excitação e ela respondia com redobrada brandura:

- Muito bem, Sir Clifford! Ela era muito hábil, com um toque suave, quase acariciante. A princípio Clifford ressentira-se daquele toque infinitamente suave na sua cara, mas depois agradava-lhe, até com uma voluptuosidade crescente. Deixava-se barbear quase todos os dias, o rosto dela junto ao seu, os olhos dela, concentrados, atentos ao que fazia. E, gradualmente, as pontas dos seus dedos passaram a conhecer perfeitamente as faces, os lábios, os maxilares, o queixo e a vertente do pescoço até à maçã-de-adão. Clifford era forte e tinha muito bom aspecto, o rosto e o pescoço muito atraentes; era um cavalheiro.

Ela também era graciosa, pálida, e de rosto completamente parado, comprido, olhos brilhantes, inexpressivos. Pouco a pouco, com uma infinita doçura, quase com amor, começou a dominá-lo, e ele deixou.

Presentemente a senhora Bolton era quem tudo fazia a Clifford, que se sentia mais à vontade com ela, menos envergonhado por aceitar aqueles pequenos serviços, do que com Connie. Ela gostava de o manejar, de lhe ter o corpo, completamente debaixo do seu domínio, em todos os pormenores. Um dia disse a Connie:

- Todos os homens são crianças, quando se conhecem. Lidei com os indivíduos mais rudes que passaram pela mina de Tevershail. Mas se alguma coisa de mal lhes acontece e precisam que alguém trate deles, são umas crianças, crianças grandes. Oh, os homens não são muito diferentes!

Antes, a senhora Bolton pensava que os senhores, os cavalheiros autênticos, como Sir Clifford, eram diferentes. Era uma vantagem que Clifford tinha. Mas, gradualmente, à medida que ia penetrando no seu íntimo, para empregar o seu próprio termo, verificou que era como os outros homens, uma criança grande com as proporções de um homem. Mas uma criança com um temperamento estranho, modos delicados, força interior, e sabendo muitas coisas que ela não pensava que existissem. Era assim que ele a podia oprimir.

Connie, por vezes, sentia vontade de lhe dizer:

- Por amor de Deus, não te entregues tão completamente nas mãos dessa mulher!

Mas achava que, afinal, ele não lhe interessava o suficiente para o dizer.

Continuava ainda a ser um hábito passarem os serões juntos, até às dez horas. Conversavam, ou liam, ou falavam do novo manuscrito. Mas a emoção tinha desaparecido. Estava farta de manuscritos, embora continuasse a dactilografá-los, como se de uma obrigação se tratasse. Mas mais tarde até isso a senhora Bolton passou a fazer.

Connie tinha sugerido à senhora Bolton que devia aprender a escrever à máquina. E a senhora Bolton, sempre pronta, começara imediatamente a praticar diligentemente. Assim, Clifford já podia de vez em quando ditar uma carta, que ela dactilografava, devagar, mas correctamente. E ele tinha muito paciência para lhe soletrar as palavras difíceis, ou expressões em francês. Ela sentia-se emocionada, era quase um prazer ensinar-lhe o que quer que fosse.

Connie, de vez em quando, pretextava uma dor de cabeça para ir para o quarto logo a seguir ao jantar.

Talvez a senhora Bolton não se importe de jogar *piquet*¹ consigo - dizia para Clifford.

Oh, não se importe. Vá para o quarto e descanse, querida. Logo que ela saía, tocava a chamar a senhora Bolton para jogar *piquet* ou *bezigue*, ou até xadrez. Tinha-lhe ensinado todos esses jogos, e Connie considerava curiosamente censurável o facto de ter visto a senhora Bolton corar e tremer como uma donzela ao percorrer com dedos indecisos peças como a rainha ou o cavalo, acabando por retirá-los. E Clifford sorria disfarçadamente de superioridade trocista, ensinava:

Deve dizer clube!" Ela olhava-o com uns olhos brilhantes, surpreendidos, e murmurava tímida e obedientemente:

- J'adoube!² Sim, ele estava a educá-la e tirava prazer das lições, davam-lhe uma sensação de poder. Ela vibrava. Estava a aprender a pouco e pouco as coisas que eram privilégio dos patrícios, para além do dinheiro. Aquilo arrebatava-a. E, ao mesmo tempo, obrigava-o a

querê-la sempre ao pé dele. A sua excitação natural era para ele um elogio subtil e profundo.

Para Connie, Clifford revelava cada vez mais claramente o que na realidade era: um homem vulgar, igual a todos os outros, destituído de inspiração, gordo. Os truques de Ivy Bolton e o seu autoritarismo humilde eram também demasiado transparentes. Mas não surpreendia Connie aquela excitação genuína da mulher do seu contacto com Clifford. Dizer que estava

¹ Jogo feito com trinta e duas cartas. (N. da T)

² Adouberé um verbo francês que significa mudar provisoriamente uma pedra do jogo. (N. da T)

apaixonada por ele seria incorrecto. Estava excitada pelo contacto com um homem da alta sociedade, com um nobre, com um escritor que compunha livros e poemas, e cuja fotografia aparecia nos jornais ilustrados. Tudo isso despertara dentro dela uma estranha paixão. E o facto de ele a "educar" despertava nela uma paixão de estímulo e resposta mais profunda do que se partisse de uma ligação amorosa. Na verdade, a própria circunstância de não poder haver ligação amorosa deixava-lhe toda a liberdade de vibrar ao máximo com outro tipo de paixão, a paixão de saber, de saber como ele sabia.

Sem dúvida que, de certo modo, estava apaixonada por ele, qualquer que seja o valor que se dê à palavra amor. Era graciosa e tinha um ar jovem, e os seus olhos cinzentos eram, por vezes, lindos. Ao mesmo tempo lia-se nela uma doce satisfação interior, mesmo de triunfo, uma satisfação íntima. Ah! Como Connie detestava aquela satisfação íntima!

Clifford estava sem dúvida preso àquela mulher. Ela tinha uma verdadeira adoração por ele, constante, e punha-se totalmente ao seu serviço, para ele fazer dela o que quisesse. Era natural que ele se sentisse lisonjeado!

Connie ouvia longas conversas travadas entre os dois, a maior parte das vezes era a senhora Bolton quem falava. Revelava-lhe com todos os pormenores as novidades da aldeia de Tevershall. Não era só má-língua. Eram também Gaskell, George Eliot, Miss Mitford, tudo isto junto, e mais umas tantas coisas que ficavam por dizer. Quando começava, a senhora Bolton era melhor do que qualquer livro sobre a vida das pessoas. Conhecia-as tão intimamente, interessava-se tanto com o que se passava com elas! Era uma coisa maravilhosa e humilhante ouvi-la. Ao principio não se tinha atrevido a "falar de Tevershall" com Clifford, mas depois da primeira vez, nunca mais hesitou. Clifford escutava por causa do "material", que descobriu em grande quantidade. Connie compreendeu que a pseudogenialidade dele residia exactamente nisso: uma perspicácia especial para a má-língua sobre as pessoas, inteligente e aparentemente desconexa. A senhora Bolton evidentemente "falava" de Tevershall com muito entusiasmo, era levada pelas suas próprias palavras. Extraordinário tudo o que se passava e que ela sabia. Teria dado para dúzias de livros.

Connie sentia-se fascinada quando a escutava, mas logo a seguir um pouco envergonhada. Não devia escutar com aquela estranha e apaixonada curiosidade. Afinal, era possível ouvir as histórias mais íntimas de outras pessoas, mas num espírito de respeito por essa coisa que luta e que sofre: a alma humana. É necessário um espírito de simpatia delicada, discriminativa. Porque até a sátira é uma forma de simpatia. O que determina realmente a vida de uma pessoa é exactamente a maneira como a simpatia se dá e se retira. E neste ponto reside a enorme importância do romance, se for correctamente manuseado. Pode informar e conduzir a novos lugares a corrente da nossa consciência complacente e pode libertar a nossa simpatia de coisas já mortas. Por isso, o romance correctamente manuseado pode revelar os lugares mais recônditos da vida. E são esses lugares da vida,

recônditos, dominados pela paixão, que a maré do conhecimento sensível deve banhar e neles deve penetrar para os purificar e refrescar.

Mas o romance, como a má-língua, pode também excitar simpatias e aversões falsas, mecânicas e insensíveis para o espírito. O romance pode glorificar os sentimentos mais corruptos, desde que sejam convencionalmente "puros". Então o romance, como a má-língua, acaba por se converter num vício terrível, porque se coloca sempre, e ostensivamente, ao lado dos anjos. A má-língua da senhora Bolton estava sempre do lado dos anjos. "Ele era tão mau, e ela era tão boa." No entanto, Connie percebia, pela maneira como ela contava as coisas, que a mulher era do tipo de falinhas mansas e que o homem era colérico mas honesto. Mas a honestidade encolerizada fazia dele um "homem mau", e a melifluidade fazia dela uma "mulher boa", dentro da corrente de simpatia, viciosa e convencional, da senhora Bolton.

E por tudo isto era humilhante escutá-la. Pela mesma razão, a maior parte dos romances, sobretudo os populares, são humilhantes. O público só adere quando se apela para os vícios.

Contudo, através da senhora Bolton, tinha-se uma nova visão de Tevershail. Parecia uma terrível confusão de vidas sórdidas, e, de modo nenhum, aquela monotonia cinzenta vista de fora. Clifford, evidentemente, conhecia de vista quase todas as pessoas mencionadas. Connie só uma ou duas. Mas aquilo parecia mais uma selva da África Central do que uma aldeia inglesa.

- Julgo que ouviu dizer que a Allsopp casou na semana passada! Imagine! A Allsopp, filha do velho James, o sapateiro. Sabe que construíram uma casa em Pye Croft, o velho morreu de uma queda no ano passado; oitenta e três anos e ágil como um rapaz. Mas escorregou em Bestwood Hill, numa pista para trenós que os rapazes tinham feito no ano passado, fracturou o fémur e isso liquidou-o, pobre velho, foi uma pena! Bem, deixou tudo o que tinha à Tattie, nada aos rapazes. E a Tattie, que eu saiba, tem mais cinco anos... exactamente, fez cinquenta e três o outono passado. E sabe, eram pessoas muito religiosas, palavra! Durante trinta anos ensinara na igreja todos os domingos, até o pai morrer. Depois começou a acompanhar com um homem de Kinbrook, não sei se o conhece, um homem já velhote de nariz vermelho, vestido como um peralta, o Willcock, que trabalha no depósito de madeira do Harrison. Pois bem, ele tem pelo menos sessenta e cinco anos, e se os visse, pareciam um par de rolas, de braço dado, a beijarem-se ao portão. É verdade. E ela sentada no joelho dele, no vão da janela que dá para a Pye Croft Road, para toda a gente ver. E ele tem filhos com mais de quarenta anos, e a mulher morreu há dois anos. Se o velho James Allsopp não saiu do túmulo por causa disto, nunca sairá, porque ele educou-a com muito rigor. Agora estão casados e foram viver para Kenbrook, e dizem que ela anda de roupão de manhã à noite, um autêntico espectáculo. Francamente, é horrível a conduta destes velhos! São piores que os novos, mais repugnantes. Na minha opinião o cinema é que tem a culpa disto tudo.

Mas não se pode proibir ninguém de ver os filmes. Eu sempre lhes disse: vão ver um bom filme instrutivo, mas fujam por amor de Deus desses melodramas e filmes de amor. Acima de tudo, não deixem que as crianças os vejam. Mas, aí tem, os adultos são piores do que os novos, são mesmo os piores. E os velhos batem todos. Falem em moralidade! Ninguém liga. As pessoas fazem o que querem, e vivem melhor assim, também reconheço. Mas agora, que as minas vão tão mal, têm de ser mais moderados, não têm dinheiro. E o que se queixam! É horrível, especialmente as mulheres. Os homens são tão bons e pacientes! Que é que eles hão-de fazer, os desgraçados? Mas as mulheres, oh, são terríveis! Dão nas vistas, contribuindo para o presente de casamento da princesa Mary, e depois de verem todas as esplêndidas coisas que haviam sido dadas tinham desatado a comentar: "Quem é ela, é melhor do que qualquer outra pessoa! Porque é que a Swan e Edgar não me dá um casaco de peles, em vez de lhe dar seis? Antes tivesse guardado os meus dez xelins! Gostava de saber o que é que ela me vai dar em troca. Para aqui ando eu que nem posso comprar um casaco para a Primavera, porque o meu pai ganha pouco, e a ela dão-lhe tudo! já é altura de os pobres terem algum dinheiro para gastar, os ricos já o têm há muito. Preciso de um casaco novo para a Primavera, e como é que o vou comprar?"

"Eu costumo dizer-lhes: "Devem sentir-se agradecidas por andarem bem comidas e bem vestidas, mesmo sem todas as fantasias que desejariam ter". E elas respondem-me: "Porque é que a princesa Mary não se sente agradecida por andar vestida com roupas já usadas, em vez de comprar outras? Pessoas como ela têm muito que vestir, e eu nem na Primavera posso ter um casaco novo. É uma vergonha! Princesa! Diabos levem as princesas! O que interessa é o dinheiro, e como ela já tem muito, dão-lhe mais. A mim ninguém me dá nada, tenho tanto direito como qualquer outra pessoa. Não me venham falar de educação, o dinheiro é que conta. Quero um casaco novo para a Primavera, queria mesmo, e não o vou ter, porque não há dinheiro".

"Só pensam em roupas, e não se importam de pagar sete ou oito guinéus por um casaco de Inverno, as filhas dos mineiros, imagine, ou dois guinéus por chapéu de Verão de criança. E vão à igreja com o chapéu de dois guinéus; no meu tempo se comprassem um de três xelins e meio, já era muito bom. Ouvi dizer que, pelo aniversário da igreja metodista, vão construir este ano uma tribuna tão alta, quase como um tecto, para as crianças da escola. Ouvi dizer que a Thompson, que dá as aulas da primeira classe, contou que haverá mais de mil libras em vestidos e roupas novas de domingo nessa tribuna. E assim estão os tempos! Mas não se podem impedir, são loucas por vestidos e os rapazes também; gastam todo o dinheiro que têm em fatos, tabaco, bebidas no Centro Social dos Mineiros ou em passeatas a Sheffield duas ou três vezes por semana. É outro mundo, o de hoje. Não têm medo nem respeito por coisa nenhuma, os jovens. Os velhos são pacientes e bons, realmente, e deixam as mulheres fazer tudo o que querem. E eis o resultado! As mulheres são verdadeiros demónios. Mas os rapazes são como os pais. Não se sacrificam

por coisa nenhuma, é tudo para bem deles. E se se lhes diz que deviam economizar para fazer uma casa, respondem: "Isso pode esperar, pode esperar. Quero divertir-me enquanto posso. O resto pode esperar". São grosseiros e egoístas, e tudo cai em cima dos velhos. É por isso que a vida está má."

Clifford principiou a ter uma nova perspectiva da sua aldeia natal, o lugar que sempre o tinha assustado, mas que ele julgava estável. Agora?

- Há muitos socialistas, bolchevistas, entre eles? - perguntou ele.

- Oh! - respondeu a senhora Bolton. - Ouvem-se alguns barulhentos. Mas a maior parte são as mulheres que têm muitas dívidas. Os homens não ligam. Não acredito que os homens de Tevershall alguma vez se tornem vermelhos, são demasiado equilibrados para isso. Mas os jovens às vezes falam muito e tolamente, não que realmente se interessem por essas coisas, só querem algumas moedas na algibeira para gastar no Centro Social ou irem para a pândega em Sheffield. É tudo o que lhes interessa. Quando não tiverem dinheiro é que ouvirão as declamações dos vermelhos. Mas, no fundo, ninguém acredita.

- Acha então que não há perigo?

- Oh, não, se os negócios correrem bem, não. Mas se as coisas continuarem a correr mal por muito tempo, os jovens podem tornar-se estranhos. Já lhe disse, são egoístas e estragados com mimos. Mas não creio que jamais façam alguma coisa. Não levam nada a sério, a não ser dar nas vistas montados em motos e dançar no *palais de danse* em Sheffield. É impossível levá-los a encarar qualquer coisa a sério. Os rapazes sérios vestem trajo de cerimónia e vão para o Pally mostrar-se às raparigas, dançar o charleston e não sei quê mais. Tenho a certeza de que às vezes o autocarro vai cheio de rapazes, bem vestidos, filhos de mineiros, que seguem para o Pally, e isto para não falar dos que vão com as raparigas de automóvel ou de moto. Não levam nada a sério, excepto as corridas de Doncaster e no Derby. Apostam em todas as corridas. E no futebol! Mas até o futebol já não é o que era! Dizem que se assemelha muito mais a um trabalho duro. Preferem ir de moto para Sheffield ou Nottingham aos sábados à tarde.

- Mas que é que fazem em Sheffield?

- Oh, andam por lá, tomam chá num sítio elegante como o Mikado, vão ao Pally, ao cinema, ou ao Empire, com alguma rapariga. As raparigas são tão livres como os rapazes, fazem o que querem.

- E quando não têm dinheiro para isso, que é que fazem?

- Arranjam-no, parece, e começam a falar mal. Mas não percebo como é que poderia haver bolchevismo, quando o que todos os rapazes querem é dinheiro para se divertirem e as raparigas é a mesma coisa e terem bonitos vestidos, não querem saber de mais nada. Não têm cabeça para ser socialistas nem sabem tomar as coisas a sério, nem nunca saberão.

Connie considerava as classes baixas muito parecidas com as outras. Passava-se sempre o mesmo, quer fosse em Tevershall, Mayfair ou

Kensington. Presentemente só há uma classe: a das pessoas de dinheiro. A única diferença entre elas reside na quantidade de dinheiro que se possui e que se queira possuir.

Sob a influência da senhora Bolton, Clifford começou a interessar-se pelas minas. Começou a sentir que pertencia àquele lugar e ganhou uma certa autoconfiança. Afinal, era ele o senhor de Tevershall, era ele as próprias minas. Descobriu um novo sentido de poder, algo a que ele se tinha esquivado, até agora, com pavor.

Os poços iam mal. já só havia duas minas: a de Tevershall e a de New London. Tevershall fora em tempos uma mina famosa e dera muito dinheiro. Mas os dias bons tinham acabado. New London nunca tinha sido muito rica, e em tempos normais rendia o suficiente. Mas agora os tempos estavam maus, minas como New London ficavam para trás.

- Muitos homens de Tevershall foram para Stacks Cate e Whiteover - contava a senhora Bolton. - Nunca viu as fábricas de Stacks Cate que abriram depois da guerra, pois não, Sir Clifford? Oh, tem de lá ir um dia. São muito modernas, grandes oficinas de química à entrada da mina, não se parece nada com uma mina de carvão. Dizem que fazem mais dinheiro com os derivados químicos do que com o carvão, já não me lembro o que é. E as casas para os mineiros? São verdadeiros palácios! Evidentemente que isto trouxe muita gentalha de toda a região. Muitos homens de Tevershall continuam lá e estão a viver bem, muito melhor do que os nossos homens. Dizem que Tevershall acabou, que não dá mais, que é só questão de mais uns anos, e será encerrada, e que New London será a primeira. Palavra de honra, como será Tevershall sem as minas? já é mau quando há greves, mas, meu Deus, se fecham de vez, será como o fim do mundo. Quando era rapariga, eram as melhores minas, e um homem que arranjava lá trabalho era feliz. Oh, Tevershall deu dinheiro! E agora os homens dizem que parece um navio a afundar-se, que é altura de todos se irem embora. Não é horrível? Mas, evidentemente, há muitos que só partirão quando forem obrigados. Não gostam dessas minas novas tão profundas, onde se trabalha com máquinas. Alguns chegam a ter medo daqueles homens de ferro, como lhes chamam, aquelas máquinas de cortar o carvão, quando eles sempre fizeram esse trabalho. E dizem que também é um desperdício. Mas o que se desperdiça poupa-se em salário, e muito mais. Parece que em breve os homens não servirão para nada na face da terra, as máquinas farão tudo. Mas o que os homens dizem agora é o que sempre disseram quando tiveram de abandonar os velhos teares de fazer meias. Ainda me lembro de um ou dois casos assim. Mas, palavra de honra, parece que quantas mais máquinas há, mais gente há também. Dizem que do carvão de Tevershall não se podem extrair os mesmos produtos químicos de Stacks Gate, é estranho, estão a menos de três milhas uma da outra. Isto é o que eles dizem. Mas todos dizem que é uma pena que não se possa fazer alguma coisa para os homens viverem um pouco melhor e as raparigas terem trabalho. Aquelas que vão a pé para Sheffield todos os dias! Palavra, como era

interessante as minas de Tevershall renascerem outra vez, quando todos dizem que acabaram, que são como um navio a afundar-se, de onde eles têm de fugir como ratos de porão! Mas as pessoas falam de mais. Evidentemente que durante a guerra houve uma baixa, e então Sir Geoffrey resolveu resguardar-se e salvaguardar todo o seu dinheiro.. É o que eles dizem. Mas também dizem que os chefes e os donos não ganham hoje muito com as minas. Até custa a acreditar, não é?

Sempre pensei que os poços das minas nunca deixariam de funcionar. Quem poderia pensar o contrário, nos meus tempos de rapariga? Mas a de New England fechou, assim como a de Colwick Wood. É terrível atravessar aquela pequena mata e ver Colwick Wood abandonado, no meio das árvores, com os arbustos a crescerem no alto da mina, e as linhas vermelhas de ferrugem. É como a própria morte, uma mina de carvão, morta. O que é que se poderia fazer se Tevershall fechasse? Até dói pensar nisso. Sempre aquela multidão, excepto quando havia greves, e mesmo assim os ventiladores raramente paravam.

O mundo é estranho, está a transformar-se de ano para ano, a gente já não sabe com o que pode contar.

Foram as palavras da senhora Bolton, que fizeram nascer em Clifford um novo espírito de luta. Como ela dizia, o seu rendimento estava seguro devido às medidas tomadas pelo pai, embora não fosse elevado. As minas realmente não lhe interessavam.

O mundo que ele queria conquistar era o outro, o da literatura e da fama. O mundo do público, não o mundo dos operários.

Agora compreendia a diferença entre o êxito popular e o êxito do trabalho; a população do prazer e a população do trabalho. Ele, pessoalmente, estivera a proporcionar entretenimento à população com o prazer das suas histórias, e tinha-se tornado popular. Mas, abaixo da população do prazer, jazia a população do trabalho, sinistra, suja, terrível. Essa também tinha de ter os seus fornecedores, e era mais difícil enfrentá-la do que a outra. Enquanto trabalhava nas suas histórias e "penetrava" no mundo, Tevershall ia-se afundando. Então compreendeu que a deusa-cadela da Glória tinha dois apetites essenciais: o do elogio, da adulação, das carícias e das cócegas, que os escritores e artistas lhe davam, e o outro, mais terrível, de carne e ossos. E a carne e os ossos para a deusa-cadela eram fornecidos por aqueles homens que ganhavam dinheiro na indústria.

Sim, havia dois grandes grupos de cães, que brigavam por causa da deusa-cadela, o grupo dos adutores, que lhe forneciam divertimento, histórias, filmes e peças de teatro, e o outro, muito menos pretensioso, de uma raça muito mais feroz, que lhe dava a carne, a substância real do dinheiro. Os cães, bem alimentados e exibicionistas, brigavam e rosnavam entre si pelos favores da deusa-cadela. Mas isso não era nada comparado com a guerra silenciosa, uma guerra de morte entre aqueles que lhe eram indispensáveis, os que lhe traziam os ossos.

Mas sob a influência da senhora Bolton, Clifford sentia-se tentado a participar na outra luta, a capturar a deusa-cadela por meios brutos da produção industrial. De certo modo, tinha recuperado a sua coragem. À sua maneira, a senhora Bolton tinha feito dele um homem, coisa que Connie jamais conseguira. Connie tinha-o mantido isolado, fê-lo, tornar-se sensível, consciente de si e do seu mundo interior. A senhora Bolton fizera-o tomar consciência do mundo exterior. Por dentro começou a amolecer, mas por fora a tornar-se eficiente.

Cobrou ânimo para ir mais uma vez às minas. Quando lá estava, descia numa cesta e era puxado para o interior dos poços. As coisas que tinha aprendido antes da guerra, e que parecia ter completamente esquecido, voltavam-lhe ao espírito. Lá ficava sentado, estropiado, com o administrador da mina, que lhe mostrava o filão com um archote. Falava pouco, mas o seu intelecto começava a trabalhar.

Começou a reler livros técnicos sobre a indústria mineira do carvão, estudou os relatórios do governo, analisou cuidadosamente os últimos artigos sobre a exploração mineira e a química do carvão e do xisto, publicados em alemão. Evidentemente que as descobertas mais importantes eram mantidas em sigilo, tanto quanto era possível, mas quando se começa uma investigação no campo da exploração mineira do carvão, no estudo de métodos e meios, dos subprodutos e das possibilidades químicas do carvão, era aterradora a ingenuidade, o talento quase sinistro da moderna mentalidade técnica, como se de facto o próprio Diabo tivesse concedido uma inteligência demoníaca aos técnicos cientistas da indústria. E tudo isso era muito mais interessante, esta ciência técnica da indústria, do que a arte, a literatura, todos esses temas emocionais e fracos de espírito. Neste campo os homens assemelhavam-se a deuses ou demónios, inspirados para a descoberta, lutando para as levar a cabo. Nessa actividade, os homens tinham atingido uma idade mental para além de quaisquer cálculos. Mas Clifford sabia que, no plano da vida humana, emocional, tinham uma idade mental de cerca de treze anos. Uns rapazes fracos! A discrepância era enorme e terrível.

Mas isso não interessava. Se a humanidade, no que respeita às emoções e ao espírito, caminhasse para a idiotia geral, Clifford não tinha nada a ver com isso. Estava interessado na tecnologia da moderna indústria mineira do carvão e em salvar Tevershall do abismo.

Dia após dia descia ao poço da mina, estudava, submetia todos os administradores e engenheiros a provas por que eles nunca tinham pensado passar. Poder! Tinha uma nova sensação de poder, poder sobre todos aqueles homens e centenas de mineiros. Estava num período de descoberta, e a colocar tudo sob a sua alçada.

Na realidade parecia que tinha renascido. Agora a vida invadia-o! Tinha morrido gradualmente, com Connie, numa vida isolada e privada de artista e de ser consciente. Nada disso lhe interessava agora, podia ir tudo para o Diabo. Sentia simplesmente que a vida o invadia partindo do carvão, do poço

da mina. Até o ar viciado da mina lhe era mais benéfico que o oxigénio, dava-lhe uma sensação de poder. Estava a fazer qualquer coisa, ia fazer coisas. Iria triunfar, não um triunfo como o que obtera com as suas histórias, mera publicidade, num mundo comprimido de energia e de malícia. Seria uma vitória humana.

A princípio pensou que a solução podia estar na electricidade, converter o carvão em energia eléctrica. Depois teve outra ideia.

Os alemães tinham inventado uma nova locomotiva com auto-abastecimento, que não precisava de fogueiro. Essa locomotiva trabalhava com um novo combustível, que ardia em pequenas quantidades a uma temperatura muito elevada, em determinadas condições especiais.

A ideia de um novo combustível concentrado, que ardia lentamente a elevada temperatura, foi o que logo lhe suscitou a atenção.

Tinha de haver qualquer espécie de estímulo exterior para a inflamação desse combustível, o ar não chegaria. Começou a fazer experiências e contratou como seu colaborador um jovem que tinha feito brilhantes estudos de química.

Sentia-se triunfante. Finalmente conseguira transcender-se. Realizara o desejo ardente, secreto, que alimentara durante toda a sua vida, superar-se a si próprio. Através da arte não o conseguiria, antes o tornara mais difícil. Mas, finalmente, conseguira.

Até que ponto a senhora Bolton o apoiara, não tinha ele consciência disso, nem até que ponto dependia dela. Mas por tudo isto, era evidente que quando Clifford estava com ela, a voz dele baixava para uma cadência suave de intimidade, muito pouco vulgar até.

Com Connie, era um pouco reservado. Reconhecia que lhe devia tudo, e testemunhava-lhe o maior respeito e consideração, desde que ela, exteriormente, apenas o respeitasse. Mas era evidente que a receava em segredo. O novo Aquiles tinha um calcanhar, a mulher. Uma mulher como Connie podia feri-lo mortalmente. Continuou a ter para com ela um receio semi-subserviente e uma extrema gentileza. Mas, sua voz ficava um pouco tensa quando falava com ela e passou a manter-se calado sempre que ela estava presente.

Somente quando estava a sós com a senhora Bolton, se sentia realmente fidalgo e patrão, falava quase com a mesma facilidade e verbosidade como quando ela conversava.

Capítulo X

Connie estava agora mais tempo sozinha, vinham menos pessoas a Wragby. Clifford já não queria visitas, nem mesmo os amigos íntimos. Estava estranho. Preferia ouvir rádio, que tinha instalado, finalmente, com alguma despesa, mas com bastante êxito. Por vezes conseguia captar Madrid ou Francoforte, apesar das condições atmosféricas dos Midlands.

E ficava horas a ouvir o rugido do altifalante, o que espantava e atordoava Connie. Mas ali continuava sentado, com uma expressão vaga e extasiada, como uma pessoa que está a perder a razão, que ouve ou parece ouvir aquele objecto indizível.

Estaria realmente a ouvir? Ou o aparelho era uma espécie de soporífero que ele tomava, enquanto qualquer outra coisa se passava dentro dele. Connie não sabia. Fugia para o quarto ou para o bosque. Por vezes, sentia-se invadida por uma espécie de terror, um terror da demência incipiente de toda a espécie civilizada.

Mas agora Clifford afastava-se pouco a pouco para esta outra misteriosa actividade industrial, estava a tornar-se uma criatura, resguardada sob uma concha bastante dura, mas que ocultava uma fragilidade interior. Parecia um daqueles assombrosos caranguejos, ou lagostas, do moderno mundo financeiro e industrial, invertebrados da ordem dos crustáceos, com conchas de aço como máquinas, mas os corpos de polpa mole. Connie sentia-se completamente abandonada, nem sequer era livre, porque Clifford queria-a ao pé de si, como que parecia dominado por um terror nervoso de que ela o deixasse. A sua parte frágil, a faceta emocional e humana, dependia dela com terror, como uma criança, quase como um idiota. Ela tinha de estar ali, em Wragby, a sua mulher, senão ele sentir-se-ia perdido como um idiota num pântano.

Connie apercebeu-se, horrorizada, desta surpreendente dependência. Ouviu-o falar com os directores da mina, com os membros do conselho de administração, com os jovens cientistas, e ficava surpreendida com o seu conhecimento judicioso dos assuntos, a sua força, o estranho poder material sobre os chamados homens práticos. Ele próprio se tinha convertido num homem prático, extraordinariamente astuto e poderoso, um chefe. Connie atribuía toda aquela transformação à influência da senhora Bolton, num momento de crise da vida de Clifford.

Mas este homem astuto e prático era quase um idiota no que respeitava à sua vida emocional. Idolatrava Connie, a sua mulher, um ser superior. Votava-lhe uma estranha e cobarde adoração, como um selvagem, que venera aquilo de que tem medo, e odeia o poder do ídolo, do terrível ídolo. Tudo o que queria era que Connie jurasse repetidamente que não o deixaria, que não o abandonaria.

- Clifford - disse-lhe, depois de ter a chave da cabana gostaria realmente de que eu um dia tivesse um filho?

Ele olhou-a, apreensivo, com uma expressão furtiva nos seus olhos claros e salientes.

- Não me importaria desde que entre nós nada se alterasse.

- Não se alterasse o quê?

- A nossa relação, o nosso amor. Se isso vier a acontecer, oponho-me terminantemente. De resto, talvez um dia possa vir a ser pai!

Ela olhou-o, espantada.

- Quero dizer, possa um dia recuperar. Ela continuava a fitá-lo, espantada, e ele começou a sentir-se constrangido.

- Portanto, não gostaria que eu tivesse um filho? - já lhe disse - respondeu ele apressadamente como um em dificuldades - acho muito bem, desde que não afecte o seu amor por mim. Caso contrário, oponho-me tenazmente.

Connie só podia ficar calada, sentindo um medo frio e desprezo. Aquelas palavras eram realmente as de um idiota. Ele já não sabia o que dizia.

- Oh, não iria alterar o que sinto por si - respondeu ela com um certo sarcasmo.

- Aí está! Isso é que importa. Nesse caso, não me importo nada. Até acho que seria muito agradável haver uma criança a correr pela casa e sentirmo-nos a construir algo para o seu futuro. Assim, teria algo por que lutar, e saberia sempre que era o seu filho, não é, minha querida? E pareceria como se fosse o meu próprio filho, porque nestes assuntos quem conta é você. Você sabe disso, não é verdade, querida? Eu não conto, sou um zero. Você é realmente o importante da minha vida. Sabe isso, não sabe? Eu não sou nada sem si, vivo para si e para o seu futuro; eu não conto.

Connie escutava tudo com uma consternação e uma repulsa, crescentes. O que ele dizia era uma daquelas horríveis meias-verdades que envenenam a existência humana. Que homem de bom senso diria tais coisas a uma mulher? Mas os homens não estão no seu pleno juízo. O homem com um pouco de dignidade nunca poria para cima de uma mulher aquele fardo horrível de responsabilidade da vida, deixando-a depois no vazio.

Meia hora mais tarde, Connie ouviu-o falar com a senhora Bolton, com uma voz quente, impulsiva, revelando-se àquela mulher com uma paixão impassível, como se ela fosse quase sua amante, sua mãe adoptiva. E a senhora Bolton vestia-o cuidadosamente para o jantar, pois havia importantes visitas de negócios nessa noite.

Connie sentia por vezes que a morte se aproximava. Sentia-se mortalmente esmagada por misteriosas mentiras e por uma surpreendente e cruel idiotia. A estranha eficiência comercial de Clifford inspirava-lhe de certo modo terror, e a sua declaração de veneração íntima faziam-na entrar em pânico. Não havia nada entre eles, ela nem sequer lhe tocava, e ele nunca tinha nenhum contacto com ela, não lhe pegava na mão, nem a segurava com

ternura; não, mas por não terem qualquer tipo de ligação ele torturava-a com as suas declarações de idolatria. Era a crueldade da impotência absoluta, e Connie sentia que ia enlouquecer ou morrer.

Fugia o mais que podia para o bosque. Uma tarde, enquanto estava sentada a meditar, olhando para as bolhas frias de água na John's Well, o guarda dirigiu-se para ela com grandes passadas.

- Já mandei fazer uma chave, minha senhora.- disse ele, cumprimentando-a e entregando-lhe a chave.

- Muito obrigada! - respondeu ela, surpreendida. - A cabana não está muito arrumada, desculpe, fiz o que pude.

- Mas eu não queria que se incomodasse!

- Não foi maçada nenhuma. Dentro de uma semana ponho as fêmeas no choco, mas elas não terão medo de si. Terei de cuidar delas de manhã e à noite, mas farei os possíveis por não a incomodar.

- Mas não me incomoda de modo nenhum. Quase seria melhor eu não ir nunca à cabana, se estorvo.

Ele fitava-a com os seus olhos azuis, perspicazes. Parecia afável, mas distante. Pelo menos era são de espírito e robusto, apesar da sua magreza e aspecto pouco saudável. A tosse atormentava-o.

- Anda com tosse - comentou ela.

- Não passa de uma constipação. Depois da pneumonia fiquei com tosse, mas não tem importância.

Continuava afastado dela, e nada o fazia aproximar-se. Connie quase todos os dias se dirigia para a cabana, de manhã ou à tarde, mas nunca o encontrava. Sem dúvida que a evitava intencionalmente, queria preservar a sua solidão.

Tinha arrumado a cabana, colocado a mesa pequena e a cadeira junto à lareira, deixado uma pilha de achas para arder e guardado as ferramentas e armadilhas, apagando todos os sinais da sua presença. Lá fora, perto da clareira, tinha construído uma cobertura com ramos e palha, um abrigo para as aves, e sob a qual estavam cinco capoeiras. Um dia ela encontrou duas galinhas castanhas, vigilantes e ferozes, a chocarem ovos de faisão, inchadas de orgulho e gravidade do calor do seu sangue de fêmeas. Isto quase entristeceu Connie. Ela sentia-se tão perdida e abandonada, não era uma fêmea, mas apenas uma coisa dominada por terrores.

As capoeiras ficaram todas ocupadas com galinhas, três castanhas, uma cinzenta e uma preta. Todas aninhadas sobre os ovos, no seu macio e pesado anseio de fêmeas, na sua natureza de fêmeas, espalhando as suas penas. E, com olhos brilhantes, observavam Connie ajoelhada em frente delas, e soltavam cacarejos breves e estridentes de cólera e receio, sobretudo de cólera feminina, pela aproximação de uma pessoa estranha.

Connie encontrou milho dentro da caixa para cereais na cabana e deu-o às galinhas na mão. Não comeram, somente uma lhe deu uma bicada na mão, o que a assustou. Mas ansiava por lhes dar fosse o que fosse, àquelas mães,

que estavam a chocar, e nem se alimentavam ou bebiam. Foi buscar água numa pequena lata, e ficou contente quando uma delas começou a beber.

Visitava diariamente as galinhas, que eram a única coisa no mundo que a reconfortava. As declarações solenes de Clifford deixavam-na gelada da cabeça aos pés. A voz da senhora Bolton também a gelava, tal como o ruído dos homens de negócios que lá apareciam. Uma carta de Michelis, de longe em longe, provocava nela a mesma sensação de frio. Sentia que morreria com toda a certeza se aquilo continuasse por mais tempo.

Contudo, a Primavera tinha voltado, as campainhas começavam a despontar no bosque, e a folhagem das avelaneiras a desabrochar como salpicos de chuva verde. Era terrível reconhecer em plena Primavera que tudo era insensível. Só as galinhas, que espalhavam tão maravilhosamente as penas sobre os ovos, eram ardentes nos seus corpos quentes e chocos de fêmeas. Connie sentia-se, em todos os momentos, perto do desmaio.

Num dia, num dia maravilhoso de sol, em que enormes tufos de primaveras se espalhavam sob as avelaneiras e numerosas violetas salpicavam os caminhos, Connie foi ver as galinhas à tarde. Um pintainho muito pequeno e atrevido saltitava em frente da capoeira, e a mãe-galinha cacarejava aterrorizada. O pintainho era magro, de um castanho-acinzentado com manchas escuras, e o pequeno ser mais vivo que existia sobre a terra nesse momento. Connie ajoelhou-se e ficou a olhá-lo quase em êxtase. A vida, a vida! Uma nova vida, pura, animada, sem medo! Uma nova vida! Tão frágil e tão corajosa! Até quando correu atabalhoadamente para entrar na capoeira, e desapareceu sob as penas da galinha, obedecendo aos gritos de alarme da mãe não foi por medo, agiu como se fosse uma brincadeira, o jogo da vida. Durante um momento, através das penas castanho-douradas da galinha, uma cabecita espreitou, contemplando o cosmo.

Connie estava fascinada. E sentiu ao mesmo tempo, como jamais sentira, a agonia do seu abandono de fêmea, que começava a tornar-se insuportável.

O seu único desejo consistia em ir para a clareira no bosque. Tudo o resto não passava de um sonho doloroso, mas, por vezes' era obrigada a ficar todo o dia em Wragby, presa pelos seus deveres de dona de casa. Nessas ocasiões sentia-se também vazia e a perder a razão.

Uma tarde, sem se preocupar com os convidados, fugiu depois do chá. Começava a anoitecer e Connie corria pelo parque como se tivesse medo de que a chamassem. Na altura em que ela entrou no bosque o Sol já se começara a pôr, mas prosseguiu vigorosamente por entre as flores. A claridade continuaria por cima do bosque.

Chegou à clareira, congestionada e semiconsciente. O guarda estava lá, em mangas de camisa, a começar a fechar as capoeiras para as crias ficarem protegidas durante a noite. Mas três pintos andavam ainda cá fora, nas suas patas frágeis de criaturas minúsculas, acastanhadas e ligeiras, debaixo do abrigo de palha, que se recusavam a obedecer ao chamamento da mãe

inquieta. - Não consegui deixar de vir ver os pintos! - comentou ela, ofegante, olhando timidamente o guarda, quase inconsciente da presença dele. - Quantos mais é que saíram dos ovos?

- Trinta e seis, até agora. Nada mau! Ele também sentia um estranho prazer ver nascer aquelas pequeninas criaturas.

Connie ajoelhou-se em frente da última capoeira. Os três pintos tinham acabado de entrar, mas as suas cabeças atrevidas apareciam a olhar por entre as penas amarelas, depois recolheram-se, e ficou só uma cabecita a espreitar por debaixo do corpo opulento da mãe.

- Adorava tocar-lhes - disse ela, introduzindo cautelosamente a mão por entre as barras da capoeira.

Mas a mãe-galinha picou-a selvaticamente, e Connie retirou a mão, surpreendida e amedrontada.

- Como ela pica! Detesta-me! - disse, espantada. - Mas eu não ia fazer-lhes mal.

O homem de pé, junto dela, riu, agachou-se ao lado dela, de joelhos abertos, e meteu a mão, com uma lentidão segura e tranquila, dentro da capoeira. A velha galinha picou-O, mas menos iradamente. Lenta e delicadamente, com os seus dedos delicados e firmes, tacteou entre as penas da ave e retirou-se trazendo na mão fechada um pintainho, que mal piava.

- Aqui tem! - disse, depositando-o nas mãos dela. Ela pegou naquela coisinha acastanhada, segurando-a entre as mãos, que ficou equilibrada nas suas perninhas frágeis, que mais pareciam canas, um átomo de vida palpitando nas patas, quase sem peso, nas mãos de Connie, em concha. O pinto levantou com ousadia a sua cabecita graciosa, bem modelada, e bruscamente olhou à volta, soltando um pequeno "pio".

- Que coisinha adorável! Tão atrevida! - disse ela, baixinho.

O guarda, acorado a seu lado, fitava também deleitado a corajosa avezinha que ela tinha nas mãos. De repente viu cair uma lágrima no pulso de Connie.

Ergueu-se, mantendo-se à distância, dirigiu-se para outra capoeira. Subitamente voltava a sentir a antiga chama que o feria e lhe traspassava os rins, que ele julgava apagada para sempre. Lutava contra ela, voltando-lhe as costas. Mas a chama voltava a invadi-lo e descia-lhe até aos joelhos.

Voltou-se de novo e fitou-a. Ela estava ajoelhada, com as mãos estendidas para a frente, sem saber o que fazer para o pinto voltar para a mãe. E havia qualquer coisa de tão silencioso e perdido nela, que ele se sentiu devorado até às entranhas por um sentimento de compaixão.

Inconscientemente, avançou para junto dela, voltou a ajoelhar-se, tirou-lhe o pinto das mãos, porque ela tinha receio da galinha, e pô-lo de novo dentro da capoeira. Subitamente na curva dos rins a chama acesa como nunca.

Fitou-a, apreensivo. Ela virara a cara para o outro lado e chorava amargamente, com toda a angústia da sua geração perdida. O coração do

homem enterneceu-se de repente, como uma faísca, e estendeu a mão e pôs-lhe os dedos no joelho.

- Não chore! - disse, docemente. Mas depois ela cobriu o rosto com as mãos e sentiu que o seu coração estava destruído e já nada tinha importância.

Ele pôs-lhe a mão no ombro e deixou-a deslizar brandamente, suavemente pelas costas até aos rins, uma carícia cega. Depois docemente, muito docemente, desceu para a anca, num afago disfarçado e instintivo.

Ela conseguiu encontrar o lenço e tentava enxugar as lágrimas.

- Venha para a cabana - disse ele, numa voz tranquila, neutra.

E estreitando-a, levantou-a e conduziu-a lentamente pelo braço para a cabana, não a largando até entrar. Afastou a cadeira e a mesa e tirou da arca um cobertor da tropa, estendeu-o lentamente. Ela fitava-o sem se mexer.

A cara dele estava pálida e sem expressão, como a de um homem que se submete ao destino.

- Deite-se ali - disse com doçura, fechando a porta, para que ficasse escuro, completamente escuro.

Numa estranha obediência, ela deitou-se no cobertor. Sentiu depois a mão dele, suave, tacteante, desamparadamente desejosa, a tocar-lhe o corpo, depois o rosto. A mão acariciou-lho ternamente, e era infinitamente tranquilizadora e segura, por fim sentiu o calor de um beijo.

Ela jazia imóvel, numa espécie de sonho. Estremeceu quando sentiu a mão tacteante, extremamente inábil, sob a roupa. Mas a mão sabia também despir o que queria. Puxou-lhe as calças de seda, até aos pés, lenta e cuidadosamente. Depois, com um estremecimento de intenso prazer, ele tocou o corpo quente e macio, beijou-lhe o umbigo por um momento. E teve de a penetrar imediatamente, penetrar na paz da terra que era o corpo dela, macio e imóvel. Para ele, penetrar o corpo de uma mulher era um tempo de paz absoluta.

Ela continuava imóvel como se estivesse adormecida. Foram dele a actividade e o orgasmo; ela não podia lutar mais. Até o aperto dos seus braços à volta do corpo de Connie, o enérgico movimento do corpo, e o fluxo do seu sêmen dentro dela, eram como um sono de que ela só começou a despertar quando ele acabou e ficou sobre ela, quase ofegante.

Então perguntou a si mesma, vagamente, porquê? Porque é que aquilo era necessário? Porque é que tinha retirado de cima dela uma grande nuvem e lhe dera paz? Seria real? Seria isto real?

Todavia, o seu espírito atormentado de mulher moderna não se deixava tranquilizar. Seria real? Sabia que entregar-se àquele homem era uma realidade; mas sabia também que, tentando conter-se, não seria nada. Estava velha, tinha milhões de anos. E já não conseguia aguentar sozinha a sua carga. Era necessário alguém tomá-la, tomá-la também.

O homem jazia numa imobilidade misteriosa. O que é que ele estaria a sentir? O que é que ele estaria a pensar? Ela não sabia. Ele era um estranho,

não o conhecia. Teria de esperar, porque ela não ousava interromper a sua misteriosa quietude. Continuava abraçado a ela, o seu corpo húmido sobre o dela, muito próximo. Totalmente desconhecido. E. apesar de tudo, tranquilo. A sua quietude era serena.

Teve consciência disso quando finalmente ele despertou e se afastou dela. Era como um abandono. No escuro, puxou-lhe o vestido até aos joelhos, e por momentos parecia que estava a ajustar as próprias roupas. Depois abriu calmamente a porta e saiu.

Connie viu a lua pequena e muito brilhante que espargia por cima dos carvalhos o seu esplendor. Rapidamente, levantou-se e arranjou-se. Depois caminhou em direcção à porta da cabana.

Todo o bosque estava mergulhado na sombra, era quase noite cerrada; no entanto, o céu estava claro como cristal, mas não irradiava claridade.

Ele avançou para ela por entre a penumbra com o rosto levantado como uma mancha pálida.

- Vamos? - perguntou ele.

- Aonde?

- Acompanho-a até ao portão. Ele resolvia as coisas à sua maneira. Fechou à chave a porta da cabana e seguiu-a.

- Não está arrependida, pois não? - perguntou, enquanto caminhava ao lado dela.

- Não! Não. Você está?

- Arrependido por isso? Não. - Mas, pouco depois, acrescentou: - Mas há tudo o resto!

- Qual resto?

- Sir Clifford, as outras pessoas. Todas as complicações.

- Porquê complicações? - perguntou ela, desiludida.

- É sempre assim. Tanto para si como para mim. Há sempre complicações.

Ele continuava a andar com passo firme na escuridão.

- Está arrependido? - perguntou ela, de novo.

- De certo modo - respondeu, olhando para o céu. - Pensei que tudo isso tivesse acabado para mim. Agora recomecei.

- Recomeçou o quê?

- A viver.

- A viver! - repetiu ela, com um estremecimento estranho.

- A vida é isto, não se pode evitar. E quando se evita, mais vale morrer.

Por isso não pude evitar mais.

Ela não concordava inteiramente, mas, no entanto...

É o amor - disse ela, num tom alegre. Ou seja o que for - respondeu ele. Continuaram a atravessar o bosque escuro, em silêncio, até chegarem quase ao portão.

- Mas não me detesta, pois não? - perguntou ela, ansiosa.

- Não, não... E, subitamente, abraçou-a de novo com força, com a paixão que os tinha unido.

- Não, para mim foi bom, foi bom! E para si?

- Para mim também - respondeu ela, com alguma falsidade, porque tinha estado pouco consciente de tudo.

Ele beijou-a suavemente, com uma ternura apaixonada.

- Se ao menos não houvesse outras pessoas no mundo - disse, lúgubre.

Ela riu. Estavam junto ao portão do parque, que ele abriu para ela passar.

- Não avanço mais.

- Não?! Ela estendeu-lhe a mão, como para um simples cumprimento, mas ele segurou-a entre as suas.

- Acha que volte? - perguntou, ansiosa.

- Sim! Sim! Ela deixou-o e atravessou o parque. Ele ficou a vê-la na escuridão, desenhada contra o horizonte pálido. E sentiu dentro de si uma amargura por a ver partir. Ela tinha-se unido a ele, quando desejara ficar só. Aquela mulher tinha-lhe custado a amarga independência de um homem que, a determinada altura, apenas quer ficar só.

Embrenhou-se no bosque sombrio. Estava tudo calmo, a lua tinha-se escondido. Mas ele tinha consciência dos ruídos da noite, das máquinas em Stacks Gate, do movimento na estrada principal. Começou a subir lentamente um pequeno monte despido de vegetação, e do cimo podia avistar a região, filas de luzes em Stacks Gate, e algumas luzes na mina de Tevershall, as luzes amarelas da aldeia, luzes por toda a parte, aqui e ali, na terra escura com o vermelho longínquo das fornalhas, ténue e rosado, porque a noite estava clara e o metal branco aquecido ficava cor-de-rosa. Luzes eléctricas potentes, agressivas, de Stacks Gate! Aquelas luzes brilhando numa maldade indefinível, todo o desassossego e o pavor, sempre presente, que imperava nas noites industriais dos Midlands. Ouvia os motores dos guindastes em Stacks Gate, que transportavam os mineiros do turno das sete horas. Na mina funcionavam três turnos.

Regressou ao negrume, ao isolamento do bosque, sabendo que essa solidão era ilusória. Os ruídos da indústria podiam quebrá-la, as luzes penetrantes, apesar de ocultas, zombavam dela. Um homem já não podia estar só. O mundo não permite que haja eremitas. Tendo tomado a mulher, expusera-se a um ciclo de sofrimento e fatalidade. Sabia por experiência o que isso significava.

A culpa não era da mulher, nem do amor, nem das relações sexuais. A culpa era de outras coisas, daquelas luzes eléctricas malélicas e dos ruídos ásperos e diabólicos das máquinas, daquele mundo mecanicamente ávido, daquele mecanismo insaciável e da avidez mecanizada, que pareciam lucilar e jorrar metal quente e bramir com o tráfico, lá se estendia aquele mundo diabólico pronto a destruir tudo o que não se lhe submetesse. Em breve

acabaria por destruir o bosque, e as primaveras deixariam de nascer. Todas as coisas vulneráveis têm de morrer sob o peso do ferro.

Pensou na mulher com uma ternura infinita. Aquela mulher perdida, bastante mais atraente do que ela julgava. Oh, demasiado delicada para o meio rude em que vivia integrada. Tinha qualquer coisa de vulnerabilidade dos jacintos selvagens, não era de borracha e platina como as raparigas modernas. E acabariam por matá-la! Tal como a vida, acabariam por matá-la, como a todos os seres vivos, naturais e ternos. Ternos! Ela tinha a ternura dos jacintos a crescer, e que a mulher de hoje, feita de celulóide, tinha perdido. Mas ele protegê-la-ia com o seu coração durante um tempo. Até que o mundo de ferro insensível e o Mammon¹ da cobiça mecanizada os matasse, aos dois.

Regressou a casa com a espingarda e o cão, para a cabana escura. Acendeu a luz, o fogo, e comeu a sua refeição de pão, queijo, cebolas e cerveja. Estava só, no silêncio que tanto amava. O quarto estava limpo e arrumado, mas um pouco frio. No entanto, o fogo estava esperto, o fogão escrupulosamente limpo e o candeeiro de petróleo pairava resplandecente sobre a mesa coberta com um oleado branco. Experimentou ler um livro sobre a Índia, mas naquela noite não era capaz de ler. Sentou-se junto à lareira em mangas de camisa, sem fumar, com uma caneca de cerveja à mão. Pensava em Connie.

Na verdade, lamentava o que tinha acontecido, mais por ela. Tinha um pressentimento qualquer. Não era uma sensação de ter feito algo de mal ou pecado; a este respeito a consciência não o preocupava. Os seus problemas de consciência, e ele sabia-o, eram acima de tudo medo da sociedade, ou das pessoas. Não tinha medo de si mesmo, mas, conscientemente, receava a sociedade, que, por instinto, sabia que era como um animal malévolos e semilouco.

A mulher! Se ela pudesse estar ali com ele e não existisse mais ninguém no mundo! O seu desejo despertou de novo, o pénis começou a agitar-se como um pássaro vivo. Ao mesmo tempo que lhe faziam vergar os ombros o peso do abatimento, o receio de se expor e de a expor a ela, perante essa coisa que cintilava viciosamente nas luzes eléctricas. Ela, pobre criatura, não era mais do que uma fêmea jovem; mas uma fêmea jovem que ele tinha possuído e que desejava de novo.

Espreguiçou-se, num suspiro de desejo, porque tinha vivido sozinho e separado dos homens e das mulheres durante quatro anos. Levantou-se, pegou de novo no casaco e na espingarda, reduziu a chama do candeeiro, e embrenhou-se na noite estrelada, seguido pelo cão. Impelido pelo desejo e pelo medo dessa coisa malévolos, fez a ronda ao bosque, lentamente, suavemente. Gusulva da escuridão e de penetrar nela, adaptava-se à turgidez do seu desejo, que, apesar de tudo, era precioso; com essa inquietude palpitante do pénis, com esse fogo nos rins. Oh, se houvesse outros homens

¹ Palavra aramaica que serve, no Evangelho, para personificar as riquezas mal adquiridas.

com quem estar, para lutar contra aquela coisa eléctrica e cintilante do exterior, para preservar a ternura da vida, a ternura das mulheres, a preciosidade natural do desejo! Se houvesse homens com quem se pudesse lutar lado a lado! Mas os homens estavam todos lá no exterior, vangloriando-se da coisa, ora triunfantes, ora esmagados, sob o peso da avidez mecanizada ou do mecanismo ávido.

No que lhe tocava, Connie correu pelo parque até casa, quase incapaz de pensar no que quer que fosse. Chegaria a horas para o jantar.

No entanto, foi encontrar todas as portas fechadas e teve de tocar, o que a aborreceu sobremaneira.

A senhora Bolton abriu a porta.

- Oh, é vossa senhoria! Começava a pensar que se tinha perdido! - disse ela, com um pouco de malícia. - Sir Clifford ainda não perguntou pela senhora, está a falar com o senhor Linley sobre qualquer coisa. Parece que ele ficará para o jantar, não concorda?

- Provavelmente.

- Posso retardar o jantar um quarto de hora? Dar-lhe-á tempo para se arranjar sem pressa.

- Sim, talvez seja o mais conveniente.

O senhor Linley era o gerente geral das minas, um homem do Norte, já de certa idade, sem verdadeira capacidade de mando na opinião de Clifford, desadaptado às circunstâncias e aos mineiros do pós-guerra, com o seu credo astucioso. Mas Connie gostava dele; todavia, estava satisfeita por não ter de suportar a bajulação da mulher.

Linley ficou para jantar e Connie desempenhou o seu papel de anfitriã, de que os homens tanto gostavam; uma dona de casa modesta e no entanto tão atenciosa e consciente naqueles seus olhos grandes, azuis, cheios de uma calma suave que ocultava suficientemente os seus pensamentos. Foram tantas as vezes que desempenhara esse papel, que a faceta se tornara para ela quase uma segunda natureza, sendo curioso como, enquanto procedia dessa forma, tudo o mais desaparecia da sua consciência.

Esperou pacientemente pelo momento de se retirar e de se entregar aos seus pensamentos.

Quando chegou ao quarto sentiu-se ainda pouco segura e confusa. Não sabia o que havia de pensar. Que espécie de homem seria ele na realidade? Gostaria realmente dela? Sentia que não. Mas era gentil. Tinha qualquer coisa, uma espécie de gentileza terna e ingénua, estranha e intempestiva, que fizera quase com que as suas entranhas se abrissem para ele. Connie sentia que ele podia ser igualmente gentil com outras mulheres, mas, de qualquer modo, era estranhamente repousante, reconfortante. E era um homem impulsivo, saudável e apaixonado, talvez não totalmente pessoal, podia ter sido igual com todas as outras mulheres como fora com ela. Não foi realmente pessoal. Ela, para ele, teria representado uma simples fêmea; mas talvez fosse melhor assim. E, afinal, ela agradava à sua natureza de mulher, o que nenhum outro

tinha conseguido. Os homens sempre foram terrivelmente gentis com a sua pessoa, mas cruéis com a sua natureza de mulher, que desprezavam ou ignoravam. Os homens sempre foram muito gentis com Constance Reid ou com Lady Chatterley, mas nunca com a mulher sexual que ela era. Este acariciava os seus rins e os seios.

No dia seguinte dirigiu-se ao bosque. Era uma tarde cinzenta e calma. A mercurial,² verde-escura, estendia-se por entre a mata de avelaneiras, e as árvores faziam um esforço silencioso por abrir os seus botões. Hoje sentia quase correr-lhe no corpo a seiva que alimentava as grandes árvores e atingia as pontas dos botões e acabava nas folhas de carvalho cor de fogo, cor de bronze como sangue. Era como uma maré túrgida que subia para o céu.

Chegou à clareira, mas ele não estava lá. No fundo, não constava encontrá-lo. Os jovens faisões andavam de um lado para o outro, dentro das capoeiras, correndo ligeiros como insectos, onde as galinhas cacarejavam ansiosamente. Connie sentou-se e observou os animais esperando. Estava somente à espera, quase sem ver as aves. Esperava apenas.

E ele não vinha. O tempo passava com uma lentidão de sonho. Não esperava encontrá-lo. Ele nunca aparecia à tarde. Tinha de ir para casa tomar chá, mas hesitava.

Quando se dirigia para casa começou a cair uma chuvinha miúda.

- Está de novo a chover? - perguntou Clifford, vendo-a sacudir o chapéu.

- Apenas um chuvisco. Serviu o chá em silêncio, absorta numa espécie de obstinação. Queria ver o guarda, verificar se ele seria real. Se é que o era.

- Posso ler um pouco para si depois? - perguntou Clifford. Ela fitou-o. Teria percebido alguma coisa?

- A Primavera faz que eu me sinta um pouco estranha, Julgo que será melhor descansar um pouco - respondeu ela.

- Como quiser. Não se sente mesmo mal, pois não?

- Não! Apenas cansada, por causa da Primavera. Quer que a senhora Bolton venha jogar consigo?

- Não, provavelmente ficarei a ouvir rádio. Ela notou um tom de quase satisfação na voz dele. Subiu para o quarto. Lá ouviu o altifalante anunciar idiotamente, numa espécie de voz de falsete, uma série de pregões de rua, uma triste imitação. Pegou na velha gabardina cor de violeta, e saiu a toda a pressa por uma porta lateral.

A chuva miúda era como um véu lançado sobre o mundo, tornando-o misterioso e tranquilo, não fria. Sentia-se até muito quente enquanto atravessava o parque a toda a pressa. Teve de abrir o impermeável.

O bosque estava silencioso, calmo e escondido, naquela chuva miúda do entardecer, pleno do mistério dos ovos e dos botões meio abertos, flores quase desabrochadas. Na obscuridade as árvores reluziam, parecendo nuas e

² Planta da família das euforbiáceas, também chamada urtiga-morta. (N. da T)

escuras, como se elas próprias se tivessem despido, e as manchas verdes do solo eram ainda mais verdes.

A clareira continuava deserta. Os pintos haviam-se recolhido sob as mães, só um ou dois mais atrevidos debicavam aqui e ali sob o abrigo de palha. Mas não pareciam muito seguros.

Bem! Ele não aparecera ainda, afastava-se de propósito. Talvez tivesse acontecido alguma coisa! Hesitou se deveria ou não ir à casa de campo para o ver.

Mas ela nascera para esperar. Abriu com a sua chave a porta da cabana. Estava tudo muito arrumado, como o milho posto na caixa respectiva, os cobertores dobrados na prateleira, a palha a um canto; um novo fardo de palha, a lanterna à prova de vento suspensa de um prego, a mesa e a cadeira de novo no lugar onde ela estivera deitada.

Sentou-se num banco, à porta. Como tudo estava parado. A chuva miudinha caía como se fosse uma leve película, tocada pelo vento, mas sem o mais leve ruído. Nenhum barulho. As árvores pareciam seres poderosos, esbatidos, crepusculares, silenciosos e vivos. Tudo estava intensamente vivo!

Caía a noite, e ela tinha de voltar para casa. Ele evitava-a. Quando repentinamente surgiu na clareira, caminhando com grandes passadas, envergando um casaco preto de oleado como um motorista. Olhou rapidamente na direcção da cabana, esboçou uma saudação incompleta, virou-se e dirigiu-se para as capoeiras, curvando-se junto às portas, silenciosamente, fechou-as cuidadosamente para que as fêmeas e os pintos ficassem protegidos da noite. Ela continuava sentada no banco, até que finalmente ele se dirigiu para ela, parando debaixo do alpendre.

- Sempre veio - disse ele, com uma entoação de dialecto.

- Vim! - disse ela olhando para ele. - Chega tarde!

- É verdade! - respondeu, virando o olhar na direcção do bosque.

Ela levantou-se e afastou o banco.

- Quer entrar? - perguntou ela. Ele lançou-lhe um olhar incisivo.

- As pessoas não começam a falar por vir aqui todas as noites? perguntou.

- Porquê? - respondeu ela, fitando-o, atrapalhada. - Disse que vinha. Ninguém mais sabe.

Mas acabarão por saber. E depois?

Ela não sabia o que havia de responder.

- Mas porque é que não sabem?

- Porque sabem sempre - respondeu ele num tom fatalista. Os lábios de Connie tremeram ligeiramente ao responder: - Não posso evitar - balbuciou.

- Pode. Não vindo, se quiser - acrescentou, baixando o tom da voz.

- Mas não quero - murmurou.

Ele olhou o bosque, silencioso.

- Mas que poderá acontecer se descobrirem? Imagine. Imagine como ficaria rebaixada. Um criado de seu marido!

Ela procurou-lhe os olhos, que ele desviou.

- Mas... mas não me quer?
- Pense um pouco. Pense que as pessoas descobriam, Sir Clifford e toda a gente a falar.
- Bem, posso ir-me embora.
- Para onde?
- Para qualquer parte. Tenho o meu dinheiro. Herdei vinte mil libras da minha mãe e sei que Clifford não lhe pode tocar. Posso ir-me embora.
- Mas se depois não lhe apetece ir?
- Apetece. Não me interessa o que me possa acontecer.
- Acha que não? Interessa-lhe, como a toda a gente. Não se pode esquecer que é Lady Chatterley e eu um couteiro. Se eu fosse um senhor, seria diferente. Tem de lhe interessar.
- Garanto-lhe que não. Não me interessa o título de lady, na verdade até o odeio. Sinto que cada vez que as pessoas o proferem é como se estivessem a fazer troça. E estão mesmo. Você também.
- Eu! Pela primeira vez ele olhou-a fixamente, nos olhos.
- Não faço troça de si. Ela fitou-o. Os olhos dele pareceram enegrecer, as pupilas alargarem-se.
- Não se preocupa com o risco? - perguntou ele numa voz rouca. - Vai-se importar, mas depois será já tarde.

Havia na sua voz um aviso estranho e suplicante.

- Mas não tenho nada a perder - respondeu ela, irritada. Se soubesse o que é, gostaria com certeza de o perder. Mas tem medo por si?
- Tenho - disse ele, com brevidade. - Tenho medo, tenho medo das coisas.
- Que coisas? - perguntou ela. Ele fez um gesto de cabeça, indicando o mundo exterior.
- Coisas, pessoas, tudo. Subitamente inclinou-se e beijou o rosto infeliz de Connie.
- Não, não me interessa. O que acontecer, logo se vê. Mas, se era para se vir a arrepender, nunca devia tê-lo feito.
- Não me rejeite - suplicou ela. Ele fez-lhe uma carícia e voltou a beijá-la.
- Vamos para dentro - murmurou. - E tire o impermeável. Pendurou a espingarda, tirou rapidamente o casaco de cabedal, encharcado, e foi buscar os cobertores.
- Trouxe mais um cobertor para nos podermos cobrir, se quiser.
- Não posso demorar-me, o jantar é às sete e meia. Ele olhou para ela, depois para o relógio.
- Está bem. Fechou a porta e acendeu a lanterna.
- Para a outra vez teremos mais tempo. Estendeu cuidadosamente os cobertores no chão e ajeitou o outro dobrado para servir de travesseiro a Connie. Depois sentou-se por instantes no banco, puxou-a para ele, com um

dos braços manteve-a bem apertada ao peito, enquanto a outra não lhe acariciava todo o corpo. Ela ouviu a alteração da respiração dele quando ele lhe tocou: por baixo da delicada combinação estava nua.

- Eh! Como é agradável tocar-te! - murmurou ele, enquanto os seus dedos acariciavam a delicada pele quente da parte mais secreta da cintura e quadris.

Baixou-se e esfregou o rosto contra o ventre e as coxas dela. E ela pensou que espécie de enlevo representaria aquilo para ele. Não percebia a beleza que ele encontrava nela, quando tocava o seu corpo secreto e vivo, quase num êxtase de beleza. Só a paixão é capaz de a despertar. E quando a paixão já não existe, ou simplesmente não existe, a impressão magnífica que a beleza pode provocar é incompreensível e até um pouco desprezível. A beleza quente, viva, do contacto é mais profunda que a beleza intelectual. Ela sentia o deslizar do seu rosto nas coxas, no ventre, nas nádegas e o roçar do bigode, o seu cabelo macio e espesso, e os joelhos dela começaram a tremer. Dentro de si sentia uma nova palpitação, uma nova nudez. Ficou quase com medo, quase preferia que não a acariciasse assim. Estava de certa maneira a prendê-la. Ela continuava no entanto à espera... à espera.

E quando a penetrou com uma intensidade de prazer e realização, num momento de pura paz, ela continuava à espera. Sentia-se um pouco posta de parte, e sabia que, em parte, a culpa era sua. Queria, daquele modo, manter a distância, e agora talvez estivesse condenada a isso. Não se mexia, sentia os movimentos dele dentro de si, a sua concentração profunda, e o súbito estremecimento quando brotou o sémen, depois um impulso mais lento. Aquela arremetida das nádegas era um pouco ridícula. Uma mulher que pudesse observar tudo sem participar, acharia tremendamente ridículo. O homem ficava extremamente ridículo naquela posição e naquele acto.

Mas ela continuava imóvel, sem recuar. Mesmo quando ele acabou, não lhe apeteceu conseguir o seu próprio prazer, como fazia com Michaelis; continuou quieta e as lágrimas começaram a inundar-lhe os olhos e a cair.

Ele estava quieto também. Apertou-a mais e tentou tapar as pernas dela, delicadas e nuas, com as suas, para as manter quentes.

- Tens frio? - perguntou ele, com uma voz suave, que mal se ouvia, como se ela estivesse muito perto, mas ela estava distante.

- Não, mas tenho de ir-me embora - respondeu ela, docemente.

Ele soltou um suspiro, abraçou-a com mais força, depois alargou o braço para descansar de novo.

Não tinha dado conta que ela estivera a chorar. Pensava que estava com ele.

- Tenho de ir - repetiu ela. Ele levantou-se, mas ficou de joelhos junto dela por instantes, e beijou-lhe a parte interior das coxas, e depois baixou-lhe as saias, levantando-se e começando a abotoar-se distraidamente, sem se virar, à luz fraca da lanterna. - Gostava que um dia pudesse ir à casa de campo - disse olhando-a com uma expressão quente, segura, tranquila.

Mas continuava deitada inerte, olhava-o e pensava: "Um estranho! Um estranho!". Melindrava-se um pouco com ele.

Ele vestiu o casaco e procurou o chapéu, que caíra no chão, depois pôs a espingarda em bandoleira.

- Vamos! - disse ele, fitando-a com os seus olhos ardentes e serenos.

Ela levantou-se lentamente. Não se queria ir embora, mas também não queria ficar. Ele ajudou-a a vestir o impermeável e verificou se estava bem arranjada.

Abriu a porta. Lá fora estava escuro. O cão fiel, que ficara sob o alpendre, levantou-se, contente de o ver. A chuva miúda espalhava-se na escuridão. Era noite cerrada.

- Tem de levar a lanterna, não há ninguém - disse ele. Caminhava à frente dela pelo caminho estreito, levando a lanterna baixa, o que permitia ver a relva molhada, as raízes brilhantes e negras das árvores, que pareciam serpentes, e as flores pálidas. Tudo o resto era uma nuvem de chuva e escuridão.

- Gostava que um dia pudesse ir à casa de campo, não vai? disse ele. - Perdido por um, perdido por mil.

Confundia-a o estranho e persistente desejo dele, na medida em que não havia nada entre os dois, em que ele nunca realmente tinha falado com ela. E, embora, sem querer, embirrava com o dialecto. Aquele "a senhora tem de ir" parecia que não lhe era dirigido, mas sim a uma mulher vulgar. Ela reconheceu as folhas das dedaleiras no caminho, antiga pista para cavaleiros, sabia, mais ou menos, onde estavam.

- São sete e um quarto, ainda chega a tempo. Tinha mudado o tom de voz, parecia ter-se apercebido do afastamento de Connie. Na última curva do caminho perto do muro da mata de avelaneiras e do portão, ele apagou a luz.

- Aqui já se vê - disse ele, agarrando-a delicadamente pelo braço.

Mas era difícil, a terra debaixo dos pés era um enigma, ele tacteava o caminho, estava habituado. Quando chegaram ao portão ele deu-lhe a lâmpada eléctrica portátil.

- No parque há mais claridade. Mas tenha cuidado para não sair do caminho.

Era verdade, o parque estava banhado por uma luz cinzenta fantasmagórica. Ele meteu-lhe outra vez subitamente as mãos húmidas e frias por baixo do vestido, acariciando o seu corpo quente, ao mesmo que a puxava contra ele.

- Era capaz de morrer pelo contacto de uma mulher como tu disse com voz gutural. - Se pudesses ficar mais um minuto. Ela sentiu mais uma vez a força do desejo daquele homem.

- Não, tenho de me apressar - disse ela, um pouco descontrolada.

- Sim - respondeu ele, mudando de tom de voz, largando-a. Afastou-se, mas logo voltou para trás e disse-lhe:

- Beija-me. Ele inclinou-se sobre ela, imperceptível, e beijou-a no olho esquerdo. Ela ofereceu-lhe o rosto e ele beijou-a suavemente na boca, mas afastou-se imediatamente. Detestava beijos na boca.

- Voltarei amanhã, se puder - disse ela, começando a afastar-se.

- Sim, mas não tão tarde - replicou a voz dele da escuridão. Ela já não o podia ver.

- Boa noite - disse Connie.

- Boa noite a vossa senhoria. Ela deteve-se, olhando para trás na noite escura e húmida. Só via a sombra dele.

- Porque é que disse isso?

- Por nada. Então boa noite, corra! Ela mergulhou na noite cinzenta-escura e tangível. Foi encontrar a porta lateral aberta e escapou-se para o quarto sem ser vista. Enquanto fechava a porta, o gongo soou, mas decidiu tomar banho fosse como fosse... tinha de tomar banho. "Nunca mais me atrasarei - disse para si mesma -, é muito desagradável. "

No dia seguinte não foi ao bosque, deslocou-se a Uthwaite com Clifford. Ele agora podia sair de carro de vez em quando, tinha arranjado um jovem, sadio, para motorista, que o podia ajudar a sair do carro se fosse preciso. O seu objectivo era visitar o padrinho, Leslie Winter, que vivia em Shipley Hail, perto de Uthwaite. Winter era um cavalheiro de certa idade, rico, um dos mais ricos proprietários de minas de carvão, que tivera o seu apogeu no tempo do rei Eduardo. O rei Eduardo tinha estado várias vezes em Shipley, na época da caça. Era uma bela e antiga casa senhorial trabalhada em estuque, elegantemente apetrechada, porque Winter era bacharel e tinha muito orgulho no seu estilo. Mas o solar estava rodeado pelas minas de carvão. Leslie tinha estima por Clifford, mas pessoalmente não o respeitava muito, por causa das fotografias nos jornais ilustrados e dos seus livros. Era um senhor da escola do rei Eduardo, que entendia que a vida era uma coisa, as literatices outra. O Squire era muito galanteador em relação a Connie, achava-a atraente, reservada, e mal empregada em Clifford. Lamentava que ela não pudesse dar um herdeiro a Wragby; ele próprio não tinha herdeiros.

Connie perguntava a si mesma o que é que ele diria se soubesse que ela tinha relações com o couteiro de Clifford, e que ele lhe dizia em dialecto: "Gostava que a senhora pudesse ir um dia à casa de campo". Detestá-la-ia e desprezá-la-ia, porque odiava os esforços das classes trabalhadoras para singrarem na vida. Se fosse um homem da mesma classe de Connie, não se importaria, porque a natureza a tinha dotado de um aspecto de virgindade modesta e submissa, que talvez correspondesse à sua maneira de ser. Winter chamava-lhe "querida filha" e tinha-lhe oferecido uma linda miniatura do século XVIII representando uma mulher, apesar dos seus protestos.

A ligação com o guarda preocupava Connie. Afinal, o próprio Winter, que era um cavalheiro e um homem do mundo, tratava-a como um ser humano individualizado. Não a misturava com as outras mulheres, com os "tua" e os "tis".

No dia seguinte não foi ao bosque, nem nos dois dias que se seguiram. Não apareceu durante os dias em que se sentiu, ou pensou sentir, que o homem a esperava, a desejava. Mas ao quarto dia estava extremamente perturbada e ansiosa. Recusou-se a ir ao bosque e mais uma vez entregar-se a ele. Teceu uma dezena de planos. Iria de automóvel até Sheffield fazer visitas, mas tudo isso lhe pareceu desagradável. Finalmente, decidiu dar um passeio, não em direcção ao bosque, mas na direcção oposta. Iria até Marehay, passando o pequeno portão de ferro do outro lado da vedação do parque. Era um dia de Primavera cinzento e calmo, quase quente. Foi andando sem dar fé de nada que a rodeava, absorta, sem mesmo disso ter consciência. Na verdade nada vira e nem sequer dera fé do caminho percorrido, se não fora ter sido desperta do ensimesmamento pelo ladrar do cão da quinta de Marchay. A quinta de Marchay! As pastagens estendiam-se até à vedação do parque de Wragby, portanto eram vizinhos, mas havia já algum tempo desde a última visita de Connie.

- Bell! - disse para o bull-terrier grande e branco. - Então Bell, já não te lembras de mim? Não me conheces?

Tinha medo dos cães, mas Bell recuou, a rosar. Ela queria atravessar o pátio da quinta até ao caminho para casa.

A senhora Flint apareceu. Era uma mulher da idade de Constance, tinha sido professora Primária, mas achava-a um pouco falsa.

- Oh, é a Lady Chatterley! Que surpresa! Os olhos da senhora Flint brilharam e corou como uma garota.

- Bell! Bell! Então tu ladras a Lady Chatterley?! Bell! Caluda! Precipitou-se para o cão e bateu-lhe com um pano branco, que tinha na mão, depois avançou em direcção a Connie.

- Ela costumava conhecer-me - comentou Connie, apertando a mão da senhora Flint.

Os Flint eram inquilinos dos Chatterley.

- Mas claro que ela ainda conhece vossa senhoria! Estava unicamente a exhibir-se - respondeu a senhora Flint, com os olhos brilhantes e uma expressão confusa. - Mas há muito tempo que ela não a vê. Espero que já esteja outra vez de boa saúde.

- Sinto-me excelente, obrigada.

- Mal a vimos durante o Inverno. Não quer fazer o favor de entrar para ver o bebé?

- Bem! - Connie hesitou. - Então só por um minuto. A senhora Flint correu precipitadamente para dentro de casa para pôr tudo em ordem, e Connie seguiu-a lentamente, vacilante entrou na cozinha escura onde uma chaladeira com água fervia junto ao lume. A senhora Flint voltou a aparecer.

Peço-lhe que não repare. Por aqui, por favor. Entraram na sala de estar, onde o bebé estava sentado em cima de um tapete de retalhos colocado em frente da lareira e a mesa para o chá estava posta toscamente. Uma criada muito nova, tímida e desastrada, desapareceu pelo corredor, recuando.

O bebê era vivo, com cerca de um ano, com cabelo ruivo, como o pai, e atrevidos olhos azuis-claros. Era uma rapariga e não parecia ser desencorajada. Estava sentada entre almofadas e rodeada de bonecas de trapos e muitos brinquedos, como é habitual.

Que amorosa! E como está crescida! Uma mulherzinha, uma mulherzinha!

Quando a criança nascera, ela tinha-lhe oferecido um xaile e patos de celulóide pelo Natal.

Olha, Josephine, sabes quem veio visitar-te? Quem é, Josephine? É Lady Chatterley! Conheces Lady Chatterley, não conheces?

A criancinha, viva, fitou Connie insolentemente. Os títulos nada significavam para ela.

Vem cá, anda! - disse-lhe Connie. A criança não ligou; portanto, levantou-a e pô-la no regaço. Era quente e doce ter uma criança ao colo! Uns bracinhos frágeis, umas perninhas inconscientes e impertinentes.

Ia tomar uma chávena de chá sozinha. Luke foi ao mercado, por isso posso tomar o chá quando quiser. Não quererá uma chávena de chá, Lady Chatterley? Não é aquilo que está habituada, mas enfim...

Connie aceitou, embora não lhe tivesse agradado a referência aos seus hábitos. A mesa foi posta de novo com as melhores chávenas e o melhor bule.

- Só se não for muito incómodo - disse Connie. Mas se a senhora Flint não se incomodasse, onde é que estava a graça! Assim, Connie brincou com a criança e divertiu-a a intrepidez feminina. Sentia quase um profundo prazer sensual devido ao calor suave da garota. Uma vida tão jovem! Tão corajosa! Tão corajosa por ser tão indefesa. Todas as outras pessoas são tão limitadas pelo medo!

Tomou uma chávena de chá bem forte, muito bom pão e manteiga e ameixas de conserva. A senhora Flint corava e exaltava de excitação, como se Connie fosse um cavaleiro galante. E tiveram uma conversa de mulheres, que agradou a ambas.

É um chazinho pobre - disse a senhora Flint. Gostei muito mais do que em casa - responde Connie, sem mentir.

- Oh, oh! - exclamou a senhora Flint, sem acreditar, evidentemente.

Mas finalmente Connie levantou-se.

- Tenho de ir, o meu marido não faz a menor ideia do sítio onde estou e não sei o que ele já terá pensado a esta hora.

- Nunca pensará que está aqui - respondeu a senhora Flint, rindo, excitada. - Daqui a pouco manda um pregoeiro.

- Adeus, Josephine - disse Connie, beijando o bebê, emaranhando-lhe os cabelos ruivos e finos.

A senhora Flint insistiu em abrir a porta da frente, que estava fechada à chave e trancada. Connie entrou no pequeno jardim da quinta, cercado por uma vedação de ligustros. Dos dois lados do caminho havia orelhas-de-urso, aveludadas e profusas.

- Que lindas orelhas-de-urso! - exclamou Connie.
- Estouvadas, como diz Luke. Leve algumas. - A senhora Flint riu.
E, avidamente, colheu uma braçada das aveludadas e amarelas flores.
- Chega! Chega! - dizia Connie. Chegaram ao portão do pequeno jardim.
- Por que lado vai? - perguntou a senhora Flint.
- Pelos campos de pastagem.
- Deixe ver! Sim, as vacas estão fechadas, mas ainda não se levantaram. Mas o portão está fechado, tem de trepar.

- Posso trepar.
- Talvez seja melhor ir consigo até ao cercado. E seguiram pelos pastos devastados pelos coelhos. No bosque os pássaros cantavam, num tom de triunfo crepuscular. Um homem andava a juntar as últimas vacas, que se arrastavam pelo caminho do prado já cansado.

- Estão atrasadas, têm de ser ordenhadas hoje - disse a senhora Flint severamente. - Mas os homens sabem que Luke não regressa antes da noite.

Chegaram à vedação, atrás da qual se eriçava a jovem e densa mata de abetos. Havia um portão pequeno, mas estava fechado. Do lado de dentro, na relva, estava uma garrafa vazia.

- É a garrafa de leite, vazia, do guarda - explicou a senhora Flint. - Nós trazemo-la até aqui e ele vem buscá-la.

- A que horas?

- Oh, a qualquer hora que ele ande por aqui. Geralmente de manhã. Então, adeus, Lady Chatterley! E venha mais vezes. Foi tão agradável a sua visita!

Connie passou, trepando-a, a vedação e prosseguiu pela estreita trilha entre os abetos espessos e eriçados. A senhora Flint corria pelo prado com o seu chapéu, porque era, realmente, uma professora primária. Connie não simpatizava muito com aquela parte da floresta por ser densa, achava-a sinistra e sufocante. Avançava com a cabeça baixa, absorta a pensar no bebé da senhora Flint. Que delicioso bocadinho de carne. Imaginou se as pernas do bebé viriam a ficar um pouco arqueadas como as do pai. Já tinham essa forma, mas talvez com o crescimento isso desaparecesse. Como era bom e repousante ter um filho! E a senhora Flint tinha-o revelado bem! Ela possuía qualquer coisa que faltava a Connie, e que aparentemente não podia ter. Sim, a senhora Flint tinha exibido a sua maternidade. E Connie tinha sentido um pouco de ciúmes, não podia evitá-lo.

Subitamente, acordou dos seus pensamentos e deu um grito de medo. Estava ali um homem.

Era o guarda, no meio do caminho, como um burro de Balaam, a barrar-lhe a passagem.

- Olha, que é isso? - perguntou ele, surpreendido.

- De onde é que você surgiu? - perguntou ela ainda sem fôlego.

- E tu de onde vens? Foste à cabana?

- Não! Não! Fui a Marehay. Ele olhou para ela, curiosa e penetrantemente, e ela baixou a cabeça, sentindo-se um pouco culpada.

- E agora ias à cabana? - perguntou ele, num tom severo.

- Não, não posso, fiquei em Marehay, ninguém sabe onde estou. Estou atrasada. Tenho de me apressar.

- Estás-me a evitar? - disse ele, com um sorriso vagamente irónico.

- Não! Não. Não é isso. É que...

- Então o que é? Ele caminhou para ela e abraçou-a. Ela sentiu o corpo dele muito próximo e vivo.

- Oh, não, agora não! - exclamou ela, tentando afastá-lo,

- Porque não? São só seis horas. Tens meia hora. Não! Não! Eu quero-te.

Ele apertou-a e ela sentiu a urgência dele. O primeiro instinto de Connie foi lutar pela sua liberdade, mas havia qualquer coisa estranha dentro de si, inerte e pesada. O corpo dele reclamava-a e ela não tinha coragem para lutar.

Ele olhou em volta.

- Vem... vem por aqui! - disse ele, olhando atentamente os abetos espessos, que eram ainda jovens e rasteiros.

Voltou-se e fitou-a. Ela reparou nos seus olhos ansiosos e muito brilhantes, não ternos. Mas já não tinha vontade própria e sentia um estranho peso nos membros. Começava a ceder, a abandonar-se.

Ele conduziu-a através do denso arvoredo de acúleos, difícil de se transpor, até um lugar aberto e um monte de ramos mortos. juntou um ou dois, cobriu-os com o casaco e o colete, e obrigou-a a deitar-se, ali, sob os ramos de uma árvore, como um animal, enquanto ele esperava, em camisa e calças, fitando-a com uma expressão sinistra. Previdente, como sempre, tinha-a feito deitar correctamente. E foi ele que lhe tirou a roupa interior, porque ela não o ajudou, nem se mexeu.

Descobriu também a parte da frente do corpo dele e ela sentiu a sua pele nua contra a dela quando a penetrou. Por momentos, o pénis ficou quieto dentro dela, túrgido e palpitante. Depois começou a mover-se, num orgasmo imediato e inevitável, em torrentes agitadas, incontrolláveis, como chamas suaves, tão suaves como penas, que atingiam pontos brilhantes, finos, fundentes, que a enfraqueciam por dentro. Era como o som de um sino, subindo de onda em onda até ao ponto culminante. Ela emitia pequenos gritos inconscientes, gritos quase inarticulados.

Mas aquela comunhão terminou logo a seguir, muito rapidamente, e ela já não conseguia continuar sozinha. Tinha sido diferente, desta vez, diferente, e ela já não pôde fazer mais nada. já não podia tornar-se insensível e obter sozinha o seu prazer. Só pôde esperar, esperar e sofrer em pensamento, enquanto o sentia retirar-se, afastar-se, contrair-se, quase a chegar ao terrível momento em que a abandonaria e se afastaria dela. Enquanto as suas entranhas continuavam docemente abertas, chamando-o suavemente, como

uma anêmona marinha sob a corrente, chamando-o para ele voltar a satisfazê-la. Connie continuou a apertá-lo contra si, numa paixão inconsciente, e ele não a abandonou; sentiu-o de novo a movimentar-se, em cadências estranhas, num estranho movimento rítmico cada vez mais intenso, até que preencheu todo o seu campo de consciência, e então recomeçou aquele movimento inefável, que não era verdadeiramente um movimento, mas turbilhões puros e profundos de sensações rodopiando cada vez mais fundo, invadindo toda a carne e a consciência, e tudo dentro dela se transformou em fluido concêntrico e perfeito de sensações. Continuava estendida, soltando gritos inconscientes e inarticulados. Era a voz que rasgava os confins da noite, a vida! O homem, quase com terror, sentia-a debaixo dele, enquanto a sua vida brotava e a penetrava. E ao mesmo tempo que a voz ia desaparecendo, ele também acabou por sossegar, por ficar calmo, inconsciente. Lentamente ela deixou de o agarrar com força e ficou inerte. E assim continuaram, inconscientes de tudo, até um do outro, ambos absortos. Finalmente, sentiu os sentidos acordarem e ele apercebeu-se da sua nudez indefesa, e ela sentiu que o corpo dele ia afrouxando sobre o seu. Ele ia-se afastar, mas no íntimo não podia suportar que a deixasse desprotegida. A partir desse dia tinha de protegê-la para sempre.

Finalmente, separou-se, beijou-a, cobriu-a e começou a cobrir-se também. Ela permanecia estendida, olhando para os ramos da árvore, incapaz de se mover. Ele abotoava as calças, olhando em volta. Tudo estava silencioso e denso, se não fosse o cão assustado, que tinha o focinho entre as patas. Ele sentou-se no silvado e pegou na mão de Connie em silêncio.

Ela virou-se e fitou-o.

- Desta vez expulsámo-nos juntos - disse ele. Ela não respondeu.

- É muito bom quando isso acontece. A maior parte das pessoas vive uma vida inteira sem saber o que isso é - comentou ele, num tom um pouco sonhador.

Ela olhou o seu rosto pensativo.

- É verdade? - perguntou. - Está feliz? Ele fixou-a nos olhos.

- Feliz, sim. Mas não digas mais nada. Não queria que ela falasse. Inclinou-se e beijou-a, e ela sentiu que ele teria de a beijar assim, para sempre.

Finalmente, ela sentou-se. - As pessoas não se expulsam frequentemente ao mesmo tempo? - perguntou ela, com uma curiosidade ingénua.

- Muitas jamais o conseguiram. Pode-se ver no seu ar bisonho.

Ele respondia, contrariado, arrependido por ter começado a conversar.

- Aconteceu-lhe muitas vezes com outras mulheres? Ele olhou-a, divertido.

Não sei, não sei. Ela compreendeu que ele nunca lhe diria nada que não quisesse. Inspeccionou-lhe o rosto e sentiu dentro de si um impulso de paixão a que tinha resistido enquanto podia, porque sabia que era o seu fim.

Ele vestiu o colete e o casaco e começou a abrir caminho entre as árvores.

Os últimos raios de sol penetravam no bosque.

- É melhor eu não a acompanhar. Ela olhou-o, melancólica, antes de se virar. O cão esperava-o, impaciente, e ele parecia não ter mais nada a dizer. Não havia mais nada a dizer.

Connie seguiu para casa lentamente e tomava consciência da profundidade dessa outra coisa dentro de si. Havia nela um outro eu vivo, ardente, que se fundia nas suas entranhas, e esse eu tinha uma paixão por aquele homem. Ela adorava-o e, à medida que caminhava, sentia os joelhos a fraquejarem. Por dentro, nas entranhas estava leve, viva, vulnerável e indefesa na adoração que tinha por ele, como a mais ingênua das mulheres. "É como se tivesse um filho, como se tivesse um filho dentro de mim", disse, para si própria. Era verdade; era como se o seu útero tivesse estado sempre fechado e agora se abrisse e se enchesse com uma nova vida, que era quase um fardo, no entanto adorável.

"Se eu tivesse um filho - pensava -, se o tivesse dentro de mim sob a forma de um filho." E voltou a sentir os membros fraquejar, e percebeu a enorme diferença entre ter um filho só seu e ter um filho de um homem que se desejava ardentemente. O primeiro caso pareceu-lhe, de certo modo, vulgar; mas a ideia de um filho de um homem que adorava e desejava fê-la sentir-se diferente de tudo o que tinha sido até aí, como se ela tivesse mergulhado profundamente, mesmo no centro da situação de ser mulher e do sono da criação.

Não era a paixão que a surpreendia, mas aquela adoração ávida, que sempre receara, porque sabia que a deixaria indefesa. E continuava a ter medo, para que não o adorasse demasiado, e depois perder-se, apagar-se. E ela não queria apagar-se, tornar-se uma escrava, como uma mulher selvagem. Era preciso não se tornar uma escrava. Tinha medo da sua própria adoração, mas, no entanto, não iria agora lutar contra ela. Sabia que a podia combater. Com a sua obstinação demoníaca podia guerrear aquela adoração avassaladora, esmagá-la. Ainda podia destruí-la, assim o supunha, poderia então apoderar-se da paixão com a sua própria força de vontade.

Ah, sim! Ser apaixonada como uma bacante, como um ébrio a correr através dos bosques em busca de *Tacchos*,³ o falo resplandecente, que não tinha nenhuma personalidade independente, mas

era um mero servidor divino da mulher. O homem, o indivíduo, não se deve intrometer. Era um acólito do templo, o portador e guardião do falo brilhante, ela mesma.

Assim no fluxo do novo despertar, a paixão antiga, violenta, irrompeu por momentos nela, e o homem ficou reduzido a um objecto desprezível, um

³ Título solene concedido a Baco nos mistérios eleusinos. (N. da T)

simples portador do falo, que podia ser despedaçado depois de cumprir o seu dever. Ela sentia nos membros e no corpo a força da bacante, a mulher cintilante e veloz que destrói o macho. Mas, no meio de tudo, sentiu-se triste. Não era isso que queria, não tinha mistério, era árido, estéril. O único tesouro que possuía era aquela adoração tão insondável, suave, profunda e desconhecida. Não, não renunciaria à sua força feminina e resplandecente, que a fatigava e a endurecia. Mergulharia no novo banho da vida, nas profundezas das suas entranhas, que entoavam a canção áfona da adoração. Era ainda cedo para começar a rezear o homem.

- Fui até a Marehay e estive a tomar chá com a senhora Flint disse a Clifford. - Queria ver o bebé. É um encanto, tem um cabelo como teia de aranhas vermelhas. Tão querido! O senhor Flint tinha ido ao mercado, e tomámos chá as três. Imaginou onde é que eu estava?

- Bem, não podia imaginar, mas supus que tinha ficado em qualquer lado a tomar chá - respondeu Clifford, com ciúmes.

Com uma espécie de segundo sentido pressentiu qualquer coisa de novo na mulher, que não percebia, mas que atribuiu ao bebé. Achava que o que afligia Connie era o facto de não ter um filho, pelo menos poder gerá-lo automaticamente, por assim dizer.

- Vi-a sair do parque pelo portão de ferro, minha senhora, por isso mesmo julguei que talvez fosse fazer uma visita à reitoria disse a senhora Bolton.

- De facto pensei em ir à reitoria, mas depois resolvi ir até Marehay.

Os olhos das duas mulheres encontraram-se: os da senhora Bolton, cinzentos, brilhantes e perscrutadores; os de Connie, azuis, velados e estranhamente belos. A senhora Bolton tinha quase a certeza de que ela tinha um amante, mas quem? Quem? Onde poderia estar esse homem?

- Oh, faz-lhe muito bem sair e estar com pessoas - disse a senhora Bolton. - Acabara de dizer a Sir Clifford que seria bom para vossa senhoria sair mais vezes.

- Sim, na verdade sinto-me contente por ter ido, a criança é engraçada, amorosa, Clifford. O cabelo dela é como teia de aranha e de uma cor alaranjada tão brilhante, os olhos são de um azul ímpar, intenso, como porcelana fina. É claro que é uma menina, ou não seria tão corajosa, mais corajosa que Sir Francis Drake.

- Tem razão, minha senhora. Vê-se logo que é uma Flint. As pessoas da família sempre tiveram cabelo ruivo - disse a senhora Bolton.

- Não gostava de a conhecer, Clifford? Convidei-as para o chá para a ver.

- Quem? - perguntou ele, olhando para Connie, muito preocupado.

- A senhora Flint e a filha, para a próxima segunda-feira.

- Pode servir-lhes o chá no seu quarto.

- Porquê? Então não quer ver o bebé? - exclamou ela.

- Oh, claro que sim, mas não quero passar todo o tempo do chá com elas.

- Oh! - exclamou Connie, fitando-o com os olhos velados. Na realidade não estava a vê-lo, ele era outra pessoa.

- Pode tomar chá no seu quarto, agradável e confortavelmente, e talvez a senhora Flint se sinta mais à vontade do que na presença de Sir Clifford - disse a senhora Bolton.

Estava convencida que Connie tinha um amante, e na sua alma qualquer coisa exultou. Mas quem seria? Talvez a senhora Flint lhe desse uma pista.

Connie nessa noite não tomaria banho. A sensação da carne dele a tocar a sua, colada contra o seu corpo, era tudo quanto havia de mais querido para ela e, de certo modo, sagrado.

Clifford estava muito inquieto. Depois do jantar não quis que ela se fosse embora, e ela queria tanto ficar só! Fitou-o, mas com uma submissão estranha.

- Vamos jogar, ou prefere que eu leia, ou qualquer outra coisa? - perguntou ele, constrangido.

- Prefiro que leia - respondeu Connie.

- O quê? Verso ou prosa? Ou teatro?

- Leia Racine. Antigamente uma das suas especialidades tinha sido ler Racine à maneira grandiloquente e empolada dos franceses, mas agora estava destreinado e um pouco embaraçado; na verdade, preferia o altifalante. Mas Connie estava a costurar um pequeno vestido de criança de seda amarelo-pálida, que cortara de um dos seus vestidos, para a filha da senhora Flint, tinha-o feito, depois de chegar a casa e antes do jantar, sentada no seu enlevo suave e tranquilo começou a armá-lo enquanto ele lia.

Sentia dentro de si os ecos da paixão como os sons que ficam a pairar depois dos pesados sinos terem ressoado.

Clifford fez-lhe certo comentário a respeito de Racine. Ela apanhou as palavras mesmo depois de elas se perderem.

- Sim! Sim! - exclamou ela, olhando para ele. - É esplêndido.

Ele observou a profunda chama que se via no fundo daqueles olhos azuis e de novo sentiu receio, e também pela sua postura, pela sua tranquilidade suave. Ela nunca estivera tão doce e tranquila. Não conseguia evitar o fascínio que ela exercia sobre ele, como um perfume que o intoxicasse. Recomeçou a sua leitura solitária e o som gutural do francês parecia-lhe o vento ao passar pelas bocas das chaminés. Mas de Racine, desse é que ela não ouvia sequer uma única sílaba.

Estava absorta, virada para si mesma, era como uma floresta sussurrando à passagem do brando e terno zéfiro da Primavera, que começa a florescer. Sentia-se no mesmo mundo com o homem, esse homem sem nome, andando com belos pés, belo no seu mistério fálico. E dentro dela, nas velas, sentia-o e ao filho. Sentia o filho do homem no sangue que lhe corria nas veias, como um crepúsculo.

"Porque ela não tinha mãos, nem olhos, nem pés, nem o tesouro dourado do cabelo ... "

Ela sentia-se como uma floresta, como os ramos sombrios dos carvalhos entrelaçados, zumbindo inaudivelmente com as miríades de rebentos a brotarem. Entretanto, os pássaros do desejo tinham adormecido no vasto entrelaçamento intrincado do corpo dela.

Mas a voz de Clifford prosseguia vibrante, gorgolejante em sons desabituais. Extraordinário! Como era extraordinário, inclinado sobre o livro, existia nele uma capacidade bizarra, civilizada, com ombros largos e sem penas. Que ser estranho, dotado da vontade tenaz e fria de uma ave, e completamente destituído de calor humano! Um desses seres do futuro, sem alma, com uma vontade extraordinariamente vigilante, uma vontade de gelo. Ela estremeceu, arrepiada, ele assustava-a. Mas a chama doce e quente da vida era mais forte do que ele, e a verdadeira realidade, ele ignorava-a.

A leitura acabara. Ficou sobressaltada. Levantou o olhar e mais inquieta ficou ainda por ver Clifford a fitá-la com o brilho ténue, sinistro, quase de ódio.

- Estou-lhe imensamente agradecida! Lê Racine de uma maneira tão bela - disse ela, com ternura.

- De modo nenhum mais bela do que a sua maneira de escutar - respondeu ele, furiosamente. - Que é que está a fazer?

- Um vestido para a filha da senhora Flint. Ele desviou a cara. Um filho! Um filho! Estava obcecada.

Afinal de contas - prosseguiu ele, num tom declamatório apreendemos todas as emoções que quisermos em Racine. As emoções ordenadas e já com forma são mais importantes do que as desordenadas.

Ela olhou-o velada, vagamente, abrindo muito os olhos.

- Sim, estou certa de que isso é verdade! - exclamou ela.

- O mundo moderno vulgarizou as emoções dando-lhes livre curso. O que nós precisamos é do controlo clássico.

- Sim - anuiu ela, com lentidão, visualizando-o a ouvir com uma cara inexpressiva as imbecilidade emocionais na rádio. - As pessoas fingem ter emoções, e na realidade não sentem nada. Creio que isso se chama ser romântico.

- Exactamente! - exclamou ele. Ele sentia-se cansado, aquela noite tinha-o esgotado. Preferia ter ficado com os seus livros técnicos, ou com o gerente da mina, ou a ouvir rádio.

A senhora Bolton entrou com dois copos de leite com malte. Ajudava Clifford a dormir e Connie a engordar. Era uma bebida que ela introduzira nos hábitos da casa.

Connie, depois de beber o leite, sentiu-se encantada por se poder ir embora e de não ser mais necessário auxiliar Clifford a ir para a cama. Colocou o copo dele no tabuleiro, pegou nele para o deixar fora da sala.

- Boa noite, Clifford! Durma bem! O Racine actua dentro de uma pessoa como se fosse um sonho. Boa noite!

Encaminhara-se para a porta. Partia sem dar a Clifford o habitual beijo de despedida. Ele contemplou-a com uma expressão dura e fria. Nem sequer lhe dava um beijo, depois de ele ter passado a noite a ler para ela. Não compreendia esse tipo de insensibilidade nela. Mesmo que o beijo não passasse de mera formalidade, a vida depende dessas formalidades. Ela era uma bolchevista, no fundo! Fitava com uma cólera fria a porta fechada atrás dela. Cólera!

E de novo se sentiu invadido pelo pavor da noite. Era um meandro de nervos em franja; quando não se retemperava com o trabalho, dando escape a todas as suas energias, ou não escutava a rádio, num vazio completo, a ansiedade perseguia-o, atormentado por uma sensação de vácuo perigoso e iminente. Tinha medo. E Connie, se quisesse, podia fazer com que ele não tivesse medo. Mas não queria, sem dúvida. Era insensível, fria e insensível a tudo o que ele fazia por ela. Tinha-lhe dado a sua vida e ela era indiferente. Só queria seguir a sua própria vontade. "A mulher só gosta de fazer o que quer. "

Agora andava obcecada com a ideia de um filho. E queria um filho só dela, não de ambos.

Clifford, afinal, era tão saudável! Tinha um rosto bem parecido e corado, uns ombros largos e fortes, um peito amplo. Tinha engordado, e ao mesmo tempo tinha medo da morte. Um terrível vazio parecia ameaçá-lo em qualquer parte, e nesse vazio a sua energia perdia-se. Sem energia, por vezes, sentia-se morto, verdadeiramente morto.

Por isso, os seus olhos mortiços e salientes tinham uma expressão estranha, furtiva, embora um pouco cruel, quase impudente também. Essa expressão de impudência era muito Singular, como se triunfasse sobre a vida, apesar de ela o ter aniquilado. "Quem pode conhecer os mistérios da vontade, da vontade que triunfa até sobre os anjos!"

As noites em que não podia conciliar o sono eram o maior terror de Clifford. Esses momentos eram na verdade horrorosos, quando a aniquilação o penetrava por todos os lados. Era sinistro existir sem vida, existir sem vida na noite.

Mas presentemente dispunha do recurso de tocar a chamar a senhora Bolton, e ela vinha sempre. Isso era muito agradável. Ela acorria logo, em roupão, com o cabelo apanhado numa trança a cair-lhe pelas costas e o seu bizarro aspecto de menina, muito discreto, embora a trança castanha fosse raiada de cinzento. Preparava-lhe café ou chá de camomila e jogava xadrez ou piquet com ele. Possuía até uma rara faculdade de ser capaz de jogar xadrez, embora três terços do seu ser estivessem a dormir, suficientemente bem para que a vitória dele tivesse sentido. Assim, na intimidade da noite cheia de silêncio, ficavam os dois sentados, ou ela sentada e ele na cama, com o candeeiro de mesa derramando sobre eles a sua luz solitária, ela quase

perdida de sono, ele quase perdido de medo, e jogavam, jogavam. Depois tomavam juntos uma chávena de café e comiam um biscoito, quase sem trocarem uma palavra, no silêncio da noite, reconfortando-se mutuamente.

Mas naquela noite a senhora Bolton continuava a magicar quem seria o amante de Lady Chatterley. E pensava no seu Ted, morto há tantos anos, mas cuja morte ela nunca aceitara totalmente. E quando pensava nele, o seu rancor tão antigo contra o mundo despertava, sobretudo contra os patrões, que o tinham morto. Na verdade, não o tinham morto, mas, para ela, a um nível emocional, eram eles os assassinos. E, em consequência disso, no seu íntimo era uma nihilista, ou uma anarquista.

No seu estado de semivigília, Ted e o amante desconhecido de Lady Chatterley eram duas ideias que se misturavam, e ela sentia-se a compartilhar com outra mulher um grande rancor por Sir Clifford e por tudo o que ele representava. Ao mesmo tempo, Jogava piquet com ele, em apostas de seis xelins. Para ela era um enorme prazer jogar piquet com um baronete, mesmo quando perdia.

Quando jogavam as cartas, faziam sempre apostas. Fazia-o esquecer-se de si próprio, e, geralmente, ganhava. Nessa noite, uma vez mais estava a ganhar, por isso não iria para a cama descansar antes do despontar do dia. Felizmente começou a amanhecer por volta das quatro e meia.

Corime estava na cama e dormia profundamente. Mas, o guarda também não podia sossegar. Tinha fechado as capoeiras e feito a ronda ao bosque, depois dirigira-se à cabana e comera a refeição da noite. Mas não foi para a cama. Sentou-se junto à lareira a pensar. Recordou a sua adolescência em Tevershall e nos seus cinco ou seis anos de casado. Pensava na mulher sempre com um certo azedume. Ela tinha sido tão cruel, mas desde 1915 que não a via, e na Primavera desse ano tinha-se alistado no exército. E ela vivia agora a menos de três milhas, mais cruel do que nunca. Tinha esperança de nunca mais na vida a encontrar.

Pensou na sua vida no estrangeiro, como soldado, na Índia, no Egito e de novo na Índia: aquela vida cega, despreocupada, entre os cavalos, no coronel que o adorava e que ele tinha adorado, nos vários anos da sua carreira de oficial, de tenente, com grandes possibilidades de chegar a capitão. Depois, a morte do coronel com uma pneumonia e a doença quase fatal que o fizera perder a saúde para sempre, na sua profunda inquietude, na sua saída do exército, no seu regresso a Inglaterra para voltar a ser um trabalhador.

Tinha contemporizado com a vida, tinha pensado que estaria a salvo pelo menos durante uns tempos naquele bosque. Já não se faziam caçadas, tinha de tratar dos faisões. Não tinha de lidar com as armas. Ficaria só, afastado da vida, que era o que ele sempre desejara. Tinha de ter as suas raízes, e estas estavam implantadas na sua terra natal. Tinha ainda a mãe, embora não tivesse muito valor para ele. E podia continuar a viver o seu dia-

a-dia, sem ligações e sem esperanças. Porque ele não sabia o que fazer da sua própria vida.

Não sabia o que fazer da sua própria vida. Uma vez que tinha sido oficial durante alguns anos, convivido com oficiais e funcionários civis, com as mulheres e famílias, perdera toda a ambição de "prosperar". As classes média e superior, que ele tão bem tinha conhecido, eram constituídas por pessoas inflexíveis, de uma crueza de borracha, sem vida por dentro, e deixavam-no frio e afastado delas.

Assim, fora obrigado a reintegrar-se no seu meio para encontrar nele o que já tinha esquecido com a sua ausência de vários anos, uma pequenez e uma vulgaridade de maneiras extremamente desagradáveis. Admitia, finalmente, a importância das maneiras, e também a importância de fingir que seis dinheiros ou as coisas insignificantes da vida são indiferentes. Mas entre pessoas do povo não havia fingimento. Um dinheiro a mais ou a menos numa fatia de presunto era pior do que uma alteração dos Evangelhos. E isso não o suportava ele.

Depois o problema dos salários. Tendo vivido entre a classe dirigente, reconhecia a total futilidade de uma esperança de solução do problema dos salários. Não havia solução, muito simplesmente. O melhor era não ligar aos salários.

Todavia, se se for pobre e desgraçado, tem mesmo de se interessar. De qualquer modo, é a única coisa com que o povo se preocupa. A atenção dada ao dinheiro era como um cancro que corroesse os indivíduos de todas as classes. Ele recusava-se preocupar-se com o dinheiro.

E depois? Que mais proporciona a vida para além da preocupação com o dinheiro? Nada.

No entanto, podia viver só, gozar essa solidão, criar faisões, para finalmente serem mortos por homens corpulentos a seguir a um pequeno-almoço. Tudo era fútil, até à última das potências.

Mas porquê preocupar-se, incomodar-se? Até aquela mulher aparecer na sua vida, jamais se tinha preocupado com coisa alguma. Era quase dez anos mais velho do que ela, mas milhares de anos mais velho em experiência, desde as suas profundezas. A sua ligação começava a ser mais forte. Ele via aproximar-se o dia em que seria indestrutível e que teriam de viver juntos. "Porque os laços do amor estão doentes, prestes a quebrar-se."

E depois? E depois? Deveria ele voltar ao princípio sem ter sequer um ponto de partida? Deveria prender aquela mulher? Deveria ter uma horrível disputa com o marido estropiado? E outra com a sua própria mulher, tão cruel, que o odiava? Tómentos! Só tormentos! E ele já não era jovem nem alegre! Nem pertencia ao grupo dos indiferentes. Tudo o que era feio e amargo magoava; e a mulher também.

Mas ainda que se conseguissem libertar de Sir Clifford e da mulher dele, que poderiam fazer? Que é que ele poderia fazer? Sim, porque ele tinha

de fazer qualquer coisa, não podia viver à custa dela, do dinheiro dela, nem da sua pequena pensão.

Não tinha solução. Pensou em ir para a América, tentar novas terras. Não tinha uma excessiva confiança no dólar, mas talvez houvesse outra coisa qualquer.

Não conseguia descansar, nem ir para a cama. Depois de estar sentado numa letargia de pensamentos amargos até à meia-noite, levantou-se de repente e foi buscar o casaco e a espingarda.

- Vamos, rapariga - disse para a cadela. - Estamos melhor no bosque.

A noite estava estrelada, mas não havia luar. Começou a fazer a ronda, lenta, meticulosa, em passadas ligeiras, secreta e tranquila. Tinha apenas de se precaver contra as armadilhas que os mineiros, sobretudo os de Stacks Cate, montavam aos coelhos do lado de Marehay. Mas estava-se na época da criação, e até os mineiros a respeitavam. Mesmo assim a ronda cautelosa em busca de caçadores furtivos acalmou-o e fê-lo abstrair-se dos seus pensamentos.

Mas quando acabou aquela batida lenta, prudente - era uma caminhada de cerca de cinco milhas -, sentiu-se cansado. Subiu ao cimo do monte e mirou o mundo à sua volta. Mas nem um som, apenas o ruído ténue e arrastado da mina de carvão de Stacks Cate, que nunca parava. E mal se via uma luz, à excepção das filas brilhantes de lâmpadas nas fábricas. O mundo dormia, sombrio e fumegante. Eram duas e meia. Mas mesmo a dormir, era um mundo agitado, cruel, animado pelo barulho de um comboio, ou de um grande camião na estrada, e iluminado pelas chamas rosadas das fornalhas. Era um mundo de ferro e carvão, com a crueldade do ferro e o fumo do carvão, movimentado por uma avidez infinita. Apenas a avidez, a avidez a agitá-lo no seu sono.

Estava frio e ele começou a tossir. Soprava uma aragem fria no cimo do monte. Pensou na mulher. Naquele momento daria tudo o que possuía ou que podia vir a possuir para a estreitar e aquecer nos seus braços, os dois envoltos num cobertor e dormirem. Daria toda a esperança na eternidade e tudo o que conquistara no passado para a ter ali com ele, envolvê-la com calor num cobertor e dormirem, dormirem simplesmente. Parecia-lhe que a única necessidade era dormir abraçado a ela.

Dirigiu-se para a cabana, embrulhou-se no cobertor e deitou-se no chão para dormir. Mas não conseguia adormecer, tinha frio. E, além disso, sofria cruelmente com a sua natureza incompleta. Sentia dolorosamente a sua condição de homem solitário. Precisava dela, precisava do contacto dela, de a apertar contra ele, com firmeza, num momento de plenitude e de paz. Levantou-se de novo e saiu, dirigindo-se desta vez aos portões do parque, depois encaminhou-se lentamente para o solar. Eram quase quatro horas, o dia ainda não tinha raiado, mas estava claro e frio. Habitara-se à escuridão, via perfeitamente o caminho.

Lentamente, muito lentamente a mansão atraía-o como um íman. Queria estar perto dela. Não era o desejo que o impelia, mas a sensação cruel de solidão, que lhe exigia a mulher silenciosa nos seus braços. Talvez a conseguisse ver. Ou talvez a chamasse para vir ter com ele, ou descobrisse o caminho até ao quarto dela. A sua necessidade era muito forte.

Lentamente, silenciosamente, subiu a rampa. Depois contornou as grandes árvores no cimo do monte até ao caminho que fazia uma grande curva, contornando um losango de erva em frente da entrada. Já podia ver as duas enormes faias, que dominavam, imponentes, neste losango em frente da casa, destacando-se na escuridão.

Lá estava a casa, atarracada, comprida e vaga, no rés-do-chão brilhava uma luz. Era no quarto de Sir Clifford. Mas em que quarto estaria ela, a mulher que segurava a outra ponta do frágil fio que o puxava implacavelmente? Não sabia.

Deu mais uns passos, com a espingarda na mão, e ficou ali no caminho, imóvel, vigilante. Talvez assim a pudesse ver de qualquer modo, chegar até ela. A casa não era inexpugnável: ele era tão ágil como qualquer ladrão.

Continuou imóvel, à espera, enquanto a aurora, fraca e imperceptível, despontava, por trás dele. Viu extinguir-se a luz da casa, mas conseguiu distinguir a senhora Bolton a aproximar-se da janela e a afastar as velhas cortinas de seda azul-escura e ficar de pé no quarto escuro a observar tudo na semiescuridão do dia prestes a nascer, a tão desejada aurora, à espera que Clifford tivesse realmente a certeza de que a manhã romperia. Este só conseguia ir dormir quando tivesse a certeza de que o dia despontara, então adormecia imediatamente.

A senhora Bolton manteve-se à janela cega de sono, à espera. Assustou-se, quase soltou um grito, estava lá fora, no caminho, uma figura obscura no crepúsculo. A sonolência que a invadia dissipou-se, e ficou vigilante, mas sem fazer um único ruído para não perturbar Sir Clifford.

A luz do dia começava a iluminar o mundo, a figura obscura parecia ficar mais pequena e mais definida. Reconheceu a espingarda, as polainas e o casaco largo. Era sem dúvida Oliver Mellors, o couteiro. Sim, lá estava o cão a farejar como uma sombra, à espera dele.

Que queria ele? Viria chamar alguém? Porque é que ele estaria ali imóvel, petrificado, como um cão em cio, incapaz de se afastar do sítio onde está a cadela? Meu Deus! A verdade atravessou a senhora Bolton como uma bala. Era ele o amante de Lady Chatterley! Ele! Ele!

Quem havia de pensar tal coisa? Mas ela, Ivy Bolton, também se tinha interessado um pouco por ele. Tinha ele dezasseis anos e ela vinte e seis. Ela andava a estudar enfermagem, ajudara-a muito em anatomia e outras coisas que ela tinha de aprender. Era um rapaz inteligente, tinha uma bolsa de estudo para a Escola Secundária de Sheffield, aprendeu francês e outras coisas. Depois tinha sido mestre ferrador, porque, segundo dizia, gostava de cavalos;

mas, na verdade, era porque tinha medo de enfrentar o mundo, embora nunca fosse capaz de o admitir.

Era um rapaz encantador, tinha-a ajudado muito com as suas explicações. Era tão inteligente como Clifford e entendia-se sempre bem com as mulheres. Melhor do que com os homens, diziam as pessoas.

Depois tinha partido e casado com Bertha Coutts, como se quisesse mortificar-se. Algumas pessoas casam-se por masochismo, porque se sentem desiludidas. Não admirava que tivesse sido um fracasso. Afastara-se durante anos, durante a guerra. Ora! Chegara a tenente e foi um cavalheiro. Depois voltou a Tevershall e empregou-se como couteiro. Realmente, há pessoas que não sabem aproveitar as oportunidades! E voltara a falar dialecto de Derbyshire, o dialecto mais cerrado, quando ela, Ivy Bolton, sabia muito bem que ele falava como um cavalheiro.

Bem, bem! Então Lady Chatterley cedeu aos encantos dele! Bem, não era a primeira mulher a quem isso acontecia. Ele tinha qualquer coisa de especial. Mas ainda assim! Um rapaz nascido e criado em Tevershall, amante de Lady Chatterley, de Wragby Hall! Céus! Era uma bofetada nos orgulhosos Chatterley!

Mas ele, o guarda, corri a chegada da manhã, apercebia-se de que não valia a pena, de que não valia a pena querer livrar-se da sua solidão. Tinha de viver sozinho para sempre, e, de vez em quando, lá teria uma compensação. Mas só de vez em quando. Tem de se aceitar a solidão e viver com ela para toda a vida. E aceitar as vezes em que a lacuna fosse preenchida. E essas vezes viriam de vez em quando, não se podem forçar.

Com um súbito estalido o desejo, que sangrava e que o tinha arrastado até ali, quebrou-se. Ele quebrou-o, porque tinha de ser assim. Cada um tinha de avançar, e, se ela não fosse até ele, não a perseguiria. Não devia. Tinha de se ir embora e esperar que ela voltasse.

Voltou para trás lentamente, pensativo, aceitando de novo o seu isolamento. Sabia que era melhor assim. Ela iria ter com ele, não valia a pena andar atrás dela. Não valia a pena!

A senhora Bolton viu-o a desaparecer, o cão corria atrás dele.

- Bem, bem! Nele nunca tinha pensado, e era o único que me devia ter ocorrido. Em rapaz foi muito bom para mim, depois que perdi Ted. Bem, bem! Só gostava de saber o que ele diria se soubesse!

Lançou um olhar triunfante sobre Clifford, que já estava a dormir, quando saía do quarto sem fazer barulho.

Capítulo XI

Connie encontrava-se a proceder a uma escolha de objectos num dos quartos de arrumação de Wragby. Havia vários: a casa parecia um armazém, e a família nunca tinha vendido coisa nenhuma. O pai de Sir Geoffrey gostava de pintura e a mãe de mobiliário do século xvi, Sir Geoffrey de velhos cofres de carvalho esculpidos, cofres de sacristia. E assim as coisas foram-se acumulando através de gerações. Clifford colecionava pintura moderna de preço moderado.

Assim, no quarto de arrumação encontrou um mau Landseer e ninhos patéticos de William Henry Hunt. E ainda outros quadros de pintura académica, que chegavam para assustar a filha de um membro da Academia Real. Ela decidiu que um dia passaria a revista a tudo aquilo e faria uma limpeza geral. E o mobiliário grotesco despertou-lhe a atenção.

Encontrou, cuidadosamente tapado para o proteger do caruncho, um velho berço de família, de pau-rosa. Teve de o desembulhar para o ver. Tinha um certo encanto, ficou a olhá-lo muito tempo.

- É uma pena não poder ser utilizado - murmurou a senhora Bolton, que estava a ajudar. - Embora esses berços já não se usem.

Pode vir a ser utilizado. Posso ter um filho - disse Connie, com indiferença, como se dissesse que podia ter um chapéu novo.

- Quer dizer se nada acontecer a Sir Clifford! - balbuciou a senhora Bolton.

- Não! Mesmo como as coisas estão. Trata-se simplesmente de paralisia muscular.. não o afecta - respondeu Connie, a mentir com a mesma naturalidade com que respirava.

Clifford tinha-lhe metido aquela ideia na cabeça. Costumava dizer:

- Evidentemente que eu posso ter um filho. Na verdade, não estou mutilado. A potência pode facilmente voltar mesmo com os músculos dos quadris e das pernas paralisados. E então o sémen pode ser transmitido.

Nos seus períodos de energia e de excessivo trabalho nas minas ele sentia-se como se, na verdade, a potência lhe voltasse de novo.

Connie fitava-o, aterrorizada. Mas era suficientemente esperta para se servir daquela sugestão para sua própria defesa. Porque teria um filho, se pudesse, mas não dele.

A senhora Bolton ficou por instantes sem fôlego, espantada. No entanto, não acreditava, viu que era um stratagema dela, embora os médicos conseguissem milagres. Até podiam enxertar esperma.

Bem, espero que assim seja, espero realmente que se concretize. Seria extraordinário para si e para todos. Meu Deus, uma criança em Wragby! Como tudo seria diferente!

- Não seria? - respondeu Connie. E escolheu três quadros acadêmicos de há sessenta anos para mandar à duquesa de Shortlands para o seu próximo bazar de caridade. Chamavam-lhe a "Duquesa dos Bazares", e ela pedia sempre a toda a gente do condado que lhe enviasse coisas para vender. Ficaria encantada com os três quadros emoldurados e assinados. Podia até fazer uma visita para agradecer. Como Clifford ficava furioso quando ela os visitava!

"Mas, meu Deus - pensava a senhora Bolton -, ela prepara-se para nos dar um filho de Oliver Mellors? Meu Deus, nesse caso seria um bebé de Tevershall no berço de Wragby! E nem sequer seria uma desonra para o berço!"

No meio de outras monstruosidades naquele quarto de arrumação estava uma caixa bastante grande, lacada de negro, excelente e ingenuamente trabalhada há sessenta ou setenta anos que continha tudo o que se pudesse imaginar. Em cima, um estojo de *toilette* completo: escovas, frascos, espelhos, pentes, caixas e até três bonitas lâminas metidas nas suas bainhas de protecção, uma taça de barba, tudo. Em baixo uma espécie de estojo de escritório: mata-borrões, penas, tinteiros, papel, sobrescritos, agendas, e depois: um estojo com tesouras de três tamanhos diferentes, dedais, agulhas, sedas e algodões, um ovo de passar, tudo da melhor qualidade e inteiramente perfeito. Finalmente, um estojo de farmácia com frascos com rótulos, como: láudano, tintura de mirra, essência de cravo-da-írdia e muitos mais, mas estavam vazios. Estava tudo novo, e o estojo, fechado, era do tamanho de uma pequena mala. Por dentro, as peças estavam perfeitamente encaixadas e os frascos nem sequer podiam entornar, por falta de espaço.

Os acabamentos era óptimos, um trabalho manual da época vitoriana. Era monstruoso. Um Chatterley qualquer teria certamente pensado o mesmo, porque nunca tinha sido usado. Era de uma vulgaridade estranha.

No entanto, a senhora Bolton estava entusiasmada.

- Veja que bonitas escovas, tão caras, até pincéis da barba, tão perfeitos! E as tesouras! São do melhor que há! É lindo!

- Acha? Então fique com ele.

- Oh, não, minha senhora!

- Porque não? Quer que fique aqui até ao juízo final? Se não o quiser para si, mando-o à duquesa juntamente com os quadros, e ela não merece. Fique com ele!

- Oh, minha senhora, não sei como lhe agradecer!

- Não se esforce por isso - respondeu Connie, a rir. E a senhora Bolton foi-se embora com a enorme caixa negra, nas mãos, corada de excitação.

O senhor Betts levou-a no carro de duas rodas, puxado por cavalos, à casa dela, na aldeia, com a caixa. Teve de convidar algumas amigas para mostrar o estojo: a professora, a mulher do farmacêutico, a senhora Weedon, e a mulher do tesoureiro. Acharam-no maravilhoso. Depois começaram a falar em voz baixa sobre o filho de Lady Chatterley.

- Os milagres nunca acabam - disse a senhora Weedon. Mas a senhora Bolton estava convencida de que se nascesse uma criança seria de Sir Clifford. E assim...

Pouco tempo depois o reitor disse docemente a Clifford:

- Podemos realmente contar com um herdeiro em Wragby? Ah, isso seria uma grande obra de Deus!

- Bem, acho que podemos ter esperança - disse Clifford, com uma vaga ironia e uma certa convicção ao mesmo tempo. Começava a acreditar que podia realmente ser possível que o filho fosse seu.

Uma tarde apareceu Leslie Winter, o Squire Winter, como lhe chamavam: magro, impecável, com os seus sessenta anos, um cavalheiro em tudo, como a senhora Bolton dizia à senhora Betts. Um verdadeiro cavalheiro, apesar do seu tom de voz altissonante fora de moda, que o fazia parecer mais antigo do que um homem de cabeleira postiça. O tempo, na sua passagem, deixa cair estas lindas e velhas penas.

Falaram sobre as minas de carvão. A ideia de Clifford era de que o carvão, mesmo o de qualidade inferior, podia ser transformado em combustível altamente concentrado, o qual, com humidade, ar acidulado e a uma grande pressão, podia arder a elevada temperatura. De há muito tinha notado que, quando soprava um determinado vento forte e húmido, saía do poço da mina uma chama muito brilhante, praticamente sem fumo, que deixava um pó de cinza muito fino, em vez de cascalho cor-de-rosa.

- Mas onde vai encontrar as máquinas apropriadas para queimar o combustível? - perguntou Winter.

- Posso fabricá-las e utilizarei o meu combustível. E depois vendo energia eléctrica. Tenho a certeza que consigo.

- Se conseguir, meu rapaz, é óptimo, óptimo. óptimo! Se o puder ajudar em qualquer coisa, só me dará prazer. Receio estar um pouco antiquado, e as minas são como eu. Mas, quem sabe?, quando eu desaparecer poderão vir outros homens como você. óptimo! Assim podia empregar todos os homens, não teria de vender o carvão, nem haveria o perigo de não o vender. É uma ideia magnífica e espero que tenha êxito. Se eu tivesse filhos, teriam sem dúvida ideias novas para Shipley: sem dúvida! A propósito, meu rapaz, tem algum fundamento o rumor de haver esperanças de um herdeiro em Wragby?

- Mas dizem isso? - perguntou Clifford.

- Bem, meu filho, o Marshall de Fillingwood perguntou-me, é tudo quanto sei. Evidentemente que não tornarei a falar no assunto se não tiver fundamento.

- Bem, Sir - respondeu Clifford, embaraçado, com os olhos estranhamente brilhantes -, há uma esperança, uma esperança.

Winter atravessou a sala e apertou a mão de Clifford.

- Meu filho, meu filho, se soubesse o que isso significa para mim, ouvir uma coisa dessas! E saber que está a trabalhar para um filho, e que pode dar

trabalho aos homens de Tevershall. Ah, meu filho! Manter o nível da raça e haver trabalho para todos os homens que queiram trabalhar!

O velho estava realmente comovido. No dia seguinte Connie estava a pôr túlipas amarelas de pé alto numa jarra.

- Connie - disse Clifford -, já sabe que dizem que vai haver um filho e um herdeiro em Wragby?

Connie sentiu-se subitamente em pânico; no entanto, não fez o mais leve movimento e continuou a arranjar as flores.

- Não! - respondeu. - É uma brincadeira? Ou maldade? Ele ficou uns momentos sem responder.

- Nem uma coisa nem outra, espero. Espero que seja uma profecia.

Connie continuou a pôr as flores.

- Recebi esta manhã uma carta do meu pai. Pergunta-me se não me esqueci que aceitou, por convite de Sir Alexander Cooper, passar os meses de Julho e Agosto na Villa Esmeralda, em Veneza.

- Julho e Agosto? - perguntou Clifford.

- Oh, não ficarei os dois meses. Tem a certeza de que não quer vir?

- Não me apetece ir para o estrangeiro -- respondeu Clifford imediatamente.

Ela levou as flores para a janela.

- Importa-se que eu vá? Sabe que já estava combinado para este Verão.

- Quanto tempo fica?

- Talvez três semanas. Ficaram em silêncio.

- Bem - disse Clifford, numa voz lenta e um pouco triste. Acho que poderei passar três semanas sem a sua companhia, se me garantir que volta.

- Tenho a certeza de que volto - respondeu ela, com uma tranquila simplicidade, plena de convicção, pois estava a pensar no outro homem.

Clifford sentiu a convicção dela, e acreditou, acreditou que fosse por ele. Sentiu-se imensamente aliviado, subitamente feliz.

- Nesse caso, penso que está bem, não é verdade?

- Acho.

- Agrada-lhe mudar de ambiente? Ela fitou-o com uma expressão estranha nos seus olhos azuis.

- Vou gostar de voltar a Veneza e tomar banho numa daquelas ilhas cobertas de seixos do outro lado da laguna. Mas sabe que detesto o Lido, e não me parece que vá gostar de Sir Alexander Cooper e de Lady Cooper. Mas se a Hilda for e tivermos uma gôndola nossa, pode ser maravilhoso. Queria tanto que viesse também!

Disse aquilo com sinceridade. Gostava de fazê-lo feliz nas pequenas coisas.

- Ah, imagine, eu na *Gare du Nord* e no cais de *Calais*!

- Mas porque não? já vi muitos homens em cadeiras de rodas, outros mutilados de guerra. De resto, iríamos de carro.

- Tínhamos de levar dois homens conosco.

- Oh, não! O Field chegava. O outro homem seria sempre fácil de arranjar.

Mas Clifford abanou a cabeça.

- Este ano não, querida. Este ano não. Talvez no ano que vem eu tente.

Ela foi-se embora, melancólica. No ano que vem! Como seria no ano seguinte? Ela, na realidade, não queria ir para Veneza. Não naquela altura, em que havia o outro homem. Mas ia por uma questão de disciplina. E também porque, se tivesse um filho, Clifford pensaria que ela tivera um amante em Veneza.

Era maio, e deviam partir em junho. Sempre os compromissos! Sempre uma vida comprometida! Uma roda cujo movimento não se podia controlar.

Era maio, mas estava de novo um tempo frio e húmido. Um Maio frio e húmido, bom para o milho e para o feno. Como são importantes o milho e o feno! Connie teve de ir a Uthwalte, à pequena cidade onde os Chatterley eram ainda os Chatterley. Foi sozinha no carro, com Field ao volante.

Apesar de ser maio e os campos estarem verdes, a paisagem era triste. Estava frio, e à chuva acrescentava-se uma neblina e um ar saturado de vapor. Uma pessoa tem de viver da sua própria endurance. Não era de admirar que aquelas pessoas fossem feias e rudes.

O carro atravessou o centro de Tevershall, naquela subida longa e sórdida, ladeada de casas de tijolo enegrecido com os telhados de ardósia cortantes e luzidios, a lama negra do carvão, os passeios húmidos e pretos. Era como se uma soturnidade tivesse penetrado completamente em todas as coisas. Era a negação da beleza natural, a negação total da alegria de viver, a ausência total do instinto da beleza perfeita, que cada ave e cada animal possui, a morte terrível de toda a faculdade humana de intuição. As barras de sabão nas mercearias, os ruibarbos e os limões nas lojas de fruta, os terríveis chapéus nas modistas, tudo feio, feio, feio, depois o cinema de argamassa dourada, onde se anunciavam filmes em cartazes encharcados, *A Woman's Love*, e a nova e grande capela primitiva, realmente primitiva, em tijolo nu e janelas com vidraças verdes e cor de framboesa. A capela wesleyana, mais acima, de tijolos denegridos, um pouco recuado atrás de um gradeamento de ferro e de arbustos negros. A Capela da Congregação, altiva, tinha sido construída em pedra cor de areia, e tinha um campanário não muito alto. Logo atrás, os novos edifícios da escola, em tijolo rosa, mais caro, com um pátio rodeado por gradeamento de ferro, de aspecto imponente, um misto de capela e de prisão. Duas raparigas, na aula de canto, acabavam os exercícios de solfejo e entoavam uma cantiga infantil, que nada tinha de parecido com uma canção espontânea: era mais um uivo com laivos de melodia. Não era um canto selvagem, os selvagens têm ritmos subtis. Não era um uivo de animal, os animais quando uivam querem exprimir algo. Era diferente de tudo, e chamava-se àquilo cantar. Connie ficou a ouvir, desolada, enquanto Field metia gasolina. Qual seria o futuro daquela gente, que tinha perdido toda a

faculdade de intuição, inerte como agulhas, e possuía unicamente o dom de estranhos uivos mecânicos e uma energia sinistra?

Uma carroça de carvão descia a ladeira, a guinchar à chuva.

Field voltou a arrancar, passou as lojas de modas, enormes e soturnas, os correios, e chegou à praça onde se realizava a feira, onde Sam Black surgiu à porta do Sol, um café a que chamavam estalagem, e onde costumavam ficar os caixeiros-viajantes, cumprimentou Lady Chatterley. Mais em baixo, à esquerda, ficava a igreja entre árvores enegrecidas. Depois o carro principiou a descida, passando pela Associação dos Mineiros, depois de ter passado pelo Wellington, pelo Nelson, pelo Mechanics Hall e pelo novo e garrido Centro Social dos Mineiros. Depois vinham as villas, de construção recente, na estrada sombria, entre sebes e campos de cor verde-escura, que conduzia a Stacks Gate.

Tevershall! Aquilo era Tevershall! A agradável Inglaterra! A Inglaterra de Shakespeare! Não a velha Inglaterra de Shakespeare, mas a de hoje, era o que descobria Connie, desde que ali vivia. Estava a produzir uma nova raça da humanidade, hipersensível ao dinheiro e aos aspectos sociais e políticos, mas morta em relação a tudo o que é espontâneo e intuitivo. Uma raça de cadáveres dotados de uma consciência terrível e persistente. Tudo aquilo tinha qualquer coisa de sinistro, de obscuro. Era um mundo subterrâneo, imperscrutável. Como é possível captar as reacções dos cadáveres? Connie quando viu as grandes camionetas cheias de operários da siderurgia de Sheffield, semelhantes a homens, uns seres estranhos, deformados e um tanto baixos, que iam numa excursão a Matlock, sentiu-se desmaiar, e pensou: "Meu Deus, o que o homem pode fazer ao homem! O que os seus chefes fizeram aos homens seus iguais! Reduziram-nos a qualquer coisa abaixo do humano, e ia não pode haver fraternidade entre eles. Que pesadelo!".

Sentiu-se de novo invadida por uma onda assustadora da inutilidade cinzenta e fragmentada de todas as coisas. Aqueles seres constituíam a massa industrial, os outros que ela conhecia, as classes dirigentes, não havia nenhuma esperança... já não havia nenhuma esperança. E mesmo assim queria um filho, um herdeiro para Wragby! Teve um estremecimento de pavor.

E Mellors vinha daquilo também. Tinha-se emancipado, como ela, mas dentro dele não havia fraternidade, tinha morrido. Sim, o sentido da fraternidade tinha morrido dentro dele, só existia isolamento e desespero, em relação a todas as coisas. E isto era a Inglaterra, a imensa magnitude da Inglaterra. E ela sabia-o, porque a tinha atravessado desde o centro.

O carro subia em direcção a Stacks Gate. A chuva estava a parar e na atmosfera pairava uma bizarra claridade transparente anunciadora de Maio. O terreno desaparecia em longas ondulações para sul, para os lados de Peak, e para leste, ao encontro de Mansfield e Nottingham. Connie dirigia-se para sul.

À medida que ia avançando naqueles montes, à sua esquerda, via perfeitamente suspenso sobre o terreno ondulante o castelo de Warsop, uma

massa poderosa, sombria e cinzenta. Lá em baixo avistavam-se os rebocos encarnados de novas moradias para os mineiros e ainda mais abaixo distinguiam-se penachos de fumo negro e penachos de vapor branco da grande mina de carvão que metera por ano centenas de milhares de libras nos bolsos do duque e dos outros accionistas. Lá estava, ao longe, na linha onde o horizonte confundia a terra com o céu, a massa poderosa do velho castelo em ruínas, acima das colunas de fumo negro e dos penachos de fumo branco de vapor, que ondulavam no ar húmido.

A seguir, a estrada fazia uma curva, e começaram a subir para Stacks Gate. Stacks Gate vista da estrada não passava de um hotel novo, gigantesco e magnífico, o Coningsly Arms, permanecendo vermelho, branco e dourado, num isolamento bárbaro afastado da estrada. Mas olhando-se para a esquerda, podiam ver-se filas de bonitas e modernas "moradias" dispostas como pedras de dominó, separadas por jardins, um jogo de dominó bizarro a ser jogado pelos "patrões" misteriosos sobre a terra surpreendida. E para além destes blocos de moradias, nas traseiras, erguiam-se as espantosas e assustadoras construções de uma mina verdadeiramente moderna, fábricas de transformação química e compridas galerias, enormes, de formas nunca conhecidas pelos homens. A entrada e o poço da própria mina pareciam insignificantes no meio daquelas gigantescas e novas instalações. Em frente, as pedras de dominó pareciam esperar, numa atitude de surpresa, que alguém as jogasse.

Assim era Stacks Gate, nova na face da terra, desde a guerra. Connie não conhecia isto, mas na verdade, meia milha abaixo do hotel ficava a velha Stacks Gate, com uma pequena e velha mina, casas de tijolo enegrecido pelo tempo, uma ou duas capelas, umas lojas e uma ou duas tavernas.

Mas isso não interessava. Do novo complexo mineiro podiam divisar-se os penachos de fumo a vapor, era a actual Stacks Gate: nem capelas, nem tavernas, nem lojas. Apenas as grandes fábricas, que constituem a moderna Olímpia, com templos a todos os deuses, as casas-modelo e o hotel. O hotel não representava mais que uma taverna para os mineiros, embora parecesse de primeira classe.

Fora já no tempo da vinda de Connie para Wragby que aquela aldeia e aquelas moradias tinham surgido, e as pessoas, vindas não se sabe de onde, haviam afluído a ocupá-las, e que, entre outras ocupações, tinham a de roubar coelhos nas terras de Clifford.

O carro prosseguia a sua marcha pelas terras altas, com Connie a ver espriada a região acidentada. A região! Outrora tinha sido uma região majestosa e orgulhosa. Em frente, indefinida na linha do horizonte, estava a gigantesca e esplêndida massa de Chadwick Hall, com mais janelas do que paredes, um dos mais famosos solares isabelinos. Ali estava ele, cheio de nobreza, altaneiro acima do seu grandioso parque, mas ultrapassado, abandonado. Ainda se mantinha, mas apenas como casa-museu. "Eis como os nossos antepassados o dominaram!"

Aquilo era o passado. O presente estava ali em baixo. Só Deus sabe onde fica o futuro! O automóvel ia já a dar a curva, por entre as moradias dos mineiros, enfarruscadas e velhas, a fim de descer para Uthwalte. E Uthwaite, naquele dia húmido, estava a enviar para o alto penachos de fumo e de vapor como uma oferenda a deuses de conhecidos. Uthwaite, lá em baixo no vale, com os carris da via férrea, que seguia para Sheffield, as hulheiras e a siderurgia enviando para o céu fumo e um brilho intenso por longos tubos, e a patética e pequena flecha em forma de saca-rolhas da igreja, a cair aos pedaços, que continuava a furar a fumaça, comoviam sempre Connie profundamente. Era uma antiga vila de mercadores, centro dos vales. Uma das principais estalagens chamava-se Chatterley Arins. Em Uthwalte, Wragby era conhecido como Wragby, como um lugar definido, e não, como para os intrusos, meramente Wragby-Hall, perto de Tevershall.

As casas dos mineiros, escuras, alinhavam-se pelo caminho, aquela pequenez e intimidade de uma centena de anos atrás. A estrada tinha-se transformado numa rua, e à medida que se ia descendo, esquecia-se instantaneamente o campo aberto e ondulado, onde castelos e casas senhoriais dominavam, mas como fantasmas. Agora estava-se mesmo por cima de um emaranhado de carris nus de caminho-de-ferro, e das fundições e outras fábricas que se erguiam tão alto, tão gigantescas, que uma pessoa só tinha consciência de que eram muros. Ouvia-se o ruído profundo e ressonante do ferro a ser trabalhado, o dos camiões que abalavam a terra e de apitos estridentes.

Mas, todavia, logo que uma pessoa se enfronhava por aquelas ruas e ruelas, passando atrás da igreja, encontrava-se num mundo de há duzentos anos. Aquelas ruas tortuosas onde ficavam a Chatterley Arins e a antiga farmácia, que outrora se abriam para o mundo vasto e selvagem dos castelos e casas senhoriais, que já não se mantinham atentos e de cabeça levantada.

Mas na esquina, um polícia levantou a mão enquanto passavam três gigantescos camiões carregados de ferro, abalando o velho templo. E só quando eles haviam já passado, é que o agente da lei pôde cumprimentar sua senhoria.

Eis como as coisas estavam. Através das velhas e tortuosas ruas do burgo alinhavam-se as antigas moradias enegrecidas, que albergavam multidões de mineiros. Logo a seguir essas moradias davam lugar aos novos blocos, casas mais cor-de-rosa, mais amplas, cobrindo o vale. Aí habitava a nova camada operária. Mais adiante, nas vastas regiões acidentadas dos castelos, o fumo misturava-se com o vapor e manchas vermelhas do tijolo assinalavam os novos complexos mineiros, por vezes metidos em barrancos, e outros, sombriamente horríveis, alcandorados pelas vertentes dos montes até à linha do horizonte. E entre os espaços não ocupados, bocados da velha Inglaterra, a Inglaterra de Robin Hood, por onde os mineiros vagueavam com a melancolia de homens com os instintos desportivos reprimidos, quando não trabalhavam.

Inglaterra, minha Inglaterra! Mas qual é a minha Inglaterra? Os grandiosos lares da Inglaterra davam excelentes fotografias e criavam a ilusão de uma ligação com os tempos isabelinos. Os belos solares antigos ainda se mantinham erectos, desde o tempo da rainha Ana e de Tom Jones, mas o fundo enegreceu os estuques castanho-claros, outrora dourados, eram apenas manchas. Abandonados um a um. Alguns estavam a ser demolidos. E as casas de campo de Inglaterra lá estão, grandes habitações revestidas de tijolo nos campos condenados.

Os solares estavam a ser demolidos, e as mansões jorgianas desapareciam. Fritchley, uma bela mansão Jorgiana, estava a ser deitada abaixo, embora estivesse em perfeitas condições de ser reparada, quando Connie passou no carro. Até à guerra os Weatherley tinham lá vivido opulentamente. Era demasiado grande, a conservação elevada, e a região tinha-se tornado muito hostil. A nobreza estava a partir para lugares mais aprazíveis, onde podiam gastar o seu dinheiro sem terem de ver como ele era obtido.

É assim a história. Uma Inglaterra obscurecia e apagava a outra. Com o dinheiro realizado nas minas tinham-se feito aquelas casas, que destruíam as antigas, e estas, por sua vez, eram agora destruídas. A Inglaterra industrial apaga a Inglaterra agrícola. Um sentido apaga o outro. A nova Inglaterra apaga a velha Inglaterra numa continuidade não orgânica mas mecânica.

Corime, que pertencia à classe privilegiada, estava presa aos restos da velha Inglaterra. Fora necessário muito tempo a Connie para aceitar que a velha Inglaterra estava condenada a desaparecer por uma nova e soturna Inglaterra e que a eliminação acabaria por ser total. Fritchley acabara e Eastwoed também. Shipley estava a desaparecer, o bem amado solar do Squire Winter.

Connie parou por momentos em Shipley. Os portões do parque, nas traseiras, estavam ao mesmo nível do caminho-de-ferro da mina; a mina de Shipley ficava por detrás das árvores. Os portões mantinham-se abertos, por direitos de caminhos vicinais, os mineiros podiam atravessar o parque, espalhavam-se por toda a parte.

O carro passou pelos lagos ornamentais, nos quais os mineiros deitavam os seus jornais, e tomou a alameda que conduzia ao solar. Erguia-se altaneiro, era uma bela construção de meados do século xviii. Tinha uma magnífica alameda de teixos, que outrora servira uma antiga casa; conduzia à mansão, que se estendia serenamente, e as janelas de estilo jorgiano tremeluziam como se estivessem alegres. Atrás ficavam belos jardins.

Connie gostava muito mais do interior de Shipley do que de Wragby. Era mais claro, mais vivo, elegantemente concebido. As salas e quartos eram apainelados com frescos delicados, os tectos levemente dourados, tudo tinha um aspecto de ordem, as mobílias de excelente gosto, sem olhar a despesas. Até os corredores conseguiam ser amplos e graciosos, de curvas suaves e plenos de vida.

Mas Leslie Winter estava só. Tinha amado extremosamente o seu lar, mas contíguas ao parque estavam as suas minas. Fora um homem generoso nas suas ideias. Quase que acolhera de boa mente os mineiros dentro do seu parque: ou as minas não o tivessem tornado num homem rico! De modo que, quando via grupos de mineiros disformes a deambularem perto das suas fontes ornamentais não no jardim privado, a tanto não ia a sua generosidade), dizia: "Os mineiros não são ornamentais como os veados, mas são de longe mais lucrativos".

Mas isto passava-se na áurea - monetariamente - segunda metade do reinado da rainha Vitória. Nessa época os mineiros eram "trabalhadores honestos".

Winter tinha dito isso mesmo num pequeno discurso, quase apologético, ao seu convidado, o rei Eduardo, quando este era ainda príncipe de Gales. O príncipe respondera com a sua gutural pronúncia inglesa: "Tem absoluta razão. Se houvesse carvão por baixo dos jardins de Sandringham, abriria uma mina nos relvados, e acho que seria uma forma excelente de jardinagem. Oh, por esse preço, estou disposto a trocar os veados por mineiros. Disseram-me que os seus homens são muito sérios."

Mas nessa altura talvez o príncipe tivesse uma ideia exagerada do valor do dinheiro e sobre as maravilhas do industrialismo.

Todavia, o príncipe veio a ser rei, e esse rei tinha morrido, e agora havia outro rei, cuja principal função parecia ser inaugurar sopas dos pobres.

E os trabalhadores honestos estavam de certo modo a sítar Shipley. Novas aldeias mineiras inundavam o parque, e o squire sentia que aquela gente era estranha. Estava habituado a sentir-se, de forma bem humorada e condescendente, senhor dos seus domínios e hulheiras. Agora, por via da subtil penetração do novo espírito, de certa maneira tinha sido expulso. Era ele que já não fazia parte daquelas terras, sem dúvida. As minas e a indústria possuíam uma vontade própria que se contrapunha à do proprietário, do grande senhor. Os mineiros participavam dessa vontade, e era difícil viver a lutar contra ela. A mesma vontade expulsava as pessoas da região, como as expulsava da vida.

O Squire Winter, que fora soldado, não tinha cedido. Deixara de apreciar o costume que tinha de dar o seu passeio pelo parque depois do jantar. Quase se escondia dentro de casa. Uma vez tinha acompanhado Connie até ao portão, sem chapéu, de sapatos de verniz e meias de seda cor de púrpura, conversando no seu inglês altissonante. Mas quando passaram por pequenos grupos de mineiros, que paravam e o fitavam insolentemente e nem sequer lhe davam a salvação, Connie sentiu aquele velho magro e distinto estremecer como um antílope gracioso treme dentro de uma jaula perante um olhar indiscreto. Os mineiros não lhe eram pessoalmente hostis, de maneira nenhuma. Antes indiferentes, e expulsavam-no. E, no fundo, tinham-lhe ódio. "Trabalhavam para ele." E na sua fealdade, ofendiam-se com a sua existência

elegante, bem arranjada, culta. "Quem é ele!" O ressentimento era contra a diferença.

E, lá no fundo, no mais íntimo do seu ego britânico, sendo um soldado por temperamento, achava que eles tinham razão para se sentirem melindrados com a diferença. Ele próprio via que estava errado, porque tinha todas as vantagens do seu lado. Contudo, era o representante de um sistema, e não se deixaria expulsar.

Só a morte o afastaria dali. Falecera subitamente pouco depois da visita de Connie.

Os herdeiros deram imediatamente ordem para demolir Shipley. Manter o solar seria muito dispendioso, e nenhum deles viveria lá. Portanto foi demolido. Os teixos da alameda foram cortados e arrancaram as árvores do parque e divididas em lotes. Ficava perto de Uthwaite. Depois do corte das árvores e da demolição da casa, o amplo lugar ficara nu, estranho, mais uma terra de ninguém, tinham começado a erguer pequenas moradias geminadas, muito acolhedoras. A Quinta de Shipley Hall!

No espaço de um ano, depois da última visita de Connie, estava tudo pronto. A Quinta de Shipley Hall passara a ser um complexo de moradias geminadas de tijolo em ruas novas. Era difícil de acreditar que doze meses antes existira naquele lugar uma bela mansão.

Mas esta era uma frase posterior da concepção de jardinagem do rei Eduardo, que consistia em ornamentar um relvado com uma mina de carvão.

Uma Inglaterra apaga a outra. A Inglaterra dos Squire Winter e dos Wragby Hall chegava ao fim, morria. O processo de destruição ainda não estava completo.

Que viria depois? Connie não conseguia imaginar. Só via ruas novas de tijolo alastrando pelos campos, os novos edifícios elevando-se acima das minas, as raparigas com meias de seda, os filhos dos mineiros a descansar no Pally ou no Centro. As gerações mais novas não tinham consciência do que fora a velha Inglaterra. Havia um hiato na continuidade da consciência, de tipo americano, mas, no fundo, industrial. Que viria depois? Connie sentia que não havia depois. Queria enterrar a cabeça na areia ou, pelo menos, no peito de um homem vivo.

O mundo era tão complicado, tão misterioso, tão macabro! Tanta gente, e gente tão terrível! No regresso a casa, Connie pensava em tudo isso; via os mineiros arrastarem-se das minas, enferruscados, deformados, com um ombro mais alto do que o outro, fazendo barulho com as pesadas botas ferradas. Rostos cinzentos de um mundo subterrâneo, córneas ondeadas, pescoços curvados pelos tectos das galerias, costas deformadas. Homens! Homens! E, em certos aspectos, talvez até homens pacientes e bons. Noutros, inexistentes. A sua natureza perdera qualquer coisa que faz parte dos homens; no entanto, eram homens. Podiam ser pais. Uma mulher podia ter um filho de um daqueles homens. Ideia terrível, terrível! Eram bons e afáveis, mas não totalmente humanos. Eram "sérios", na sua metade amputada. E se a outra

metade, morta, um dia ressurgisse? Mas não, era um pensamento sinistro. Connie tinha medo das massas industriais. Pareciam-lhe tão misteriosas. Vidas destituídas de beleza, de intuição, vidas de minas.

Filhos daqueles homens! Meu Deus! E, no entanto, Mellors tinha nascido de um pai daqueles. Não totalmente daqueles, pois quarenta anos trazem grandes transformações na humanidade. O ferro e o carvão tinham devorado o corpo e a alma daqueles homens.

Fealdade humanizada, mas contudo viva! O que seria deles uns anos mais tarde? Talvez, quando o carvão se extinguisse, eles desaparecessem também da face da terra. Tinham vindo não se sabia de onde, aos milhares, quando o carvão os chamara. Talvez não passassem de uma estranha fauna dos jazigos de carvão. Criaturas de outra realidade, elementos que serviam os elementos do ferro. Homens não humanos, mas animais de carvão, ferro e barro. Fauna de elementos, carvão, ferro e silício. Tinham qualquer coisa da estranha e desumana beleza dos minerais, o brilho do carvão, o peso e o azulado do ferro, a transparência do vidro. Criaturas elementares, estranhas e deformadas, do mundo mineral. Pertenciam ao carvão, ao ferro, ao barro, como os peixes pertencem ao mar e os vermes ao bosque morto. Espíritos da desintegração mineral.

Connie sentiu-se satisfeita por estar em casa, para enterrar a cabeça na areia. Até lhe agradou conversar com Clifford. Afectou-a o terror daqueles Midlands de ferro, que a invadia como se fosse uma gripe.

- Evidentemente que tive de tomar chá na loja da senhora Bentley - disse ela.

- De verdade? Winter também lhe servia chá.

- Oh, sim, mas não me atrevi a desiludir a senhora Bentley. A senhora Bentley era uma velha donzela, pálida, com um nariz volumoso e temperamento romântico, que servia chás com uma intensidade meticulosa, como se estivesse a ministrar um sacramento.

- Ela perguntou por mim?

- Evidentemente! "Posso perguntar a vossa senhoria como se encontra Sir Clifford?" Acho que, para ela, ainda está acima da enfermeira Cavel!

- Suponho que lhe disse que estou florescente.

- Pois claro! E ela ficou como se eu tivesse dito que as portas do Céu estavam abertas para si. Disse-lhe que quando viesse a Tevershall poderia vir visitá-lo.

- A mim? Para quê? Visitar-me?

- Porque não, Clifford? Se o adoram, tem de lhes dar qualquer coisa em troca. São Jorge da Capadócia ao pé de si não é ninguém para eles.

- E acha que ela virá?

- Oh, até corou. E, durante um momento, até ficou bonita. Porque é que os homens não casam com as mulheres que são capazes de os adorar?

- As mulheres só começam a adorar muito tarde. Mas ela disse que viria?

- Oh! - Connie imitou a ofegante senhora Bentley: - "Minha senhora, nunca me atreveria a tomar essa liberdade!"

- Atrever-se a tomar a liberdade! Que absurdo! Mas só espero realmente que não venha. E como estava o chá?

- Oh, o Lípton, muito forte. Mas, Clifford, não tem consciência de que é o Roman de la Rose para a senhora Bentley e para muita gente como ela?

- Mesmo assim não me sinto lisonjeado.

- Cada fotografia sua nos jornais ilustrados é um tesouro para eles, e, provavelmente, rezam por si todas as noites. É lindo.

Connie subiu para mudar de roupa. Nessa noite Clifford disse-lhe:

- Acha que há algo de eterno no casamento, não é verdade? Ela fitou-o.

- Mas, Clifford, fala em eternidade como de um sepulcro, ou de uma longa cadela sem fim que ande sempre connosco para toda a parte.

Ele fitou-a, aborrecido.

- O que quero dizer é que receio que vá para Veneza à espera de uma aventura amorosa que possa tomar au grand sérieux.¹

- Uma aventura em Veneza, au grand sérieux Não, garanto-lhe. Uma aventura em Veneza nunca seria a sério.

Disse isto com um tom de desprezo na voz.

Ao descer pela manhã do seu quarto, viu Flossie, a cadela do guarda, sentada no corredor em frente da porta do quarto de Clifford, a soltar desolados ganidos.

- Olá, Flossie! - disse com carinho. - Que é que fazes aqui? E abriu lentamente a porta do quarto. Clifford estava sentado na cama, com uma mesa de cama e a máquina de escrever ao lado, e o guarda em sentido, ao fundo da cama. Flossie entrou, a correr. Num movimento discreto da cabeça e dos olhos, Mellors mandou-a ir e ela esgueirou-se.

- Bom dia, Clifford! Não sabia que estava ocupado. Depois voltou-se para o guarda e disse bom dia. Ele murmurou um bom dia, olhando-a vagamente. Mas da presença dele chegava até ela uma onda de paixão.

- Desculpe, se o interrompi, Clifford.

- Não, não estávamos a tratar de nada realmente importante. Connie voltou a sair do quarto e subiu as escadas até à sala azul, no primeiro andar. Sentou-se à janela e viu Mellors a descer a estrada de uma maneira estranha, silenciosa, apagada. Havia nele uma distinção natural e tranquila, um orgulho reservado e um toque de fragilidade. Um assalariado! Um dos criados de Clifford! "A culpa, caro Brutus, não está nas nossas estrelas, mas em nós, porque nós somos inferiores."

Ele seria inferior? Seria mesmo? O que é que pensaria dela? Estava um dia de sol e Connie trabalhava no jardim, e a senhora Bolton ajudava-a. Por

¹ . "Muito a sério." (N. da T)

qualquer razão, as duas mulheres tinham-se aproximado, num daqueles fluxos de simpatia, inexplicáveis, que unem os seres. Estavam a pôr estacas nos cravos e plantavam flores para o Verão, o que ambas gostavam de fazer. Especialmente Connie, que sentia prazer em colocar as raízes macias de jovens plantas na terra escura e de as tapar suavemente. Naquela manhã de Primavera sentia as suas entranhas igualmente palpitantes, como se o sol as tivesse penetrado e afagado.

- Perdeu o seu marido há muitos anos? - perguntou à senhora Bolton, enquanto apanhava outra planta pequena e a colocava no buraco.

- Há vinte e três - respondeu a senhora Bolton, ao mesmo tempo que separava cuidadosamente as columbinas. - já fez vinte e três anos que o trouxeram para casa.

Connie sentiu-se estremecer com aquele terrível e definitivo "trouxeram-no para casa".

- Porque é que ele se deixou morrer, sabe? - perguntou ela.

- Ele era feliz consigo?

Era uma pergunta de uma mulher para outra mulher. A senhora Bolton afastou da cara uma madeixa de cabelo com as costas da mão.

- Não sei, Lady Chatterley. Ele não cedia nunca, não se deixava ir atrás dos outros. E detestava curvar-se ao que quer que fosse. Foi uma obstinação que o matou. Não tinha medo, compreende? A culpa foi da mina. Ele nunca devia ter ido para as minas. Mas o pai dele mandou-o para lá em rapaz. E, depois dos vinte anos, não é muito fácil mudar de trabalho.

- Ele dizia que não gostava de trabalhar na mina?

- Oh, não! Nunca! Nunca dizia que não gostava de uma coisa. Troçava simplesmente. Era um daqueles homens que não têm cuidado com eles. Como aqueles jovens que partiram entusiasmados para a guerra e foram os primeiros a morrer. Ele não era doido, mas não tinha cuidado. Costumava dizer-lhe: "Não te interessas por nada nem por ninguém!". Mas não era verdade! O ar dele, quando nasceu o meu primeiro filho, sem se mexer, a fixar-me com olhos fatais depois do parto! Sofri bastante, mas tinha de o consolar. A certa altura disse-lhe: "Já acabou, homem, já acabou". Olhou-me e sorriu-me de um modo estranho. Nunca disse nada. Mas acho que nunca mais teve prazer comigo de noite, não se entregava, talvez não pudesse. Não queria que tivesse mais filhos. Sempre acusei a mãe dele por o ter deixado assistir ao parto. Ele nunca devia ter assistido. Os homens exageram tudo quando começam a cismar.

- Impressionou-se assim tanto? - perguntou Connie, espantada.

- Sim, não conseguia achar natural todas aquelas dores. Isso roubava-lhe um pouco do prazer no amor conjugal. Dizia-lhe: "Mas se eu não me importo, porque é que tu te há-de importar? Isso diz-me respeito". Ele limitava-se a responder: "Não é justo que seja assim!".

- Talvez ele fosse muito sensível.

- Era! Quando conhecemos bem os homens, chegamos sempre à conclusão que são demasiado sensíveis onde não deviam ser.

E acho que, embora não o soubesse, odiava a mina, odiava. Tinha um aspecto tão tranquilo depois de morto, como se se sentisse livre. Era um belo rapaz! Partiu-se-me o coração vê-lo tão tranquilo e puro, como se tivesse querido morrer. Partiu-se-me o coração. A culpa foi da mina.

Caíram lágrimas amargas pelo rosto das duas mulheres. Era um dia quente de Primavera, cheirava a terra e a flores amarelas, os botões abriam, e a seiva do sol inundava o jardim.

- Deve ter sido terrível para si! - comentou Connie.

- Oh! A princípio eu não acreditava. Só dizia para mim: "Meu pequeno, porque me quiseste deixar?". Era tudo o que conseguia dizer. E acreditava que ele um dia voltaria.

- Mas ele não quis deixá-la!

- Não, isso era o que eu dizia no meu desgosto. E continuei a esperá-lo. Especialmente de noite. Acordava constantemente e pensava: "Porque é que ele não está aqui na cama comigo?". Os meus sentimentos não podiam aceitar a morte dele. Sentia que ele tinha de voltar e deitar-se a meu lado, para eu o sentir. Era tudo quanto queria, tê-lo ali comigo. E sofri muito tempo, anos e anos, até compreender que ele não voltaria.

- O contacto do corpo dele - disse Connie.

- É isso mesmo. O contacto do corpo dele. Ainda hoje não esqueci, e nunca esquecerei. Se há um Céu, ele estará lá, e deitar-se-á a meu lado para eu poder dormir.

Connie fitava, assustada, aquela cara bonita e pensativa. Mais um ser apaixonado saído de Tevershall! O contacto do corpo dele! "Porque os laços do amor estão doentes, prestes a quebrar-se."

É terrível ter um homem nas veias - comentou Connie. É isso que faz sofrer muito. Depois sente-se que os outros o queriam ver morto, que a mina o quis matar. E sentia que, se não fossem as minas e os donos das minas, ele nunca me deixaria. Mas todos querem separar um homem e uma mulher, quando eles vivem unidos.

- Fisicamente unidos.

- Exactamente. Há pessoas que têm coração de pedra. Quando ele se levantava de manhã para ir para a mina, eu sentia que ele não devia ir, não devia. Mas o que é que ele podia fazer? Que é que um homem há-de fazer?

Dentro daquela mulher ardia subitamente um estranho ódio.

- Mas pode durar assim tanto tempo a recordação de um contacto? - perguntou Connie, bruscamente. - A ponto de perdurar ainda?

- Oh, Lady Chatterley, mas que outra coisa é que pode perdurar? Os filhos crescem e vão-se embora. Mas o homem é diferente! E até isso os outros querem matar dentro de nós, a lembrança desse contacto. Até os próprios filhos. Se ele não tivesse morrido, talvez até nos separássemos um dia, quem sabe? Mas o sentimento é diferente. O melhor é não nos

prendermos. Mas quando uma mulher nunca foi aquecida por um homem, tenho pena dela, por melhor que se vista e melhor vida que tenha, parece-me um pobre mocho. Não, nada me fará mudar de opinião. Não me importo nada com o que pensem as outras pessoas.

Capítulo XII

Depois do almoço, Connie seguiu imediatamente para o bosque. Estava um dia lindo, os primeiros dentes-de-leão pareciam sóis e despontavam margaridas brancas. A mata de avelaneiras era uma renda de folhas entreabertas e de candeias poeirentas. As moitas de celidónias amarelas, muito abertas, precisando de se apertar, no seu amarelo brilhante, intenso do princípio do Verão. Quanto às primaveras, espriavam-se por toda a parte formando autênticos cachos, parecendo pálidas no seu abandono de flores que perderam a timidez. O verde-escuro dos jacintos era como um mar, carregado de botões que se erguiam pálidos como hastes de centeio enquanto que no caminho desabrochavam miosótis e os rendados purpurinos das columbinas, cujas folhas se iam alargando cada vez mais, e, sob um arbusto, viam-se restos de cascas de ovos de pássaro. Por toda a parte os botões e a força da vida.

O guarda não estava na cabana. Os pintos castanhos corriam cheios de vida, tudo estava sereno. Connie caminhava na direcção da casa, queria encontrá-lo.

O sol batia em cheio na casa afastada da orla do bosque. Os tufos de narcisos continuavam a germinar, perto da porta aberta, as margaridas vermelhas guarneciam as margens do caminho. Um cão ladrou: era Flossie, que apareceu, a correr. A porta aberta! Então ele estava em casa. O sol tombava no chão de tijolo vermelho. Enquanto subia a vereda, viu-o através da janela, sentado à mesa, em mangas de camisa, a comer. A cadela rosnou suavemente, abanando a cauda.

Ele levantou-se e dirigiu-se para a porta, limpando a boca com um lenço vermelho, mas ainda a mastigar.

- Posso entrar? - perguntou ela.

- Entra! A sala despida era iluminada pelo sol e lá dentro persistia um cheiro a costeletas de carneiro grelhadas. A caçarola de fritar batatas estava ainda ao lado da chaminé, em cima de um papel, e no lume estava colocada sobre as barras de ferro do fogão uma chaleira.

Em cima da mesa, coberta com um oleado branco, estava um prato com batatas e os restos da costeleta. Também havia pão, sal e uma caneca azul com cerveja. Ele mantinha-se de pé, na sombra.

- Estás atrasado! Mas acaba de comer. Ela sentou-se numa cadeira de madeira, ao sol, junto à porta.

- Tive de ir até Uthwaite - disse ele, sentando-se à mesa, mas sem comer.

- Continua a comer! - disse ela. Mas ele não tocou na comida.

- Queres comer alguma coisa? Tomar uma chávena de chá? A chaleira está ao lume... - E fez menção de se levantar.

- Posso ser eu própria a arranjar o chá? - perguntou ela levantando-se. Ele tinha um ar triste, e ela sentiu que estava a incomodá-lo.

- Se quiseres... O bule está ali - disse ele, apontando para um pequeno armário de canto - e as chávenas e a lata do chá naquela prateleira da lareira, aí por cima da tua cabeça.

Connie tirou o bule, agarrou o chá, verteu água a ferver no bule para o lavar, e parou um momento sem saber onde o havia de despejar.

- Despeja lá para fora - disse Mellors, atento. - É água limpa.

Foi até à porta e deitou a água para o caminho. Como tudo aquilo era encantador, tranquilo, tão campestre! Os carvalhos deixavam cair folhas avermelhadas, no jardim as margaridas pareciam botões de pelúcia vermelha. Olhou as grandes e baixas lajes de grés da soleira, que poucos transpunham.

- É lindo isto! Tão tranquilo, tudo tão vivo e calmo. Ele recomeçara a comer, vagarosamente e com relutância, e ela sentiu-o abatido. Preparou o chá, em silêncio, colocou o bule na grade junto à lareira, como se conhecesse os hábitos do povo. Ele empurrou o prato para o lado e saiu para as traseiras. Ela ouviu o barulho do fecho da porta, e ele voltou com queijo num prato e manteiga.

Ela pôs as duas chávenas na mesa, as duas únicas chávenas que existiam.

- Queres uma chávena de chá? - perguntou ela.

- Como quiseres. O açúcar está no armário e um jarro com natas. O leite está numa bilha tia despensa.

- Posso tirar-te o prato da frente? - perguntou ela. Ele levantou o olhar para ela, com um sorriso um pouco irónico.

- Se não te importas - respondeu, comendo lentamente pão e queijo.

Ela foi às traseiras, à copa que ficava num telheiro perto da bomba. À esquerda, havia uma porta que devia ser da despensa. Abriu-a e quase sorriu ao ver o lugar a que ele chamava de despensa: era uma prateleira caiada, comprida e estreita, onde havia, no entanto, espaço para um barril de cerveja, alguns pratos e pequenas porções de víveres. Tirou algum leite da bilha amarela.

- Como é que consegues arranjar o leite? - perguntou-lhe, quando voltou para a mesa.

- Os Flint. Deixam-me uma garrafa no portão das coelheiras. Naquele sítio onde nos encontramos.

Ele estava abatido. Ela serviu o chá, segurando o jarro das natas.

- Sem leite - disse ele. Depois pareceu-lhe ouvir um ruído e ficou a olhar atentamente para a porta.

- Acho que é melhor fechar a porta - disse.

- Que pena! - respondeu Connie. - Ninguém vem aqui, pois não?

- Seria um acaso, mas nunca se sabe.

- E se alguém viesse não teria importância. Estamos a tomar chá. Onde é que estão as colheres?

Ele inclinou-se e abriu a gaveta da mesa. Connie estava sentada à mesa, ao sol, que entrava pela porta. - Flossie - disse Mellors para a cadela, deitada no degrau. Vai espreitar, anda!

Levantou o dedo para reforçar o "espreitar". A cadela correu para ir fazer o reconhecimento do bosque.

- Estás triste hoje? - perguntou-lhe Connie. Rapidamente voltou os olhos e fitou-a.

- Triste não, aborrecido. Tive de ir tratar da notificação de dois caçadores furtivos que apanhei, não gosto das pessoas.

Falava num tom frio, num inglês correcto e com raiva na voz.

- Não gostas de ser coiteiro?

- Não, ser coiteiro gosto, desde que me deixem em paz. Mas quando tenho de ir à polícia e a outros sítios esperar que um bando de patetas me atenda... perco a cabeça... - respondeu ele, a sorrir, com uma certa graça, reservada.

- Não poderias ser realmente independente? - perguntou ela.

- Eu? Acho que sim, se queres dizer viver somente da pensão. Podia. Mas se não trabalhasse morria. Tenho de me ocupar com qualquer coisa, e o meu temperamento não me permite trabalhar por minha conta. Tenho de trabalhar por conta de outrem ou em menos de um mês largaria tudo, num ataque de mau génio. Portanto sinto-me bem aqui, em especial ultimamente...

Riu-se dela de novo, com um humor trocista.

- Mas estás hoje mal humorado porquê? Ou queres dizer que estás sempre mal humorado?

- Quase sempre - respondeu ele, a rir. - Não digiro bem a minha bílis.

- Que bílis?

- Bílis! Não sabes o que é bílis? Ela ficou calada e desapontada. Ele mantinha-se indiferente à presença dela.

- Vou-me embora por algum tempo no mês que vem - disse ela.

- Vais? Para onde?

- Veneza.

- Veneza! Com Sir Clifford? Por quanto tempo?

- Um mês, mais ou menos. Mas Clifford não vai.

- Fica aqui?

- Sim! Desde que ficou aleijado não gosta de viajar.

- Pobre diabo! - comentou ele, com simpatia. Fez-se silêncio.

- Não me esquecerás na minha ausência? - perguntou. Ele levantou os olhos e fitou-a.

- Esquecer-me? Sabes muito bem que ninguém esquece, não é uma questão de memória.

Ela quis perguntar "que é então?" mas não o fez. Limitou-se a murmurar:

- Disse a Clifford que poderia ter um filho. Ele olhou para ela com uma expressão profunda e perscrutante.

- Disseste? E ele que respondeu?

- Oh, não se importaria. Até ficaria contente, de facto, desde que desse a impressão de que era dele.

Ela não se atrevia a levantar os olhos para ele. Ele ficou taciturno durante bastante tempo, depois pôs-se a olhar fixamente para o rosto de Connie.

- Não se referiu a mim, evidentemente.

- Não. Não se falou de ti.

- Não, dificilmente me aceitaria como substituto. E como é que pensas ter esse filho?

Podia ter uma aventura amorosa em Veneza. Podias - replicou ele, lentamente. - É por isso que vais? Não para ter a aventura - respondeu ela, olhando para ele com um olhar suplicante.

- Somente para fingir - disse ele. Silêncio absoluto. Ele sentou-se a olhar pela janela, com um sorriso vago, um misto de escárnio e de amargura. Ela detestava o seu sorriso.

- Não tomaste nenhuma precaução para evitar a gravidez, pois não? - perguntou-lhe ele, subitamente. - Eu pela minha parte não a tomei.

- Não - respondeu ela num murmúrio. - Nunca seria capaz de o fazer.

Ele olhou para ela, depois para a janela com o mesmo sorriso misterioso. Reinava um silêncio impressionante.

Por fim ele, voltou a cabeça e disse num tom de sarcasmo:

- Foi por isso que me quiseste, para ter um filho! Ela baixou a cabeça.

- Não, no fundo não.

- Então no fundo porque foi? - perguntou com ironia. Ela fitava-o com uma expressão de censura, dizendo:

- Não sei. Ele deu uma gargalhada.

- Macacos me mordam se eu sei. Ficaram de novo em silêncio, num silêncio frio.

- Bem - disse ele, finalmente. - É como vossa senhoria quiser. Se tiver um filho, Sir Clifford dar-lhe-á as boas-vindas e eu não terei perdido nada. Pelo contrário, foi deveras uma experiência muito agradável.

E espreguiçou-se, bocejando disfarçadamente.

- Serviu-se de mim - continuou. - Não foi a primeira vez que alguém se serviu de mim, e foi mais agradável do que das outras, embora não seja motivo de orgulho para ninguém.

Voltou a espreguiçar-se, de maneira curiosa, os músculos a tremer e os maxilares cerrados.

- Mas eu não me servi de ti - respondeu ela, suplicante.

- Ao serviço de vossa senhoria.

- Não, gostei do teu corpo.

- Sim?! - replicou ele a rir. - Então estamos quites, porque também gostei do teu.

E fitou-a com olhos estranhamente escuros.

- Queres subir? - perguntou-lhe, numa voz estrangulada.
- Não, aqui não! Agora não! - respondeu ela, num tom de voz pesado e lento.

No entanto, se ele tivesse insistido, ela teria cedido, porque não tinha força para lutar contra ele.

Ele voltou a virar a cara, dando a impressão de se ter esquecido que ela estava ali.

- Quero tocar-te como me tocas - disse ela. - Nunca toquei realmente o teu corpo.

Ele olhou-a e sorriu de novo.

- Agora? - perguntou.

- Não! Não! Aqui não. Na cabana. Não te importas?

- Como é que te toco?

- Quando me acaricias. Ele voltou a olhá-la e captou o seu olhar denso e inquieto.

- E gostas quando te acaricio? - perguntou, a sorrir tranquilamente.

- Sim, e tu?

- Oh, eu! - depois mudou o tom de voz. - Sim, sabes sem perguntar.

Era verdade. Connie levantou-se e pegou no chapéu.

- Tenho de me ir embora - disse.

- Tem? - perguntou ele delicadamente. Ela queria que ele a tocasse, que lhe dissesse qualquer coisa, mas ele não disse nada, apenas esperava cerimoniosamente.

- Obrigada pelo chá.

- Não agradecei a vossa senhoria a honra de se ter servido do meu bule.

Connie partiu, e ele ficou à porta, sorrindo ironicamente. Flossie apareceu a correr, com a cauda levantada. E Connie tinha de caminhar penosamente através do bosque, em silêncio, sabendo que continuava lá, a segui-la com os olhos, com uma expressão enigmática.

Regressou a casa muito deprimida e irritada. Não gostava de o ouvir dizer que se tinham servido dele, porque, de certo modo, era verdade. Mas não o devia ter dito. Por isso, mais uma vez, sentia-se dividida entre dois sentimentos: ressentimento contra ele e desejo de fazer as pazes com ele.

Depois do chá, longo e maçador, Connie subiu imediatamente para o quarto. Se bem que, depois de lá estar, não se sentiu melhor. Não conseguia estar sentada nem de pé. Tinha de fazer qualquer coisa. Iria até à cabana, se ele não estivesse lá, tanto melhor.

Esgueirou-se pela porta lateral e dirigiu-se directamente para a cabana, um pouco mal-humorada. Quando chegou à clareira sentiu-se terrivelmente inquieta. Ele lá estava, em mangas de camisa, curvado, tirando as galinhas das capoeiras, ao mesmo tempo que tirava os pequenos faisões, que estavam a ficar um pouco mais jeitosos, mas eram muito mais elegantes do que os pintos das galinhas.

Precipitou-se para ele.

- Vim, como vês.
- Estou a ver - respondeu ele, endireitando-se e sorrindo para ela, ligeiramente divertido.

- Deixas as galinhas cá fora?
- Sim, elas estão reduzidas a pele e osso. E agora já nem sequer querem sair para comer. O "eu" não existe para uma galinha no choco: só existem os ovos e os pintos.

Pobres mães-galinhas! Que amor cego, mesmo quando os ovos não são delas! Connie olhava-as, compadecida. O homem e a mulher ficaram em silêncio.

- Vamos para a cabana? - perguntou ele.
- Desejas-me? - perguntou ela, num tom de desconfiança.
- Sim, se quiseres vir.

Ela não respondeu.

- Vamos então! - disse ele. E seguiram os dois para a cabana. Quando ele fechou a porta, ficou escuro, e, como sempre, acendeu a lanterna.

- Estás despida por baixo? - perguntou ele.
- Sim!

- Vou-me despir também. Estendeu os cobertores, pondo um de lado para fazer de colcha. Ela tirou o chapéu e sacudiu o cabelo. Ele sentou-se, tirou sapatos e as polainas, e começou a desabotoar as calças de bombazina.

- Deita-te! - disse-lhe, quando já estava em camisa. Ela obedeceu em silêncio e ele deitou-se ao lado dela, puxou o cobertor para cobrir os dois.

- Cá estamos! - disse ele. Levantou-lhe o vestido até aos seios e beijou-os suavemente, prendendo os mamilos nos lábios em leves carícias.

- Ah, é bom, é bom - murmurou, esfregando subitamente a aura num movimento para se aconchegar na sua barriga quente.

Ela abraçou-o sob a camisa, mas sentiu medo, medo daquele corpo magro, macio e nu, mas que parecia tão forte, medo daqueles músculos violentos. Ela contraiu-se com medo.

E quando ele disse "é bom, é bom!" algo dentro dela estremeceu, e qualquer coisa no seu espírito acordou, pronto a resistir. A resistir àquela terrível intimidade física e a urgência da posse. E o êxtase violento da paixão não a invadiu. Ficou de mãos inertes no corpo do homem em luta. E, embora tentasse, não conseguia deixar de observar friamente, distante, o que se passava; e o movimento das ancas do homem era ridículo, e mais ridículo o frenesim do pénis até à pequena crise da ejaculação. Sim, aquilo era o amor, aquele movimento ridículo das nádegas, aquele esmorecimento de um pénis insignificante e húmido. Era esse o divino amor! Afinal, os modernos tinham razão em desprezar aquela representação teatral, porque, no fundo, não passava de uma representação. Tinham razão os poetas ao dizerem que o Deus que criou o homem teve um humor sinistro em o criar como criatura dotada de razão e obrigá-lo àquela posição ridícula, e a desejar cegamente aquela representação. Até Maupassant achava que era um anticlímaxe

humilhante. Os homens tinham desprezo pelo acto sexual, e no entanto, praticavam-no.

Frio e ridículo, o seu estranho espírito feminino manteve-se afastado, e, embora ela não se mexesse, o seu impulso era para levantar os rins, empurrar o homem, subtrair-se àquela prisão e ao movimento das suas ancas ridículas. O corpo dele era uma coisa louca, impudente, imperfeita, um pouco repugnante na sua inépcia incompleta. Uma transformação completa com certeza eliminaria aquela representação, aquela "função".

E, no entanto, quando ele acabou e ficou muito quieto, retirando-se em silêncio, num afastamento estranho, sem movimento, inatingível, o coração de Connie começou a chorar. Ela sentia-o afastar-se, afastar-se, deixando-a como uma pedra na praia. Ele afastava-se espiritualmente dela. E ele tinha consciência disso.

E, invadida de uma verdadeira tristeza, atormentada pela sua dupla consciência e reacção, começou a chorar. Ele não deu por isso, talvez não soubesse que ela estava a chorar. A tempestade de soluços cresceu dentro dela e sacudiu os dois corpos.

- Sim, não resultou, desta vez. Estavas ausente. Ele percebera. Os soluços de Connie tornaram-se mais violentos.

- Mas que tens? - perguntou ele. - Isso acontece de vez em quando.

- Eu... eu não sou capaz de te amar - soluçou Connie, com o coração despedaçado.

- Não? Não faz mal. Não há nenhuma lei sobre isso. Não te preocupes.

Ele continuava com a mão sobre o peito dela, mas ela tinha-o largado. As palavras dele não a reconfortavam. Ela soluçava mais alto.

- Então, então! É preciso conhecer o bom e o mau, hoje foi o mau - dizia ele.

Ela chorava amargamente, soluçando.

- Mas eu quero amar-te, e não consigo. É horrível. Ele riu-se, meio amargo e divertido.

- Não é assim tão horrível - continuou -, embora pareça. És tu que achas pior do que é. Não te importes se me amas ou não. Não podes forçar-te. Num cesto de nozes há sempre uma podre. É preciso tirar a podre e as boas.

Tirou a mão do peito de Connie, deixando de lhe tocar. E como não lhe tocava, ela sentiu quase uma satisfação perversa. Odiava o dialecto e os "tus" dele. Ele podia levantar-se se quisesse e abotoar aquelas ridículas calças de bombazina ali mesmo à frente dela. Michaelis tinha, pelo menos, a delicadeza de virar as costas. Aquele homem era tão seguro de si que nem sequer pensava que os outros o podiam achar ridículo e grosseiro.

No entanto, quando ele ia a afastar-se, para se levantar silenciosamente e a deixar, ela agarrou-o em pânico.

- Não! Não te vás! Não me deixes! Não te zanges comigo! Abraça-me! Abraça-me com força! - murmurava ela, num frenesim, sem saber o que dizia, abraçada a ele com uma força estranha.

Queria ser salva dela mesma, da sua exasperação e resistência interior. Mas era tão forte aquela resistência interior que a dominava!

Ele abraçou-a novamente e apertou-a contra o peito. De súbito ela tornou-se pequena nos seus braços e frágil. A resistência tinha desaparecido, e ela começou a sentir dentro de si uma paz maravilhosa. Assim, pequena e maravilhosa, nos braços dele acordou-lhe um desejo infinito, e todas as veias do homem pareciam esquentar num desejo intenso, mas doce, um desejo daquela mulher, da sua doçura, da beleza penetrante que tinha nos braços e lhe entrava no sangue. E, docemente, na carícia suave e vertiginosa da sua mão, animada de um desejo puro, afagou-lhe a curva macia dos seus rins, desceu, desceu até às nádegas quentes e suaves, cada vez mais perto do que havia de mais vivo no corpo dela. E ela sentia-o como uma chama de desejo, doce, e sentia-se fundir nessa chama. Deixava-se ir. Sentiu o pénis erguer-se com uma força e uma asserção assombrosas, e deixou-se ir. Cedeu, e, com um estremecimento que parecia de morte, abriu-se para ele. Ah, se naquele momento ele não fosse terno com ela, seria tão cruel! Estava completamente aberta para ele, entregue.

Estremeceu de novo com a penetração potente, inexorável, tão estranha e tão terrível. Trouxe-lhe a ideia da lâmina de uma espada no seu corpo docemente aberto, e isso seria a morte. Abraçou-se a ele, tomada de uma súbita e terrível angústia. Mas foi um golpe de paz, estranho e lento, o sinistro golpe de paz, de uma ternura potente e primordial, como a que criou o mundo. E o terror abrandou no seu peito, ficou em paz, e deixou-se ir, inteira, na corrente.

Parecia que era um mar, somente vagas escuras levantando e baixando, até toda aquela massa em movimento a converter-se num oceano, a animar toda a imensidão negra. E no mais profundo do seu corpo, a profundidade desse oceano abria-se e movia-se dos dois lados do mergulhador, que no seu mergulho doce e fundo chegava sempre mais longe, sempre mais longe, e as vagas rebentavam numa praia qualquer, deixando-as a descoberto. E o desconhecido palpável mergulhava cada vez mais fundo, e as vagas rolavam cada vez mais longe, abandonavam-na, até que, subitamente, numa conclusão doce e violenta, todo o seu plasma foi atingido. Ela mesma sentiu-se atingida, tudo estava consumado, e ela desapareceu. Desapareceu, deixou de ser, e nasceu: uma mulher.

Ah, maravilhoso, maravilhoso! No refluxo, ela captou toda a maravilha. Naquele momento todo o seu corpo se uniu com amor àquele homem desconhecido, e, cegamente, contra o pénis enfraquecido que, meigamente, fragilmente, e sem o saber, se retirava após o acesso de potência. Retirava-se secreto e sensível e abandonava o corpo dela. E ela soltou um pequeno grito inconsciente, um grito de pura perda, e quis prolongar a união. Tudo tinha sido perfeito e tão maravilhoso!

E só agora ela compreendeu a pequenez do pénis, a sua delicadeza, a sua reticência. E soltou de novo um pequeno grito de pasmo e entusiasmo. O

grito do coração de uma mulher, maravilhada pela fragilidade daquilo que antes fora potência.

- Foi tão bom! Foi tão bom! - murmurou.

Ele não respondeu. Limitou-se a beijá-la ternamente, deitado tranquilamente em cima dela. E ela gemia, em beatitude, como uma vítima, como algo que acaba de nascer. Tinha despertado no seu coração uma estranha admiração por ele. Um homem! A estranha potência da virilidade em cima dela! As suas mãos vagueavam pelo corpo dele, ainda um pouco receosas perante aquela coisa estranha, hostil, que ela julgara repugnante: um homem. E quando o tocou, oh!, eram os filhos de Deus em contacto com as filhas dos homens. Era belo, puro no contacto! A serenidade de um corpo sensível era maravilhosa e forte, e, ao mesmo tempo, pura e delicada. Era belo! Tão belo! E as suas mãos deslizaram timidamente pelas costas dele, até às esferas das suas nádegas, macias e pequenas. Que beleza! Uma nova chama de conhecimento, súbita, invadiu-a. Como era possível tanta beleza onde antes ela só tinha visto repulsa? A beleza inefável daquelas nádegas quentes e vivas que ela tocava! A vida dentro da vida, a beleza simples, forte, quente! E o peso estranho dos testículos! Que mistério! Como era estranho aquele peso do mistério, suave e pesado, que cabia numa mão! Eram as raízes, a raiz de tudo quanto é belo, a raiz primitiva da beleza total.

Abraçou-o com força, num suspiro de surpresa próximo do medo e do terror. Ele apertou-a de encontro ao peito, mas não disse nada. Nunca falou. Ela aproximou-se ainda mais, vagarosa e silenciosamente, apenas para estar mais próxima daquele milagre sensual que ele significava. E, da imobilidade dele, absoluta, incompreensível, ela voltou a sentir a erecção lenta e fatal do falo, com uma nova potência. E de novo o coração dela se contraiu de terror.

Mas, desta vez, a sua presença dentro dela foi toda ela doçura e iridiscência, somente doçura e iridiscência, como nenhuma consciência podia apreender. Todo o seu ser estremecia, inconsciente e vivo, como protoplasma. Ela não podia saber o que era, nem lembrar-se o que tinha sido, a não ser que era mais maravilhoso do que qualquer outra coisa no mundo. Apenas isso. Depois ficou completamente serena e inconsciente, sem saber por quanto tempo. Mas ambos ficaram tranquilos, num silêncio insondável. E daquilo nunca fariam.

Quando começou a retomar consciência, Connie murmurou:

"Meu amor, meu amor!", e ele apertou-a em silêncio. E ela enroscou-se no peito dele, completamente.

Mas o seu mutismo era abismal. As suas mãos seguravam-na como flores, suaves e estranhas.

- Onde estás? - murmurou Connie. - Onde estás? Fala comigo! Diz qualquer coisa!

Ele beijou-a docemente e murmurou:

- Minha pequenina! Mas ela não sabia o que ele queria dizer. Não sabia onde ele estava. E no seu silêncio parecia tê-la perdido.

- Amas-me? - murmurou ela.
- Sim, tu sabes.
- Mas diz-me! - suplicou ela.
- Sim, sim, não o sentiste? - respondeu ele, debilmente, mas com doçura e segurança.

Ela abraçou-o com mais força. Ele era mais sereno no amor do que ela, e ela queria que ele a tranquilizasse.

- Não é verdade? Tu amas-me - murmurou, com firmeza. As mãos dele acariciavam-na suavemente, como se ela fosse uma flor, sem o frêmito do desejo, mas com uma intimidade delicada. Mas sentia-se ainda devorada pela angústia de perder aquele amor.

- Diz que me amarás sempre! - pediu ela.
- Sim - respondeu ele, distraidamente. Ela sentiu que as suas perguntas o afastavam dela.

- Temos de nos levantar! - disse ele, finalmente.
- Não! Mas ela podia sentir a consciência dele a desviar-se e a ficar atenta aos ruídos do exterior.

- É quase noite! - disse ele. Ela pressentiu a urgência na voz dele. Beijou-o com a dor de uma mulher que sente o tempo a fugir-lhe.

Ele levantou-se, pôs mais alta a chama da lanterna, e, depois, começou a vestir-se rapidamente. Ficou de pé a abotoar as calças, fitando-a com os seus olhos rasgados e sombrios, o rosto corado, o cabelo em desordem, estranhamente arrebatado, tranquilo e belo à luz ténue da lanterna, mais belo do que ela queria alguma vez dizer-lhe. Fê-la desejar agarrar-se de novo a ele, porque havia um afastamento na sua beleza, ardente e semiadormecido, que a levava a gritar e a colar-se a ele para o possuir. Nunca o possuiria. Ela continuava deitada no cobertor, de ancas nuas, abobadas e macias. E ele não sabia o que ela estava a pensar, mas achava-a bela, aquela doce e maravilhosa criatura que ele podia penetrar e em quem se podia perder.

- Adoro penetrar dentro de ti - disse ele.
- Agrado-te? - perguntou ela, com o coração a bater com força.
- O principal é poder entrar dentro de ti. Gosto de entrar em ti, que te abras para mim.

Inclinou-se, deu-lhe um beijo na ilharga, esfregando o rosto, depois cobriu-a.

- E nunca me deixarás?
- Nunca perguntes essas coisas - respondeu ele, em dialecto.
- Mas acreditas que eu te amo?
- Amas-me agora mais do que pensaste ser possível amar-me. Mas não sei como será quando começares a pensar.

- Não digas essas coisas. E não pensas que me servi de ti, pois não? Como?

- Para ter um filho.

- Qualquer pessoa pode ter um filho neste mundo - respondeu ele em dialecto, sentando-se para prender as polainas.

- Ah, não! - exclamou ela. - Não falas a sério, pois não?

- É! Foi o que nós fizemos - disse ele, olhando para ela, de sobranceiras franzidas.

Ela continuava imóvel. Ele abriu lentamente a porta. O céu estava azul-escuro, com uma orla de um azul-turquesa cristalino. Saiu para fechar as galinhas, falando ternamente para a cadela. Connie meditava no milagre da vida e do ser.

Quando ele voltou, ela continuava deitada, atraente como uma cigana. Ele sentou-se no banco junto dela.

- Tens de vir uma noite à casa de campo antes de te ires embora, está bem? - perguntou, levantando as sobranceiras, enquanto olhava as mãos que balouçavam entre os joelhos.

Falava em dialecto.

- Vens? - repetiu Connie, imitando o dialecto, trocista. Ele sorriu.

- Vens? - repetiu ele. Ela ia repetindo o dialecto nas frases seguintes.

- E dormirás comigo? É necessário. Quando vens?

- Talvez no domingo. Ele troçava.

- Não consegues imitar-me.

- Porquê? Ela ria. Ela era cómica a imitar o dialecto.

- Bem, temos de nos ir embora. Estava inclinado sobre ela e fazia-lhe festas na cara.

- És muito boa em baixo, quando queres.

- Que é que isso quer dizer, em baixo?

- Não sabes?

- É beijar?

- Não. Beijar é outra coisa. Mas tu, oh!, tu és um animal a fazer amor.

Ela levantou-se e beijou-o entre os olhos, que lhe pareciam tão escuros, doces, e muito ardentes e belos.

Gostas de mim? - perguntou ela.

Ele beijou-a, sem responder. - Agora vai-te embora. A sua mão deslizou pelas curvas do corpo dela, com firmeza, sem desejo, mas com um conhecimento suave e íntimo.

Enquanto ela corria para casa, no crepúsculo, o mundo parecia um sonho: as árvores do parque pareciam velas de um barco ancorado, enfoladas e agitadas, e a encosta onde ficava a casa estava cheia de vida.

Capítulo XIII

No domingo seguinte, Clifford manifestou desejo de ir passear pelo bosque. Estava uma linda manhã. As pereiras e ameixoeiras haviam desabrochado como por encanto, aqui e ali havia montinhos de flores brancas, que pareciam ter surgido não se sabe de onde. Era duro para Clifford, enquanto o mundo floria, ver-se forçado a depender de outrem quando tinha de ser transferido de uma cadeira de rodas para outra de motor. Mas já se esquecera e parecia ter um certo orgulho na sua enfermidade. Connie ainda sofria quando tinha de pegar naquelas partes inertes. Mas agora eram a senhora Bolton ou Flint que se encarregavam de o fazer.

Ela aguardava-o no alto do caminho junto à vedação de faias. A cadeira com motor, arquejando, arrastava-se num ritmo lento de um inválido importante. Ao aproximar-se da mulher, comentou:

- Sir Clifford no seu corcel espumante!
- Pelo menos, roncador - respondeu ela, a rir.

Ele parou, abrangendo com o olhar a longa fachada da casa, baixa e castanha.

- Wragby nem pestanejou. Nem devia pestanejar! Monto as realizações do espírito humano e isso vence qualquer cavalo.

- Sem dúvida. E a alma de Platão cavalgando a caminho do céu, numa quadriga de dois cavalos, subiria agora num Ford.

- Ou num Rolls-Royce, Platão era um aristocrata!

- Absolutamente. Já não há um corcel negro para açoitar, maltratar. Platão nunca pensou que pudéssemos ir mais longe do que os seus corcéis brancos e pretos, e que chegássemos a não ter corcéis, unicamente um motor.

- Um motor e gasolina - respondeu Clifford. - Para o ano, temos de fazer uns consertos na casa velha. Espero ter nessa altura em mão aí umas centenas. A mão-de-obra está tão cara!

- Coisa boa! Se não houver outra greve...

- Qual seria a vantagem de eles entrarem de novo em greve? Só para arruinar a indústria, o que resta dela. E aqueles mochos já começaram a perceber isso.

- Talvez não se importem de arruinar a indústria - respondeu Connie.

- Ah, não fale como uma mulher! A indústria enche-lhes as barrigas mesmo quando o dinheiro não lhes sobra na algibeira

- respondeu Clifford, numa entoação que fazia lembrar a senhora Bolton.

- Mas não disse, no outro dia, que era um anarquista moderado? - perguntou ingenuamente Connie.

- E não percebeu o que eu queria dizer? - retorquiu ele. Queria dizer que as pessoas podem ser o que quiserem e sentirem o que lhes apetece em privado, desde que conservem intacta a sua forma de vida, o aparato.

Connie deu mais uns passos. Depois disse, com uma certa obstinação:

É como dizer que o ovo pode estar tão podre quanto possível, desde que não lhe quebrems a casca. Mas a casca acaba sempre por se partir por ela própria.

- Não acho que as pessoas sejam ovos, nem sequer ovos de anjos, minha querida evangelista.

Naquela luminosa manhã, Clifford encontrava-se em óptima disposição. As cotovias cantavam por todo o parque, a mina, distante, exalava um vapor silencioso. Aquilo lembrava os velhos tempos de antes da guerra. Connie não sentia vontade alguma de discutir. Mas também lhe não apetecia nada ir com Clifford para o bosque. Caminhava ao lado da cadeira, com uma certa relutância.

- Não - continuou ele. - Não haverá mais greves, se as coisas forem bem orientadas.

- Porquê?

- Porque se fará com que as greves sejam impossíveis.

- E acha que os homens o vão deixar fazer isso?

- E quem é que lhes vai perguntar isso? Trataremos de agir quando os apanharmos desprevenidos. É para bem deles e da indústria!

- E para seu bem também.

- Com certeza! Será bom para todos, ainda mais do que para mim. Posso viver sem as minas, eles não. Se as minas deixarem de funcionar, morrem de fome, e eu tenho outras formas de rendimento.

Na encosta desceram p olhar pelo vale pouco profundo até à mina. Mais além as casas de Tevershail, com telhados de ardósia escura, pareciam trepar pelo outeiro, como um réptil. Os sinos da velha igreja castanha repicavam: domingo, domingo, domingo!

- Mas deixá-lo-ão eles impor condições? - perguntou ela.

- Terão de deixar.. se uma pessoa arranjar as coisas pela calada.

- Não devia existir um entendimento mútuo?

- Com certeza, mas primeiro terão de perceber que a indústria é mais importante do que o indivíduo.

- Mas para isso é necessário que seja o dono da indústria?

- Não. Mas como sou, é realmente necessário. O direito de propriedade converteu-se numa questão religiosa, sempre o foi, desde Jesus e São Francisco. Mas já não se põe em termos de "pega o que tens e dá aos pobres", mas sim "usa tudo o que tens para desenvolver a indústria e dá trabalho aos pobres". É a única maneira de alimentar todas as bocas e vestir todos os corpos. Dar-se tudo o que se tem equivale à fome dos pobres e à nossa também. E a fome universal não é objectivo para ninguém. Até a fome geral é desagradável, é feia.

E a desigualdade? Isso é o destino! Porque é que Júpiter é maior do que Neptuno? Não pode começar a alterar a disposição das coisas.

- Mas uma vez gerados, esta inveja, este ressentimento e descontentamento...

- O que se tem de fazer é acabar com eles. Alguém tem de ser o mandão.

- Mas quem é o chefe?

- Os homens que possuem e dirigem a indústria. Ficaram ambos em silêncio.

- Parece-me que não são bons chefes.

- Então que sugere que eles façam?

- Não levam muito a sério a sua posição de chefes.

- Levam-na mais a sério do que você a sua dignidade de senhora.

- Mas essa é-me imposta. Não a quero - disse ela, desastradamente.

Ele parou a cadeira e olhou para ela.

- Quem é que neste momento está a ignorar as responsabilidades? Quem é que está agora a fugir às responsabilidades da situação de chefe, como você diz? - perguntou Clifford.

- Oh! Eu não pretendo ser chefe.

- Mas isso é cobardia. Tem de o ser, é o seu destino, tem de aceitar. Quem foi que deu aos mineiros tudo o que eles têm de bom na vida? A liberdade política, a educação, a higiene, as condições de saúde, os livros, a música, tudo? Quem lhes deu tudo isso? Foram os mineiros que ajudaram os próprios mineiros? Não! Todos os Wragby e os Shipley da Inglaterra contribuíram com uma parte, e têm de continuar a contribuir. Têm essa responsabilidade.

Connie ouvia-o, vermelha.

- Gostava de dar alguma coisa, mas não posso. Hoje em dia tudo é vendido e comprado, e todas as coisas que mencionou são vendidas ao povo, por Wragby e por Shiley, com bons lucros. Tudo é vendido. Você nem dá um pouco de simpatia autêntica. E, além do mais, quem roubou às pessoas a sua vida natural e a sua humanidade e lhes concedeu em troca este pesadelo industrial? Quem foi?

- E o que quer que faça? - perguntou Clifford, pálido. Que lhes diga que me pilhem a casa?

- Por que motivo é Tevershall tão feia, tão medonha? Porque é que a vida daquela gente é tão vazia?

- Eles fizeram a sua própria aldeia, e isso faz parte da ostentação da sua liberdade. Eles próprios construíram a sua linda Tevershall e vivem razoavelmente. Eu não posso viver por eles. Cada insecto tem vida própria.

- Mas fá-los trabalhar para si. A vida que eles vivem é a da mina de carvão.

- De modo nenhum. Cada insecto procura o seu próprio alimento. Nenhum homem é obrigado a trabalhar para mim.

- As vidas deles são industrializadas e vazias, como as nossas! - exclamou ela.

- Não concordo. Isso é uma figura de retórica romântica, uma relíquia do romantismo em declínio. E você não tem nada o aspecto de uma figura de retórica, vazia, minha querida.

Ele tinha razão. Porque os olhos azuis escuros de Connie dardejavam, tinha o rosto afogueado, parecia invadida por uma paixão rebelde distante do desespero. Ela ia atentando nas primulas novas e penugentas ainda meio enroladas nos tufos de erva. E perguntava a si mesma, furiosa, porque, sabendo que Clifford não tinha razão, era incapaz de lho dizer, e de lhe dizer exactamente onde ele não tinha razão.

- Não admira que o odeiem - disse ela.

- Mas é que não me odeiam - redarguiu Clifford. - Não se deixe enganar, no sentido que a palavra tem para si, eles não são homens. São animais que não compreendem nem poderão jamais compreender. Não force as suas ilusões nas outras pessoas, as massas sempre foram iguais e sempre o serão. Os escravos de Nero faziam muito pouca diferença dos nossos mineiros ou dos operários da Ford. Refiro-me aos escravos de Nero que trabalhavam nas minas e nos campos. Assim são as massas: elas são o inalterável. Um indivíduo pode emancipar-se das massas, mas uma emancipação não altera a massa, que é de si inalterável. Este é um dos pontos mais importantes da ciência social- *Panem et circenses!* Hoje a educação é um dos maus substitutos do circo. O mal é que fizemos profundos cortes no programa do circo e envenenámos as massas com um pouco de educação.

Quando Clifford se exaltava, ao falar de pessoas comuns, Connie ficava assustada. As suas palavras continham uma verdade destruidora. Era uma verdade que matava.

Vendo-a pálida e em silêncio, Clifford pôs o motor a trabalhar e não voltaram a trocar uma palavra até chegarem ao portão do parque, que ela abriu, e ele parou a cadeira de novo.

- E do que nós precisamos agora é de chicotes e não de espadas. Desde sempre, e até ao fim dos tempos, as massas foram dirigidas e têm de o ser. Dizer que são capazes de se autodirigir é uma pura hipocrisia e uma farsa.

- Mas você é capaz de as dirigir?

- Eu? Com certeza! Nem o meu espírito nem a minha vontade estão estropiados, e não os domino com as pernas. Garanto-lhe que sou capaz de dirigir a parte que me compete. E dê-me um filho, que eu o treinarei para o mesmo fim.

- Mas não seria seu filho, e poderia não pertencer à classe dirigente - murmurou ela.

- Não me interessa quem possa ser o pai, desde que seja um homem saudável e com uma inteligência acima da média. Dê-me um filho de um homem saudável e com uma inteligência normal, e farei dele um Chatterley perfeitamente competente. O que interessa não é o homem que nos fez, mas

sim a situação em que o destino nos põe. Ponha qualquer criança no meio da classe dirigente e ele crescerá para ser um chefe. Ponha filhos de reis e de duques entre a plebe e eles serão pequenos plebeus, produtos das massas. É o resultado da pressão esmagadora do meio.

- Nesse caso, o povo não constitui uma raça e os aristocratas uma linhagem.

- Não, minha filha. Tudo isso é uma ilusão romântica. A aristocracia é uma função, faz parte do destino. A plebe é uma função também, a outra parte do destino. O indivíduo pouca importância tem. É tudo uma questão de função que se tem de desempenhar e à qual é necessário adaptarmo-nos. Não são os indivíduos que fazem a aristocracia: é a actuação da aristocracia como um todo e é a actuação da massa como um todo que fazem o homem comum tal como é.

- Não há portanto uma humanidade comum entre todos nós?!

- Como entender. Todos nós precisamos de encher a barriga. Mas, quando se trata de uma actuação expressiva ou executiva, há um abismo profundo entre as classes dirigentes e as classes baixas. As duas funções são opostas e a função determina o indivíduo.

Connie fitava-o, estupefacta.

- Não quer continuar o seu passeio? Ele pôs a cadeira em movimento. Tinha acabado o seu discurso, e recaiu naquela apatia que lhe era peculiar e que Connie achava desesperadora. Uma vez dentro do bosque, ela resolveu silenciar os seus argumentos. A frente de ambos dilatava-se um caminho espaçoso destinado a passeios a cavalo, ladeado por avelaneiras e frescas árvores cinzentas. A cadeira ia avançando laboriosamente, abrindo lentamente passagem por entre os miosótis, que cresciam em profusão como espuma de leite, fora da sombra das avelaneiras. Clifford guiava pelo meio do caminho, onde os pés das pessoas tinham aberto um canal por entre as flores. Mas Connie, que seguia atrás, via as rodas esmagarem as aspéculas, as ervas-férreas e os calicezinhos dourados das lisimáquias, emergindo no meio dos miosótis. Via-se por ali toda a espécie de flores, as primeiras campainhas, todas em molhos azuis, assemelhavam-se a uma água parada.

- Tem razão quando diz que isto é belo - disse Clifford. É de uma beleza surpreendente. Que haverá de mais belo do que uma Primavera inglesa?

Connie achou que ele falava como se até a Primavera surgisse por uma lei votada no Parlamento! Uma Primavera inglesa! Mas porque não irlandesa ou judia?

A cadeira ia progredindo lentamente, esmagando as fortes campainhas, em molhos, que se erguiam como pés de trigo, e as folhas cinzentas das bardanas. Quando chegaram à parte aberta do bosque, onde as árvores tinham sido abatidas, a luz inundava cruamente. Aí, as campainhas aglomeravam-se em manchas de um azul brilhante, que se fundia em lilás e em púrpura. E, no

meio destas, os fetos alçavam as cabeças castanhas e enroladas, como legiões de jovens cobras que murmurassem ao ouvido de Eva um novo segredo.

Clifford mantinha a cadeira sempre em movimento, até atingir o cimo do outeiro. Corime seguia-o a passo lento. Os rebentos dos carvalhos abriam-se, macios e castanhos. Tudo por ali renascia ternamente da antiga dureza. Até os carvalhos que, com toda a sua dureza e rugosidade, exibiam as novas folhas tenras, espalhando as suas pequenas asas finas e castanhas como jovens morcegos na claridade. Porque é que os homens não renasciam, porque não haveria neles uma nova frescura? Que homens velhos!

Clifford parou a cadeira no cimo do outeiro. Baixou o olhar até às campainhas que pululavam na parte de cima da descida do caminho. Pela colina abaixo corriam as flores como um manto azul, que, de tão azul, parecia aquecer.

- É de facto uma cor lindíssima - disse ele. - Mas muito ingrata em pintura.

- É verdade - respondeu Connie, completamente desinteressada.

- Acha que me aventure até à nascente? - perguntou Clifford.

- A cadeira poderá voltar a subir?

- Vamos tentar. Sem experimentar é que não se pode saber. E a cadeira começou lentamente a descer a longa colina, pelo largo e elegante caminho dos cavaleiros, passando por entre os jacintos azuis. Oh, último dos navios, deslizando por entre baixios de jacintos! última nau sobre as águas selvagens, na última viagem da nossa civilização! Oh!, estranho navio de rodas, aonde te leva o teu lento rumo? Sereno e orgulhoso, como capitão ao leme da aventura, Clifford ia guiando a cadeira, com o seu velho chapéu preto e o seu casaco de tweed, imóvel e cheio de prudência. Oh, capitão, meu capitão, acabou a nossa maravilhosa viagem! Oh, ainda não! Descendo a encosta, na esteira do navio, vigilante, no seu vestido cinzento.

Passaram pelo trilho que conduzia à cabana. Felizmente, era demasiado estreito para a cadeira, por ele só cabia uma pessoa. A cadeira desapareceu numa curva, já no fundo da colina. E Connie ouviu um pequeno assobio atrás dela. Olhou à volta. O guarda avançava na sua direcção, seguido pela cadela.

- Sir Clifford vai à cabana? - perguntou o guarda, olhando-a nos olhos.

- Não, vai só à nascente.

- Ainda bem. Assim eu desapareço. Mas vemo-nos esta noite. Espero por ti no portão do parque cerca das dez horas.

Ele voltou a fitá-la nos olhos.

- Está bem - respondeu Connie, um pouco hesitante. Ouviram a buzina de Clifford, a chamá-la, e respondeu-lhe com um grito. O guarda teve um esgar e afagou-lhe o peito. Ela olhou-o assustada, e começou a correr: ele ficou a vê-la, sorrindo, depois começou a descer o trilho.

Connie foi dar com Clifford a subir em direcção à nascente, pertinho do começo da colina no bosque sombrio de lárices. Ele já lá estava quando ela o encontrou.

- Ela portou-se bem - comentou Clifford, referindo-se à cadeira.

Connie olhava as grandes folhas de bardana cinzenta, conhecida pelo nome de ruibarbo de Robin Hood, amontoavam-se entre os larícios espectrais. Estava tudo tão silencioso e melancólico junto à nascente! A água borbulhava brilhante e bela. E havia pedaços de eufrásia e contas de vidro azuis. Sob o talude, a terra amarela movia-se. Uma toupeira ia escavando com as suas patas cor-de-rosa, a agitar o focinho, com o nariz levantado.

- Parece que vê com a ponta do nariz - comentou ela.

- Melhor do que com os olhos - respondeu Clifford. Não quer beber?

- Você quer? Connie foi buscar uma caneca de esmalte que pendia da árvore e inclinou-se para a encher. Clifford bebeu em pequenos goles. Ela encheu-a de novo e bebeu um pouco.

- Está gelada! - exclamou ela, retomando a respiração.

- É boa, não é? Desejou alguma coisa?

- E você? - já, mas não digo. Connie ouviu o matraquear de um picapau, depois deu-se conta de que por entre os larícios se levantava vento, um vento brando, mas que causava arrepios. Ergueu o olhar e viu nuvens atravessando o céu azul.

- Nuvens! - disse.

- Carneirinhos brancos, simplesmente - respondeu Clifford. A sombra atravessou a pequena clareira. A toupeira alcançara a superfície, escavando a terra amarela e macia.

- Que bichinho mais desagradável, devíamos matá-lo - comentou Clifford.

Olhe, parece um padre no púlpito!

Ela colheu umas aspérulas e deu-lhas.

- Cheira a feno acabado de segar. Não acha que tem o aroma das senhoras românticas do século passado, que, apesar de tudo, sabiam muito bem o que faziam?

Ela olhava para as nuvens brancas.

É capaz de vir aí chuva! - disse. Chover? Porquê? Apetece-lhe que chova? Puseram-se a caminho de casa. Clifford guiava cautelosamente na descida. Chegados ao fundo do vale sombrio, cortaram à direita, e passada uma centena de jardas, subiram o longo outeiro, onde as campainhas se espriavam na claridade.

- Vamos a isto, rapariga! - exclamou Clifford, dirigindo-se à cadeira e ligando o motor.

Era uma subida difícil e irregular. A cadeira pulou num estremeção frouxo e arrancou de má vontade, com sacudidelas. Mas chegou até aos jacintos, que à sua volta se espalhavam, e nesse momento deixou de funcionar, quis avançar, conseguiu, ainda que a custo, afastar-se das flores. Depois parou.

- É melhor buzinar para chamar o guarda - disse Connie. Ele pode empurrá-la. Ou então empurro-a eu, talvez resulte.

- Deixemo-la retomar o fôlego. Importa-se de travar a roda com uma pedra?

Connie encontrou uma pedra, que colocou junto da roda e ficaram à espera. Esperou um bocado; depois, ligou novamente o motor. Tentou avançar, hesitou como um mecanismo escangalhado, emitindo estranhos ruídos.

- Deixe-me empurrar - disse Connie, vindo para trás da cadeira.

- Não, não empurre - respondeu ele irritado. - Se isto tem de ser empurrado, então não vale de nada. Volte a pôr a pedra!

Nova paragem, novo arranque, mas os resultados foram ainda mais infelizes.

- Tem de me deixar empurrar - disse Connie. - Ou então buzine para chamar o guarda.

- Espere! Ela esperou. A cadeira entregou-se a novos esforços, porém mais nocivos do que úteis.

- Buzine, ou deixe-me empurrar - insistiu Connie.

- Diabo! Veja se se cala um bocadinho! Connie calou-se um momento. Clifford continuou a forçar violentamente o pequeno motor.

- Acaba por dar cabo do motor, Clifford. E, além disso, está a enervar-se.

- Se ao menos me pudesse levantar e ver isto por baixo - respondeu ele, furioso.

E buzinou estridentemente.

- Talvez Mellors possa ver qual é a avaria. E ficaram à espera, entre as flores esmagadas sob o céu suavemente coalhado de nuvens. No silêncio, um pombo bravo começou a arrulhar. Clifford fê-lo calar com um toque de buzina.

O guarda apareceu, dando largas passadas, curioso, na curva do caminho. Cumprimentou-os.

- Percebe alguma coisa de motores? - perguntou Clifford, rispidamente.

- Não, avariou-se?

- Parece que sim - respondeu Clifford, com brusquidão.

O homem baixou-se, solícito, junto à roda e olhou com atenção para o pequeno motor.

- Acho que não percebo nada destas coisas mecânicas, Sir Clifford - disse, num tom de voz calmo. - Se não lhe falta gasolina ou óleo...

- Veja com atenção, pode haver alguma coisa partida - insistiu Clifford, com mau modo.

O homem encostou a espingarda a uma árvore, tirou o casaco e atirou-o para o chão. A cadela castanha ficou de guarda. Depois, apoiado nos calcanhares, espreitou por baixo da cadeira e com os dedos examinava o pequeno motor oleoso. Irritava-o pensar em alguma nódoa na sua camisa de domingo.

- Não está nada partido, parece-me. Ele levantou-se, empurrou o chapéu para trás, coçou a sobrancelha como se estivesse a estudá-la.

- Viu as bielas por baixo? - perguntou Clifford. - Veja se estão em bom estado.

Deitou-se de ventre para baixo, com o pescoço levantado, apalpou o motor. Connie pensava como um homem era uma coisa patética, fraca e pequena, quando deitado sobre a grande terra-mãe.

- Tanto quanto vejo, está tudo bem - disse o guarda numa voz apagada.

- Não me parece que você possa fazer alguma coisa - disse Clifford.

- Também me parece que não - disse, levantando o corpo, até ficar novamente de calcanhares no chão, à maneira dos mineiros. - Não está nada partido, pelo menos à vista.

Clifford pôs de novo o motor a trabalhar e desembraiou. A cadeira não se moveu.

- Acelere um bocadinho mais - sugeriu o guarda. Clifford não gostou da interferência. Obrigou o motor a zumbir como uma mosca varejeira. Novo frouxo de tosse, rosnou. O motor parecia ter pegado.

- Dá a impressão que pegou - disse Mellors. Clifford desembraiou. A cadeira deu um esticão e avançou molemente.

- E se eu lhe desse um empurrão? - propôs o guarda, indo postar-se atrás da cadeira.

- Afaste-se! - gritou Clifford. - Ela tem de desenvolver.

- Mas, Clifford, sabe muito bem que está a forçar o motor. Porque é tão obstinado?

Clifford estava pálido de raiva. Começou a fazer manobra com a alavanca. A cadeira teve uma espécie de arranque súbito, avançou uns metros e estacou no meio de uma mancha excepcionalmente bela de campainhas.

- Não vai lá! Não tem força suficiente.

- já não é a primeira vez que o faz - respondeu Clifford, friamente.

- Desta vez não vai lá - disse o guarda. Clifford não respondeu. Insistia com o motor, acelerava e abrandava como se estivesse a compor uma melodia. O bosque respondia em eco àqueles ruídos estranhos. Depois desembraiou bruscamente e largou o travão.

- Assim, rebenta com ela - murmurou o guarda.

Mas a cadeira avançou com uma guinada louca para a vala.

- Clifford! - gritou Connie, precipitando-se para o marido. Mas o guarda já segurava a cadeira pela barra de apoio. No entanto, Clifford, aumentando a velocidade, conseguiu metê-la pelo caminho e, com um ruído singular, a cadeira começou a subir o outeiro. O guarda ia empurrando por trás, com firmeza, e a cadeira lá se ia arrastando' como para se reabilitar.

- Vê que ela lá vai? - comentou Clifford, triunfante, olhando para trás. Foi então que viu o rosto de Mellors. - Está a empurrar?

- Pois se ela não andava!

- Largue-a! Não lhe pedi nada...

- Ela sozinha não vai lá!

- Deixe-a experimentar!- gritou Clifford, com ênfase.

O guarda afastou-se na intenção de ir buscar o casaco e a espingarda. A cadeira pareceu ter um colapso e parou. Clifford sentia-se como um prisioneiro. Ficou branco de raiva. Accionava a alavanca com a mão, os pés não lhe serviam para nada. Ela emitiu uns sons esquisitos. Com uma impaciência selvagem ia accionando pequenos manípulos, e ela soltava ruídos, mas, como não se movia, acabou por desligar o motor.

Connie continuava sentada no talude, a contemplar as campainhas destruídas e esmagadas. "Não há nada mais belo do que a Primavera inglesa." "Sou capaz de desempenhar as minhas funções de chefe." "Precisamos mais de chicotes do que espadas." "As classes dirigentes!"

O guarda começou a subir a passos largos, já munido do casaco e da espingarda, Flossie seguia, cautelosamente, atrás dele. Clifford pediu então a Mellors que examinasse o motor. Conrue, que não percebia nada da técnica dos motores e não tinha experiência de avarias, continuava placidamente sentada no talude, como se não existisse. Ele deitara-se de bruços. As classes dirigentes e as classes servidoras!

Mellors levantou-se e disse com paciência:

- Experimente outra vez - com voz calma como se se dirigisse uma criança.

Clifford experimentou e ele foi para trás para a empurrar. A cadeira avançava, o motor fazia metade do trabalho e o homem o resto.

Clifford voltou-se, amarelo de raiva.

- Saia já daí! Mellors afastou-se rapidamente para a banda, enquanto Clifford acrescentava:

- Como é que hei-de saber se ela está a funcionar?

O guarda pousou a espingarda e começou a vestir o casaco. Desligara-se do assunto.

A cadeira começou a recuar lentamente.

- Clifford, olha que a cadeira não está travada! - gritou Connie.

Ela e Mellors conseguiram agarrar a cadeira, fazendo-a parar. Durante um momento pairou um profundo silêncio.

- É evidente que me encontro à mercê de qualquer pessoa! exclamou Clifford, que estava amarelo de raiva.

Ninguém respondeu. Mellors estava a pôr a espingarda a tiracolo, o seu rosto tinha uma expressão estranha e impassível; só uma paciência abstracta a caracterizava. A cadela Flossie, vigilante, quase entre as pernas do dono, terrivelmente perplexa, fitava a cadeira com um olhar carregado de desconfiança e hostilidade entre aquelas três criaturas humanas. O *tableau vivant*¹ continuava imóvel entre as campainhas esmagadas. Ninguém proferiu uma palavra.

¹ "Quando vivo." (N. da T)

– Creio que será necessário empurrar - disse Clifford, por fim, com uma afectação de *sangfroid*.²

Ninguém respondeu. Mellors, distante, parecia não ter ouvido. Connie fitou-o ansiosamente. Clifford também, à volta.

- Importa-se de me empurrar a cadeira até a casa, Mellors? num tom de superioridade. - Acho que não disse nada que o possa ter ofendido - acrescentou indiferente.

- Não tem importância, Sir Clifford! Quer que lhe empurre a cadeira?

- Se não se importa.

O homem aproximou-se, mas não conseguiu nada, porque o travão tinha encravado. Empurraram-na, puxaram por ela e mais uma vez o guarda pousou a espingarda e despiu o casaco. Mas Clifford remetera-se completamente ao silêncio. Por fim, Mellors conseguiu, à força de pulso, levantar a parte de trás da cadeira, e, com um súbito empurrão de pés, tentou libertar as rodas. Não conseguiu, a cadeira caiu. Clifford agarrava-se aos lados da cadeira. O homem estava ofegante com o peso.

- Não faça isso! - gritou Connie.

- Se pudesse empurrar a roda para este lado, assim! - respondeu ele, mostrando-lhe como ela havia de fazer.

- Não, não pode levantar a cadeira. Dá cabo de si - insistiu Connie, vermelha de fúria.

Ele fitou-a nos olhos e fez-lhe um sinal com a cabeça. Ela fez o que ele dizia. Ele levantou-a e ela puxou com força, a cadeira vacilou.

- Por amor de Deus! - exclamou Clifford, assustadíssimo. Mas estava tudo bem, Mellors tinha conseguido soltar o travão. Pôs uma pedra debaixo da roda e foi sentar-se no talude. O coração batia com muita força, a cara estava branca do esforço, quase inconsciente.

Connie olhou para ele e quase gritou de raiva. Os três mantinham-se em silêncio, um silêncio sepulcral. Connie viu as mãos dele tremerem sobre as coxas.

- Está ferido? - perguntou ela, dirigindo-se para ele.

- Não, não! - ele voltou-se, irritado. Novamente fez-se um silêncio de morte. A cabeça loura de Clifford não se movia. Até a cadela estava imóvel. O céu cobria-se de nuvens.

Por fim, Mellors soltou um suspiro e assoou-se a um lenço vermelho.

- A pneumonia deu cabo de mim. Ninguém respondeu. Connie calculava o esforço que ele devia fazer para levantar a cadeira e o volumoso Clifford. Devia ter sido um esforço enorme, com certeza. Oxalá não viesse a fazer-lhe mal.

Ele levantou-se, apanhou o casaco e pendurou-o na barra de apoio da cadeira.

- Está a postos, Sir Clifford?

² "Sangue-frio." (N. da T)

- Quando você quiser! Com o pé, Mellors afastou a pedra e aplicou o peso do corpo à cadeira. Estava bastante pálido; Connie jamais o vira tão falho de cor, nem tão ausente. Clifford era um homem pesado e a subida muito inclinada. Connie pôs-se ao lado do guarda.

- Também quero empurrar! - disse. E começou a impeli-la com toda a sua turbulenta energia de mulher enfurecida. A cadeira começou a andar mais depressa. Clifford voltou-se.

- É necessária a sua ajuda?

- Muito necessária. Quer matar o homem? Se tivesse deixado o motor trabalhar enquanto podia!

Mas não continuou. Estava a perder as forças. Abrandou um pouco, era muito cansativo.

- Mais devagar! - aconselhou o guarda, com um ténue sorriso nos olhos.

- Tem a certeza de que não está magoado? - perguntou ela, ferozmente.

Ele abanou a cabeça. Ela olhava para as mãos dele, pequenas, curtas, vivas, bronzeadas pelo tempo. Eram aquelas mãos que a acariciavam, e ela nunca tinha olhado para elas. Pareciam tão calmas como ele, dotadas de uma tranquilidade interior que levava Connie a querer tocar-lhes, como se fossem inacessíveis. E sentiu-se de repente empurrada para ele. Ele estava tão calado e fora de alcance! Mellors sentiu uma nova força nas pernas. Continuou a empurrar a cadeira com a mão esquerda e com a direita envolveu o pulso de Connie, aquele pulso branco e suave, numa carícia. E sentiu uma chama de força nas costas e nos rins, reanimando-o. Ela de repente inclinou-se e beijou-lhe a mão. E a cabeça de Clifford continuava hirta e imóvel à frente deles.

No cimo do outeiro pararam para descansar. Connie sentiu-se aliviada por largar a cadeira, tinha vagamente sonhado com uma amizade entre os dois homens, o seu marido e o pai do seu filho. Agora via o absurdo do seu sonho. Os dois machos eram tão hostis como o fogo e a água, eliminavam-se mutuamente. E, pela primeira vez, tinha consciência disso, e, deliberadamente, sentiu ódio por Clifford, um ódio real, como se ele devesse ser eliminado da face da terra. E, coisa estranha, odiá-lo assim e aceitar o seu ódio, dava-lhe uma sensação de liberdade e de plenitude. "Agora que o odeio, não sou capaz de viver com ele", era um pensamento que lhe ocupava o espírito.

Acabada a subida, o guarda podia empurrar a cadeira sozinho. Clifford meteu conversa com ela, para lhe mostrar que estava completamente calmo: sobre a tia Eva que, nessa altura, se encontrava em Dieppe, e de Sir Malcolin, que escrevera a perguntar se Connie queria ir dar um passeio com ele a Veneza, no seu pequeno carro, ou se iria de comboio com Hilda.

- Preferia ir de comboio - disse Connie. - Não gosto de viagens longas de automóvel, principalmente quando há pó. Mas tenho de ver o que Hilda prefere.

- Há-de querer guiar o carro dela e levá-la com ela.
- Possivelmente. Aqui tenho de ajudar. Não imagina como esta cadeira é pesada.

Voltou para trás da cadeira e ao lado do guarda ajudou a empurrá-la, subiram o caminho cor-de-rosa, sem se importar com quem visse.

- Podia ficar aqui à espera do Field. Ele tem força suficiente para empurrar a cadeira sozinho. - disse Clifford.

- É já tão perto! - disse ela ofegante. Mas quando chegaram ao cimo, tanto ela como Mellors tinham o suor a escorrer-lhes pela cara. Era curioso aquele pequeno trabalho em comum tinha-os aproximado mais do que nunca.

- MUITÍSSIMO obrigado, Mellors - disse Clifford, quando chegaram à porta. - Tenho de arranjar um motor diferente, não há dúvida. Vá até à cozinha comer qualquer coisa. Já devem ser horas.

- Não, obrigado, Sir Clifford. Hoje é domingo, vou jantar com a minha mãe.

- Como preferir. Mellors vestiu o casaco, olhou para Connie, cumprimentou e foi-se embora. Connie foi para o quarto, furiosa.

Ao almoço não foi capaz de se conter por mais tempo.

- Porque é que tem tão pouca consideração pelas pessoas, Clifford? E inacreditável!

- Por quem?

- Pelo guarda. Se é essa a conduta das classes dirigentes, tenho pena de si.

- Porquê?

- Um homem que esteve doente, que não é forte! Palavra de honra, se eu pertencesse à classe dos criados, garanto-lhe que o fazia esperar pelos meus serviços.

- Acredito.

- Se ele estivesse na cadeira paralítico das pernas e se se comportasse como você, que lhe faria?

- Minha querida evangelista, essa sua confusão de pessoas e ações é de muito mau gosto. *Noblesse oblige!*³ Você e as suas classes dirigentes!

- E a sua falta da mais elementar simpatia, tão mesquinha e o estéril, é ainda de pior gosto.

- Que é que eu deveria fazer? Ter uma série de emoções desnecessárias em relação ao meu couteiro? Recuso-me. Deixo isso à minha evangelista.

Como se ele não fosse um homem igual a si, meu Deus! É o meu couteiro, pago-lhe duas libras por semana e dou-lhe uma casa.

- Paga! Que é que julga que lhe paga com duas libras por semana e uma casa?

- Os serviços que ele me presta.

³ Em francês no original. (N. da T)

- Bah! Se fosse comigo, dizia-lhe para guardar as suas duas libras e a casa.

- Provavelmente seria o que ele gostaria de fazer, mas não se pode dar a esse luxo.

- Você e o poder! Você não domina, não se iluda. Você simplesmente tem mais dinheiro do que os outros, e fá-los trabalhar para si por duas libras por semana, sob pena de morrerem de fome. Poder! E como é que podia ser patrão? Está ressequido por dentro, e tudo o que faz é aproveitar-se dos outros, graças ao seu dinheiro, como um judeu qualquer!

- Exprime-se de uma forma muito elegante, Lady Chatterley!

- Garanto-lhe que hoje no bosque também foi muito elegante. Estava profundamente envergonhada por sua causa. O meu pai é dez vezes mais um ser humano do que você: seu cavalheiro!

Clifford pegou na campainha e tocou para chamar a senhora Bolton.

Estava amarelo de cólera. Connie subiu para o quarto, furiosa, dizendo para si própria: "Ele e a sua mania de comprar as pessoas. A mim não me compra e não vejo nenhuma razão para viver com ele. Cavalheiro disfarçado com alma de celulóide. E as suas belas maneiras, o seu desejo simulado e a sua origem nobre enganam bem! Há tanto sentimento neles como no celulóide".

Estabeleceu os seus planos nocturnos e resolveu não pensar mais em Clifford. Não queria odiá-lo, mas não queria de forma nenhuma ter qualquer espécie de ligação com ele com nenhum tipo de sentimentos. Queria que ele não percebesse nada do que ela sentia, sobretudo do que ela sentia pelo guarda. A discussão sobre a sua atitude em relação aos criados já era antiga. Ele tinha-a achado sempre demasiado afável, e ela achava-o estupidamente insensível e duro em relação às pessoas.

Voltou a descer tranquilamente, com a mesma gravidade de porte, à hora do jantar. Clifford continuava lívido, com uma daquelas crises que o punham muito estranho. Estava a ler num livro francês.

- Alguma vez leu Proust?

- Tentei, mas aborreci-me.

- Acho-o realmente extraordinário.

- É possível, mas faça-me; toda essa sofisticação! Não tem sentimentos, apenas palavras sobre os sentimentos. Estou cansada de mentalidades que se consideram importantes.

- Prefere antes animalidades que se intitulam importantes

- Talvez! Mas é possível encontrar algo que não se auto-admire.

- Gosto da subtileza de Proust e da sua anarquia bem-educada.

- Isso rouba-lhe a vida!

- Aí está outra vez a minha angélica esposa a falar! Recomeçavam as eternas discussões. Ela não conseguia deixar de o guerrear. Ele parecia um esqueleto emitindo uma vontade de esqueleto, fria e cinzenta. A tal ponto que

ela quase sentia o esqueleto a agarrá-la e a apertá-la contra as costelas. Mas o esqueleto também estava sempre revoltado e ela tinha um certo medo dele.

Foi para cima logo que pôde e deitou-se cedo. Às nove e meia levantou-se e saiu, pondo-se à escuta. Não havia o menor ruído. Vestiu um roupão e desceu. Clifford e a senhora Bolton jogavam, fazendo apostas. Provavelmente continuariam até à meia-noite.

Connie voltou ao quarto. Despiu o pijama e atirou-o para cima do leito, vestiu uma camisa de noite, fina, e um vestido de lã por cima. Calçou uns sapatos de ténis e pôs um casaco pequeno. Estava pronta. Se encontrasse alguém, diria que ia sair por alguns momentos. E de manhã, quando entrasse, teria ido dar um passeio ao relento, o que acontecia muitas vezes antes do pequeno-almoço. O único perigo era se alguém fosse ao seu quarto durante a noite. Mas era pouco provável. Não havia nenhuma possibilidade de isso vir a acontecer.

Betts não tinha ainda fechado as portas à chave, só a trancava às dez horas e abria de novo às sete horas da manhã. Ela esgueirou-se silenciosamente e sem ser vista. A meia-lua brilhava no céu, iluminava o mundo, mas não o suficiente para a tornar visível no seu casaco cinzento escuro. Atravessou rapidamente o parque, não muito excitada com o encontro mas com o coração a arder de raiva e de revolta. Não era o estado de espírito ideal para um encontro amoroso. *Mas à la guerra comme à la guerre!*⁴

⁴ "Em tempo de guerra não se limpam armas." (N. da T)

Capítulo XIV

Ao aproximar-se da porta do parque, ouviu que o coiteiro a abria. Lá estava ele na escuridão do bosque, tinha-a visto.

- Vieste cedo - disse ele no escuro. - Correu tudo bem?

- Muito bem. Ele fechou o portão suavemente, depois de ela ter passado. A lua, ainda baixa, iluminava um pequeno círculo no chão, coberto de flores claras e ainda abertas àquela hora da noite. Caminhavam afastados um do outro, em silêncio.

- Tens a certeza de que não te magoaste esta manhã a empurrar a cadeira? - perguntou Connie.

- Não, não!

- Essa pneumonia, que consequências teve?

- Nenhumas. Fiquei com o coração mais fraco e os pulmões menos elásticos. É normal. - Então não devias fazer esforços físicos violentos?

- Não muitas vezes. Ela continuou a andar, em silêncio, mas irritada.

- Odeias Sir Clifford? - perguntou ela, por fim.

- Ódio? Não. Encontrei muitos homens como ele na minha vida, para o poder odiar. Sei que não gosto desse tipo de pessoas, e é tudo.

- De que tipo é ele?

- Sabes melhor do que eu. Os homens bastante novos, bem instalados na vida, um pouco efeminados, sem tomates.

- Sem quê?

- Tomates! Tomates de homem! Ela ficou a pensar nas palavras dele.

- Achas que o problema vem daí? - perguntou ela, um pouco irritada.

- Diz-se que um homem não tem cabeça quando é estúpido; que não tem coração quando é mau; que não tem estômago quando é covarde. E quando não tem aquela virilidade selvagem, diz-se que não tem tomates. Quando está como que domesticado.

Ela ficou de novo a pensar.

- E Clifford está domesticado?

- Está, e é desagradável por isso mesmo, como todos esses, quando alguém os contraria.

- E tu achas que não estás domesticado?

- Não completamente. Connie, à distância, viu uma luz amarela. Parou.

- Deixaste a luz acesa?

- Deixo sempre a casa iluminada. Ela continuou a andar ao lado dele, mas sem lhe tocar, e perguntando a si própria por que o acompanhava.

Ele abriu a porta, que tomou a fechar à chave, depois de ela entrar. "Como se fosse uma prisão", pensou ela. Na lareira, onde o lume ardia com fulgores vermelhos, assobiava a chaleira, estavam chávenas em cima da mesa.

Sentou-se na cadeira de braços junto ao fogo. Estava calor depois do frio da noite, ao ar livre.

- Vou tirar os sapatos, estão encharcados - disse ela. Pousou os pés, ainda com meias, no guarda-fogo de aço reluzente. Ele foi à despensa buscar comida: pão, manteiga e língua de conserva. Connie já estava com calor, e despiu o casaco, que ele pendurou na porta.

- Queres beber cacau, ou chá ou café? - perguntou ele.

- Não me apetece nada - respondeu ela, olhando para a mesa. - Mas come tu!

- Não, não quero. Vou só dar de comer à cadela. Caminhava sobre o soalho de tijolo, calmamente, como era habitual, e pôs comida para a cadela numa tigela castanha. A spaniel olhou para ele, ansiosa.

- Esta é a tua cela, e vê lá se não a comes! Colocou a tigela sobre um capacho ao fundo das escadas e sentou-se numa cadeira encostada à parede para tirar as polainas e as botas. A cadela, em vez de comer, aproximou-se dele, e ficou a olhá-lo, inquieta.

Ele começou a desatar as polainas lentamente e a cadela aproximou-se mais.

- Que é que tens? Estás preocupada por ver gente? É uma mulher. Vai comer a tua ceia!

Pousou-lhe a mão na cabeça e a cadela encostou o focinho a ele. Ele puxou-lhe vagarosamente a orelha sedosa.

- Pronto, agora vais comer a tua ceia! Vai! Empinou a cadeira para a tigela, que estava no capacho, a cadela avançou docilmente e começou a comer.

- Gostas de cães? - perguntou Connie.

- Não, no fundo não. São demasiado domesticados, demasiado meigos.

Tinha tirado as polainas e descalçava as botas. Connie tinha-se afastado da lareira. Era tão vazio aquele pequeno compartimento! Na parede, acima da cabeça dele, pendia uma fotografia, enorme e horrenda, de um jovem casal, ele e uma mulher de rosto bem marcado, com certeza a mulher.

- És tu? - perguntou-lhe Connie. Ele virou-se e fitou a moldura na parede.

- Sou, foi tirada antes de casarmos, quando tinha vinte e um anos.

Olhava, impassível, a fotografia.

- Gostas dela?

- Se gosto? Não! Nunca gostei dessas coisas. Mas da tinha organizado tudo.

E continuou a descalçar as botas.

- Se não gostas, porque é que a tens pendurada? Talvez a tua mulher gostasse de a possuir.

Ele olhou para ela ironicamente.

- Ela levou de casa tudo o que podia ter valor. Mas isso deixou.

- Então porque é que a guardas? Por razões sentimentais?

- Não! Nunca olho para ela, já nem me lembrava que aí estava. Tem estado sempre aí desde que viemos para aqui.

Porque não a queimas?

Ele virou-se de novo, olhou para a fotografia emoldurada em castanho e dourado, muito feia. Representava um rapaz, sem barba, muito jovem, com um colarinho alto, e uma mulher um tanto nédia e forte, também nova, com o cabelo em anéis e uma blusa preta, de cetim.

- Não seria má ideia, pois não? já tinha descalçado as botas e enfiado uns chinelos nos pés. Subiu para a cadeira e tirou o retrato. No sítio ficou uma grande mancha no papel de parede, esverdeado.

- Nem vale a pena limpar o pó - comentou ele, encostando-o à parede.

Foi à copa e voltou com um martelo e um alicate. Sentou-se na mesma cadeira e começou a arrancar o papel que protegia as costas do retrato da enorme moldura e a tirar os pregos que seguravam o cartão, onde fora montada a fotografia, absorto no seu trabalho, como sempre.

Pouco depois os pregos estavam todos arrancados, tirou o cartão e, depois, a fotografia emoldurada em branco. Ficou a olhá-la com ar de troça.

- Mostra bem o que nós éramos. Eu um jovem coadjutor e ela uma megera. Um pedante e uma megera!

- Deixa ver - disse Connie. Realmente, ele tinha o ar muito bem barbeado e muito limpo de um jovem de há vinte anos. Até na fotografia se notavam os

seus olhos vivos e audazes. A mulher não exactamente uma megera, apesar do queixo proeminente. Tinha qualquer coisa de atraente.

- Nunca se devem conservar estas coisas - disse Connie.

- Nunca! Acima de tudo não se deviam ter feito. Colocou o quadro em cima dos joelhos e foi-o rasgando e, quando já estava reduzido a bocados, lançou-os ao fogo.

- Até estraga o fogo - comentou.

O vidro e o cartão levou-os cuidadosamente para o andar de cima, e, com o martelo, dando algumas pancadas, reduziu a moldura a bocados que fizeram voar em fragmentos a cercadura moldada em gesso. Depois levou o que restava dela para a copa.

- O resto queima-se amanhã, tem muito gesso. - Sentou-se, depois de ter limpo tudo.

- Amaste a tua mulher? - perguntou Connie.

- Amar? Amaste Sir Clifford? Mas ela não estava disposta a desviar a conversa.

- Mas gostaste dela? - insistiu ela.

- Eu? Gostar dela? - resmungou ele.

- E continuas a gostar?

- Eu? - Os olhos abriram-se ainda mais. - Não, não consigo pensar nela - respondeu tranquilamente.

- Porquê? Ele abanou a cabeça.

- Então porque é que não te divorcias? Ela um dia pode querer voltar para ti.

Ele olhou-a atentamente.

- Não é capaz de se aproximar de mim sequer. Tem-me mais ódio do que eu a ela.

- Vais ver que ela volta para ti.

- Ela nunca fará isso. Acabou! Eu ficaria doente só de a ver. - Acabarás por vê-la. Não estão legalmente separados, pois não?

- Não.

- Então verás: ela volta e tens de a receber. Ele fitou-a pasmado. Depois abanou a cabeça.

- És capaz de ter razão. Fui um estúpido em ter voltado para aqui, mas sentia-me perdido, tinha de ir para algum lado. Um homem, às vezes, sente-se como uma criança abandonada, não há nada mais triste do que um vagabundo. Mas tens razão, tenho de me divorciar e livrar-me dela. Tenho um ódio de morte aos funcionários, aos tribunais e aos juizes, mas não tenho outra saída. Vou-me divorciar.

Disse isto com os maxilares cerrados, e Connie, interiormente, exultou.

- Acho que vou beber uma chávena de chá - disse ela. Ele levantou-se para o preparar. O seu rosto estava imóvel. Quando se sentaram à mesa, ela perguntou:

- Que te levou a casar com ela? Era inferior a ti, contou-me a senhora Bolton, que também me disse que nunca tinha percebido porque te tinhas casado com ela.

Ele olhou fixamente para ela. Vou-te contar - disse, finalmente. - Conheci pela primeira vez uma rapariga aos dezesseis anos. Era filha do professor de Ollerton, bonita, linda mesmo. Tinha fama de esperto no colégio de Sheffield, tinha aprendido um pouco de francês e alemão e estava convencido da minha superioridade. Ela era o tipo de mulher romântica que odeia a vulgaridade. Orientou-me para a poesia e para a leitura, de certo modo fez de mim um homem. Eu lia e pensava como uma casa a arder, por causa dela. Estava empregado num escritório em Butterley, era magro, pálido e entusiasmava-me com tudo o que lia. Discutíamos sobre todas as coisas um com o outro, tão depressa estávamos em Persépolis como em Tombuctu, e éramos o par com maior cultura dos dez condados. Tinha uma paixão por ela, positivamente uma paixão, sentia-me nas nuvens. E ela adorava-me. Mas havia uma serpente na relva: o sexo. Pode dizer-se que a ela o sexo não interessava, nos moldes em que interessa às outras pessoas. Emagrecia e andava louco. Então disse-lhe que tínhamos de ser amantes. Acabei por convencê-la, como sempre. Ela finalmente concordou. Fiquei entusiasmado, mas ela nunca quis, não sentia necessidade. Adorava-me, adorava conversar comigo, e que eu a beijasse; nessa medida tinha também uma paixão por mim. Mas eu queria exactamente de outra maneira, e essa não lhe interessava. Há muitas mulheres como ela. Acabámos por nos separar, fui cruel e abandonei-

a. Depois, passei a andar com outra rapariga, uma professora, que tinha dado um grande escândalo com um homem casado e que quase o fez enlouquecer. Era uma mulher afável, de pele clara, mais velha do que eu, e tocava rabeca. Mas era um verdadeiro demónio. Gostava de tudo no amor, excepto de sexo. Insinuante, meiga, seduzia de todas as maneiras. Mas quando queria fazer amor com ela, arreganhava os dentes e exalava ódio. Acabei por obrigá-la, e ela odiou-me por isso. Senti-me mais uma vez frustrado. Passei a detestar tudo aquilo. Queria uma mulher que me quisesse e quisesse o que eu pretendia.

"Então conheci a Bertha Coutts. Vivia perto da minha casa, quando eu era rapaz, e conhecia bem a família. Era uma gente ordinária. A Bertha tinha ido para Birmingham ou não sei para onde, dizia da como dama de companhia, mas toda a gente afirmava que tinha ido como criada num hotel. Tinha eu vinte e um anos e estava farto da outra rapariga, a Bertha regressava a casa vestida extravagantemente, pavoneando-se, com um certo brilho sensual, que tanto pode existir numa mulher como num eléctrico. Bem, eu estava capaz de quebrar tudo. Abandonei o trabalho em Butterley, porque achava que era indigno de mim, e fiquei mestre-ferrador em Tevershall. Ferrava cavalos, sobretudo isso, como o meu pai, e o trabalho de que eu mais gostava era sem dúvida lidar com cavalos, era-me fácil. Deixei de falar "fino" como eles dizem do inglês correcto, e passei para o dialecto. Em casa continuava a ler, mas ferrava cavalos e tinha um carro puxado por um pónei. O meu pai deixou-me trezentas libras quando morreu, e juntei-me com Bertha, de quem gostava por ser igual a toda a gente. Eu também queria ser igual a toda a gente, e casámo-nos, demo-nos bem. As outras mulheres "puras" quase tinham dado cabo de mim, mas ela não. Queria-me mesmo, não hesitava. E sentia-me feliz da vida, era o que eu queria: uma mulher que queria que eu a possuísse, eu possuía-a o mais que podia. E creio que ela tinha um certo desprezo por mim, por eu ter tanto prazer, e por lhe trazer às vezes o pequeno-almoço à cama. Ela não se importava com coisa nenhuma, quando chegava do trabalho não me arranjava um jantar decente, e se dissesse alguma coisa caía-me em cima. Depois discutia ainda mais. Ela atirava-me com uma chávena e eu agarrava-a pelo pescoço e quase a estrangulava. Um horror! Passou a ser insolente para mim e a repudiar-me sempre quando eu a queria. Sempre! E depois de me repudiar, quando eu já não a queria, vinha com falinhas mansas e eu cedia. Sempre me conseguiu levar. Mas quando fazíamos amor nunca se realizava ao mesmo tempo que eu. Nunca! Ficava à espera, e, se eu me contivesse durante meia hora, ela continha-se mais tempo ainda. Quando eu acabava, então começava ela, e eu tinha de ficar dentro dela até ela se realizar. Gritava e agitava-se e fazia muita força, muita força, e finalmente, realizava-se e ficava em êxtase. E dizia "foi bom!". A pouco e pouco tudo aquilo me começou a meter nojo, e ela cada vez a ficar pior. Realizava-se sempre mais dificilmente e rasgava-me como se tivesse um bico de pássaro. Meu Deus, diz-se que uma mulher é macia em baixo, como um figo, mas garanto-lhe que as mulheres

têm um bico entre as pernas e rasgam um homem até ficar doente. Eu, eu, e mais eu, só pensam nelas. Sempre o eu que rasga e que grita. E ainda falam do egoísmo dos homens! Às vezes penso no quanto nos pode afectar a dureza cega da mulher quando chega àquele ponto. Como uma meretriz! Mas ela era assim; chegámos a falar nisso, eu disse-lhe que detestava, e ela nem sequer fez um esforço.

O único esforço de que era capaz consistia em ficar quieta e deixar-me ser eu a fazer tudo. Mas não resultou e ela não tinha nenhum prazer. Tinha de ser activa, de moer o seu próprio café, e isso para ela era como uma necessidade louca, tinha de ir até ao fim, e rasgar, dilacerar, como tivesse sensibilidade na ponta daquele bico, daquele bico que roçava e rasgava. Os homens costumavam dizer que as antigas prostitutas eram assim. Era uma obstinação abjecta, uma obstinação abjecta e devastadora, como a de uma mulher que bebe. Por fim, já não aguentava mais, passámos a dormir separados. Foi ela própria que começou por querer, uma vez disse que eu mandava nela e queria ver-se livre de mim. Ela ficou então com um quarto para si, mas chegou o dia em que eu já não a deixava entrar no meu. De modo algum!

"Eu detestava aquilo. E ela odiava-me. Meu Deus, como ela me odiava antes de a criança nascer! Penso depois de ela nascer, aquela criança foi concebida por ódio. Depois de ela nascer, abandonei-a. Depois veio a guerra e eu alistei-me, e só voltei para aqui quando soube que ela vivia com o tal homem de Stacks Gate."

Parou de falar. Estava pálido.

- E que género é o homem de Stacks Gate? - perguntou Connie.

- É um bebé em ponto grande, muito ordinário. Ela arrelia-o e bebem os dois.

Meu Deus, se ela volta! É verdade! Ia-me embora, desaparecia outra vez. Ficaram os dois calados. O cartão queimado tinha ficado reduzido a cinza.

- Quando encontrou uma mulher que o quisesse - disse Connie -, fartou-se dela bastante depressa.

- É verdade. No entanto gostei mais dela do que das outras.

A do amor branco da minha juventude, do lírio que exalava o veneno, e das outras.

- Quais outras?

- As outras? Não houve outras. Aprendi por experiência que a maioria das mulheres são assim: a maior parte delas querem um homem, mas não querem o sexo, suportam-no, como uma consequência necessária. As mais antiquadas deixam-se simplesmente possuir, e não fazem nada. Aquilo não lhes interessa e são capazes de gostar do homem. O amor não significa nada para elas, é uma coisa um pouco desagradável. E há muitos homens que gostam assim, mas eu odeio. E há mulheres que são dissimuladas, que fingem ser outra coisa. Então fazem-se apaixonadas e inventam emoções, mas é tudo uma aldrabice, tudo forjado.

"Depois há as mulheres que gostam de tudo, todo o tipo de sensações e carícias, excepto do que é natural. Obrigam o homem a realizar-se fora da cópula normal, e ele cede. Depois há o tipo pior de todas, a mulher com quem o homem é difícil realizar-se, mas realizam-se elas sozinhas, como a minha mulher. São as que têm de ser activas. E ainda aquelas que estão mortas por dentro, que estão mortas e sabem-no. E também as que obrigam o homem a terminar antes de ter prazer, e que continuam a contorcer os rins até que conseguem realizar através do contacto com as coxas do homem. Estas mulheres são lésbicas, acima de tudo, consciente ou inconscientemente. Parece-me que são quase todas lésbicas.

- E importas-te?

- Era capaz de as matar. Quando estou com uma mulher que é realmente lésbica, sinto-me cheio de raiva por dentro e só me apetece matá-la.

- E que é que fazes?

- Afasto-me o mais depressa possível.

- Mas achas pior uma lésbica do que um homossexual?

- Acho, porque as lésbicas fizeram-me sofrer. Abstractamente, não sei o que será pior, mas quando encontro uma lésbica, consciente ou inconsciente de que o é, vejo vermelho à frente. Não, não! E o que eu queria era nunca mais ter mulheres, queria fechar-me em mim próprio, conservar a minha solidão e a minha respeitabilidade.

Estava pálido e melancólico.

- Lamentas que eu tenha aparecido?

- Fiquei desolado e contente ao mesmo tempo.

- E presentemente?

- Exteriormente, lamento todas as complicações, as coisas sujas e as recriminações, que mais cedo ou mais tarde hão-de surgir. Isto quando me sinto deprimido. Mas quando estou bem disposto sinto-me feliz, triunfante até. Estava realmente a tornar-me numa pessoa azeda. Achava que já não havia amor, que nenhuma mulher era realmente capaz de "estar" com um homem, excepto as negras, e, seja como for, nós somos brancos e as negras são algo como lama.

- E agora estás satisfeito por me teres?

- Estou! Quando consigo esquecer-me de tudo o resto.

Quando não consigo, apetece-me meter-me debaixo da mesa e morrer.

- Porquê debaixo da mesa?

- Porquê? - respondeu ele, a rir. - Suponho que para me esconder como as crianças.

- Parece-me que deves ter tido experiências muito desagradáveis com mulheres - disse ela.

- Compreendes, nunca consegui enganar-me a mim mesmo. A maior parte dos homens conseguem-no. Tomam uma atitude, aceitam uma mentira.

Nunca fui capaz de me enganar. Sabia o que queria de uma mulher, e não dizia que o tinha conseguido quando não tinha sido assim.

- E agora consegues?
- Creio que sim.
- Porque é que estás tão pálido e triste?
- Estou cheio de recordações, e talvez com medo de mim próprio.

Ela continuava sentada, em silêncio. já era tarde.

- Achas que é importante um homem e uma mulher?

- Para mim é o centro da minha vida, se tiver uma relação verdadeira com uma mulher.

- E se não conseguisses?

- Habitava-me à ideia. Ela ficou pensativa antes de perguntar:

- Achas que sempre te portaste bem com as mulheres?

- Não, por amor de Deus! Fui eu que permiti que a minha chegasse ao que chegou, tive muita culpa, fui eu que a estraguei. Sou muito desconfiado, conta com isso. É-me muito difícil deixar de o ser, cá por dentro. Talvez seja desconfiado por eu próprio ser uma fraude. E a ternura não pode ser uma fraude.

Ela olhava para ele.

- Mas não se desconfia com o corpo. Quando o teu sangue começa a ferver, não estás a ser desconfiado, pois não?

- Não, e por isso mesmo meti-me em vários sarilhos. E é também por isso que o meu espírito é desconfiado.

- Deixa-o ser! Que importa isso? A cadela, inquieta, suspirou no tapete. O fogo ia apagar-se com as cinzas.

- Somos dois guerreiros vencidos - disse Connie.

- Sentes-te vencida também? E mesmo assim voltámos ao combate - disse ele, a rir.

- É verdade, tenho realmente medo.

- Eu também. Ele levantou-se, pôs os sapatos a secar, juntamente com os dele, perto do fogo. De manhã iria engraxá-los. Afastou o mais que pôde as cinzas do cartão queimado, para o fogo não se apagar.

- Até depois de queimado, isto é horrível. Foi buscar novas achas e colocou-as na grade junto à lareira, para de manhã. Depois saiu com a cadela, por um instante.

Quando voltou, Connie disse-lhe:

- Também quero ir lá fora por um momento. Embrenhou-se sozinha na escuridão. Havia estrelas no céu. E chegava até ela o perfume das flores no ar da noite. Sentia os sapatos molhados ficarem ainda mais molhados, e um desejo de partir, de se afastar dele e de toda a gente.

Estava frio. Teve um arrepio e voltou para casa. Ele estava sentado junto ao fogo, quase extinto.

- Que frio que está! - comentou ela, arrepiada. Ele pôs mais achas no lume, foi buscar outras, e, de repente, toda a chaminé ardia e dava calor. As

chamas amarelas e ondulantes alegraram ambos, aqueceram-lhes os corpos e as almas.

- Não penses! - disse ela, pegando-lhe na mão. - Fazemos que podemos.

Ele estava silencioso e distante, e suspirou, num sorriso forçado.

Ela deslizou para junto dele, até ficar nos seus braços, em frente do fogo.

- Esquece! - murmurou ela. - Esquece! Ele apertava-a nos braços, envolvidos no calor ondeante do fogo. E a própria chama era um esquecimento, tal como o peso suave, doce, pleno da mulher! Lentamente, sentiu o sangue transformar-se, recuperar a força, o vigor, a coragem.

- E talvez essas mulheres tenham realmente querido amar-te, e não fossem capazes. Talvez a culpa não tivesse sido delas - disse Connie.

- Eu sei. Eu também sei o que eu era: uma serpente pisada com a espinha partida.

Ela abraçou-o de repente. Não queria recomeçar a mesma conversa, mas uma certa perversidade tinha-a forçado.

- Mas agora já não és. Agora já não és uma serpente pisada com a espinha partida.

- Já não sei o que sou. O futuro parece-me muito negro.

- Não! - protestou Connie, abraçada a ele. - Porquê? Porquê?

- O futuro parece-me negro para nós e para toda a gente repetiu ele, numa melancolia profética.

- Não, não digas isso! Ele ficou em silêncio, mas ela sentia o vazio e o desespero dentro dele. Era a morte de todo o desejo, a morte do amor; aquele desespero era como uma caverna escura dentro do homem que perdera o espírito.

- Falas do acto sexual de maneira tão fria - disse ela - como se quisesses apenas o teu prazer e satisfação.

Ela começava a insurgir-se com nervosismo contra ele.

- Não - respondeu ele. - Quis que o meu prazer e a minha satisfação partissem da mulher, e nunca o consegui, porque só poderiam partir dela, e ao mesmo tempo, ela sentisse prazer comigo. Isso nunca aconteceu, são precisas as duas pessoas.

- Mas nunca acreditaste nas mulheres que tiveste. Nem sequer acreditas realmente em mim.

- Não sei o que significa acreditar numa mulher.

- Vês, é isso! Ela continuava aninhada no colo dele, mas o espírito do homem estava sombrio e ausente, longe dela. E tudo o que ela dizia só o afastava cada vez mais.

- Mas em que é que acreditas? - insistiu ela.

- Em nada, como todos os homens que conheço. Ficaram os dois calados. Finalmente, ele levantou-se e disse:

- Não é verdade, há qualquer coisa em que acredito. Acredito no calor humano, especialmente no amor, no acto sexual. Acredito se os homens fizessem amor com calor humano e as mulheres também, tudo seria diferente. Mas o amor frio é a morte, é estúpido.

- Mas quando fazes amor comigo não és insensível - protestou Connie.

- Não quero fazer amor contigo. Neste momento o meu coração está como uma batata.

- Oh! - exclamou ela, beijando por troça. - Façamos *sautés*.

Ele riu e ficou direito.

- É um facto - continuou ele. - Daria tudo por um pouco de calor humano. Mas as mulheres não gostam, nem mesmo tu. Gostam da fornicação bem feita, completa, mas fria, e depois fingem que tudo foi doce. Onde está a tua ternura por mim? Desconfias de mim como o gato do cão, e, como já disse, para haver calor humano são precisas duas pessoas. Gostas de fazer amor, está bem, mas queres que seja algo de imponente e misterioso para te sentires importante na tua vaidade pessoal. A tua vaidade pessoal é cinquenta vezes mais importante para ti do que qualquer homem, ou do que estar com um homem.

- Mas isso é exactamente o que eu diria de ti. A tua pessoa é tudo para ti.

- Ali, bom! - comentou ele fazendo o gesto de se pôr em pé.

- Então separemo-nos. Prefiro morrer a fazer amor mais alguma vez sem calor humano.

Ela afastou-se e ele levantou-se.

- E achas que eu quero? - perguntou ela.

- Espero que não - replicou ele. - Mas, seja como for, vai para a cama e eu durmo cá em baixo.

Ela fitou-o. Ele estava pálido, sobrolho carregado, estava tão distante como o Pólo Norte. Os homens eram todos iguais.

- Só posso voltar para casa de manhã - disse ela.

- Está bem, vai-te deitar. Falta um quarto para a uma.

- Não vou com certeza. Ele atravessou a sala para ir buscar as botas.

- Então vou lá para fora! - disse ele. Ele começou a calçar as botas. Ela olhava para ele, estupefacta.

- Espera! - balbuciou. - Espera! Que é que aconteceu connosco?

Ele estava inclinado para a frente a atar as botas, e não respondeu. Passaram uns segundos. Invadia-a uma obscuridade como um desmaio, uma perda de consciência. Fitava-o com os olhos muito abertos, perdida, sem saber mais nada.

Devido ao silêncio, ele levantou os olhos, e viu-a assim perdida. E como se o vento o impelisse, levantou-se e avançou para ela com um pé calçado e outro descalço, tomou-a nos braços, apertando-a contra o corpo, quase a magoá-la. E ela deixou.

E as suas mãos começaram a procurá-la às cegas, a procurá-la, até que alcançaram, por debaixo da roupa, a parte macia e quente.

- Minha pequenina! - murmurava ele em dialecto. - Minha pequenina, não nos zanguemos, não nos zanguemos nunca. Gosto de ti, e gosto de te tocar. Não te zangues comigo, não te zangues. Fiquemos juntos.

Ela levantou a cara e olhou para ele:

- Não te aborreças, não te aborreças, que não vale a pena. Queres ficar comigo?

Ela olhava-o com os seus olhos grandes e firmes. Ele parou, ficou subitamente tranquilo, e desviou a cara. Ficou sem se mexer e na mesma posição.

Depois levantou a cabeça, olhou-a nos olhos e com o seu sorriso irónico acrescentou:

- Sim, sim, fiquemos juntos sob juramento.

- A sério? - perguntou ela, com os olhos rasos de lágrimas.

- A sério! juntos em tudo. Ele sorria ligeiramente para ela, mas nos seus olhos havia um toque de ironia e de amargura.

Ela continuava a chorar sem dizer nada. Ele deitou-se a seu lado, penetrou-a ali mesmo sobre o tapete e ficaram os dois mais tranquilos.

Depois subiram rapidamente para o quarto, porque tinha arrefecido e estavam exaustos. Ela aninhou-se nos braços, sentia-se pequena e envolvida, e adormeceram os dois imediatamente num só sono. Ficaram imóveis até que o Sol nasceu e começou um novo dia.

Ele acordou, olhando a claridade. As cortinas estavam abertas. Ouvia os apelos selvagens dos melros e dos tordos no bosque. A manhã estava brilhante, eram cinco e meia, a hora de se levantar. Tinha dormido tão bem! Ela estava ainda a dormir, toda enroscada e terna. Fez-lhe uma carícia e ela abriu os olhos azuis espantados, e sorriu sem dar por isso.

- Estás acordado? - perguntou ela. Ele olhava-a nos olhos. Sorriu-lhe e beijou-a. Subitamente ela levantou-se e ficou sentada na cama.

- É estranho eu estar aqui - disse ela. Olhou em volta. O quarto era pequeno, caído, tinha o tecto

inclinado e uma janela de empena, com cortinas brancas corridas. Os únicos móveis eram uma pequena cómoda pintada de amarelo e uma cadeira, além da cama não muito grande e branca, onde estava deitada com ele.

- É estranho estarmos aqui - disse ela, olhando para ele. Estava deitado na cama, contemplava-a e aflagava-lhe os seios, por baixo da camisa de noite, muito frágil. Quando ele estava tranquilo e feliz tinha um ar jovem e atraente, os seus olhos tinham uma expressão tão ardente. Ela estava fresca e nova como uma flor.

- Queria tirar isto - disse ela, a-machucando a fina camisa de noite, de cambraia, passando-a pela cabeça.

Ela estava sentada, com os ombros nus e os longos seios levemente dourados, que ele gostava de fazer oscilar suavemente como se fossem sinos.

- Tira também o pijama! - disse ela.

- Isso não!

- Sim, sim - insistiu ela. Ele despiu o casaco de pijama de algodão e as calças. À exceção das mãos e dos pulsos e do rosto, era branco como o leite, tinha um corpo fino e musculoso. Connie mais uma vez o achou extremamente belo, como naquela tarde em que o tinha visto a lavar-se.

Os raios dourados do Sol tocavam nas brancas cortinas fechadas. Ela sentiu que o sol queria entrar.

- Oh, vamos abrir as cortinas! Os pássaros já cantam! Deixa entrar o sol!

Ele saltou da cama, de costas voltadas para ela, nu, alvo e magro, e avançou para a janela, um pouco curvado, afastando as cortinas e ficando um momento a olhar para fora. As suas costas eram brancas e finas, umas nádegas pequenas e belas, com uma estranha e delicada virilidade, a nuca rosada, era ao mesmo tempo frágil e forte.

Existia naquele corpo suave e belo uma força que era interior e não exterior.

- És tão belo! Tão puro e delicado! Vem cá! - disse ela, estendendo-lhe os braços.

Sentia-se constrangido por ter de se voltar, por causa da exibição da sua própria nudez.

Pegou na camisa que estava no chão, cobriu-se e avançou.

- Não! - disse ela, sempre de braços estendidos, belos e magros e com os seios pendentes. - Deixa-me ver-te!

Ele deixou cair a camisa e ficou quieto, a olhá-la. O Sol através da janela baixa projectava os seus raios, iluminando-lhe as coxas o abdómen magro e o fato erecto, que se erguia, sombrio e quente, da pequena nuvem brilhante de pêlos de cor castanha avermelhada.

Ela sentia-se admirada e receosa.

- É estranho - disse ela, lentamente. - Como é estranho, e tão grande! Tão obscuro e seguro de si! É mesmo assim?

O olhar do homem desceu ao longo do seu corpo magro e franco e riu. No peito magro, os pêlos eram escuros quase pretos. Mas ao fundo do ventre, onde o falo se erguia grosso e recurvado, eram de um ruivo-dourado, brilhante, juntos numa pequena nuvem.

- Tão orgulhoso! - continuou ela, inquieta. - E tão altivo! Agora compreendo porque é que os homens são tão arrogantes! Mas, no fundo, é belo! É como se fosse um outro ser, um pouco assustador, mas belo. E é a mim que ele quer!

E prendeu o lábio inferior entre os dentes, receosa e excitada.

O homem fitava em silêncio o falo tenso, sem se mexer.

- Bem - disse finalmente em voz baixa -, bem, meu rapaz, tu estás bem, podes levanta a cabeça, não debes nada a ninguém. És o patrão, hem? O meu patrão! E és mais vivo do que eu, e falas menos. John Thomas, que é que

queres? Queres a Lady Jane? Queres? já sorris? Então pronto, tens a Lady Jane. Agora diz: "Abri-vos, ó portas, e entrará o rei da Glória". O que tu queres sei eu, John Thomas.

- Oh, não troces dele - disse Connie, ajoelhando-se na cama, pondo os braços à volta da cintura, de pele branca e delicada, puxando-o para ela de modo que os seus seios pendentes e oscilantes tocavam a cabeça do falo excitado e erecto e atingiam as gotas de humidade. Ela abraçou o homem com mais força.

- Deita-te! Deita-te e deixa-me furar-te! Estava possuído de uma urgência súbita. Depois de acabarem e de se sentirem ambos de novo tranquilos, a mulher quis vê-lo outra vez, quis contemplar o mistério do falo.

- E agora está pequeno e macio como um botão de vida disse ela, pegando no pénis, com a mão. - É lindo! Tão independente e tão estranho! E tão inocente! E entra em mim tão fundo! Nunca o deves insultar, sabes? Também me pertence, não é só teu. É meu também. Tão belo e inocente!

E pegava docemente no pénis. Ele riu.

- Bendito seja o elo que une os corações irmanados no amor disse ele.

- É verdade. Mesmo quando está pequeno e macio sinto que o meu coração se lhe prende. Os teus pêlos são bonitos aqui, tão diferentes, tão diferentes!

- São do John Thomas, não são meus.

- John Thomas! John Thomas! - E deu um beijo rápido no pénis, que começava de novo a agitar-se.

O homem esticou-se, num jeito quase de dor.

- Ele tem as raízes na minha alma, este cavalheiro. E às vezes não sei o que hei-de fazer. Tem vontade própria, e, de vez em quando, é difícil de satisfazer. E, no entanto, por nada o quereria perder.

- Não admira que os homens tivessem sempre medo dele respondeu Connie. - É terrível.

O corpo do homem estremeceu, e a corrente da consciência mudou de novo de direcção, no sentido do abdómen. Ele estava indefeso, e o pénis, em ondulações suaves, inchava, levantava-se, crescia, endurecia, e acabou por ficar curiosamente erecto como uma torre. A mulher tremia, contemplando-o.

- Pronto. Toma-o. É teu - disse o homem. E ela estremeceu de novo, de corpo e espírito. Ondas suaves de um prazer inexprimível percorreram-na, à medida que ele a penetrava e começava num frémito que se fundia estranhamente e se espalhava cada vez mais, até a transportar num arroubo cego ao limite de todas as coisas.

O homem ouviu ao longe as sirenes de Stacks Gate, eram sete horas de uma segunda-feira. Sentiu um arrepio, e com o rosto entre os seios dela, apertou-os contra os ouvidos para não ouvir.

Ela nem sequer tinha ouvido as sirenes. Estava deitada, perfeitamente imóvel, sentindo a alma límpida e transparente.

- Tens de te ir embora, não tens? - murmurou ele.

- Que horas são? - perguntou ela, numa voz velada.

- Sete.

- Creio que sim. A pressão do exterior irritava-a sempre. Ele sentou-se na cama e ficou a olhar pela janela, sem nada ver.

- Amas-me? - perguntou ela, docemente. Ele olhou-a.

- Sabes tudo. Porque é que perguntas? - respondeu ele, um pouco irritado.

- Quero que me impeças e não me deixes partir.

Os olhos do homem irradiavam um calor e uma ternura sombrios, incapazes de pensar.

- Quando? Agora?

- Agora no teu coração. E dentro de pouco tempo quero viver contigo para sempre.

Ele estava sentado em cima da cama, nu, de cabeça baixa, sem conseguir pensar.

- Queres? - perguntou ela.

- Quero. E os mesmos olhos sombrios irradiavam uma nova chama de consciência, como num são. Olhou para ela.

- Não me perguntes nada. Deixa-me continuar assim. Gosto de ti. Amo-te quando estás aí. É bom ter uma mulher. Amo-te, amo as tuas pernas, o teu corpo, a tua feminilidade. Amo-te com todo o meu coração. Mas não me perguntes nada. Deixa-me estar assim enquanto puder. Depois pergunta-me tudo. Agora, agora não.

E, suavemente, pousou a mão sobre o monte-de-vénus de Connie, castanho e macio, e continuou sentado na cama, nu, imóvel, numa completa abstracção física, com uma expressão semelhante à do Buda. Imóvel e na chama invisível de uma outra consciência, ficou a mão pousada no corpo dela, à espera.

Pouco depois apanhou a camisa do chão, vestiu-se rapidamente, em silêncio, olhando para ela enquanto ela estava deitada imóvel, nua e levemente dourada como uma Glória de Dijon. Depois levantou-se e desapareceu.

Ela continuou deitada, a sonhar, a sonhar. Custava-lhe partir, afastar-se dos braços dele. Ele gritou do fundo das escadas "sete e meia". Ela suspirou e levantou-se.

O pequeno quarto quase não tinha mobília, além da cómoda e do leito estreito. O chão estava muito limpo. No canto, junto à janela de empena, havia uma prateleira com alguns livros, uns de uma biblioteca ambulante. Ela olhou. Livros sobre a Rússia bolchevista, livros de viagens, um volume sobre o átomo e o electrão, outro sobre as camadas da Terra e sobre as causas dos tremores de terra. Ainda alguns romances e três livros sobre a Índia. Ele lia, apesar de tudo.

O sol batia-lhe nas pernas nuas, passando pela janela de empena. Lá fora viu a cadela, Flossie, a andar de um lado para o outro. A mata de avelaneiras estava mesclada de verde e verde-escuro, onde despontavam

mercuriais. Estava uma manhã clara, os pássaros esvoaçavam e cantavam triunfantes. Se ela ao menos pudesse ali ficar! Se não existisse aquele mundo sinistro de fumo e de ferro! Se ela conseguisse construir um mundo para ela.

Desceu a longa e estreita escada, com degraus de madeira. Seria capaz de viver feliz naquela casa, se tivesse um mundo à parte.

Ele já se tinha lavado e refrescado e acendido o lume.

- Queres comer alguma coisa?

- Não! Empresta-me só um pente! Ela seguiu-o até à copa e penteou-se num espelho da largura de uma mão, perto da porta das traseiras. Estava pronta para ir embora.

Parou no pequeno jardim, que ficava à frente da casa, a olhar as flores húmidas e os canteiros de cravos, já em botão.

- Queria que o resto do mundo desaparecesse e viver aqui contigo.

- O mundo nunca desaparecerá. Avançaram em silêncio pelo belo bosque orvalhado. Estavam unidos num mundo que só a eles pertencia.

Voltar para Wragby era doloroso para Connie.

- Quero vir em breve viver contigo - disse ela, ao deixá-lo. Ele sorriu e não respondeu. Ela voltou para casa tranquilamente, sem ser vista, e subiu para o quarto.

Capítulo XV

No tabuleiro do pequeno-almoço vinha uma carta de Hilda.

O pai vai esta semana a Londres; por isso irei buscar-te na quinta-feira, 17 de Junho. Tens de estar pronta para partirmos logo de seguida, não quero perder tempo em Wragby, que é um sítio horrível. Passarei a noite, provavelmente em Retford, com os Coleman, a fim de almoçar contigo na quinta-feira. Poderemos largar pela hora do chá e dormir talvez em Grantham. Não vejo necessidade de passarmos uma tarde com o Clifford. Se ele está aborrecido com a tua partida, não apreciaria.

Mais uma vez Connie sentiu-se deslocada no tabuleiro como uma peça de xadrez.

Clifford não gostava que ela fosse, mas era apenas porque não se sentia seguro na sua ausência. A presença dela, por qualquer razão, dava-lhe segurança e liberdade para se ocupar dos seus assuntos. Passava a maior parte nas minas, numa luta para resolver os problemas complexos relacionados com a obtenção do carvão da maneira mais económica e à sua venda imediata. Sabia que tinha de descobrir um meio de o utilizar, ou de o transformar, sem o vender ou de ter dificuldade em ter saída no mercado. Mas, no caso de o utilizar para energia eléctrica, seria melhor empregá-la ou vendê-la? Convertê-lo em óleo seria muito dispendioso e complicado. Para manter a indústria em actividade têm de existir mais indústrias num ritmo desenfreado.

Era uma loucura e só um homem louco a podia realizar. Bem, ele era um pouco louco, pensava Connie. A sua energia e perspicácia nos negócios das minas eram para ela uma manifestação de loucura, mesmo as suas descobertas lhe pareciam de um demente.

Ele falava-lhe dos seus planos importantes, que ela escutava, admirada, sem o interromper. Depois a corrente cessava, ligava o rádio, não dizia mais nada, enquanto os seus planos serpenteavam dentro dele como uma espécie de sonho.

Todas as noites jogava *pontoon*, o jogo dos Torrimies, com a senhora Bolton, a seis pence. E, também a jogar, Clifford mergulhava num tipo de inconsciência, ou de uma intoxicação vazia, ou de intoxicação de vazio. Connie não sabia o que era, mas não suportava vê-lo nessas ocasiões. Depois de ela ir para a cama, ele e a senhora Bolton ficavam a jogar até às duas ou três da manhã, sozinhos, quase em volúpia. Dos dois lados havia volúpia, talvez mais ainda do lado da senhora Bolton, que perdia quase sempre.

Um dia a senhora Bolton disse a Connie:

- Ontem à noite perdi vinte e três xelins a jogar com Sir Clifford.
- E ele aceitou o dinheiro? - perguntou Connie.

- Com certeza, minha senhora. Dívida de honra! Connie insurgiu-se violentamente contra os dois, estava furiosa com ambos. Como resultado, Clifford aumentou o salário da senhora Bolton em mais cem libras por ano, para ela poder jogar com esse dinheiro e perder. Clifford parecia que estava a ficar mais sem vida por dentro.

Connie disse-lhe, finalmente, que partia no dia dezassete.

- Dezassete? - repetiu ele. - E quando é que volta?

- O mais tardar no dia vinte de julho.

- Está bem. Vinte de julho. Ele fitava-a com uma expressão estranha e vazia, com a incerteza de uma criança e astuta como a de um velho.

- Não me vai abandonar, pois não?

- Como?

- Enquanto estiver fora. Tem a certeza de que volta?

- Nunca estive tão certa. Eu volto.

- Está bem, dia vinte de julho. Continuava a fitá-la de maneira estranha.

No entanto, ele queria realmente que ela fosse. Era curioso, queria que ela fosse, que tivesse as suas aventuras e que até voltasse grávida.

Ela sentia-se palpitante, à espera da oportunidade de o deixar de vez. Esperava que o tempo, ela e ele amadurecessem a ideia.

Nentou-se e falou sobre a sua viagem ao estrangeiro com o guarda.

- E quando eu voltar - disse - digo a Clifford que tenho de o deixar. E depois podemos partir os dois. Ele não tem necessidade de saber que és tu. Podemos ir para outro país, para a África ou para a Austrália. Achas bem?

Estava entusiasmada com o plano.

- Alguma vez estiveste nas colónias? - perguntou ele.

- Não. E tu?

- Estive na Índia, na África do Sul e no Egipto.

- Porque é que não vamos para a África do Sul?

- Podíamos ir - respondeu ele, lentamente.

- Ou não queres?

- Não me importo. Não me preocupo muito com aquilo que faço.

- Não te faz feliz? Porque não? Não seremos pobres. Tenho seiscentas libras por ano, escrevi a informar-me. Não é muito mas é o suficiente, não achas?

- Para mim é uma fortuna.

- Oh, seria maravilhoso! - exclamou Connie.

- Mas temos ambos de nos divorciar, senão podemos ter complicações.

Havia muitas coisas em que pensar. Um dia ela fez-lhe perguntas sobre a vida dele. Estavam na cabana e trovejava.

- Sentias-te feliz por ser tenente, um oficial, um senhor?

- Feliz? Sim. Gostava do meu coronel.

- Gostavas dele?

- Sim, gostava dele.

- E ele gostava de ti?

- Sim, de certo modo.

- Fala-me dele.

- Que é que há para contar? Tinha feito carreira militar e adorava o exército e nunca se casou. Era vinte anos mais velho do que eu. Um homem inteligente e solitário, como não podia deixar de ser, de certa maneira apaixonado, e um oficial muito esperto. Enquanto estive com ele vivi sob a sua orientação e quase que o deixava decidir da minha vida. E nunca me arrependi.

- E sofreste quando ele morreu?

- Eu também estive às portas da morte. Mas quando melhorei, senti que uma parte de mim tinha morrido com ele. Sabia que aquilo tinha de acabar com a morte. De resto, é como todas as coisas, acabam.

Ela meditava. Ouviu-se um trovão. Era como se estivesse numa pequena arca no Dilúvio.

- O teu passado é tão cheio - comentou ela.

- Achas? Às vezes parece-me que já morri pelo menos uma ou duas vezes. No entanto, aqui estou sempre à espera de novos dissabores.

Ela continuava pensativa, mas escutava a tempestade.

- E sentiste-te feliz por ser oficial e senhor depois de o coronel ter morrido?

- Não! Eles eram uns sovinas. O coronel costumava dizer: "Rapaz, os burgueses ingleses têm de mastigar trinta vezes antes de engolir, têm umas goelas tão estreitas que até uma ervilha os engasga. São os palermas mais efeminados que jamais existiram, muito convencidos, preocupados até com o laço das botas, podres como caça grossa, e seguros de terem sempre razão. Dão-me cabo da cabeça. Falam, falam, falam até ficarem com a língua seca e têm sempre razão. Uns pedantes! Uma geração de pedantes efeminados e maricas".

Connie riu-se. Chovia torrencialmente.

- Ele odiava-os?

- Não, não se importava. Limitava-se a não gostar deles, o que é diferente. Ele dizia que os Tomnies eram uns toleirões e amaricados. É o destino da humanidade.

- E o povo também, a classe operária?

Todos. Perderam a vitalidade. O automóvel, o cinema e os aviões sugaram-lhes a vida. E digo-te, cada geração produz outra mais tímida, com tubos de borracha nas entranhas e pernas e caras de lata. Pessoas de lata! É tudo uma espécie de bolchevismo permanente que mata a raça humana e idolatra a máquina. Dinheiro, dinheiro, dinheiro! Os homens de hoje triunfam, matando dentro de si o sentimento humano, transformam o Adão e a Eva em carne picada. São todos iguais. O mundo é todo igual. A realidade humana vai sendo eliminada, um prepúcio, um sexo estão à venda. O próprio amor é uma fornicação mecânica. É tudo igual. Dêem-lhes dinheiro e eles cortam o pénis

ao mundo. Dinheiro, dinheiro, dinheiro, para extrair da humanidade tudo o que é humano e convertê-la em máquinas de trepidação.

Ele estava sentado ali, na cabana e a ironia e a troça arrepanhavam-lhe o rosto. Mas, no entanto, mantinha-se atento aos ruídos da tempestade no bosque, que o fazia sentir-se muito só.

- Mas achas que será sempre assim?

- Sim, será. O mundo alcançará a sua própria salvação, quando já não existir na face da Terra um único homem. Serão todos domesticados, os brancos, os pretos, os amarelos, todas as cores domesticadas, e todos estarão loucos. A raiz da loucura está no sexo. E quando todos forem loucos farão um auto dafé. Sabes que auto dafé significa auto-de-fé? Pois é, será a grande declaração de fé. Imolar-se-ão uns aos outros.

- Queres dizer que se matarão?

- Exactamente. Se continuarmos neste ritmo, dentro de cem anos não haverá nesta ilha mil habitantes, talvez nem dez. Os homens ter-se-ão eliminado ternamente uns aos outros.

A trovada começava a afastar-se.

- Que agradável!

- Muito agradável! Contemplar a exterminação da espécie humana e o grande intervalo que se seguirá antes que outra espécie se desenvolva, acalma-nos mais do que outra coisa qualquer. E se continuarmos a seguir este rumo, com todas as pessoas, os intelectuais, os artistas, o governo, os industriais, os trabalhadores, a matar violentamente os últimos sentimentos humanos, os restos da intuição, os instintos saudáveis, nesta progressão algébrica constante, é o fim! O fim para a espécie humana. Acaba-se tudo, a serpente engole-se a si mesma e deixa um vazio desordenado mas não definitivo. É agradável! Os cães selvagens a ladrar em Wragby; os pôneis selvagens a bater violentamente com as patas nas minas de Tevershall! *Te deum laudamus!*

Connie ria, mas não de alegria.

- Então ficas contente que eles sejam bolchevistas, estão em vias de extinção.

- Estou. Não os pretendo parar, e não conseguiria se o tentasse.

- Então porque és tão azedo?

- Não sou. Se amanhã o meu pénis perder o pio, não me importo.

- Mas se tiveres um filho? Ele baixou a cabeça.

- Acho que o pior que se pode fazer é trazer uma criança a este mundo
- respondeu ele, por fim.

- Não, não digas isso! - implorou Connie. - Parece-me que vamos ter um filho. Diz que estás feliz!

Ela pousou a mão na dele.

- Estou feliz por ti, mas acho que é uma terrível traição ao ser que vai nascer.

- Não! - respondeu Connie, chocada. - Ou então não me desejas verdadeiramente, não podes desejar-me se sentes isso.

Ele ficou de novo calado, taciturno. Lá fora só se ouvia o barulho da chuva.

- Não é verdade - murmurou ela. - Não é verdade. A verdade é outra.

Ela compreendeu que a amargura dele era, em parte, por causa da partida dela, pela sua ida deliberada para Veneza. E isso quase a fez sentir-se contente.

Desabotoou-lhe o fato, descobriu-lhe o ventre e beijou-lhe o umbigo. Encostou o rosto ao seu ventre e passou-lhe o braço à volta da cintura, quente e calma. Estavam os dois sozinhos no dilúvio.

- Diz-me que desejas um filho - insistiu ela, comprimindo o rosto contra o ventre dele. - Diz-me que sim.

- Bem - ela notou nele uma transfiguração estranha, uma espécie de paz a percorrer o corpo dele -, bem, tenho pensado às vezes que se alguém quisesse tentar isso mesmo entre os mineiros, dizer-lhes "o trabalho não abunda e vocês ganham pouco", se alguém lhes pudesse dizer "pensem noutra coisa sem ser no dinheiro, as necessidades do homem são poucas, não vivam para o dinheiro ...".

Connie roçava-lhe o ventre com o rosto e pegou-lhe nos testículos. O pénis teve um movimento suave, com uma vida estranha, mas não ficou erecto. Lá fora a chuva fustigava.

- Vamos viver para outra coisa, não vamos viver para o dinheiro, é preciso que o dinheiro não seja o nosso único objectivo, nem o nosso, nem o dos outros. Hoje precisamos de dinheiro para viver, precisamos de ganhar dinheiro e dá-lo aos patrões. É preciso parar, ir afrouxando pouco a pouco. Não tenhamos pressa

nem nos enfureçamos, mas pouco a pouco afastemo-nos da vida industrial. Recuemos. Contentemo-nos com o dinheiro que precisamos, todos nós, os patrões e o rei também. Não precisamos de muito dinheiro para viver. Só precisamos de nos decidir e de sair desta confusão.

Calou-se por uns instantes e continuou:

- Eu diria aos homens: "Olhem, olhem para o Joe! Olhem como ele se move, vivo e consciente de si mesmo. É belo. E olhem para o Jorias! É pesado, feio, porque nunca se quer despertar". E diria mais: "Olhem, olhem para vocês, com um ombro mais alto do que o outro, as pernas tortas, os pés disformes. O que o maldito trabalho fez de vocês! Estragou-vos. Não precisam de trabalhar tanto. Dispam-se e olhem-se. Tinham obrigação de ser belos e estar vivos, e são feios e quase mortos". Seria eu que lhes diria. E mandaria os homens vestirem-se de outra maneira, com calças vermelhas justas, e casacos brancos, curtos. Se um homem tivesse pernas saudáveis e bonitas, mudaria num mês. Os homens voltariam a ser homens e as mulheres podiam vestir-se como quisessem. Porque, se os homens andassem com calças vermelhas, justas, e tivessem umas nádegas atraentes a aparecerem

sob um pequeno casaco branco, as mulheres voltariam a ser mulheres. É porque os homens não são homens, as mulheres tornam-se masculinas. E, a seu tempo, Tevershall desapareceria e daria lugar a edifícios novos e belos onde todos vivessem. E todo o país seria limpo. E não nasceriam mais crianças porque o mundo está superpovoado. Mas não lhes faria nenhum sermão. Despia-os simplesmente e dizia: "Olhem para vocês, é o resultado de trabalharem por dinheiro. Só trabalham por dinheiro. Olhem para Tevershall! É horrível, e foi construído enquanto vocês trabalhavam por dinheiro. Olhem para as vossas mulheres! Não vos ligam e vocês não lhes ligam. E isto porque vocês passaram a vossa vida a trabalhar e a pensar no dinheiro. Não sabem falar, nem mover-se, nem viver. Não sabem mesmo estar com uma mulher. Estão mortos. Olhem bem para vocês!".

Fez-se silêncio. Connie mal ouvia o que ele dizia, enfeitava com os miosótis que tinha apanhado a caminho da cabana os pêlos do fundo do ventre de Mellors. Lá fora o mundo tinha acalmado e estava frio.

- Tens quatro tipos de pêlos - dizia ela. - No peito são quase pretos, mas os teus cabelos não são pretos. No bigode, os pêlos são duros e avermelhados, e estes, os pêlos do amor, parecem um tufo de azevinho, de um vermelho dourado. São os mais bonitos de todos! - Ele olhou para baixo e viu aquelas manchas esbranquiçadas de miosótis na virilha.

- É exactamente o sítio onde se devem pôr os miosótis. Mas o futuro não te interessa?

Ela levantou a cara e olhou para ele.

- Oh, bastante!

- Quando penso que o mundo está condenado e se condenou pela sua baixeza, sinto que as colónias não estão suficientemente longe. Nem mesmo a Lua está longe, porque mesmo de lá se pode ver a Terra suja, brutal e insípida entre as outras estrelas, a Terra que os homens fizeram ignóbil. Sinto que engoli fel, que me devora, e nenhum lugar é suficientemente afastado para nos podermos refugiar. Mas de cada vez que recomeço, esqueço-me do resto. É vergonhoso o que vem a acontecer às pessoas nestes últimos cem anos: os homens transformados em insectos de trabalho, destituídos de humanidade, de vida. Eu eliminaria todas as máquinas da face da Terra, acabaria com a era industrial, como se fosse um erro lamentável. Mas, como o não posso fazer, nem ninguém, quero viver em paz a minha própria vida, se é que a tenho, o que duvido.

A trovoadas tinha passado, e a chuva, que havia diminuído de intensidade, rebentou de novo. Houve um último relâmpago, um último sinal da tempestade que se afastava. Connie estava inquieta. Ele tinha falado durante muito tempo consigo próprio, não com ela. O desespero começava a invadi-lo, e Connie sentia-se feliz, odiava o desespero. Sabia que a partida dela, que só tinha sido apreendida no seu íntimo, era a causa do seu estado de espírito. E ela quase que exultou.

Ela abriu a porta e ficou a olhar a chuva, súbita e grossa, que parecia uma cortina de aço. Apeteceu-lhe, de repente, correr à chuva. E, num abrir e fechar de olhos, despojou-se das meias, depois do vestido e das roupas interiores. Ele susteve a respiração. Os seios longos e bicudos, animalmente vivos, que vibravam e saltitavam com os movimentos de Connie. A sua pele era cor de marfim, sob aquela luz esverdeada. Voltou a calçar os sapatos de borracha, lançou-se, com uma gargalhada louca, numa corrida por entre a chuva pesada erguendo os selos, abrindo os braços em movimentos rítmicos de dança que aprendera muitos anos antes em Dresden. Era uma figura estranhamente pálida, levantando-se, baixando-se, curvando-se. A chuva caía e brilhava nas suas ancas fortes, erguendo-se de novo e correndo com o ventre exposto à chuva, depois vergava-se de novo para que apenas o seu torso amplo e as suas nádegas fossem oferecidas ao homem numa espécie de homenagem, repetindo um preito selvagem.

Ele riu de um modo estranho e despiu-se. Era de mais! Com um leve tremor, desatou a correr exibindo a sua branca nudez na chuva que caía em bátegas e obliquamente. Flossie saltou à frente dele, soltando um ladrido de alegria. Connie, com o cabelo encharcado e colado à cabeça, voltou o rosto corado e viu-o. Os seus olhos azuis brilhavam de excitação ao mesmo tempo que se voltava e começou a correr depressa com um movimento invulgar pela clareira e pelo caminho abaixo, açoitada pelos ramos encharcados. Corria, mas ele não via mais do que a cabeça dela, encharcada, umas costas molhadas inclinadas para a frente, parecia que voava, e as nádegas roliças reluziam. Uma nudez feminina, receosa e bela, em fuga.

Estava quase a chegar à larga pista, para passeios a cavalo, quando ele conseguiu alcançá-la, colocando o seu braço nu em torno da cintura macia e molhada. Ela deu um grito, endireitou-se e a sua carne suave e macia esbarrou contra o corpo dele. Manteve então voluptuosamente todo colado a ele aquele corpo feminino, macio e frio, que ia aquecendo rapidamente, enquanto as mãos do homem o comprimiam. A chuva escorria pelos seus corpos, que fumegavam. Apertou com ambas as mãos o adorável e maciço traseiro de Connie, contra si, com frenesim, tremendo, imóvel sob a chuva. Deitou-a num terreno a meio do atalho, no silêncio ruidoso da chuva, possuiu-a num abraço violento e rápido, num ápice, como um animal. Levantou-se quase imediatamente, limpando a chuva dos olhos.

- Vamos para dentro - disse. Ele corria veloz, seguindo em direcção à cabana, não gostava da chuva. Ela avançava mais devagar, enquanto ia apanhando uma molhada de miosótis e campainhas, corria de vez em quando e ficava a vê-lo fugir dela.

Quando chegou à cabana com as flores, ofegante, ele já tinha acendido a lareira e os ramos delgados crepitavam. Os seios pontiagudos erguiam-se e baixavam. Tinha o cabelo colado, o rosto congestionado e o corpo brilhava e gotejava. Com os olhos muito abertos, e sem fôlego, a cabeça pequena molhada, as ancas maciças, a pingar, cândidas, parecia uma outra pessoa.

Ele pegou num velho lençol e pôs-se a enxugá-la. Ela não se mexia, parecia uma criança. Depois enxugou-se e fechou a porta. Da lareira irrompiam chamas. Ela envolveu a cabeça numa ponta do lençol e limpou o cabelo molhado.

- Estamos a enxugar-nos à mesma toalha, vamos discutir disse ele.

- Não - respondeu ela com os olhos muito abertos. - Isto não é uma toalha, é um lençol.

E continuou a esfregar energicamente a cabeça, enquanto ele fazia o mesmo.

Depois, ainda ofegantes de tanto esforço, embrulharam-se cada um no seu cobertor do exército e sentaram-se ao lume aquecendo os corpos pela frente e em silêncio por se acharem ainda com a respiração alterada. Connie não gostava do cobertor na pele, mas o lençol estava completamente molhado.

Ela deixou cair o cobertor e ajoelhou-se no chão, inclinando os cabelos para o fogo e abanando-os para secar. Ele contemplava a curva suave das suas ancas, que o fascinavam. Descia esplêndida até às nádegas fortes e torneadas, e entre as coxas, escondidas num misterioso calor, ficavam as entradas secretas!

Acariciou-lhe o fundo das costas, seguindo suavemente, subtilmente, as curvas das nádegas.

- Que bonito rabo tu tens - murmurou ele, no seu dialecto gutural e meigo. - É o mais belo que já vi, o mais belo de todas as mulheres. Tudo em ti é feminino, és uma mulher. Não és como aquelas mulheres que parecem rapazes. Tens um rabo bonito, macio, mesmo como um homem gosta. É um rabo que podia fazer parar o mundo.

E, enquanto falava, acariciava-lhe as nádegas delicadamente, até parecia uma chama escorregadia a passar para a sua mão. E com os dedos tocava as duas entradas secretas do corpo dela, continuamente, como se fossem uma escova pequena e macia.

- E se evacuas e urinas, tanto melhor. Não quero uma mulher que não evacue nem urine.

Connie mal conseguiu reter uma gargalhada de espanto, mas ele prosseguiu, impassível.

- És mesmo verdadeira, mesmo mulher. Até um pouco prostituta. E por aqui evacuas e por aqui urinas, e eu ponho a

mão nos dois sítios e gosto de ti por causa disso. Gosto de ti por causa disso. E tens um rabo de mulher. Orgulhoso e sem vergonha.

E mantinha a mão firmemente nos lugares secretos, numa espécie de saudação íntima.

- Gosto dele. Gosto dele! Se não tivesse mais do que dez minutos de vida, acariciava o teu rabo, conhecia-o, e acharia que tinha vivido uma só vida. Com ou sem sistema industrial, este é um dos grandes momentos da minha vida.

Ela virou-se, subiu para o colo dele, apertada contra ele.

- Beija-me! - murmurou ela. Compreendeu então que a ideia da separação estava latente nos seus espíritos, ficou triste.

Ela mantinha-se sentada nas coxas dele, a cabeça encostada ao peito e as pernas afastadas, cor de marfim cintilante com o fulgor do lume. Ele, de cabeça baixa, contemplava as curvas do corpo de Connie à luz do fogo, atentando no velo castanho e macio que se desenhava entre as coxas. Inclinou-se para trás e pegou no ramo de flores, que estava sobre a mesa, ainda molhado, que as gotas de chuva caíram sobre ela.

- As flores estão sempre na rua - disse ele. - Não têm casa.

- Nem sequer uma cabana! - murmurou ela. Suavemente, enleou-lhe alguns miosótis no pêlo castanho do monte-de-vénus.

- Ora ai tens os "não-me-esqueças"¹ no sítio próprio - disse ele.

- Não é lindo? - exclamou ela, baixando o olhar até às delicadas flores leitosas entretecidas nos pêlos castanhos.

- Lindo como a vida - respondeu ele. E meteu-lhe uma erva-traqueira cor-de-rosa por entre os pêlos.

- Aí tens! Esta sou eu, no sítio onde não me vais esquecer. É Moisés em investidas de touro.

- Não te importas que eu me vá embora, pois não? - perguntou ela, ansiosa, olhando-o.

Mas o rosto dele estava imperscrutável. Sob as sobrancelhas carregadas, continuava impassível.

- Faz o que quiseres. Respondeu em inglês correcto.

- Mas eu não vou se não quiseres - insistiu ela, unida a ele. Fez-se silêncio. Ele inclinou-se e pôs mais uma cavaca no fogo. A chama iluminou o seu rosto taciturno, absorto. Ela continuava à espera, mas ele não respondeu.

- Pensei que seria uma boa maneira de iniciar uma ruptura com Clifford. E eu quero um filho. Dar-me-ia a oportunidade de...

- Levar as pessoas a acreditar numa série de mentiras.

- Isso entre outras coisas. Queres que eles saibam a verdade?

- Não me importo com aquilo que possam pensar.

- Eu sim. Não quero que eles lidem comigo com aquelas mentalidades desagradáveis e frias, pelo menos enquanto eu estiver em Wragby. Quando eu me for embora podem pensar o que quiserem.

Ele ficou calado.

- Mas Sir Clifford espera que voltes para ele?

- Oh, tenho de voltar. Fez-se novamente silêncio.

- E vais ter a criança em Wragby? Ela pôs-lhe o braço em volta do pescoço.

- Se não me levares, terá de ser.

- Levar-te para onde?

- Para qualquer lado; sobretudo, para longe de Wragby.

¹ O mesmo que miosótis. (N. da T)

- Quando?
 - Quando eu voltar, é claro.
 - Mas para que é que voltas para partir de novo? Porque fazes a mesma coisa duas vezes?
 - Oh, tenho de voltar, e prometi sinceramente. E, de resto, volto para ti.
 - Para o coiteiro do teu marido?
 - Que é que isso tem?
 - Nada! Ele ficou pensativo, depois perguntou:
 - E quando é que pensas então partir definitivamente? Quando exactamente?
 - Oh, não sei. Quando voltar de Veneza. Nessa altura trataremos de tudo.
 - Trataremos como?
 - Eu digo a Clifford. Tenho de lhe dizer.
 - Dizes-lhe? Ele calou-se. Ela abraçou-o de novo.
- Não tornes as coisas mais difíceis para mim.
- Que coisas?
 - A minha partida para Veneza, e tudo o mais. Um sorriso um pouco irónico aflorou o rosto dele.
 - Eu não torno as coisas mais difíceis, só quero descobrir o que é que procuras. Não sabes o que queres, queres tempo, queres afastar-te e analisar tudo. Não te censuro. Acho que és prudente. Talvez prefiras continuar a ser a senhora de Wragby. Não te censuro. Não te posso oferecer outra Wragby, sabes muito bem o que tenho para te oferecer. Não, não, acho que tens razão. A sério! Não estou disposto a viver à tua custa. Esse ponto também é importante.
- Ela teve a sensação de que ele estava a pagar na mesma moeda.
- Mas queres-me, não é verdade? - perguntou.
 - Queres-me?
 - Sabes que sim. É evidente.
 - Muito bem. E quando me queres?
 - Sabes que só podemos tratar de tudo quando voltar. Neste momento estou sem fôlego aqui contigo. Só posso decidir quando estiver calma e lúcida.
 - Muito bem. Então acalma-te e dissipa as tuas dúvidas! Connie sentiu-se um pouco ofendida.
 - Mas confias em mim, não confias? - perguntou.
 - Inteiramente! Ela notou ironia no seu tom de voz.
 - Diz-me então - insistiu Connie, monotonamente achas que seria melhor se eu não fosse para Veneza?
 - Tenho a certeza que será melhor se fores para Veneza respondeu ele, com uma voz um pouco trocista.
 - Sabes que parto na próxima quinta-feira?
 - Sei! Ficou uns momentos pensativa e disse por fim:
 - Não achas que saberemos em que ponto estamos quando eu voltar?

- Com certeza! Tinha-se aberto um estranho abismo de silêncio entre os dois.

- Estive com o advogado por causa do divórcio - disse ele, um pouco constrangido.

Ela estremeceu.

- Estiveste? E que disse ele?

- Que eu o devia já ter feito. Agora pode ser mais difícil. Mas, uma vez que estive no exército, acha que correrá bem. A menos que ela me caia em cima.

- Ela tem de saber?

- Tem. Será notificada. E o homem que com ela vive também.

- É horrível, tanta formalidade! Suponho que tenho de passar por isso também com Clifford.

Ficaram calados.

- Evidentemente que - continuou ele - tenho de ter uma vida exemplar durante os próximos seis ou oito meses. E, como vais para Veneza, pelo menos por uma ou duas semanas não haverá perigo de tentações.

- Eu sou uma tentação para ti? - perguntou ela, acariciando-lhe o rosto.

- Estou tão contente por ser uma tentação para ti! Mas não vamos pensar nisso agora. Assustas-me quando comesças a pensar, cilindras-me. Teremos todo o tempo para pensar quando estivermos separados. Não é? E tenho estado a pensar que tenho de dormir outra noite contigo antes de partir. Tenho de voltar mais uma vez à tua casa. Está bem na quinta-feira?

- Mas a tua irmã não está cá?

- Está. Mas ela disse que partiríamos à hora do chá. Partimos portanto a essa hora, ela dorme em qualquer lado e eu contigo.

- Mas ela então tem de saber.

- Oh, eu conto-lhe. De resto já lhe disse mais ou menos. Conto tudo à Hilda, e ela pode ajudar-nos muito, é muito sensata.

Ele medita no plano.

- Então sais de Wragby à hora do chá como se fosses para Londres? Que caminho seguem?

- Nottingham e Grantham.

- E então a tua irmã deixava-te em qualquer lado e depois deslocavas-te sozinha até aqui? Parece-me muito arriscado.

- Achas que sim? Então a Hilda traz-me. Pode passar a noite em Mansfield, vem trazer-me e de manhã vem buscar-me. É muito fácil.

- E se alguém vê?

- Ponho óculos e véu. Ele ficou a pensar por uns momentos.

- Bem, faz como quiseres, como sempre.

- Mas não te agrada?

- Claro que me agrada - respondeu ele de modo severo. Mais vale malhar o ferro enquanto está quente.

- Sabes o que eu pensei? - disse ela subitamente. - Ocorreu-me de repente. Tu és o "Cavaleiro, de Pilão Ardente"!

- E tu és a "Dama do Almofariz Vermelho"?

- Sim! Tu és Sir Pilão e eu Lady Almofariz.

- Fui armado cavaleiro. John Thomas é Sir John para a sua Lady Jane.

- É isso, John Thomas foi armado cavaleiro. Também tens de ter flores.

E meteu-lhe duas flores de erva-traqueira por entre a mata de pêlo ruivo dourado que lhe encimava o pénis.

- Pronto! Encantador! Encantador! Sir John! - disse ela. Depois, plantou-lhe nos pêlos escuros do peito um raminho de miosótis.

- Também não me vais esquecer aí, pois não? Deu-lhe um beijo no peito e dispôs-lhe dois raminhos de miosótis em cada mamilo, e voltou a beijá-lo.

- Faz de mim um calendário! - disse Mellors. Riu-se e as flores caíram-lhe do peito.

- Espera aí - disse, levantando-se e indo abrir a porta da cabana. Flossie, que estava sentada no átrio, levantou-se e olhou para ele.

Tinha parado de chover. A noite aproximava-se e pairava uma calma, húmida, pesada e perfumada.

Saiu e dirigiu-se pelo carreiro na direcção oposta do caminho de cavaleiros. Connie via-lhe o vulto esbelto e branco, pareceu-lhe um fantasma, uma aparição que se afastava dela.

Quando já não o conseguia ver, sentiu-se triste. Ficou à porta da cabana, envolta no cobertor a olhar por entre aquele silêncio húmido e imóvel.

Mas ele voltou, a correr de um modo estranho, com um molho de flores. Estava um pouco receosa dele, como se ele não fosse totalmente humano. E, quando se aproximou, os seus olhos fitaram os dela, ela não compreendeu o significado desse olhar. Trazia columbinas, ervas-traqueiras, feno, folhas de carvalho e madressilvas num pequeno molho. Dispôs-lhe raminhos penugentos de carvalho novo à volta dos selos dela, depois salpicou-os de campainhas e de flores de erva-traqueira, pisou-lhe uma flor cor-de-rosa de erva-traqueira no umbigo e miosótis e aspéculas no velo do monte-de-vénus.

- És tu em toda a tua glória, Lady Jane, no dia do teu casamento com John Thomas.

Depois, prendeu flores no próprio corpo, enrolou um raminho de trepadeiras no pénis e introduziu uma corola de jacinto no umbigo. Ela contemplava, espantada e divertida, o fervor singular que ele punha em quanto realizava. Então, Connie meteu-lhe uma flor de erva-traqueira por entre o bigode, a qual lhe ficou suspensa por baixo do nariz.

- É o casamento de John Thomas e de Lady Jane - disse ele. - Não pensemos mais em Constance e Olivier. Talvez...

Fez um gesto com a mão e depois espirrou e caíram-lhe as flores do bigode e do umbigo. Voltou a espirrar.

- Talvez o quê? - perguntou ela, à espera que ele continuasse a frase.
Ele fitou-a, um pouco desorientado.

- O quê?

- Talvez o quê? Continua o que ias a dizer - insistiu ela.

- Que é que eu ia dizer? Tinha-se esquecido. Ela sentiu-se desapontada, ele nunca acabava o que começava a dizer.

Um raio de sol brilhou por sobre as árvores.

- Sol! É tempo de te ires embora. São horas, minha dama, são horas. Que é aquilo que voa sem asas, minha senhora? É o tempo! O tempo!

Ele apanhou a camisa.

- Diz boa noite a John Thomas - continuou, olhando para o pénis. - Sente-se seguro nos braços da trepadeira. Neste momento não é com certeza um pilão ardente.

Vestiu a camisa de flanela pela cabeça.

- O momento mais perigoso da vida de um homem é o de vestir a camisa. Fica com a cabeça num saco. É por isso que prefiro as camisas americanas, que se vestem como um casaco.

Ela continuava a olhá-lo. Ele vestiu as cuecas e abotoou-as.

Olha para Jane! Toda florida. No próximo ano quem é que a vai florir? Eu, ou outro? "Adeus, minha flor, adeus." Detesto esta canção, lembra-me a guerra.

Sentou-se para calçar as meias. Ela continuava imóvel. Ele pôs as mãos nas nádegas dela.

- Minha querida Lady Jane! Talvez em Veneza encontres um homem que porá jasmins no teu sexo e uma flor de romãzeira no teu umbigo. Pobre Lady Jane!

Não digas essas coisas, é só para me magoares. Ele baixou a cabeça e disse em dialecto:

- Talvez, talvez. Mas não digo mais nada, mais nada. Tens de te vestir e voltar à tua mansão imponente. A hora de Sir John e de Lady Jane acabou. Veste-te, Lady Chatterley! Vestida de flores podes ser quem quiseses. Depois dispo-te, meu tordo-bravo, novo e de cauda cortada.

E tirou-lhe as folhas do cabelo húmido e beijou-o, as flores dos seios e beijou-os, beijou-lhe o umbigo e o velo do monte-de-vénus, onde as deixou enroladas.

Essas ficam até quererem. Agora ficarás assim, Lady Jane, e tens de te vestir, senão Lady Chatterley chegará atrasada ao jantar.

Ela nunca sabia o que havia de responder quando ele falava dialecto. Vestiu-se e arranjou-se para regressar a Wragby, sentindo-se um pouco desprezível.

Ele iria acompanhá-la até à antiga pista para cavalos. Os faisões estavam debaixo do telheiro.

Quando lá chegaram, encontraram a senhora Bolton, que, pálida e ofegante se dirigia para eles.

Oh, minha senhora, estávamos tão preocupados com o que lhe pudesse ter acontecido!

- Não me aconteceu nada. A senhora Bolton examinou o rosto do homem, que tinha um aspecto doce e fresco de amor. Deparou com uns olhos trocistas e risonhos. Ele troçava sempre dos infortúnios. Mas olhava-a afavelmente.

- Boa noite, senhora Bolton. Lady Chatterley já não precisa de mim, deixo-a portanto. Boa noite a vossa senhoria! Boa noite, senhora Bolton!

Fez uma continência e afastou-se.

Capítulo XVI

Quando Connie chegou a casa foi submetida a um interrogatório. Clifford tinha saído à hora do chá e regressado antes da tempestade ter começado. E Lady Chatterley, onde estava? Ninguém sabia, apenas a senhora Bolton tinha sugerido que fora dar um passeio pelo bosque. Pelo bosque, com aquela tempestade! Pela primeira vez Clifford ficou num estado de nervos frenético. Estremecia a cada relâmpago e empalidecia a cada trovão. Olhava para a chuva torrencial, acompanhada de trovoada, uma chuva gelada como se fosse o fim do mundo. Ia ficando cada vez mais excitado.

A senhora Bolton tentava acalmá-lo.

- Deve-se ter abrigado na cabana, até que passe a tempestade. Não se preocupe. A senhora está bem.

- Não me agrada que ela esteja no bosque com uma tempestade destas. Aliás, não gosto que ela vá para o bosque. já foi há mais de duas horas. A que horas saiu?

- Um pouco antes de chegar, senhor Clifford.

- Não a vi no parque. Só Deus sabe onde é que ela está e o que lhe aconteceu.

- Oh, não lhe aconteceu nada. Verá que ela volta directamente para casa assim que a chuva pare. É a chuva que a retém.

Mas a senhora não voltou logo para casa quando parou de chover. Na verdade, o tempo passava, o Sol apareceu para projectar um brilho fugaz, derradeiro e não havia sinal dela. O Sol tinha-se posto e começava a escurecer e o primeiro toque para o jantar já tinha soado.

- Não pode ser! - dizia Clifford, enfurecido. - Vou mandar Fields e Betts à procura dela.

- Não faça isso! - exclamou a senhora Bolton. - Vão pensar em suicídio ou coisa parecida. Se faz isso, começa o falatório. Deixe-me ir à cabana à procura de Lady Chatterley para ver se ela não está lá. Eu encontro-a com certeza.

Depois de alguma insistência, Clifford deixou-a ir.

E encontraram-se na alameda, ela caminhava lentamente e ia parando várias vezes, estava pálida.

- Não se zangue por ter vindo à sua procura, minha senhora! Mas Sir Clifford está muito excitado. Convenceu-se que tinha sido apanhada por um raio ou ficado debaixo de uma árvore. Estava decidido a mandar o Fields e a Betts para o bosque à procura do seu cadáver. Pensei que seria melhor vir eu do que alertar os criados.

Ela falava com nervosismo. Podia ver ainda no rosto de Connie a doçura e o semiadormecimento da paixão e a irritação provocada pelo seu aparecimento.

- Está bem! - respondeu Connie. E não disse mais nada. As duas mulheres caminhavam penosamente por entre aquele mundo molhado, em silêncio, enquanto enormes gotas salpicavam como explosões no bosque. Quando chegaram ao parque, Connie começou a dar grandes passadas, ultrapassando-a, e a senhora Bolton arquejava. Estava a engordar.

- Que estupidez Clifford fazer tamanho espalhafato - disse finalmente Connie, iradamente, mais para si própria do que para a outra mulher.

- Oh, sabe como são os homens! Gostam de se preocupar. Mas quando a vir fica de novo calmo.

Connie estava irritada por a senhora Bolton conhecer o seu segredo: de certeza que estava a par de tudo.

Subitamente Connie parou no caminho.

- É absurdo mandarem-me seguir! - exclamou com os olhos a brilhar.

- Oh, minha senhora, não diga isso! Certamente teria mandado os dois homens e eles teriam ido direitos à cabana. Eu não sabia bem onde era.

Connie ficou vermelha de raiva com a insinuação. No entanto, quando estava dominada pela paixão, sentia-se incapaz de mentir. Não podia sequer fingir que não havia nada entre ela e o guarda. Olhou para a outra mulher, que, astutamente, mantinha a cabeça baixa. De certo modo, na sua feminidade, era uma aliada.

- Bem, se é assim, não faz mal.

- Vossa senhoria tem razão! Apenas estive abrigada na cabana, não tem importância nenhuma.

Seguiram para casa. Connie caminhou com firmeza ao quarto de Clifford, furiosa com aquele rosto pálido e exausto, de olhos salientes.

- Tenho a dizer-lhe que não precisa de mandar os criados atrás de mim - gritou ela.

- Por amor de Deus! - explodiu ele. - Onde é que esteve? Saiu daqui há horas e com uma tempestade destas! Por que diabo foi para esse maldito bosque? Que é que esteve a fazer? Há horas que a chuva parou, há horas! Sabe que horas são? É de pôr doida qualquer pessoa. Onde é que esteve? E que diabo esteve a fazer?

- E se não me apetecer dizer-lhe? Ela tirou o chapéu e sacudiu os cabelos. Ele fitava-a com os olhos fora das órbitas e as córneas a ficarem amarelas. Aquele tipo de irritação fazia-lhe mal- A senhora Bolton teve momentos difíceis com ele durante dias.

Connie sentiu um remorso súbito.

- Mas, realmente - disse, já mais calma -, quem o ouvisse julgaria que eu andei por aí. Abriguei-me na cabana durante a tempestade, fiz uma pequena fogueira e estive muito bem.

Falava com perfeito à vontade. Não valia a pena preocupá-lo mais. Ele olhava-a, desconfiado.

- Veja como tem o cabelo! Veja como está!

- Pois - respondeu Connie, calmamente. - Andei a correr nua, à chuva.

Ele olhou fixamente para ela sem fala.

- Deve estar doida!

- Porquê? Por tomar um banho de chuva?

- Como é que se enxugou?

- Com uma toalha velha e ao calor do fogo. Ele continuava a fitá-la, estupefacto.

- E suponha que alguém aparecia?

- Quem?

- Quem? Qualquer pessoa! E o Mellors? Ele não apareceu? Ele vai sempre lá à noite.

- Apareceu mais tarde, quando a tempestade amainou, para dar milho aos faisões.

Ela falava com uma espantosa indiferença. A senhor Bolton, à escuta, na sala ao lado, estava completamente admirada. A naturalidade com que uma mulher é capaz de mentir!

- Suponha que ele aparecia enquanto andava nua a correr à chuva como uma louca?

- Tenho a impressão de que seria o grande susto da vida dele e desapareceria o mais depressa que pudesse.

Clifford continuava a fitá-la, petrificado. Ele próprio não compreendia o que se passava no seu subconsciente. E como estava surpreendido, era incapaz de pensar. Limitou-se a aceitar o que ela dizia, como que num vazio. Admirava-a. Não podia deixar de a admirar. Ela estava tão corada, atraente e doce: tocada pelo amor.

- Pelo menos - disse ele, mais calmo - tem sorte se não apanhar uma constipação violenta.

- Oh, não me constipei - respondeu. Estava a pensar nas palavras do outro homem: "Tens o rabo mais bonito do mundo". Desejaria poder contar a Clifford que alguém lhe tinha dito isto durante a famosa tempestade. Contudo! Enfasiava-se como uma rainha ofendida. Subiu ao quarto para mudar de roupa.

Nessa noite, Clifford esforçou-se por ser simpático. Estava a ler um livro recentemente publicado sobre religião científica. Havia nele um vestígio de um tipo de religião simulado, preocupava-se egoisticamente com o futuro do seu próprio eu. Era como o hábito de conversar com Connie sobre alguns livros, tudo tinha de ser fabricado quase quimicamente. Tinham de misturar tudo na cabeça, quimicamente.

- A propósito, que é que pensa disto? - pegando no livro. Não teria de refrescar o seu corpo ardente correndo à chuva, se atrás de nós houvesse já mais uns tantos milênios de evolução. Ah, aqui está: "O universo revela-nos dois aspectos: por um lado desgasta-se fisicamente, por outro cresce espiritualmente".

Connie escutava à espera de algo mais. Mas Clifford queria uma resposta. Ela fitou-o, surpreendida.

- E se cresce espiritualmente, o que é que deixa cá em baixo, no sítio onde costumava estar?

- Tente compreender o que ele quer dizer. Crescer creio que será o contrário de desgastar-se.

- Uma deflagração espiritual, por assim dizer.

- Agora a sério.. Concorda? Ela olhou-o de novo.

- Um desgaste físico? Noto que está a ficar mais gordo e eu não me sinto a desgastar-me. Acha que o Sol é mais pequeno do que antes? Eu acho que não. E estou convencida que a maçã que Adão ofereceu a Eva seria muito maior do que uma raineta. Não acha?

- Bem, ouça a continuação: "Assim, o universo passa lentamente, com uma lentidão inconcebível para as nossas medidas de tempo, para as novas condições criadoras, nas quais o mundo físico, tal como o conhecemos hoje, não é mais do que uma onda ligeira muito próxima do nada".

Ela escutava, divertida. Ocorria-lhe toda uma série de coisas impróprias, mas limitou-se a dizer:

- Que mistificação tão absurda! Como se a conscienciazinha presumida desse homem pudesse saber o que se passa tão lentamente! O que quer dizer é que ele é um fracasso físico na Terra e por isso quer converter o universo inteiro num fracasso físico também. Que impertinência insignificante e pretenciosa!

- Oh, mas ouça! Não interrompa as palavras solenes deste grande homem!: "A ordenação do mundo de hoje remonta a um passado inimaginável e será sepultada num futuro também inimaginável. Restam-nos o reino inesgotável das formas abstractas e a força criadora flutuante e determinada pelas próprias criaturas e por Deus, de cuja sabedoria dependem todas as formas de ordenação". É assim que ele termina!

Connie ouvia desdenhosamente.

- Espiritualmente, ele não existe. Que série de parvoíces! Coisas imagináveis, tipos de ordenação em sepulturas, reinos de formas abstractas, forças criadoras flutuantes, e Deus misturado com tais ordenações. É estúpido!

- Reconheço que é um aglomerado um tanto vago, uma mistura de gases, por assim dizer. No entanto, acho que tem interesse a ideia de que o universo se está a gastar fisicamente e a crescer espiritualmente.

- Acha? Então deixe-o crescer, desde que eu possa continuar segura e firme cá em baixo.

- Gosta do seu físico? - perguntou ele.

- Adoro! E lembrou-se mais uma vez da frase: "É o mais bonito rabo de mulher do mundo".

- Mas isso é realmente extraordinário, porque não se pode negar que é um embaraço. Acho que, para a mulher, a vida do espírito não é um prazer supremo.

- Prazer supremo? - repetiu ela, olhando para ele. - O supremo prazer da vida do espírito é essa idiotisse? Não, obrigado. Eu quero o corpo. Acredito que a vida do corpo é uma realidade superior à vida do espírito, quando o corpo está realmente desperto para a vida. Mas a maioria das pessoas são como a sua famosa máquina, têm o espírito unido a um cadáver.

Ele ouvia-a, espantado.

- A vida do corpo é como a dos animais.

- E isso é melhor do que a vida de cadáveres profissionais. Mas não é verdade! Agora, o corpo humano está exactamente a despertar para a vida. Houve uma esperança com os gregos, e depois Platão e Aristóteles destruíram-na, e Jesus deu o golpe final. Mas hoje o corpo está realmente a despertar, a levantar-se do túmulo. E como será maravilhosa a vida nesse universo maravilhoso, a vida do corpo humano!

- Minha cara, fala como se a estivesse a anunciar! Na verdade vai partir de férias, mas peço-lhe um pouco mais de pudor. Acredite que, se Deus existe, está a eliminar as entranhas e o tubo digestivo do ser humano para que ele possa evoluir no sentido de um ser mais espiritual.

- Porque é que hei-de acreditar em si, Clifford, quando sinto que, se Deus existe, decidi finalmente despertar as minhas entranhas como lhes chama, e agita-se tão alegremente dentro delas como a aurora. Porque é que hei-de acreditar em si, se eu penso exactamente o contrário?

- Exactamente! E o que é que determinou essa extraordinária mudança? Começar a correr nua à chuva, comportar-se como uma bacante? Desejo de sensações? Ou a antecipação da sua ida para Veneza?

- Ambas as coisas. Acha que é horrível estar tão excitada com a ideia da partida?

- Acho horrível revelá-lo tão claramente.

- Então passo a disfarçar.

- Oh, não se incomode! Quase me transmitiu a sua excitação. Até me parece que sou eu quem vai partir.

- Então porque não vem também?

- Já discutimos esse ponto. E, na verdade, estou convencido de que a sua excitação vem do facto de poder dizer adeus por uns tempos a Wragby. Nada mais excitante, por agora, do que uma despedida a tudo isto! Mas cada partida significa um encontro em qualquer parte. Cada encontro um cativo.

- Não vou estabelecer laços novos.

- Não se vanglorie, enquanto os deuses estão à escuta. Connie redarguiu:

- Não! Não me vanglorio! Mas, apesar de tudo, estava realmente entusiasmada por partir: para sentir alguns laços a quebrar-se. Não o podia evitar.

Clifford, que não conseguia dormir, ficou toda a noite a jogar com a senhora Bolton, até ela cair de sono.

No dia seguinte chegava Hilda. Connie tinha combinado com Mellors; que, se tudo corresse bem, passaria a noite com ele e poria um xaile verde na janela. Se tudo se malograsse, poria um vermelho.

A senhora Bolton ajudou Connie a fazer as malas.

- Vai-lhe fazer muito bem esta mudança, minha senhora.

- Estou convencida que sim. Não se importa de ficar sozinha a cuidar de Sir Clifford durante este tempo, pois não?

- Não, de maneira nenhuma. Entendo-me bem com ele, isto é, posso fazer tudo o que ele precisa. Não acha que tem melhor aspecto do que antigamente?

- Oh, muito mais! Consegue maravilhas.

- Acha? Mas todos os homens são iguais: umas crianças que precisam de ser aduladas, acariciadas, precisam de pensar que fazem o que querem. Não acha?

- Receio não ter muita experiência. Connie interrompeu o que estava a fazer.

- E o seu marido? Também tinha de o estimular e animar como se fosse uma criança? - perguntou, fitando a outra mulher.

A senhora Bolton parou também.

- Bem, tinha de o adular um pouco. Mas ele percebia muito bem que tinha de ceder, e, geralmente, cedia.

- Não era mandão e autoritário?

- Não. Por vezes tinha uma expressão autoritária e eu percebia que tinha de ceder. Mas, geralmente, quem cedia era ele. Não, nunca foi autoritário nem mandão, mas eu também não era. Sabia muito bem quando não devia insistir com ele, e cedia. Embora por vezes me custasse.

- E se tinha de discutir com ele?

- Não sei, nunca discuti. Mesmo quando ele não tinha razão, se o via convencido, cedia. Sabe, eu não queria destruir o que existia entre nós. E se uma mulher se opõe à vontade de um homem, não se entendem. Quando se gosta de um homem é necessário ceder, se ele está realmente determinado, tenha ou não razão. Senão quebra-se qualquer coisa. Mas devo confessar que o Ted cedia muitas vezes, quando me via determinada, mesmo que eu não tivesse razão. É o mesmo de parte a parte.

- E com os seus doentes também reage assim?

- Oh, isso é diferente. Também não lhes ligo muito. Sei o que é bom para eles, ou pelo menos tento saber, e obrigo-os a fazer o que devem, para seu próprio bem. Quando se gosta de uma pessoa é completamente diferente. Se se gostou de um homem uma vez na vida, pode-se gostar de qualquer homem, pelo menos que precise de nós. Mas não é a mesma coisa. No fundo não se lhe liga. Mas se se gostou realmente uma vez, depois nunca volta a ser igual.

Aquelas palavras assustaram Connie.

- Acha que só se gosta uma vez na vida?

- Ou nunca. Há mulheres que nunca chegam sequer a gostar, não compreendo muito bem. E com os homens é a mesma coisa. Mas quando vejo que uma mulher está apaixonada, o meu coração enche-se de ternura por ela.

- E acha que os homens se ofendem facilmente?

- Sim! Se os ferem no seu orgulho. Mas as mulheres também. A única diferença é que o orgulho não é igual.

Connie ficou pensativa. Perguntava a si própria mais uma vez se faria bem em partir. No fundo era um afastamento temporário e ele sabia-o. Mas essa era a razão por que ele estava tão estranho e sarcástico.

Mas a vida das pessoas é, em grande parte, controlada pela máquina das circunstâncias exteriores. Ela estava sob o poder da máquina e não podia libertar-se em cinco minutos. Nem tão-pouco o desejava.

Hilda chegou a horas na quinta-feira de manhã, num carro de dois lugares, com uma mala bem presa com uma correia atrás. Esta apareceu tão grave e reservada como sempre, mas com uma vontade própria muito firme. Tinha uma vontade forte, tremenda, quando o marido a conheceu. Mas divorciara-se. No entanto, ela tinha-lhe facilitado o divórcio, embora não tivesse um amante. De momento, estava farta dos homens e sentia-se muito satisfeita por ser senhora de si mesma e dos seus dois filhos, que iria educar "correctamente" qualquer que seja o significado da palavra.

Connie também só podia levar uma mala, mas tinha mandado outra para o pai, que seguia de comboio para Veneza. Não valia a pena levar o carro para Veneza, porque a Itália no mês de julho é muito quente para se viajar de automóvel. Iria de comboio, confortavelmente, e já tinha saído da Escócia.

Assim, Hilda, como um marechal de campo, reservado, simples e inocente, tinha-se encarregado da organização da viagem. Ela e Connie sentaram-se a conversar, na sala do andar superior.

- Mas, Hilda - dizia Connie, um pouco receosa - 1 quero passar a noite aqui. Aqui não, perto daqui!

Hilda fitou a irmã com os seus olhos cinzentos imperscrutáveis. Parecia tão calma, mas tantas vezes impetuosa.

- Onde, aqui perto? - perguntou Hilda, docemente.

- Sabes que há um homem por quem me apaixonei, não sabes?

- Já estava desconfiada disso.

- Ele vive aqui perto, e quero passar a última noite com ele. Tem de ser. Prometi-lhe.

Connie tornara-se insistente. Hilda inclinou a sua cabeça de Minerva, em silêncio. Depois olhou para Connie.

Não me queres dizer quem é? É o nosso couteiro - murmurou e corou como uma criança envergonhada.

- Connie! - exclamou Hilda, franzindo levemente o nariz, como que enojada. Era um movimento que herdara da mãe.

- Eu sei, mas ele é encantador, sabe o que é ternura - disse Connie, como que a desculpá-lo.

Hilda, como uma Arena rosada e fresca, baixou a cabeça e ficou a pensar. Estava furiosa, mas não se atrevia a manifestar a sua fúria, porque Connie, como o seu pai, reagiria súbita e violentamente e ficaria intratável.

Na verdade, Hilda não gostava de Clifford, da sua arrogância calma e de convencimento. Achava que ele se servia vergonhosa e impudentemente de Connie e tinha esperança de que um dia a irmã o abandonaria. Mas pertencendo à sólida classe média da Escócia, detestava que alguém se "rebaixasse" ou rebaixasse a família. Por fim levantou a cabeça.

- Um dia arrependes-te.

- Não me parece - respondeu Connie, corando de novo.

Ele é uma excepção e gosto realmente dele. Como amante, é adorável!

Hilda continuava pensativa.

- Vais esquecê-lo muito em breve e depois terás vergonha de ti própria por causa dele.

- Não creio. Acho que vou ter um filho dele.

- Connie! - exclamou Hilda, dura como uma pancada de martelo, pálida de raiva.

- E tê-lo-ei, se puder. Seria um orgulho enorme ter um filho dele.

Não valia de nada falar com ela. Hilda meditava.

E Clifford não desconfia?

- Não! Porque havia de suspeitar?

- Tenho a certeza de que lhe deste muitas ocasiões para suspeitar.

- De maneira nenhuma.

- E a história desta noite parece-me uma loucura injustificada. Onde vive o homem?

- Na casa de campo do outro lado do bosque.

- É solteiro?

- Não! A mulher deixou-o.

- Que idade tem?

- Não sei. É mais velho do que eu.

A fúria de Hilda aumentava a cada resposta, uma fúria como a que a mãe costumava ter, uma espécie de ataque. Mas continuava a não a manifestar.

- Se fosse a ti desistia da aventura desta noite - aconselhou ela, calmamente.

- Não posso! Tenho de ficar com ele esta noite. Ou então não irei para Veneza. É-me impossível.

Hilda reconhecia o pai naquelas palavras e aceitou, por mera diplomacia. Acedeu a levar Connie a Mansfield, onde jantariam e onde ela própria passaria a noite. Depois do jantar, levaria Connie, ao escurecer, até ao fim da vereda, e no dia seguinte, de manhã, iria buscar a irmã ao mesmo sítio. Mansfield ficava a uma meia hora de Wragby, indo a uma velocidade razoável. Sentia-se furiosa com a irmã por esta alteração dos planos.

Assim Connie pôs à janela do quarto um xaile verde. No auge do seu furor, sentiu simpatia por Clifford. Ele tinha pelo menos cabeça, e, se não tinha sexo, funcionalmente, tanto melhor; era menos um ponto de discussão. Hilda repudiava o amor físico, que converte os homens em pequenos monstros nojentos e egoístas. Connie tinha uma vida melhor do que a maior parte das mulheres. Se ela compreendesse isso.

E Clifford decidiu que Hilda, afinal de contas, era inteligente e que seria a companheira ideal de um homem que quisesse por exemplo singrar na política. Sim, ela não fazia as tolices de Connie, que era mais infantil, e tinha de a desculpar, porque não se podia confiar nela.

Antecipando a hora própria, beberam uma chávena de chá no vestíbulo, cujas portas abertas de par em par deixavam entrar o sol. Todos pareciam estar um pouco ansiosos.

- Adeus, rapariga! Que voltes sem novidade!
- Adeus, Clifford! Não vou ficar por fora muito tempo.
- Adeus, Hilda! Olha por ela, sim?
- Fique descansado. Ela não se vai perder.
- Olhe que prometeu! - tornou Clifford.
- Adeus, senhora Bolton! Sei que Sir Clifford fica em boas mãos.
- Farei o que puder, minha senhora.
- E escreva-me se houver novidades e mande-me dizer como Sir Clifford tem passado.

- Escrevo, com certeza, minha senhora. Divirta-se e volte para nos alegrar.

Toda a gente acenava com as mãos. O carro arrancou. Connie olhou para trás e viu Clifford sentado na cadeira de rodas no alto das escadas. Afinal era o seu marido e Wragby o seu lar. As circunstâncias assim o tinham determinado.

A senhora Chambers segurava o portão e desejou boas férias a Connie. O carro saiu do bosquezinho sombrio que escondia o parque e meteu pela estrada nacional por onde seguiam os mineiros de regresso a casa. Hilda cortou para a Crosshill Road, que não era uma das principais que passava por Mansfield. Connie pôs óculos escuros. Seguiam ao lado da linha do caminho-de-ferro, que ficava enterrada abaixo da estrada, depois atravessaram a ponte.

- Esta é a vereda para a casa de campo - disse Connie. Hilda olhou a vereda com impaciência.

- É uma pena que não possamos seguir já directamente. Cerca das nove horas podíamos estar em Pall Mall.

- Lamento por ti - respondeu Connie, protegida pelos óculos.

Chegaram a Mansfield, que outrora fora romântica e agora não passava de uma cidade mineira sem alma. Hilda parou no hotel assinalado no roteiro do carro e marcou um quarto. Tudo aquilo era completamente desinteressante

e ela estava demasiado irritada para falar. No entanto, Connie tinha de lhe contar qualquer coisa sobre o homem.

- Ele! Ele! Como é que o tratas? Porque dizes sempre ele?

- Nunca o chamo por nome nenhum, nem ele a mim, o que é estranho quando se pensa nisso. Ou então dizemos Lady Jane e John Thomas. Mas o nome dele é Oliver Mellors.

- E preferes ser a senhora Oliver Mellors em vez de Lady Chatterley?

- Eu adorava. Não havia nada a fazer com Connie. De qualquer forma, se o homem tinha sido tenente do exército na Índia durante quatro ou cinco anos, talvez fosse mais ou menos apresentável. Parecia um homem de carácter. Hilda começava a ficar mais tranquila.

- Dentro em breve acabarás tudo com ele e depois vais sentir vergonha de tal ligação. Não podemos misturarmo-nos com as classes trabalhadoras.

- Mas tu és tão socialista! - respondeu Connie. - Estás sempre do lado do povo.

- Posso estar numa crise política, e por isso mesmo sei como é impossível misturarmos as nossas vidas. Não é *snobismo*, é todo um ritmo de vida diferente.

Hilda tinha vivido no meio de intelectuais realmente politizados, era extremamente difícil responder-lhe.

Aquele inacreditável fim de tarde no hotel chegou ao fim e começaram um jantar igualmente inacreditável. Depois Connie meteu algumas coisas num pequeno saco de seda e penteou-se.

Afinal, Hilda, o amor pode ser maravilhoso. Enquanto se sente, vive-se, a pessoa sente-se no meio da criação.

- Tenho a impressão de que os mosquitos sentem o mesmo.

- Achas que sim? Que bom para eles. A tarde mostrava-se maravilhosamente clara e luminosa na pequena cidade, prometendo longa duração e uma noite quase transparente. Hilda tinha o rosto impassível de ressentimento. Pôs o carro em marcha, as duas irmãs voltaram para trás, por outra estrada que passava por Bolsover.

Connie tinha posto os óculos e um chapéu, como disfarce, em silêncio. A oposição de Hilda tinha contribuído para a pôr decisivamente do lado do homem, correria todos os riscos para estar do seu lado.

Ao atravessar Crosshill, Hilda já levava os faróis acesos. E o pequeno comboio iluminado que iam ao longe dava-lhes a impressão de noite escura. Hilda havia fixado a ponte e calculara por onde devia seguir. Afrouxou de repente e saiu da estrada. Os faróis iluminaram a vereda coberta de erva. Connie distinguiu um vulto na semiobscuridade e abriu a porta do carro.

- Chegámos! - disse ela, brandamente. Mas Hilda tinha apagado os faróis e estava concentrada na manobra, recuou e inverteu a marcha.

- Há alguma coisa na ponte? - perguntou, rispidamente.

- Não, pode ir - respondeu o homem. Fez marcha atrás até à ponte, avançou de novo uns metros na estrada, depois voltou a recuar enfiando pela

vereda, e parou debaixo de um ulmeiro, esmagando a erva e os fetos. As luzes apagaram-se e Connie desceu. O homem continuava de pé debaixo das árvores.

- Esperaste muito tempo? - perguntou Connie.

- Nem por isso! - respondeu ele. Ambos aguardavam que Hilda descesse do carro. Mas ela manteve-se no seu lugar e fechou a porta.

- Esta é a minha irmã Hilda. Não queres falar-lhe? Hilda, este é o Mellors.

O guarda tirou o chapéu, mas não se aproximou.

- Vens connosco até à cabana? - pediu Connie. - Não é longe.

- Há muita gente que assim faz. Tu tens a chave. Hilda ficou calada, deliberando, depois voltou-se e olhou para a vereda. _ Poderei fazer marcha atrás em volta daquele arbusto? perguntou Hilda.

- Pode, sim - respondeu o guarda. Recuou lentamente na curva; escondido da estrada, fechou-o à chave e saiu. A noite estava clara. As sebes erguiam-se altas e

selvagens, junto à vereda abandonada, pareciam muito escuras.

Pairava no ar um perfume fresco e doce. O guarda seguia à frente, indo atrás Connie e Hilda, caminhavam em silêncio. Mellors servia-se de uma lâmpada de bolso para iluminar os pontos difíceis do caminho, avançavam, enquanto um mocho piava suavemente por sobre os carvalhos, e Flossie andava de um lado para o outro, calmamente. Ninguém conseguia falar, não havia nada para dizer.

Por fim, Connie avistou a luz amarela da casa e o seu coração bateu com força. Continuaram em fila indiana.

Ele abriu a porta e entrou antes delas, no pequeno compartimento, quente e vazio. O lume na grade ardia baixo e vermelho. A mesa estava posta com dois pratos e dois copos, e desta vez, com uma toalha branca. Hilda sacudiu o cabelo, examinando a sala vazia e sombria. Depois encheu-se de coragem e fitou o homem.

Era de estatura mediana, magro e com bom aspecto. Ele mantinha uma certa distância e parecia pouco disposto a falar.

- Senta-te, Hilda - disse Connie.

- Por favor - acrescentou ele. - Posso preparar chá ou qualquer outra coisa, ou prefere beber um copo de cerveja? Está fresca.

- Cerveja! - disse Connie.

- Cerveja para mim, por favor - disse Hilda com uma timidez trocista.

Ele olhou para ela e pestanejou, pegou num caneco azul e foi à copa. Quando voltou com a cerveja, a sua expressão era outra.

Connie sentou-se perto da porta e Hilda na cadeira de Mellors, encostada à parede, ao canto da janela.

- Essa é a cadeira dele - disse Connie, brandamente. Hilda levantou-se como se a cadeira a queimasse.

Fique sentada, fique. Sente-se onde quiser. Aqui ninguém é o primeiro - disse Mellors, em dialecto, com uma total serenidade.

Trouxe um copo a Hilda e serviu-a primeiro com a cerveja do caneco azul.

- Cigarros não tenho. Mas espero que tenha. Eu não fumo. Quer comer alguma coisa?

Voltou-se para Connie.

- Queres comer alguma coisa? Eu trago-te. Geralmente, apetece-te qualquer coisa.

Continuava a falar em dialecto, com uma segurança estranha e calma, como se fosse o dono da casa.

- Que há? - perguntou Connie, corando.

- Presunto cozido, queijo, nozes em vinagre, se quiseres. Não há muita coisa.

- Está bem - respondeu Connie. - Hilda, não queres? Hilda fitou-o.

- Porque é que fala dialecto de Yorkshire? - perguntou, suavemente.

- Não é de Yorkshire, é de Derby. Ele olhou para trás, fitando-a, com um sorriso vago, distante.

- Derby, como queira. Mas porque fala dialecto? Ao princípio falou em inglês correcto.

- Sim? - Mellors continuava em dialecto. - Deixe-me mudar, porque me diverte. Não, não, deixe-me falar o dialecto de Derby, porque me dá mais jeito. Não tem nada contra o dialecto. Espero.

- Soa um pouco artificial.

- Acha? Em Tevershall é o inglês correcto que soa artificial. Voltou a fitá-la. Olhava-a de frente, mantendo uma distância calculada, como se lhe estivesse a dizer: "Afinal quem é você?".

Foi à dispensa buscar comida. As duas irmãs estavam sentadas, em silêncio. Ele trouxe outro prato, uma faca e um garfo. Depois disse: - Se não se importa, tiro o casaco, como faço sempre.

Despiu o casaco e pendurou-o num cabide de madeira, sentou-se à mesa em mangas de camisa. Uma camisa de flanela fina e cor de creme.

- Sirvam-se, sirvam-se. Não esperem que eu teime com vocês. Cortou o pão, depois sentou-se e sem se mexer. Hilda sentiu, como sempre acontecia com Connie, a força do seu silêncio e da sua distância. Observou a sua mão um pouco pequena, sensível, abandonada sobre a mesa. Ele não era um simples trabalhador, de modo nenhum. Ele estava a representar, a representar.

- Ainda - começou Hilda -, seria mais natural que falasse connosco em inglês normal, em vez de dialecto. - E dizendo isto tirou um pedaço de queijo.

Ele olhou para ela, sentindo aquela vontade diabólica que caracterizava Hilda.

- Acha que sim? - perguntou, em inglês normal. - Acha? Acha que quaisquer palavras trocadas entre nós podem ser naturais, excepto se me disser que gostaria que eu fosse para o diabo para a sua irmã não me ver mais? E se eu lhe responder no mesmo

tom, claro. Acha que qualquer outra coisa podia alguma vez ser natural?

- Claro que sim. São sempre naturais as boas maneiras.

- Que é como quem diz a segunda natureza - disse ele, depois começou a rir. - Não. Estou farto de boas maneiras. Deixe-me ser como sou - acrescentou em dialecto.

Hilda estava sinceramente desconcertada e irritada. Pelo menos, podia mostrar que tinha percebido a honra que lhe estava a

ser concedida. Em vez disso, desempenhava um papel, dava-se ares, como se parecesse crer que ele é que estava a dar aquela honra. Que insolência! Pobre Connie, desencaminhada, sob o domínio daquele homem!

Os três comiam em silêncio. Hilda observava para descobrir qual era o seu comportamento à mesa. Ela não pôde deixar de reconhecer que ele era intuitivamente muito mais delicado e fino do que ela. Ela tinha uma certa falta de jeito escocesa. E, além disso, ele tinha toda a segurança tranquila, reservada, característica dos ingleses, sem se descontrolar. Deveria ser difícil vencê-lo.

Mas ela também não se deixaria vencer.

- E acha, realmente - perguntou Hilda, num tom mais humano -, que vale a pena o risco?

- Qual risco?

- Esta leviandade com a minha irmã. Ele pestanejou, com uma ironia irritante, e respondeu em dialecto cerrado.

- Isso é melhor perguntar-lhe. Depois olhou para Connie.

- Es tu que queres, não é? Eu não te obrigo a nada. Connie fitou Hilda.

- Preferia que não argumentasses com sofismas, Hilda.

- Naturalmente que não era isso que eu queria. Mas alguém tem de pensar naquilo que mais convém. A vida tem de ter como que uma continuidade. Não pode ser somente um sarilho.

Fez-se silêncio por um momento.

- Continuidade? - começou Mellors, em dialecto. - Que é que quer dizer com isso? Acaso na sua vida há continuidade? Julgo que se está a divorciar. Que continuidade é essa? A continuidade da sua teimosia, não vejo outra. E de que é que lhe vale? Está cansada em pouco tempo dessa continuidade. Uma mulher teimosa, com uma vontade de ferro. É uma bela continuidade! Graças a Deus que não tenho nada a ver com a sua vida.

- Não tem o direito de me falar assim - respondeu Hilda.

- Direito? E que direito tem de incomodar os outros com a sua continuidade? Deixe a continuidade ao cuidado de cada um.

- Meu caro senhor, julga que é em si que eu penso? - perguntou Hilda, suavemente.

- Julgo. Tem de pensar. É quase minha cunhada.
- Muito longe disso, garanto-lhe.
- Está mais perto do que julga, garanto-lhe. Tenho a minha continuidade própria, que é tão boa ou melhor do que a sua. E a sua irmã vem para aqui para junto de mim porque quer um pouco de amor e de ternura, sabe muito bem o que faz. já dormiu na minha cama, e, graças a Deus, nunca dormi consigo e com a sua continuidade.

Reinava um silêncio absoluto. E Mellors continuou:

- Não sou vira-casacas. Se me acontece ter subitamente uma sorte inesperada, agradeço às estrelas. E com sua irmã acontecem muitas coisas boas, muitas mais do que alguma vez poderiam acontecer consigo. O que é uma pena, porque podia ser boa maçã em vez de um bonito caranguejo. As mulheres como você precisam de uma enxertia completa.

Ele olhava-a com um estranho sorriso, levemente sensual e apreciativo.

- E os homens como você - respondeu Hilda - deviam ser segregados pela sua vulgaridade e concupiscência egoísta.

- Sim, minha senhora. É uma pena existirem alguns homens como eu. Tem o que merece: ser cruelmente abandonada.

Hilda tinha-se levantado e ido para junto da porta. Ele levantou-se e tirou o casaco do cabide.

- Sei o caminho sozinha.

- Duvido que saiba - respondeu Mellors, com à-vontade. Tornaram a seguir em ridícula fila indiana e em silêncio pela vereda. Ainda piava um mocho. Ele sabia que devia matá-lo.

O carro continuava no mesmo sítio, coberto de orvalho. Hilda entrou e pôs o motor a trabalhar. Os outros dois ficaram à espera.

- O que eu quero dizer - disse ela, de dentro do carro - é que duvido que tirem vantagem de tudo isto, qualquer dos dois.

- O que é bom para uns é mau para outros - respondeu ela, da escuridão. - Para mim é como comida e bebida.

Hilda acendeu as luzes do carro.

- Não me faças esperar de manhã, Connie.

- Prometo. Boa noite!

O carro avançou lentamente até à estrada nacional e desapareceu rapidamente, restituindo o silêncio à noite.

Connie, timidamente, deu o braço a Mellors e desceram a vereda. Ele não falava. Por fim ela fê-lo parar.

- Dá-me um beijo! - murmurou ela.

- Não, espera um bocadinho! Deixa-me acalmar. Ela riu-se. Continuaram a descer a vereda, de braço dado e em silêncio. Sentia-se tão feliz por estar com ele naquele momento.

Estremeceu ao pensar que Hilda a podia ter roubado, a ele. Ele estava muito taciturno.

Chegados a casa, ela quase deu saltos de alegria, por se sentir livre da irmã.

- Mas foste maldoso com Hilda.

- Ela merecia uma bofetada.

- Porquê? É tão simpática... Ele não respondeu. Dava as últimas voltas da noite, os seus movimentos eram seguros e tranquilos. Aparentemente, estava irritado, mas não com ela. Ela sabia-o. E a sua irritação tornava-o particularmente atraente, transmitia-lhe uma profundidade e um brilho que a excitavam e lhe enfraqueciam os membros.

Continuava a ignorar a presença dela. Finalmente, sentou-se e começou a descalçar as botas. Depois olhou-a com as sobrancelhas ainda arqueadas pela irritação.

- Não queres ir subindo? Há uma vela. E, com um gesto de cabeça, brusco, apontou a vela que ardia sobre a mesa. Connie, obedientemente, pegou nela. Ele ficou a observar as suas ancas, enquanto ela subia os primeiros degraus.

Foi uma noite de paixão sensual que a assustou e a tornou quase relutante. Mas depois sentiu-se transportada por novas ondas de sensualidade, diferentes, mais agudas e mais terríveis do que os estremecimentos de ternura, mas, naquele momento, mais apetecíveis. Embora um pouco receosa, deixou-o proceder como ele queria e uma sensualidade desenfreada e sem vergonha abalou-a até ao mais profundo do seu ser, despojou-a de tudo, transformou-a noutra mulher. Não se tratava de amor no sentido emocional, nem de voluptuosidade, era sensualidade violenta como um fogo que lhe queimava e quase consumia a alma.

Esse fogo destruía as vergonhas mais profundas e mais enraizadas nos lugares mais secretos. Para Connie não foi fácil permitir que o amante a possuísse como ele queria. Tinha de ser passiva, complacente como uma escrava, uma escrava física. Mas a paixão envolvia-a, consumia-a, e quando essa chama sensual lhe passou pelas entranhas e pelo peito, sentiu que ia morrer: uma morte violenta e maravilhosa.

Sempre perguntara a si mesma o que Abelardo quererá dizer quando afirmara que, durante o seu ano de amor, ele e Heloísa haviam passado por todas as fases e os requintes da paixão. A mesma coisa tantos milénios antes! Dez mil anos antes, exemplificado nos vasos gregos. Os requintes da paixão, as extravagâncias da sensualidade. E sempre tinham sido necessários para destruir falsas vergonhas e transformar o corpo-matéria em pureza. Através do fogo da sensualidade pura.

Aprendeu tanto nessa curta noite de Verão! Antes pensava que qualquer mulher morreria de vergonha. Mas foi a vergonha que morreu. Vergonha que é medo: essa vergonha orgânica, profunda, esse antiquíssimo medo físico gerado nas raízes do corpo e que só o fogo sensual pode destruir. Tudo isso tinha sido despertado e destruído pela batida fálica do homem, e Connie sentira-se no coração da selva de si própria. Sentia que estava a aproximar-

se do verdadeiro fundo da sua natureza, e que, essencialmente, tinha perdido a vergonha. Era, ela própria, o eu sensual e sem vergonha. Instalou-se nela uma sensação de triunfo, quase mesmo de vanglória. Era assim! A vida era isto! Então era assim que uma pessoa era! já nada mais havia a ocultar, nem mais vergonha. Partilhava a sua nudez suprema com um homem, com outro ser.

Mas que ser diabólico e ousado era aquele homem! Realmente diabólico! Uma pessoa tinha de ser forte para o aguentar! Mas era difícil atingir o coração da selva física, os últimos e mais recônditos lugares da vergonha orgânica, sem um homem assim. Só o falo o podia explorar. E como a tinha explorado!

E como ela tinha odiado isso, por medo! Mas quanto realmente o desejara! Naquele momento sabia-o. No fundo da sua alma, muito profundamente, ela precisava daquela batida fálica, secretamente desejara-a, e estava convencida que nunca viria a conhecê-la. Subitamente, isso tinha acontecido, um homem partilhava a sua nudez, e Connie não sentia qualquer vergonha.

Como os poetas e todas as outras pessoas mentiam! Convencem-nos de que realmente o que se deseja é um sentimento, quando, afinal, a grande necessidade é uma sensualidade violenta, tremenda, terrível. Encontrar um homem que se atreva a isso, a actuar sem sentir vergonha ou se considerar em pecado ou abatido pelo remorso. Se ele tivesse sentido vergonha e a tivesse levado a sentir vergonha também, então tudo seria um horror. Que pena a maior parte dos homens serem tão susceptíveis, um pouco infames, como Clifford, até como Michaelis! Ambos sensuais e humilhantes. O supremo prazer do espírito! Que é que isso significa para uma mulher? O que é que isso significa para um homem? Até o espírito se torna confuso e envergonhado! O espírito necessita da sensualidade para se modificar e evoluir. Sensualidade ardente, pura, em vez de turbilhões de ideias.

"Deus! Como o homem é um ser raro!" São todos cães que andam, rosnam e copulam! Como encontrar um homem sem medo e sem vergonha?

Olhava para Mellors, a dormir; parecia um animal selvagem adormecido, distante, distante e infinitamente perdido no seu sono. Ela encostou-se muito a ele, para o sentir mais perto.

Finalmente, ele acordou e despertou-a. Viu-o sentado na cama a olhar para ela. Notou a sua própria nudez nos olhos dele, tomada de consciência imediata de si própria. Dos olhos de Mellors parecia desprender-se um fluido de virilidade que se comunicava aos dela e a envolvia voluptuosamente. Oh, que voluptuosidade ter os membros e o corpo todo semimergulhado no sono, pesado e saturado de paixão.

- São horas? - perguntou Connie.

- Seis e meia. Tinha de estar no fim da alameda às oito. Sempre as compulsões do exterior.

- Posso tratar do pequeno-almoço e trazer-to aqui. Está bem?

- Sim. Flossie, no andar de baixo, gania. Ele levantou-se, tirou o pijama e esfregou-se numa toalha.

"Quando um ser humano sente coragem e vida dentro de si, como é belo!", pensava Corime.

- Importas-te de abrir a cortina?

O sol já iluminava as folhas verdes e macias da manhã, o bosque estava azulado. Ela sentou-se na cama, olhando a paisagem através da janela do sótão, apertando com as mãos os seios nus. Ele vestia-se. Ela sonhava com uma vida com ele: uma vida.

Ele ia andando, fugindo da nudez dela, perigosa e inclinada.

- Tenho a impressão de que a minha camisa de noite desapareceu.

Ele meteu a mão entre a roupa da cama e tirou um pedaço da frágil camisa de noite, de seda.

- Cá me queria parecer que sentia debaixo dos tornozelos qualquer coisa como seda.

A camisa de seda estava dividida em duas.

- Não tem importância. É aqui o lugar dela, vou deixá-la.

- Deixa-a. De noite posso pô-la entre as pernas, faz-me companhia. Não tem nome nem marca, pois não?

Connie enfiou-se na camisa rasgada enquanto se ia sentando, olhando pela janela, sonhadora. A janela estava aberta e deixava entrar o ar e o canto dos pássaros. As aves voavam sem cessar junto à casa. Depois viu Flossie a vaguear lá fora.

Ouviu-o no andar de baixo acender o lume, tirar água à bomba, sair pela porta das traseiras. A pouco e pouco começou-lhe a cheirar a presunto, e, por fim, apareceu com um enorme tabuleiro preto, que mal cabia na porta. Pousou o tabuleiro sobre a cama e serviu-lhe o chá. Connie pôs-se de cócoras, embrulhada na camisa de noite rasgada e começou a comer com voracidade. Ele sentou-se na cadeira, com o tabuleiro nos joelhos.

- Que bom! Que bom tomarmos o pequeno-almoço juntos! - exclamou ela.

Ele ia comendo em silêncio. Estava atento às horas e ela pressentiu isso mesmo.

- Gostava tanto de ficar contigo, e que Wragby estivesse muito longe. É de Wragby que eu fujo. Sabes isso, não sabes?

- Sei.

- E prometes-me que vamos viver juntos, que vamos viver os dois, tu e eu. Prometes?

- Sim, quando pudermos.

- E vamos poder, e depressa, não vamos? inclinou-se para ele, entornou o chá, ao agarrar-lhe o pulso.

- Sim - respondeu ele, enquanto limpava o chá.

- Agora é impossível separarmo-nos, não é? - perguntou ela, suplicante.

Ele olhou-a com uma vaga ironia.

- É. Mas tu tens de partir dentro de vinte e cinco minutos. - já? - exclamou ela. Subitamente, sobressaltado, levantou um dedo e pôs-se de pé. Flossie pusera-se a ladrar, depois soltou três latidos, como sinal de aviso.

Em silêncio, ele pousou o prato no tabuleiro e desceu as escadas. Constance sentiu-o sair para o caminho do jardim. Tocou uma campainha de bicicleta lá fora.

- Bom dia, senhor Mellors. Uma carta registada.

- Obrigado. Tem um lápis?

- Tome. Fez-se silêncio.

- Do Canadá - disse a outra voz.

- Pois. Tenho um amigo na colónia britânica. Mas não percebo porque registou a carta.

- Talvez seja a notícia de uma fortuna.

- Ou um pedido. Silêncio de novo. Bom, está um lindo dia outra vez.

É verdade. Bom dia! Bom dia! Momentos depois ele voltou a subir a escada, um pouco irritado.

- Era o correio.

- Vem muito cedo.

- É a distribuição rural. Geralmente vem às sete horas da manhã quando vem.

- O teu amigo manda-te uma fortuna?

- Não. Umhas fotografias e uns folhetos sobre um sítio na colónia britânica.

- Queres lá ir?

- Pensei que talvez pudéssemos ir para lá.

- Oh, deve ser lindo. Mas ele estava aborrecido com o aparecimento do correio.

- Aquelas malditas bicicletas, que só damos por elas quando estão mesmo em cima de nós. Espero que ele não tenha ouvido nada.

- Que é que ele podia ter ouvido?

- Agora tens de te levantar e arranjar. Vou dar uma volta lá por fora.

Viu-o embrenhar-se pela vereda para fazer a ronda, com a cadela e a espingarda. Ela desceu, lavou-se e estava pronta quando ele voltou. Tinha também guardado no pequeno saco de seda as suas coisas.

Ele fechou a porta à chave e avançaram pelo bosque, em vez de saírem pela vereda. Estava a ser prudente.

- Não achas que esta noite é todo um período de vida? perguntou ela.

- Acho que sim, mas há que pensar em todo o resto da vida respondeu ele, bastante lacónico. Desceram penosamente o caminho coberto de ervas, ele ia à frente, em silêncio.

- Mas vamos viver juntos, não vamos? - insistia Connie.

- Vamos - respondeu, dando grandes passadas, sem se virar.

Quando chegar a altura. Mas tu agora vais para Veneza ou lá o que é.

Ela seguia-o, sem falar, com o coração despedaçado. Não queria partir. Finalmente, ele parou.

- Vou por aqui - disse ele, apontando para o lado direito. Ela lançou-lhe os braços à volta do pescoço, e estreitou-o.

- Não vais perder a ternura por mim, pois não? Adorei esta noite, mas não quero que percas a tua ternura por mim.

Ele beijou-a e abraçou-a por momentos. Depois suspirou e voltou a beijá-la.

- Vou ver se o carro já lá está. Afastou-se por entre os espinheiros e os fetos, um rasto atrás de si. Desapareceu durante um minuto ou dois. Depois regressou, caminhando com passos largos.

- O carro ainda não está lá. Mas na estrada está a carroça do padeiro.

Parecia inquieto e perturbado.

- Atenção! Ouviram o barulho distante de um carro. O som ia aumentando com a proximidade. Já vinha na ponte e afrouxou o andamento.

Avançou, melancolicamente, pelo caminho aberto nos fetos e chegou junto a uma sebe de azevinho. Ele estava atrás dela.

- Por aqui. Atravessa aqui - disse ele, apontando para uma aberta. - Eu não avanço mais.

Ela fitou-o, no súbito desânimo. Ele beijou-a e obrigou-a a avançar. Muito triste, arrastou-se através do azevinho e da vedação de madeira, saltou de uma vala para a vereda. Hilda estava nesse momento a sair do carro, aborrecida por não a ver.

- Ah, estás aí. E ele?

- Não veio.

Connie tinha o rosto banhado em lágrimas, quando entrou no carro com o seu pequeno saco. Hilda pegou num boné e nuns óculos e passou-lhos.

- Põe isso. Connie, com o rosto disfarçado, vestiu um longo casaco, era uma criatura inumana, irreconhecível. Hilda ligou o motor, que começou a trabalhar. Saíram da vereda para a estrada. Connie olhou para todos os lados, não havia sinal dele. Para longe! Para longe! Ela chorava amargamente. A partida tinha sido tão súbita, tão inesperada. Como a morte.

- Graças a Deus vais ficar um tempo longe dele - disse Hilda, fazendo uma curva para evitar a aldeia de Crosshill.

Capítulo XVII

Sabes, Hilda - disse Connie, depois do almoço quando se aproximavam de Londres -, não sabes o que é a verdadeira ternura, nem a verdadeira sensualidade. Se soubesses o que isso é com uma só pessoa, verias como é diferente.

- Por amor de Deus, não te vanglories das tuas experiências! Nunca conheci nenhum homem que fosse capaz de estabelecer uma verdadeira intimidade com uma mulher, de se entregar a ela. Isso foi sempre o que eu quis. Não me interessa a ternura e a sensualidade egoísta dos homens. E não estou disposta a ser um brinquedo de um homem e muito menos a sua *chair à plaisir*?¹ Queria uma intimidade perfeita, e nunca a consegui. Só queria isso.

Connie ficou a pensar: intimidade completa! Devia querer dizer contar tudo à outra pessoa, e a outra pessoa contar tudo também. Como devia ser cansativa e doentia uma ligação em que cada um fosse incapaz de se esquecer de si."

- Acho que pensas de mais em ti própria, na tua relação com as outras pessoas - disse Connie à irmã.

- Acho que, pelo menos, não sou escrava por natureza - respondeu Hilda.

- Talvez sejas escrava da ideia que tens de ti. Hilda continuou a conduzir em silêncio depois da inesperada insolência da infantil Connie.

- Não sou pelo menos escrava da ideia de outra pessoa sobre mim, principalmente se essa outra pessoa é um criado do meu lar - disse Hilda, uns momentos depois, num tom irritado.

- Não é nada disso. Tu não podes compreender - respondeu Connie, tranquilamente.

Connie sempre se tinha deixado dominar pela irmã mais velha. Agora, embora, algures dentro dela, chorasse, estava livre do domínio de outras mulheres. Era um alívio, como se lhe tivessem dado uma vida nova: liberta do domínio estranho e da obsessão de outras mulheres. Como eram terríveis, as mulheres!

Estava feliz por estar com o pai, que sempre a tinha preferido. As duas irmãs instalaram-se num pequeno hotel fora de Londres, em Pall Mall. Sir Malcolm hospedara-se no seu clube. Mas, à noite, convidou as filhas para sair, e elas gostaram.

Era um homem atraente e robusto, embora um pouco assustado com o mundo novo que, entretanto, tinha crescido à sua volta. Casara segunda vez

¹ Em português resulta melhor "instrumento de prazer" do que uma tradução demasiadamente literal "carne para prazer". (N. da T)

na Escócia com uma mulher mais nova e mais rica do que ele. Mas fazia as suas férias longe dela, sempre que podia. Exactamente como no primeiro casamento.

Connie sentou-se ao lado dele na ópera. Era um homem bem constituído, com umas coxas fortes e ainda sólidas e ágeis. As coxas de um homem que não se tinha subtraído aos prazeres da vida.

O seu egoísmo irónico, a sua independência obstinada, a sua sensualidade viva, parecia a Connie que as podia notar nas suas coxas ágeis e direitas. Um homem! Agora já envelhecido, o que era triste. As suas pernas fortes e másculas já não revelavam aquela sensibilidade desperta e a força da ternura que é a essência da juventude e que sempre se mantém viva.

Connie tinha sido acordada para a existência das pernas, que, para ela, começavam a ser mais importantes do que os rostos, que já não eram autênticos. Muito poucas pessoas tinham umas pernas vivas e despertadas. Observava os homens sentados nas cadeiras do teatro; as pernas pareciam pudins embrulhados em guardanapos negros, ou paus cobertos de panos funerários, ou pernas jovens e bem feitas, mas sem qualquer significado, perdida toda a sensualidade, toda a ternura, toda a sensibilidade. Uma exposição fraca de pernas vulgares. Nenhuma possuía aquela sensualidade das pernas do pai. Eram todas assustadas e sem vida.

As das mulheres não. Pareciam postes, a maioria. Horríveis, suficientemente horríveis, para justificar um crime. Ou então umas estacas finas. E ainda pernas elegantes e bonitas em meias de seda, mas sem um átomo de vida. Terrível o espectáculo de milhões de pernas sem significado.

Não se sentia feliz em Londres. As pessoas pareciam cadáveres vazios. Não eram felizes por dentro, embora por fora se apresentassem tão cheias de energia e com bom aspecto. Tudo tão árido! E Connie tinha o desejo cego e louco de ser feliz, e de ter a certeza dessa felicidade.

Em Paris, de qualquer modo, sentiu que existia ainda um pouco de sensualidade. Mas uma sensualidade gasta, cansada. Gasta por falta de ternura. Paris era uma cidade triste! Uma das cidades mais tristes do mundo: estragada por uma sensualidade mecânica, estragada pela tensão do dinheiro, estragada até pelo rancor e pela vaidade, mortalmente estragada, e não suficientemente americanizada nem britanizada para esconder a sua decadência sob os ruídos das máquinas. Todos aqueles pseudo-machos, aqueles flâneurs, atrevidos, apreciadores de bons jantares, que decadentes! Decadentes, gastos por falta de um pouco de ternura, dada e recebida. As mulheres, eficientes, por vezes lindas, tinham um conhecimento vago das verdades sensuais. Nesse aspecto estavam acima das inglesas. Mas tinham ainda um conhecimento ainda menor do que é a ternura. Eram secas, profundamente ressequidas por uma vontade sempre tensa, gastas também. A humanidade estava a tornar-se decadente. Talvez a consequência fosse a autodestruição violenta. Uma espécie de anarquia. Clifford e a sua anarquia

conservadora! Talvez dentro em pouco deixasse de ser conservador. E caísse na anarquia total.

Connie sentia-se estremecer e a recear o mundo. Às vezes sentia-se feliz, por momentos, nas grandes avenidas, no Bosque de Bolonha, ou nos jardins do Luxemburgo. Mas Paris estava a abarrotar de americanos e ingleses, americanos esquisitos com as fardas mais estranhas, e ingleses insuportáveis que, fora da Inglaterra, são terrivelmente maçadores.

Agradou-lhe continuar a viagem. O tempo tinha aquecido repentinamente e Hilda decidira atravessar a Suíça, passar por Brenner, e descer para Veneza pelos Dolomitas. Hilda gostava de se ocupar de tudo e de conduzir, desempenhar o papel principal da peça. Connie ficava contente por a deixarem sossegada.

A viagem foi muito agradável. Connie repetia constantemente para si mesma: "Porque é que não me interessa? Porque é que nunca me sinto entusiasmada? É triste já não ligar à paisagem, mas não ligo. É horrível. Sou como São Bernardo que podia atravessar o lago de Lucerna sem reparar que havia montanhas e água verde. A paisagem deixou de me interessar. Porque é que as pessoas a devem contemplar? Eu recuso-me a isso".

Não, não encontrou nada realmente vivo, nem em França, nem na Suíça, nem no Tirol, nem na Itália. Limitava-se a ser transportada. Tudo aquilo era menos real do que Wragby. Connie compreendeu que não se importaria de não voltar a ver a França, a Suíça ou a Itália, pois não mudariam nada. Wragby era mais real.

As pessoas! As pessoas eram todas iguais, com pequenas diferenças. Só queriam dinheiro. Ou, se eram viajantes, queriam divertir-se, divertir-se fosse como fosse, nem que as pedras escorressem sangue. Pobres montanhas! Pobres paisagens! Era preciso esmagá-las, comprimi-las, reduzi-las a pó, para darem prazer, alegria. O que é que as pessoas queriam dizer com a sua determinação simples de se divertirem?

"Não! - dizia Connie para si mesma. - Prefiro estar em Wragby, onde posso passear e estar tranquila, onde não tenho de olhar para as coisas nem representar nenhum papel. Este teatro dos turistas que se querem divertir é profundamente humilhante, é um fracasso."

Queria voltar para Wragby, para Clifford até, para o pobre Clifford estropiado. Era com certeza menos estúpido do que aquele enxame em férias.

Mas, no fundo de si mesma, estava muito próxima do outro homem. Não podia perder o elo que a ligava a ele. Não podia, ou sentia-se perdida, profundamente perdida no mundo da vaidade e tédio, no meio de todas aquelas pessoas que superavam o tédio pelo prazer. "Divertimento!, a doença dos novos tempos!"

Deixaram o carro em Mestre, numa garagem, e tomaram um barco a vapor para Veneza, numa tarde maravilhosa de Verão. A água da lagoa pouco funda encrespava-se, e o sol batia em cheio em Veneza, transformando-a num contraluz e tornando-a esbatida.

No cais mudaram para uma gôndola e deram a morada ao gondoleiro. Era um profissional, estava vestido com uma camisa branca e azul, não tinha bom aspecto nem era bonito.

- Ah, sim, Villa Esmeralda. Sim. Conheço. Fui gondoleiro de um senhor que lá esteve. Mas é longe daqui.

Tinha um aspecto um tanto infantil e impulsivo. Remava com um ímpeto exagerado através dos canais escuros, ladeados de paredes de um verde sujo, feio, que atravessam os bairros pobres, com roupa pendurada em cordas e um cheiro, mais ou menos intenso, a esgotos.

Chegaram finalmente a um dos canais mais largos, com passeios dos dois lados, atravessados por pontes, perpendiculares ao grande canal. As duas mulheres estavam sentadas sob o pequeno toldo, e o homem de pé, por detrás delas, dirigia a gôndola.

- As *signoríne* ficam muito tempo na Villa Esmeralda? perguntou ele sem parar de remar e enxugando a cara suada com um lenço azul e branco.

- Uns vinte dias. Somos ambas casadas - respondeu Hilda na sua voz calma que fazia com que o seu italiano soasse a estrangeiro.

- Ah! Vinte dias! - Uns momentos depois o homem acrescentou: - E as *signore* querem um gondoleiro para os vinte dias que vão ficar na Villa Esmeralda? Ao dia ou à semana?

Connie e Hilda ficaram a pensar. Em Veneza é sempre preferível ter uma gôndola privativa, como ter o carro em terra.

- Que é que há na Villa? Que barcos?

- Há uma lancha e uma gôndola. Mas... Aquele "mas" queria dizer: não serão para si.

- Quanto leva? Era cerca de trinta xelins por dia, ou dez libras por semana.

- Isso é o preço normal? - perguntou Hilda.

- Menos, signora, menos do que o preço normal. As duas irmãs pensaram um pouco.

- Bem - disse Hilda -, apareça amanhã de manhã e trataremos disso. Como se chama?

O gondoleiro chamava-se Giovanni, queria saber a que horas devia aparecer, e por quem devia perguntar. Hilda não tinha cartões-de-visita com ela, e Connie deu-lhe um dos seus. Ele leu rapidamente o nome, com uns olhos quentes e azuis de meridional, depois voltou a olhar para ele.

- Ah! - parecia entusiasmado. - Milady! Milady, não é?

- Milady Costanza! disse Connie.

- Milady Costanza - retorquiu ele, metendo cuidadosamente o cartão na camisa.

A Villa Esmeralda ficava bastante longe, no limite da laguna, do de Chioggia. A casa era relativamente nova, agradável, com terraços voltados para o mar e, em baixo, com um grande jardim com árvores escuras separadas da laguna por um muro.

O dono da casa era um escocês pesado, um pouco grosseiro, que tinha feito fortuna em Itália antes da guerra. Fora armado cavaleiro pelo seu ultrapatriotismo. A mulher era magra, pálida, angulosa, sem fortuna pessoal, que tinha de controlar os sórdidos avanços amorosos do marido. Ele era extremamente desagradável com o pessoal. Tinha tido um ligeiro ataque no Inverno anterior, que o tornara mais manejável.

A casa estava cheia. Além de Sir Malcolm e das suas duas filhas, havia mais sete pessoas: um casal escocês com duas filhas; uma jovem condessa italiana, viúva; um príncipe da Geórgia e um padre inglês, novo, que tinha tido uma pneumonia e era actualmente o capelão de Sir Alexander, e que tinha ido para ali para se restabelecer da doença. O príncipe era bem parecido, mas era pobre, poderia ser um excelente motorista, com toda a impudência necessária, e basta! A condessa era uma gatinha tranquila e fazia a sua vida. O padre, um homem simples de um presbitério de Bucks; felizmente tinha deixado a mulher e os filhos em casa. E os Guthrie, a família de quatro pessoas, pertenciam à classe média de Edimburgo, apreciavam tudo de uma forma segura e dispostos a fazer tudo, desde que não corressem riscos.

Connie e Hilda eliminaram imediatamente o príncipe. Os Guthrie estavam mais próximos delas, bem instalados na vida, mas maçadores. As raparigas pretendiam arranjar marido. O capelão não era má pessoa, mas demasiado cerimonioso. Sir Alexander, depois do seu ligeiro ataque, tinha ficado de uma jovialidade cansativa, e ainda se entusiasmava com a presença de tantas mulheres jovens e atraentes. Lady Cooper era uma mulher tranquila, um pouco felina, que não gozava a vida e exercia sobre todas as outras mulheres uma vigilância fria que era como a sua segunda natureza. Fazia comentários malévolos e frios, que demonstravam a sua indiferença pela natureza humana. Era venenosa com o pessoal, mas tratava-o relativamente bem, pensava Connie. E comportava-se com habilidade para que Sir Alexander pensasse que ele era o senhor e rei da casa, com a sua grande barriga que ele queria que lhe desse um aspecto de jovialidade, as suas graças cansativas e o seu "humorismo", como dizia Hilda.

Sir Malcolm pintava. Queria pintar umas vistas das lagunas de Veneza para contrastar com as suas paisagens da Escócia. Assim, de manhã saía de barco com uma grande tela para o seu "sítio". Um pouco mais tarde saía Lady Cooper para a cidade com o seu álbum e as tintas. Era uma aquarelista inveterada, e a casa estava cheia de palácios cor-de-rosa, canais escuros, pontes arqueadas, fachadas medievais, etc. Um pouco mais tarde os Guthrie, o príncipe, a condessa, Sir Alexander, e às vezes o senhor Lind, o capelão, iam para o Lido tomar banho. Regressavam para almoçar à uma e meia.

O ambiente, como qualquer outro naquele género, era maçador. Mas as duas irmãs não se sentiam afastadas por isso, estavam sempre fora. O pai levou-as a uma exposição, quilómetros e quilómetros de quadros sem interesse, levou-as aos seus amigos da Villa Luchesi, à Piazza nas noites quentes, no Florian, ao teatro ver as peças de Goldoni. Assistiram às

iluminadas festas na água, às danças. Veneza era um local de férias acima de qualquer outro. O Lido, com os seus quilómetros de corpos avermelhados pelo sol ou vestidos de pijamas, parecia uma praia coberta de focas domesticadas. Havia gente a mais na Piazza, muitos membros e troncos humanos no Lido, gôndolas, lanchas e arcos a mais, pombos, gelados e *cocktails* a mais, muitos criados a pedirem gorjetas, muitas línguas no ar, sol a mais, cheiros a mais, carregamentos de morangos a mais, demasiados xailes de seda e fatias de melancia como bifés, em barracas. Divertimentos a mais.

Connie e Hilda saíam pelas redondezas com os seus fatos de Verão. Encontravam inúmeras pessoas conhecidas, ou que as conheciam. Um dia chocaram com Michaelis.

- Vivam! Onde é que estão? Vamos comer um gelado juntos. Venham dar uma volta na minha gôndola.

Até Michaelis estava quase queimado do sol. Cozinhado pelo sol, talvez seja uma expressão mais adequada ao aspecto de tanta carne humana.

De certo modo, as férias decorriam agradavelmente. Quase divertidas. Mas, em todo o caso, todos aqueles *cocktails*, banhos de água morna, banhos de sol na areia ardente, dança ao som de uma orquestra de *jazz*, as pessoas com os estômagos colados umas às outras nas noites quentes, os gelados para refrescar, tudo era um narcótico. Todos queriam a mesma coisa: droga. A água lenta era droga; o sol era droga; o *Jazz*, os cigarros, os *cocktails*, os gelados, os vermouths, tudo droga. Ficar drogado! E ter prazer! Prazer!

Hilda quase gostava de se sentir drogada. Gostava de olhar para as outras mulheres, de especular sobre elas. As mulheres interessavam-se muito mais umas pelas outras. Pelo aspecto exterior. Com quem anda e se lhe agrada. Os homens eram como grandes cães com calças de flanela branca, à espera de carícias, de deboche, de poderem colar o seu estômago ao de uma mulher, ao som do *jazz*.

Hilda gostava de *jazz*, porque podia sentir a proximidade de um pseudo-homem e deixá-lo controlar os seus movimentos com o abdómen, por toda a sala, e depois afastar-se e ignorar "a criatura" que antes utilizara. Connie sentia-se bastante infeliz. Não gostava de *jazz* porque não lhe apetecia o contacto do estômago de outra "criatura". Odiava o conglomerado de carne nua no Lido: a água mal chegava para todos tomarem banho. Não gostava de Sir Alexander nem de Lady Cooper. Não queria Michaelis nem ninguém atrás dela.

Os seus momentos mais agradáveis eram quando convencia Hilda a irem para o outro lado da laguna, para uma margem escondida e coberta de seixos, onde podiam tomar banho completamente sozinhas, e deixar a gôndola junto do recife. Giovanni arranjou outro gondoleiro para o ajudar, porque a distância era grande e ele suave muito com o calor. Giovanni era simpático, afectuoso, como todos os italianos, e desapaixonado. Os italianos não são apaixonados (a paixão tem as suas reservas), são susceptíveis, muitas vezes afectuosos, mas raramente conhecem paixões duradouras.

Giovanni era já dedicado às suas senhoras, como o tinha sido a todas as outras do passado. Estava perfeitamente disposto a prostituir-se com elas, se o quisessem, e, secretamente, esperava que sim. Dar-lhe-iam um belo presente, o que viria a propósito, porque ia casar-se. Falou-lhes do seu casamento, e elas interessaram-se.

Pensou que o passeio a uma margem deserta da laguna, provavelmente significaria algo mais: *l'amore*, o amor. Arranjou um companheiro para o ajudar, porque o caminho era longo, e, afinal, eram duas senhoras. Duas senhoras, dois rufias! Boa aritmética! E duas senhoras bonitas, de qualquer modo! Sentia-se orgulhoso por as acompanhar. E embora a *signora* fosse quem lhe pagava e dava ordens, tinha esperança que para *l'amore* a milady o escolhesse. Além de que também lhe pagaria mais com certeza.

O companheiro, que ele tinha trazido, chamava-se Daniele. Não era um gondoleiro profissional e não tinha nada a ver com o parasitismo ou a prostituição. Era um condutor de *sandola*. As *sandolas* são barcos grandes que transportam fruta e outros produtos de outras ilhas.

Daniele era belo, alto e esbelto, com uma cabeça altiva e redonda e o cabelo louro muito encaracolado, uma cara viril, um pouco como um leão e uns olhos distantes, azuis. Não era efusivo, nem loquaz, nem bíbulo como Giovanni. Falava pouco e remava com uma força e uma segurança como se estivesse sozinho sobre a água. As senhoras eram senhoras, não tinham nada a ver com ele. Nem sequer olhava para elas. Olhava em frente.

Era um homem a sério. Irritava-se quando Giovanni bebia de mais ou remava mal, empurrando com força o remo maior. Era um homem como Mellors, incorruptível. Connie lamentava a noiva do turbulento Giovanni. Mas a mulher de Daniele seria uma daquelas venezianas agradáveis, modestas como flores que se encontram nos bairros afastados da cidade-labirinto.

Primeiro o homem prostitui a mulher, depois a mulher prostitui o homem. Que tristeza! Giovanni ansiava por se prostituir, como um cão, ansiava entregar-se a uma mulher. E por dinheiro!

Connie olhava para Veneza sobre a água, longínqua, cor-de-rosa e baixa. Construída por dinheiro, desenvolvida com dinheiro, e destruída por dinheiro. A morte provocada pelo dinheiro. Dinheiro, prostituição e morte.

No entanto, Daniele era um homem capaz na fidelidade livre de um homem. Não vestia a blusa dos gondoleiros, mas sim uma de malha azul. Era um pouco selvagem, grosseiro e orgulhoso. Estava ao serviço do vil Giovanni, por sua vez ao serviço de duas senhoras. O mundo é assim. Quando Jesus recusou o dinheiro do Demónio, o Demónio ficou senhor da situação como um banqueiro judeu.

Quando Connie voltava a casa, semi-hipnotizada com a luminosidade da laguna, encontrava cartas de Wragby. Clifford escrevia com regularidade, e cartas bonitas, todas podiam ser publicadas. Por isso Connie não as achava muito interessantes.

Vivia num estado letárgico provocado pela luz da laguna, pela água salgada, pelo espaço, pelo vazio, pelo nada. Sentia-se bem de saúde, era agradável passar os dias sem pensar em nada. Estava grávida, tinha a certeza. E o bem-estar que davam a luz do Sol, a água salgada da laguna e os banhos de mar, ficar deitada sobre os seixos e procurar conchas e as viagens de gôndola, tudo era completado pela gravidez com uma nova plenitude física, compensadora e tranquilizante.

Estava em Veneza há dez dias e ficaria mais dez ou quinze. O sol fazia-a perder a noção do tempo, e a plenitude de saúde física contribuía para o esquecimento total Vivia como uma letargia de bem-estar.

Este estado de espírito foi despertado por uma carta de Clifford: Também nós tivemos o nosso acontecimento local, que causou certo alvoroço. Parece que a vadia esposa de Mellors; voltou inesperadamente para casa e esteve longe de ser bem recebida. Ele expulsou-a de casa e fechou a porta à chave, mas, quando regressou do bosque, dizem que a foi encontrar na cama *in puris naturalibus*, com uma nudez já um tanto gasta, ou melhor *in impuris naturalibus*. Tinha entrado por uma janela depois de ter partido o vidro. Impossibilitado de expulsar a decadente Vénus, foi-se embora, ao que parece retirou-se para casa da mãe, em Tevershall. Entretanto, a Vénus de Stacks Gate instalou-se na cabana, que diz ser a sua casa, enquanto o Apolo vive na aldeia.

Tudo isto me foi contado, porque Mellors não se dirigiu a mim pessoalmente. Soube deste lixo local pela ave, a nossa íbis, o nosso urubu ávido, a senhora Bolton. Não te falaria nisto se ela não tivesse exclamado: "Sua senhoria não voltará ao bosque enquanto essa mulher lá estiver!".

Gostei da tua descrição de Sir Malcolm a entrar na água com os seus cabelos brancos ao vento e a sua pele rosada e brilhante. Tenho inveja do sol, aqui está a chover. Mas não invejo a dependência inveterada e mortal da carne de Sir Malcolm. É própria da idade. Parece que as pessoas se tornam mais carnis com a idade. Só a juventude aprecia a imortalidade.

Estas notícias afectaram profundamente Connie e o seu estado de semiletargia e de bem-estar. Sentiu-se transportada de vexame e de fúria. Agora tinha de se aborrecer com aquela bruta! Era de mais! Não recebera nenhuma carta de Mellors. Tinham combinado não se escreverem, mas agora precisava de ter notícias dele. Vendo bem, ele era o pai da criança que estava para nascer.

Tudo aquilo era odioso! Subitamente, tudo se tinha complicado, e a gente do povo era terrível. Como era agradável o sol e a indolência da Itália comparado com a confusão sombria dos Midlands! Um céu azul é talvez das coisas mais importantes na vida.

Não mencionou a sua gravidez, nem sequer a Hilda. Escreveu à senhora Bolton a pedir mais pormenores. Duncan Forbes, um artista amigo, tinha chegado a Villa Esmeralda, vindo do Norte de Roma. Eram três agora na

gôndola, e tomava banho com elas no outro lado da laguna; era a sua escolta, um jovem tranquilo, taciturno, e um bom artista.

Recebeu finalmente uma carta da senhora Bolton: Tenho a certeza de que vossa senhoria vai ficar muito satisfeita quando vir Sir Clifford. Está muito bom de saúde, trabalha muito e está cheio de esperanças. E ansioso por vê-la de novo entre nós. Sem vossa senhoria, a casa parece triste, de maneira que todos ficaremos felizes com a sua presença.

Quanto ao senhor Mellors, confesso que não sei se Sir Clifford lhe contou grande coisa a esse respeito. Parece que a mulher voltou, de repente, uma tarde, e, quando ele voltou do bosque, encontrou-a sentada na soleira da porta. Ela disse que queria voltar para viverem juntos, porque era a sua mulher legítima e não lhe dava o divórcio. Mas ele não queria nada com ela, nunca a deixaria entrar em casa, e não cedeu. Voltou para o bosque sem abrir a porta sequer.

Mas quando voltou pela manhã, encontrou a casa arrombada. Subiu ao andar de cima para ver o que ela tinha feito, e viu-a então na cama sem um trapo que lhe cobrisse a nudez. Ofereceu-lhe dinheiro, mas ela insistiu que era a mulher dele e que tinha de a receber. Não sei o que aconteceu.

Quem me contou tudo foi a mãe dele, que está muito preocupada. Sei que ele lhe disse que preferia morrer a voltar para ela, e pegou nas coisas e foi para a casa da mãe na colina de Tevershall, passou lá a noite e no dia seguinte voltou ao bosque atravessando o parque, mas nunca se aproximou da cabana. Parece que não voltou a ver a mulher.

No dia a seguir ela foi a casa do irmão Dan, em Beggarlee, rogou pragas, disse que era a mulher legítima, e que recebia mulheres na cabana, porque tinha encontrado um frasco de perfume numa gaveta e filtros de cigarros de luxo num monte de cinzas, e não sei quê mais. Parece que o carteiro, Fred Kirk, diz ter ouvido vozes no quarto de Mellors numa certa manhã e que tinha estado um carro na vereda.

O senhor Mellors continuou em casa da mãe e vai para o bosque pelo parque e parece que ela continuou instalada na cabana. Bem, o povo fala muito. Finalmente, o senhor Mellors; e o Tom Phillips foram à cabana, tiraram todas as mobílias e a cama, desmanchou a bomba de água, e ela teve de partir. Mas, em vez de voltar para Stacks Gate, foi instalar-se na casa da senhora Swain, em Beggarlee, porque a mulher do irmão não a queria lá. Ela continuou a ir à antiga casa da senhora Mellors, para o apanhar, e começou a jurar que tinha estado na cama com ela, e foi falar com um advogado para ele lhe dar uma indemnização. Parece doida, mais ordinária que nunca, e está mais forte que um touro. Diz a toda a gente as piores coisas dele, que recebe mulheres em casa, conta como eram as relações enquanto casados, todas as porcarias a que ele a obrigou, e não sei que mais. É horrível como uma mulher pode ser má quando começa a falar. E, por muito má que seja, há sempre pessoas que acreditam, e a lama salta de todos os lados. Ela jura que o senhor Mellors é daqueles homens porcos e brutos com as mulheres, e as pessoas

estão sempre prontas a acreditar no que o povo diz, sobretudo em coisas deste género. Jura que nunca o deixará em paz enquanto viver.

Mas eu acho que se ele fosse assim tão mau, ela não queria voltar para ele. É evidente que está com medo de envelhecer, pois é mais velha do que ele. E as mulheres ordinárias e violentas ficam como loucas na mudança de idade.

Isto foi um golpe terrível para Connie. Tinha a certeza que o seu nome entraria em toda aquela porcaria e lama. Estava furiosa por ele não se ter desembaraçado primeiro de Bertha Coutts, por se ter casado com ela. Talvez Mellors tivesse uma certa propensão para baixezas. Connie lembrou-se da última noite que passara com ele e estremeceu. Ele tinha conhecido toda aquela sensualidade, até com Bertha Coutts! Era nojento. Seria melhor libertar-se dele, libertar-se completamente. No fundo, talvez ele fosse realmente ordinário e baixo.

Sentiu repulsa por tudo, e quase teve inveja das filhas dos Cuthrie pela sua inexperiência parva e a sua virgindade banal. E tinha medo que se viesse a saber da sua aventura com o guarda. Seria terrivelmente humilhante! Sentia-se cansada, receosa, e queria ter uma vida decente, nem que fosse uma decente vida banal e asfixiante das Guthrie. Se Clifford soubesse, que vergonha para ele! Tinha medo, estava aterrada com as pessoas e o seu ataque sujo. Quase desejou ver-se livre da criança, ficar imune. Em suma, estava em pânico.

Quanto ao frasco de perfume, a culpa tinha sido sua. Infantilmente, tinha resolvido perfumar os lenços e umas camisas que estavam na gaveta. Pura criança, e tinha deixado o frasco de perfume de violetas selvagens, da Coty, semivazio, na gaveta dele. Queria que ele se lembrasse dela através do perfume. Quanto às pontas de cigarro, eram de Hilda.

Não resistiu a contar um pouco da história a Duncan Forbes. Não disse que era amante do guarda, limitou-se a dizer-lhe que gostava dele e contou-lhe o que se passava.

- Oh! - respondeu Forbes -, você compreende, as pessoas não deixarão de falar até destruírem completamente o homem. Se ele não quis aliar-se à classe média quando teve uma oportunidade, e se é um homem que luta pelo sexo, então destroem-no. É impossível ser-se honesto neste ponto. As pessoas podem fazer todas as porcarias que quiserem, ninguém se importa, mas, se se trata de amor físico, têm de ser destruídas, é o único tabu que nos resta: o sexo como uma coisa vital e natural. As pessoas são incapazes de o admitir, e destroem todas as outras pessoas implacavelmente. Vai ver, esse homem será destruído. E o que é que fez, afinal? Fez amor com a mulher como lhe apeteceu. E não havia de ter esse direito? Ela até devia sentir orgulho. Mas vê, até uma mulher reles como essa se vira contra ele e serve-se do seu instinto de hiena para mover a população contra o sexo e o esmagar. É necessário dizer mal e desprezar o amor físico para as pessoas aceitarem que o pratiquemos. Senão caem-nos em cima.

Connie começava a sentir dentro de si uma revolta no sentido oposto. Qual era a culpa de Mellors, afinal? Mesmo em relação a ela, para além de lhe ter proporcionado um prazer violento e uma sensação de liberdade e de vida? Ele tinha libertado o fluxo sexual, quente e natural- E por isso atacavam-no.

Não, não seria assim. Via a imagem dele, nu e branco, com as mãos e o rosto queimados pelo sol, a olhar para baixo e a falar com o pénis, erecto, como se fosse um outro ser, a sorrir ironicamente. E ouviu a sua voz dizer: "Tens o mais bonito rabo ... ". E, suavemente, sentiu as suas mãos acariciarem-lhe as nádegas e os lugares secretos, como se fosse uma bênção. E sentiu o calor a percorrer-lhe o ventre e uma pequena chama a invadi-la, e os joelhos a tremerem-lhe, e disse para si mesma: "Oh, não, não posso voltar atrás. Não posso deixá-lo, tenho de o conservar e conservar o que sinto por ele. Não tinha uma vida ardente e inflamada e ele deu-ma. Não voltarei atrás".

Resolveu arriscar-se. Enviou uma carta a Ivy Bolton, com um bilhete para o guarda, e pediu à senhora Bolton que lho entregasse. O bilhete dizia o seguinte:

Fiquei absolutamente transtornada por saber de todos os problemas que tens tido por causa da tua mulher, mas não te preocupes, isso é tudo histeria. Acaba por passar tão depressa como veio. Lamento muito e espero que não estejas muito aborrecido, porque, no fundo, não vale a pena. É uma mulher histérica que te quer magoar. Dentro de dez dias estarei de volta e espero que esteja tudo acabado.

Uns dias depois chegou uma carta de Clifford. Era evidente que ele estava preocupado:

Estou satisfeitiíssimo ao saber que pensa sair de Veneza no dia dezasseis.

Mas se se está a divertir, não se apresse. Temos saudades suas, Wragby sente a sua falta. Mas é fundamental que goze o sol, o sol e os pijamas, como dizem os reclamos do Lido. Portanto, fique mais tempo, se vê que se está a sentir bem, para trazer mais reservas para o Inverno. Até hoje está a chover.

A senhora Bolton tem olhado por mim com a máxima solicitude. É de uma espécie muito singular. Quanto mais vou vivendo, mais me convenço de que os seres humanos são uns animais bem esquisitos; alguns deles até poderiam ter cem pernas como a centopeia ou seis tal como a lagosta. A consistência e a dignidade humanas que uma pessoa espera do seu semelhante parece na realidade não existirem. Chega-se a duvidar se realmente existem em alguém num grau apreciável.

O escândalo do guarda continua, e cada vez é maior como uma bola de neve. A senhora Bolton mantém-me ao corrente de tudo. Faz-me lembrar um peixe, que embora mudo, respirasse falas silenciosas através do crivo das guelras, até morrer. Tudo passa pelas guelras da senhora Bolton, mas nada a surpreende. Como se o que se passa na vida das pessoas fosse o oxigénio necessário para viver.

Anda preocupada com o escândalo Mellors, e, se a deixo começar, faz-me descer às profundezas. A sua grande indignação, semelhante à de uma actriz a representar, é contra a mulher de Mellors, que insiste em chamar Bertha Coutts. Fui posto ao corrente das vidas sujas de todas as Berthas Coutts deste mundo, e quando me liberto da corrente da tagarelice, volto, lentamente, de novo à superfície, olho admirado para a luz do dia, a pensar se alguma vez existiu.

Creio ser absolutamente verdade que o nosso mundo, aos nossos olhos dotado de aspecto de superfície, não passa, afinal, do fundo de um oceano; todas as nossas árvores se reduzem a vegetação submarina, e nós não passamos de uma fauna estranha, predestinada, imunda, igualmente submarina, que se alimenta dos despojos à maneira do camarão. Só de onde em onde é que a alma se eleva, arquejando por entre insondáveis profundidades, abaixo das quais vivemos, até às alturas de um outro mundo onde circula a verdadeira atmosfera. Acredito em verdade que o ar que normalmente respiramos é um tipo de água e que os homens e as mulheres são uma espécie de peixes.

Mas, por vezes, a alma ergue-se até à superfície como uma gaivota, que, num êxtase, se projecta no ar, depois de se ter saciado nas profundidades submarinas. Cabe ao nosso destino mortal - suponho - alimentarmo-nos da medonha fatina subaquática da selva humana submarina. Mas cabe ao nosso destino imortal libertarmo-nos, depois de termos engolido a nossa presa, subindo triunfalmente na luminosidade do éter, depois de termos saltado da tensão do velho oceano para a verdadeira luz. Então compreendemos a nossa natureza eterna.

Quando ouço a senhora Bolton falar, sinto-me a descer, a descer em busca dos peixes coleantes do homem secreto. O apetite carnal significa engolir um bocado da presa; depois subo, subo novamente, emergindo do denso para o éter, do húmido para o seco. A ti posso eu contar todas as fases do processo. Mas, com a senhora Bolton, apenas sinto o mergulho que me projecta sempre e sempre mais fundo por entre as ervas ruins do mar e os pálidos monstros das regiões abissais.

Acho que vamos perder o nosso couteiro. O escândalo feito pela terrível mulher aumentou, em vez de diminuir com o tempo, e assumiu proporções cada vez maiores. Acusam-no de coisas inacreditáveis, e o mais curioso é que ela conseguiu ter do lado dela toda a população feminina de Tevershali, essa raça de peixes, e a aldeia cheira a podre de tanta maledicência.

Ouvi dizer que essa Bertha Coutts persegue Mellors na casa da mãe dele, depois de ter pilhado a casa e a cabana. Um dia raptou a própria filha, quando esta amostra de bloco feminino regressava da escola. Em vez de beijar a mão da mãe, mordeu-lha com tamanha força que o resultado foi uma bofetada que a atirou para a valeta, de onde a ergueu a revoltada avó.

A mulher conseguiu lançar uma enorme quantidade de gases venenosos. Entrou em pormenores quanto às intimidades da sua vida conjugal, que

habitualmente os casais mantêm bem sepultadas no mais fundo sepulcro do silêncio. Resolveu enxumá-las ao fim de dez anos. Um horror! Linley e o médico, que se diverte com isto, contaram-me o caso por miúdos. Evidentemente que nada disso tem importância. A humanidade sempre procurou avidamente posturas sexuais pouco comuns, e se um homem decide possuir a mulher, como diz Benevenuto Cellini, "à maneira italiana", o problema é dele. Mas nunca pensei que o nosso couteiro fosse homem para tais proezas. Sem dúvida que foi Bertha Coutts que lhas ensinou primeiro. De qualquer modo são porcarias que lhes dizem exclusivamente respeito e ninguém tem nada com isso.

Contudo, todas as pessoas ouvem, como eu. Aqui há coisa de doze anos a decência teria abafado tudo isso. Mas hoje a decência já não existe, as mulheres dos mineiros estão em pé de guerra e nada as faz calar. Até parece que nos últimos cinquenta anos a Imaculada Conceição foi a responsável por todos os nascimentos ocorridos em Tevershall, e que as mulheres são tão puras e radiosas como uma Joana d'Arc. As tendências um pouco rabelaisianas do nosso respeitável couteiro tornaram-no aos olhos da aldeia mais escandaloso, mais monstruoso do que um assassino como Grippen. E a gente de Tevershall tem muito pouca moral, se é verdade o que dizem.

O problema é que essa execrável Bertha Coutts não se limitou a falar das suas experiências e dos seus dramas pessoais. Descobriu e diz a toda a gente que o marido "vivia" com mulheres e fez umas tentativas para mencionar alguns nomes. Assim, alguns nomes respeitáveis caíram também na lama. O caso foi tão longe que lhe foi passado um mandato de captura.

Tive de chamar Mellors, uma vez que não se podia impedir que a mulher estivesse no bosque. Anda por aí com o seu ar insolente de quem não quer saber dos outros para nada, mas creio que se sente um pouco como um cão que traz uma lata agarrada ao rabo, mas finge que não a traz. Mas ouvi dizer que as mulheres da aldeia tratam de afastar os filhos quando ele passa, como se ele fosse o marquês de Sade em pessoa. Ele finge não estar afectado com a história, mas, tal como digo, a lata anda-lhe bem presa ao rabo e creio que repete para si mesmo a frase de Don Rodrigo da balada espanhola: "Ah, morde-me no sítio por onde mais pequei!".

Perguntei-lhe se ele achava que conseguia continuar o seu trabalho no bosque, ao que ele respondeu que não o tinha interrompido. Disse-lhe que me incomodavam os abusos da mulher nas minhas terras, ao que ele respondeu que não tinha poder para a impedir. Depois referi-me vagamente ao escândalo. "As pessoas deviam pensar mais no que fazem e já não teriam tempo para se preocupar com o que fazem os outros", respondeu ele.

Disse aquilo com uma certa amargura, e sem dúvida que no fundo até com razão. A maneira de dizer é que não foi delicada nem respeitosa. Fiz insinuações e depois ouvi a lata a chocalhar, limitou-se a dizer-me: "Não é um homem nas suas condições, Sir Clifford, que me pode censurar por ter alguma coisa entre as pernas".

Este tipo de coisas ditas a uns e outros não o ajudam nada, é evidente, e o reitor, Linley e Burroughs, acham que seria melhor ele ir-se embora.

Perguntei-lhe se era verdade que recebia mulheres em casa, e ele respondeu-me: "Que tem Sir Clifford a ver com isso?". Disse-lhe que nos meus domínios teria de haver decência, ele retorquiu: "Então é melhor coser as bocas de todas as mulheres". Como insisti sobre a vida que ele fazia, acabou por me dizer: "Podem até inventar histórias sobre mim e a minha cadela Flossie. Seriam boas". Na verdade, era difícil encontrar um homem mais impertinente do que ele.

Perguntei-lhe se lhe seria fácil arranjar outro emprego. Respondeu-me: "Nada mais fácil, se me está a mandar para a rua". Não levantou qualquer problema quanto a ir-se embora no fim da próxima semana, e está a ensinar outro rapaz, Joe Chambers, os segredos do ofício. Disse-lhe que lhe queria pagar um mês a mais quando ele se fosse embora. Mandou-me guardar o dinheiro e que não tivesse problemas de consciência. Perguntei-lhe o que ele queria dizer, e a resposta foi a seguinte: "Não me deve nada Sir Clifford, portanto não me paga nada. Se tem algo mais a dizer, diga".

Por agora é tudo quanto se passa. A mulher foi-se embora, ninguém sabe para onde. Mas se volta a aparecer em Tevershall vai para a cadeia. E disseram-me que tem muito medo da cadeia, porque sabe que a merece. Mellors parte de sábado a oito dias, e tudo voltará à normalidade em Wragby.

Entretanto, minha querida Connie, se lhe agrada ficar em Veneza ou na Suíça, até aos princípios de Agosto, fique. Até me agrada que esteja longe de tudo isto, e no fim do mês tudo terá passado.

Como vê, somos monstros dos abismos oceânicos e até uma lagosta enche tudo de lama, quando resolve dar um passeio. Só nos resta aceitar as coisas com uma certa dose de filosofia.

A irritação e a crueldade que ressumava da carta de Clifford afectaram muito Connie. Mas percebeu tudo melhor quando recebeu a carta de Mellors: O caldo entornou-se, e havia mais caldo do que pensava. Ouviste dizer que a minha mulher Bertha resolveu voltar para os meus braços, instalou-se na minha casa, onde, para falar desrespeitosamente, lhe cheirou a rato sob a forma de um frasco de Coty. Nos dias que se seguiram não descobriu mais provas, até que deu pela falta da fotografia. Descobriu o vidro e o respectivo cartão no quarto quadrado, e, infelizmente, alguém tinha feito uns desenhos e escrito várias vezes as iniciais C. S. R. As letras não lhe disseram nada até entrar na cabana e descobrir um dos teus livros, uma autobiografia da actriz Judith com o teu nome escrito na primeira página, Constance Stewart Reid. Durante vários dias andou a dizer a toda a gente que a minha amante era nem mais nem menos que a própria Lady Charterley. Isto chegou aos ouvidos do reitor, do senhor Burroughs e finalmente de Sir Clifford. Resolveram tomar medidas legais contra a minha mulher, que, por sua vez, desapareceu, pois sempre teve um medo mortal da polícia.

Sir Clifford mandou-me chamar, e eu fui. Falou no assunto e parecia aborrecido comigo. Depois perguntou-me se sabia que até o nome de Lady Chatterley tinha sido mencionado. Disse-lhe que não dava ouvidos a mexericos e que me espantava que ele desse. Respondeu-me que tal coisa era um insulto, e eu respondi-lhe que tinha um calendário com o retrato da rainha Mary na copa, provavelmente porque Sua Majestade fazia também parte do meu harém. Ele não gostou do sarcasmo. Acabou por me dizer mais ou menos claramente que eu era uma pessoa sem moral, porque andava sempre com as calças desabotoadas. Eu respondi-lhe mais ou menos claramente que ele não tinha necessidade de abotoar as dele, e, é claro, fui despedido. Parto de sábado a oito dias, e ninguém mais saberá de mim.

Vou para Londres para a velha casa onde me costumava hospedar. A morada é: Senhora Inger, 17, Coburg Square. Se não tiver lá quarto, arranjan-me um noutro sítio.

Podes ter a certeza que os teus pecados te seguirão, sobretudo se és casado com uma mulher chamada Bertha.

Não havia na carta uma única palavra sobre ela, ou para ela, o que magoou Connie. Podia ter escrito algumas palavras de conforto ou de apoio. Mas ela sabia que ele queria que Connie se sentisse livre para voltar para Wragby e para Clifford. Ele não precisava de ser tão cavalheiresco. Gostava que ele tivesse dito a Clifford: "Sim, ela é minha amante e tenho muito orgulho nisso". Mas nunca teria coragem para tanto.

Assim o seu nome estava ligado ao dele em Tevershall. Que trapalhada! Mas em breve tudo seria esquecido. Ficou furiosa, mas com uma fúria estranha que se manifestou em inércia. Não sabia o que havia de fazer ou dizer, portanto não fez nem disse nada. Continuou a fazer a mesma vida em Veneza, passear de gôndola com Duncan Forbes, deixando os dias correr. Duncan, que tinha tido uma grande paixão por ela dez anos antes, estava de novo apaixonado. Mas Connie disse-lhe: "Só quero uma coisa dos homens; que me deixem em paz".

E Duncan deixou-a em paz sem se zangar. Mesmo assim, dava-lhe uma espécie de amor muito estranha. Queria estar com ela.

Alguma vez pensou - disse-lhe ele um dia - como as pessoas estão pouco ligadas entre si? Olhe para Daniele. É belo como um filho do sol. Mas veja como vive sozinho na sua beleza. E, no entanto, aposto que tem mulher e filhos, e que seria incapaz de os deixar.

Pergunte-lhe - respondeu Cormie. Duncan perguntou-lhe. Daniele contou que era casado e que tinha dois filhos, rapazes, de sete e nove anos. Mas não deixou transparecer a mais pequena emoção.

As pessoas que são capazes de se prender têm um aspecto solitário - comentou Connie. - Os outros são pegajosos e prendem-se a tudo e a todos, como Giovanni.

E acrescentou para si própria: "E como você, Duncan".

Capítulo XVIII

Connie tinha de decidir o que havia de fazer. Sairia de Veneza no mesmo sábado em que Mellors partia de Wragby, daí a cinco dias. Na segunda-feira seguinte estaria em Londres e então iria procurá-lo. Escreveu para a morada de Londres pedindo-lhe que respondesse para o Hotel Hardand e a procurasse na segunda-feira à noite, às sete horas.

No seu íntimo, estava estranha e completamente irritada e não conseguia reagir. Recusou-se a fazer confidências, até mesmo a Hilda, e esta sentiu-se ofendida com o seu permanente mutismo, tornara-se muito íntima com uma holandesa. Connie odiava estas intimidades um pouco sufocantes entre mulheres, para que Hilda sempre tinha manifestado uma grande tendência.

Sir Malcolm decidiu fazer a viagem na companhia de Connie e Duncan seguia com Hilda. O velho artista sempre vivera bem: reservou beliches no expresso do Oriente, apesar de Connie não gostar de *trains de luxe*¹ e da sua atmosfera de depravação vulgar. Contudo tomaria mais curta a viagem para Paris.

Sir Malcolm sentia-se sempre inquieto quando voltava para junto da mulher. Era um hábito que lhe tinha ficado do primeiro casamento. Mas havia uma caçada ao galo silvestre e ele queria chegar com uma certa antecedência. Connie, queimada pelo sol e atraente, ia calada, sem prestar a menor atenção à paisagem.

- Não é muito agradável voltar para Wragby - disse o pai, notando o seu ar taciturno.

- Não tenho a certeza se voltarei para Wragby - respondeu ela, de maneira um pouco abrupta, fitando-o com os seus grandes olhos azuis.

E os olhos também grandes e azuis do pai ficaram com uma expressão de medo, semelhante à de um homem cuja consciência social não está totalmente definida.

- Queres dizer que ficas uns tempos em Paris?

- Não! Quero dizer, nunca mais voltar a Wragby. Sir Malcolm estava preocupado com os seus pequenos problemas e desejava sinceramente que Connie não o sobrecarregasse com os dela.

- Como? Assim de repente? - perguntou.

- Vou ter um filho. Era a primeira vez que proferia tais palavras a alguém, e parecia que marcavam uma clivagem na sua vida.

- Como é que sabes? Ela sorriu.

- Como é que havia de saber?

- Mas não é de Clifford, evidentemente.

¹ "Comboios de luxo." (N. da T)

- Não! É de outro homem. Divertia-se a atormentá-lo.
- Conheço-o? - perguntou Sir Malcolm.
- Não! Nunca o viu. Houve uma longa pausa.
- E quais são os teus planos?
- Não sei, aí é que está o problema.
- Não há possibilidade de entendimento com Clifford?
- Estou convencida de que Clifford aceitará a criança. Disse-me, depois da última vez que falei com ele, que não se importaria que eu tivesse um filho, desde que tudo se passasse discretamente.

- Era a única coisa razoável que ele poderia dizer, perante os factos. Então está tudo resolvido.

- Em que sentido? - perguntou Connie, fitando o pai nos olhos. Os seus olhos eram grandes e azuis e muito parecidos com os dela, mas revelavam uma certa inquietude, às vezes com uma expressão de um garoto embaraçado, ou de egoísmo, mas, geralmente, de bom humor e ponderação.

Podes presentear Clifford com um herdeiro dos Chatterley e por um novo baronete em Wragby.

No rosto de Sir Malcolm esboçou-se um sorriso quase sensual.

- Acho que não quero.

- Porque não? Sentes-te presa ao outro homem? Bem! Se queres saber a minha opinião, minha filha, é esta. A vida continua. Wragby permanecerá sempre. O mundo é uma coisa mais ou menos fixa, e, aparentemente, temos de nos adaptar a ele. Interiormente, podemos fazer o que nos agrada, na minha opinião pessoal. As emoções mudam. Podes gostar de um homem este ano e para o ano de outro. Mas Wragby continuará. Abandona Wragby como Wragby te abandona. Portanto, faz o que quiseres, mas ganharás pouco com uma rotura. Podes-te separar se quiseres, tens o teu rendimento, que é sempre uma segurança. Mas não terás grandes vantagens. Põe um pequeno baronete em Wragby, é divertido.

Sir Malcolm encostou-se no banco e sorriu de novo. Connie não respondeu.

- Espero que tenhas encontrado finalmente um homem a sério - disse ele, passados uns instantes, desperto na sua sensualidade.

- Encontrei. Aí é que está o problema. Não há muitos.

- Isso é verdade, meu Deus! Não há! Bem, minha querida, olhando para ti, ele é um homem de sorte. Certamente que ele não quer arranjar-te sarilhos?

- Oh, não! Dá-me inteira liberdade.

- Evidentemente, como qualquer homem a sério. Sir Malcolm estava satisfeito. Connie era a filha preferida e sempre tinha apreciado nela a mulher. Tinha pouco da mãe, em comparação com Hilda. Nunca tinha gostado de Clifford. Portanto, estava contente e foi muito terno com a filha, como se a criança que estava para nascer fosse seu filho.

Seguiu com ela para o Hotel Hardand e deixou-a instalada, depois foi para o seu clube. Ela tinha recusado o seu convite para a noite.

Encontrou uma carta de Mellors:

Não irei ao teu hotel, mas espero por ti em frente ao Calo de Ouro, na Adam Street, às sete.

Lá estava ele, alto e esguio, com um ar diferente, de fato escuro.

Tinha uma distinção natural, mas não o aspecto estereotipado da classe social de Connie. Ela percebeu imediatamente que ele podia ser o que quisesse. Tinha um bom ar natural que era mais agradável do que qualquer estereótipo.

- Até que enfim! Estás com óptimo aspecto! - Achas? Mas tu não. Connie olhou de frente, ansiosamente. Ele estava mais magro, com as maçãs do rosto salientes. Mas os seus olhos sorriam para ela. Sentia-se bem. Subitamente, perdera a tensão de tentar manter as aparências e dele irradiava qualquer coisa que a fez sentir feliz e descontraída. O seu instinto de mulher, atento à felicidade, compreendeu: "Sinto-me feliz quando estou com ele!". Nem o sol de Veneza lhe tinha dado essa expansão e esse calor, interiores.

- Foi terrível para ti? - perguntou-lhe ela ao mesmo tempo que se sentava à mesa de frente para ele. Notava agora como ele estava magro. A mão pousada sobre a mesa, num gesto que ela conhecia, numa espécie de esquecimento de um animal adormecido. Apetecia-lhe pegar-lhe na mão e beijá-la. Mas não se atreveu.

- As pessoas são sempre terríveis - respondeu ele.

- Afectou-te muito?

- Afectou, como sempre. E sei que fui um louco em me ter preocupado.

_ Sentiste-te como um cão com uma lata atada ao rabo? Clifford disse que te sentias assim.

Ele olhou para ela. Estava a ser cruel, porque o seu orgulho tinha sido profundamente abalado.

- Acho que sim - respondeu. Ela nunca conheceu a profunda amargura que se apoderava dele quando era insultado.

Fez-se um longo silêncio. E sentiste a minha falta?

- Foi melhor estares longe de tudo aquilo. Ficou de novo em silêncio.

- Mas as pessoas acreditaram na nossa ligação? - perguntou ela.

- Não! Estou convencido que não.

- E Clifford?

- Também acho que não. Repudiou a ideia. Mas apeteceu-lhe nunca mais me ver.

- Vou ter um filho. Ele fitou-a, com os seus olhos sombrios, cuja expressão ela não conseguia decifrar, como se estivesse a ser olhada por um espectro brilhante e escuro. O seu rosto e o seu corpo ficaram impassíveis.

- Diz que estás contente - pediu Connie, agarrando-lhe a mão.

Ela notou que um certo triunfo começava a invadi-lo, mas que era enredado por coisas que ela não compreendia.

É o futuro - respondeu Mellors. Mas não estás contente? - insistiu ela. Tenho um receio terrível do futuro. Mas escusas de te preocupar com responsabilidades. Clifford aceita a criança como se fosse dele, e com agrado.

Viu que ele empalidecia e se fechava. Não respondeu.

- Achas que devo voltar para Clifford e dar um baronete a Wragby?

Ele fitava-a, pálido e muito distante. O sorriso de desdém, vago e desagradável perpassou-lhe pelo rosto.

- Não terias necessidade de lhe dizer quem era o pai.

- Oh! - disse ela. - Mesmo assim ele aceitá-lo-ia, se eu quisesse.

Ele ficou pensativo por momentos.

- Sim! - disse ele para si mesmo, por fim. - Acho que sim. Fez-se de novo silêncio. Havia uma distância abismal entre os dois.

- Mas não queres que eu volte para Clifford, pois não?

- Que é que queres fazer da tua vida?

- Viver contigo - respondeu ela, simplesmente. Sem querer Mellors sentiu que pequenas chamas lhe percorriam as entranhas quando ouviu estas palavras, inclinou a cabeça, depois olhou-a com aqueles olhos assustados.

- Se queres arriscar. Não tenho nada para oferecer.

- Tens mais do que a maioria dos homens. Tu sabes disso disse ela.

De certo modo, tenho consciência disso. Calou-se uns segundos, para pensar. Depois recomeçou:

Dantes diziam-me que eu tinha características de mulher, mas não é isso. Não sou uma mulher não porque não quero matar pássaros, nem porque não quero ganhar dinheiro e triunfar na vida. Podia ter feito a vida no exército, facilmente. Mas não gostava de estar no exército. E, no entanto, dava-me bem com os homens, gostavam de mim e tinham um pouco de medo quando me encolerizava. Não. Era a autoridade suprema, que matava o exército, matava e embrutecia. Gosto dos homens e eles gostam de mim. Mas não suporto a impudência pretensiosa e as histórias das pessoas que governam o mundo. Não posso seguir esse caminho, odeio a impudência do dinheiro e de classe. Num mundo como este que poderei oferecer a uma mulher?

Mas porque é que me hás-de oferecer o que quer que seja? Não é um negócio. Apenas nos amamos.

Não, não! É mais do que isso. Viver significa andar para a frente, seguir sempre em frente. E a minha vida não vai correr bem. Sirvo para pouca coisa. E não tenho o direito de arrastar comigo uma mulher, para uma vida em que não realizo nada, que não leva a nada. Pelo menos interiormente, para nos manter frescos. Um homem tem de oferecer à mulher algum significado à vida, se for uma vida isolada e se ela é uma mulher a sério. Não posso limitar-me a ser a tua concubina macho.

- Porque não?

- Porque não sou capaz. E acabarias por a odiar.

- Como se não pudesses confiar em mim - disse ela. Aquele sorriso irónico brilhou no rosto de Mellors.

O dinheiro é teu, a posição é tua, as decisões têm de ser tuas. E, no fundo, eu não passarei do fornicador da minha dama.

- E que mais és tu?

- Perguntas bem. Com certeza é invisível. No entanto, sou qualquer coisa para mim, pelo menos. Compreendo o sentido da minha existência, embora perceba que os outros não o possam compreender.

- E a tua existência perde sentido se viveres comigo? Ele hesitou antes de responder.

- É provável. Ela também ficou pensativa.

- E qual é o objectivo da tua vida?

- Vou-te dizer. É invisível. Não acredito no mundo, nem no dinheiro, nem no progresso, nem no futuro da nossa civilização. Se a humanidade vai ter futuro, tem de se dar uma grande transformação.

- E como terá de ser o futuro?

- Só Deus sabe. Sinto qualquer coisa dentro de mim misturada com muita raiva. Mas o que isso significa, não sei.

- Posso dizer-te? - perguntou ela, fitando-o. - Posso dizer-te o que tens e que os outros homens não têm, e que fará o futuro? Posso?

Diz-me então - replicou ele. É a coragem da tua própria ternura. É o que te leva a acariciar-me e a dizer-me que tenho o rabo mais bonito do mundo.

O mesmo sorriso aflorou-lhe o rosto.

- É isso. Depois sentou-se, pensativo.

- Sim! Tens razão. É isso realmente. Foi sempre isso. Sentia-o com os homens. Tinha de estar em contacto com eles, fisicamente, e sem recuar. Através do meu corpo tinha de ter consciência deles e necessidade de lhes testemunhar um pouco de ternura, mesmo se lhes tivesse transformado a vida num inferno. É uma questão de conhecimento físico, como diz Buda. Mas o próprio Buda se manteve afastado desse conhecimento corporal e a ternura física, que é muito importante, mesmo entre os homens, de um modo perfeito e viril. É o que os torna realmente homens em vez de macacos. Sim, é a ternura, é o conhecimento sexual. O sexo, no fundo, é um contacto, o mais íntimo dos contactos. É do contacto que as pessoas têm medo. Estamos meio conscientes e meio vivos. Sobretudo os ingleses têm de estar mais em contacto uns com os outros, um pouco de delicadeza e ternura. É a nossa mais evidente necessidade.

Ela fitava-o.

Então porque tens medo de mim? Ele olhou para ela muito antes de responder.

- É do dinheiro que tenho medo e da tua situação. É do mundo dentro de ti.

Mas em mim não há ternura? - perguntou ela, ansiosa. Ele fitou-a, com os olhos escuros e vagos.

- Sim, vai e vem, como em mim.

- Mas não acreditas em nós? - perguntou ela, olhando para ele, fixa e ansiosamente.

Reparou que o seu rosto se ia suavizando e libertando da sua armadura.

Talvez! - respondeu ele. Ficaram os dois calados.

Quero que me abrases - disse Connie. E quero que me digas que estás contente por irmos ter um filho.

Ela estava tão encantadora, tão ardente e tão ávida que ele sentia as entranhas moverem-se para ela.

Creio que podemos ir para o meu quarto. Embora seja mais uma vez um escândalo.

Ela notava que o esquecimento do mundo o invadia de novo e que o seu rosto adquiria aquela expressão suave, pura da paixão amorosa.

Caminharam pelas ruas mais afastadas até Coburg Square, onde ele tinha um quarto no último andar, uma pequena mansarda, decente e limpa, onde ele cozinhava num fogão de gás.

Ela despiu-se e obrigou-o a fazer o mesmo. Estava linda com os primeiros sinais de gravidez.

- Não te devia tocar - disse ele.

- Não. Ama-me! Ama-me! E diz que ficarei contigo, que não me deixarás ir embora, por nada, nem por ninguém.

Aproximou-se dele, colou-se ao seu corpo nu, forte e magro, o único refúgio que encontrara na vida.

Está bem, ficaremos juntos. Se quiseres ficaremos juntos. Ele abraçava-a com força.

- E diz que estás contente por teres um filho. Dá-lhe um beijo! Dá-me um beijo no ventre e diz que estás contente por ele estar aqui.

Mas isso era mais difícil para ele.

- Tenho muito medo de pôr crianças neste mundo. Tenho muito medo do futuro delas.

- Mas puseste-o dentro de mim. Tens de ser meigo com ele, e isso já será o futuro dele. Dá-lhe um beijo.

Ele estremeceu porque era verdade. "Tens de ser meigo para ele, e isso é já o futuro dele." Nesse momento sentiu um profundo amor pela mulher. Beijou-lhe o ventre e o monte-de-vénus para sentir o feto mais perto.

- Oh! Tu amas-me! Tu amas-me! - disse Connie, soltando um pequeno grito, como um dos gritos de amor cegos e inarticulados.

Ele possuiu-a docemente e sentiu um fluxo de ternura que corria das suas entranhas para as dela, as entranhas da compaixão despertaram entre eles.

Ele compreendeu que era aquele o seu dever: um contacto terno com ela, sem perder o seu orgulho, a sua dignidade e integridade de homem. Se

ela tinha dinheiro e bens, e ele não, o próprio orgulho e a honra deviam impedi-lo de, por esse motivo, lhe retirar a sua ternura. "Eu represento o conhecimento físico, íntimo entre os seres humanos - disse para consigo mesmo - e a ternura. Ela é minha companheira. E é uma batalha contra o dinheiro, contra a máquina e o ideal ignóbil, insensível e animalesco do mundo. E ela ficará atrás de mim na luta. Tenho uma mulher, graças a Deus! Graças a Deus tenho uma mulher que está comigo, que é terna e me conhece. Graças a Deus é uma mulher que não é tirânica nem louca. Graças a Deus é terna e compreende."

E, à medida que a sua semente penetrava nela, a sua alma movia-se também em direcção a ela, num acto que, mais do que procriativo, era criativo.

Connie estava totalmente resolvida a que nada os separasse. Mas os meios e os modos estavam ainda por resolver.

- Sentiste ódio por Berrha Coutts? - perguntou-lhe.

- Não me fales dela.

Não, temos de falar, porque antes gostaste dela e tiveste tanta intimidade com ela como comigo. Por isso tens de me dizer. Não é horrível o ódio depois de tanta intimidade com ela? Como é que isso pode acontecer?

- Não sei. Ela estava sempre pronta a virar-se contra Mim, é obstinada como só uma mulher pode ser e tem a loucura da liberdade. Essa noção de liberdade das mulheres acaba sempre na mais terrível das tiranias. Atirava-me sempre à cara com a sua liberdade como se fosse vitriolo.

- Mas ela ainda hoje não se libertou de ti? Ainda gosta de ti?

- Não, não! Se ela ainda não está livre de mim, é porque me tem ódio e me procura oprimir.

- Mas ela deve ter-te amado.

- Não. Ou talvez tenha gostado, por momentos. Eu atraía-a. E penso que isso a irritava. E sempre se arrependeu, e começava a fazer-me mal. O seu maior desejo era fazer-me mal, e isso nunca mudou. A vontade dela estava errada, desde o princípio.

Mas talvez ela achasse que não a amavas o suficiente, e queria forçar-te.

- Mas, meu Deus, fê-lo de um modo tão cruel.

- Na realidade nunca gostaste dela, pois não? Fizeste-lhe mal.

- Que é que eu podia ter feito? Comecei por gostar dela. Mas, de certo modo, ela sempre se afastou. Não falemos disto, é tudo muito desagradável, ela é uma mulher horrível. Desta vez teria sido capaz de a matar como faria a uma doninha, se me deixasse. Era um ser louco e terrível na forma de mulher. Se eu a tivesse podido matar, acabaria com tudo! Por vezes o homicídio devia ser autorizado. Quando uma mulher fica possessa, é uma coisa assustadora; devia ser morta.

- E os homens também não deviam ser mortos quando ficam possessos?

- Com certeza! Mas tenho de me libertar dela, senão cai-me em cima outra vez. Queria falar contigo sobre isso. Tenho de me divorciar, e se o

conseguir, temos de ser cautelosos. Não devemos ser vistos juntos, tu e eu, nunca, nunca suportaria isto, se ela resolvesse atacar-me a mim e a ti.

Connie ficou a pensar nas palavras de Mellors.

- Não podemos então estar juntos?

- Durante seis meses, mais ou menos, não. Mas creio que o meu divórcio começará em Setembro; portanto, de Setembro a Março.

- Mas a criança deve nascer nos fins de Fevereiro. Ele ficou calado.

- Todos os Cliffords e Berthas deste mundo deviam estar mortos.

- Não estás a ser simpático para com eles.

- Simpático para com eles? A Coisa mais simpática que se podia fazer com eles era matá-los. Não são capazes de viver! Só servem para frustrar os outros. Por dentro são horríveis, e a morte seria um alívio para eles. Deviam ter-me deixado matá-los.

- Não farias isso.

- Faria. E teria menos remorsos do que matar uma doninha, que é bonita e solitária. Eles são a legião. Matava-os com certeza.

- Então o melhor é não pensares muito nisso.

- Talvez. Connie tinha agora muitas coisas em que pensar. Era evidente que ele queria realmente libertar-se de Bertha Coutts, e ela achava que ele tinha razão. O último ataque tinha sido demasiado terrível. Isso significava que tinha de viver sozinha até à Primavera. Talvez se pudesse divorciar de Clifford. Mas como? Se o nome de Mellors fosse citado era o fim do divórcio de Bertha. Que maçada! Não seria possível fugir para o fim do mundo e ser livre?

Não se podia. Hoje em dia a fim do mundo fica a cinco minutos de Charing Cross. Enquanto o rádio está a funcionar, não há distâncias. Os reis de Daomé e os lamas do Tibete ouvem Londres e Nova Iorque.

Era preciso paciência, muita paciência! O mundo é uma grande máquina, vasta e sinistra, e é preciso cuidado para não se ser apanhado por ela.

Connie confiou no pai.

- Compreende, pai, era o couteiro de Clifford, mas esteve como oficial na Índia. É um pouco como o coronel Florence, que preferiu voltar para soldado.

Sir Malcolm, no entanto, não compartilhava do misticismo de mau gosto do famoso Florence. Via muita propaganda sob a capa da humildade: a vaidade da humilhação voluntária.

- E donde é que surgiu o teu couteiro?

- Era filho de um mineiro de Tevershall. Mas tem boa apresentação.

O artista, armado cavaleiro, ficava cada vez mais irritado.

- Parece-me um pesquisador de ouro. E tu és uma mina de ouro acessível.

- Não, pai, não é assim. Perceberá quando o vir. É um homem. Clifford sempre o detestou, por não ser humilde.

- Aparentemente, pela primeira vez teve bom instinto.

O que Sir Malcolm não suportava era a ideia do escândalo, da intriga de uma filha sua com um couteiro. A intriga não o preocupava, preocupava-o o escândalo.

- O homem não me interessa. Evidentemente que ele soube conquistar-te. Mas, meu Deus, o que as pessoas vão dizer! A tua madrasta, por exemplo!

- Eu sei, as pessoas são terríveis, sobretudo as da sociedade. E, acima de tudo, ele anseia pelo divórcio. Pensei que talvez pudéssemos dizer que eu esperava um filho de outro homem, e não se citava o nome de Mellors.

- Outro homem? Que homem?

- Talvez Duncan Forbes. É nosso amigo desde sempre, e um artista muito conhecido. E gosta de mim.

- Palavra de honra! Pobre Duncan! E que é que ele ganha com isso?

- Não sei, mas pode até não se importar.

- Talvez. É um homem original, nesse caso. Mas alguma vez tiveste alguma relação com ele?

- Não, mas também não é isso que ele quer. Ele ama-me no sentido de me querer junto dele, mas sem o tocar.

- Meu Deus, que geração!

- Acima de tudo, queria que eu posasse para ele. Eu é que nunca quis.

- Deus tenha piedade dele! De homem assim há tudo a esperar

- Importar-se-ia que as pessoas falassem dele?

- Ah, Connie, que confusão!

- Eu sei, é chocante, mas não posso fazer nada.

- Imaginação e maquinação; maquinação e imaginação. Faz com que um homem pense que já viveu de mais.

- Então, pai, na sua vida também houve muitas confusões, não pode falar.

Mas diferentes, garanto-te. É sempre diferente. Hilda chegou, também furiosa por saber o que se tinha passado. E também não suportava a ideia de um escândalo em que o nome da irmã fosse aparecer ligado ao do couteiro. Parecia-lhe demasiado.

- Porque é que não havemos de desaparecer, separadamente, para a colónia britânica, e não faremos nenhum escândalo?

Mas era inútil. Mais tarde ou mais cedo o escândalo rebentaria. "E, se Connie ia com o homem, o melhor seria casarem", pensava Hilda. Sir Malcolm hesitava, aquilo podia acabar de um momento para o outro.

- Mas está disposto a falar com ele, não está, pai? Pobre Sir Malcolm! Não tinha vontade nenhuma, e Mellors ainda menos. Mas marcaram um encontro: um almoço numa sala privativa do clube de Sir Malcolm, sozinhos, os dois. Observaram-se mutuamente, minuciosamente.

Sir Malcolm bebeu bastante uísque e Mellors também bebeu. Entretanto, falaram sobre a Índia, e Sir Malcolm achou que ele estava bem informado.

Assim se passou a refeição. Só quando o café foi servido e o criado desapareceu, Sir Malcolm acendeu um charuto e perguntou num tom cordial:

- Bem, meu rapaz, e quanto à minha filha? Mellors sorriu, irónico.

- Bem, Sir, que lhe posso dizer?

- Arranjou-lhe um filho.

- O que me honra muito.

- Honra! Por amor de Deus! - Sir Malcolm deu uma gargalhada e voltou a ter o comportamento de escocês Itibrico. - Honra! E correu tudo bem, meu rapaz, tudo bem?

- Perfeitamente.

- Tinha a certeza. Ah! Ah! A minha filha é de boa raça! Eu nunca me arrependi de uma boa fornicação, garanto-lhe. Mas a mãe dela, bem, valha-me Deus! - E levantou os olhos para o tecto. - Você reanimou-a, isso nota-se. Ah! Ah! O sangue dela é o meu, e você soube chegar-lhe a chama. Ah! Ah! Ela estava precisada disso, é uma óptima rapariga, uma óptima rapariga, e eu sabia que tudo correria bem se ela encontrasse um homem a sério! Ah! Ah! Ah! Couteiro, não é, rapaz? Caçador furtivo, é o que você e, meu rapaz. Ah! Ah! Ah! Mas agora a sério, o que é que tenciona fazer? Agora a sério mesmo!

Quando começaram a falar a sério não chegaram a grandes conclusões. Mellors, embora um pouco embriagado, estava mais sóbrio do que Sir Malcolm. E conseguiu orientar a conversa inteligentemente; isto é, dizendo pouco.

- Com que então couteiro? Está bem, sabe escolher a caça, não há dúvida. O teste da mulher consiste em dar-lhe um beliscão nas nádegas. Percebe-se logo o que ela vale. Ah! Ah! Tenho inveja de si, meu rapaz. Que idade tem?

- Trinta e nove. Sir Malcolm levantou as sobrancelhas.

- Já? Pelo que vejo do seu aspecto, tem mais vinte anos à sua frente. E, couteiro ou não, é um bom galo, vê-se bem, até com os olhos fechados. Não é como o idiota do Clifford, esse infeliz que nunca soube o que era fornicar. Gosto de si, meu rapaz. É um galo e um galo de combate, tenho a certeza. Couteiro! Garanto-lhe que eu não lhe confiaria a minha caça. Mas, agora a sério, que vamos fazer? O mundo está cheio de velhas maldizentes.

A sério não fizeram nada, excepto estabelecer a velha franco-maçonaria da sensualidade masculina.

- Escute, meu rapaz, se acha que eu posso fazer alguma coisa por si, conte comigo. Couteiro! Meu Deus! Tem graça, acho graça mesmo, acho mesmo. Prova que a minha filha sabe o que faz. E, no fundo, e você sabe, ela tem rendimento, um rendimento pequeno, mas que chega para não morrerem de fome. E tudo o que tenho fica para ela. Isso sem dúvida nenhuma. E ela merece-o, porque tem veia, coisa que a maior parte das mulheres não tem. Andei metido com saias durante setenta anos e ainda sou capaz de me ver livre das mulheres. Mas você sabe, vê-se logo.

- Ainda bem que pensa assim. Normalmente, dizem que sou o macaco.

- Com certeza. Mas, meu caro, o que é que se pode ser senão um macaco para as mulheres? Despediram-se na maior das cordialidades. Durante o resto do dia riu-se por dentro.

No dia seguinte almoçou com Connie e Hilda num restaurante discreto.

- É uma pena que toda esta situação fosse tão complicada por todos os lados - disse Hilda.

- A mim diverte-me - respondeu Mellors.

- Acho que vocês deviam ter evitado filhos, até serem ambos livres para poderem casar e ter filhos.

- O Senhor interveio antes de tempo - respondeu Mellors.

- O Senhor não tem nada a ver com isso. Evidentemente que Connie tem dinheiro suficiente para se sustentarem, mas a situação é insuportável.

- Não vai ter de suportar por muito tempo, pois não? - disse ele.

- Se ao menos fossem da mesma classe!

- Ou se estivesse numa jaula no jardim zoológico. Ficaram os três em silêncio.

- Acho que é melhor - disse Hilda - que ela nomeie outro homem como correspondente e você fica de fora.

- Mas eu tenciono...

- Refiro-me ao processo do divórcio. Ele olhou para ela, fixamente, estupefacto. Connie não se tinha atrevido a contar-lhe a ideia de mencionar Duncan.

- Não estou a perceber - disse.

- Temos um amigo que talvez não se importasse de ser citado, e assim o seu nome não apareceria - respondeu Hilda.

- Um homem?

- Evidentemente!

- Mas ela não tem outro? E olhou, espantado, para Connie.

- Não, não! - respondeu ela apressadamente. - É muito simples. Trata-se de um velho amigo, mais nada.

- Então porque é que ele havia de ser citado? Se não se passou nada entre vocês.

- Há homens que são cavalheiros e não estão a pensar no que uma mulher lhes pode dar - respondeu Hilda.

- Tenho então um intruso? E quem é o famoso cavaleiro?

- Um amigo de infância, da Escócia, que é artista.

- Duncan Forbes! - disse Mellors imediatamente, pois Connie tinha-lhe falado dele. - E como é que vai provar?

- Eles podem ficar juntos no mesmo hotel, ou Connie pode instalar-se no apartamento dele.

- Parece-me que é muita confusão para nada.

- Então que sugere? - perguntou Hilda. - Se o seu nome for mencionado, a sua mulher não lhe dá o divórcio, e parece que é melhor não insistir com ela.

- Tudo isso! - disse ele num tom severo. Ficaram calados durante algum tempo.

- Podíamos desaparecer imediatamente.

- Connie não pode. Clifford é demasiado conhecido. De novo um silêncio de pura frustração.

- O mundo é assim. Se as pessoas querem viver juntas sem serem perseguidas, têm de casar. Para casar, têm de se divorciar. Então, como é que sugerem que se faça?

Ele ficou taciturno durante muito tempo.

- Que é que você propõe? - perguntou Mellors.

- Vamos ver se Duncan aceita. Depois, convence-se Clifford a concordar com o divórcio. Você continua a tratar do seu divórcio e têm de viver separados até serem livres.

- Tudo isso me parece uma coisa de lunáticos.

- Talvez. O mundo olhar-vos-á como lunáticos, ou pior ainda.

- Pior como?

- Criminosos, por exemplo.

- Ainda penso fazer umas coisas antes disso - respondeu Mellors, depois calou-se, estava furioso.

- Bem - disse Mellors, por fim. - Concordo com tudo o que quiserem. O mundo é louco, e ninguém o pode destruir, embora eu gostasse de o fazer. Mas têm razão. Devemos ser o mais prudentes possível.

Olhou para Connie e a sua expressão era um misto de humilhação, de cólera, de cansaço e de tristeza.

- Minha filha, o mundo vai-te pôr sal no rabo.

- Se nós deixarmos. Este tipo de problemas incomodava-a menos do que a ele. Duncan foi sondado e insistiu também em conhecer o couteiro delinqüente. Combinou-se portanto um jantar, no seu apartamento, com os quatro. Duncan era um homem baixo, largo, moreno, um Harrilet taciturno, com cabelos negros, lisos, e uma curiosa vaidade de celta. A sua arte era constituída por tubos, válvulas, espirais, cores estranhas; ultramoderna, revelava no entanto uma certa força e uma certa pureza de forma e de tom. Mellors achou-a cruel e repelente, mas não se atreveu a dizê-lo, pois Duncan era quase louco pelo que fazia. Havia nele um culto pessoal, quase uma religião, em relação à arte.

Estavam a ver os quadros no estúdio e Duncan não tirava os olhos, castanhos e um pouco pequenos, de Mellors. Queria ouvir a opinião dele, pois as de Hilda e de Connie já as conhecia.

- Parece-me uma forma de homicídio puro - comentou finalmente Mellors.

Duncan não esperava uma tal resposta da parte de um couteiro.

- E quem é o assassinado? - perguntou Hilda, num tom frio e sarcástico.

- Eu! Mata as entranhas da compaixão dentro de um homem. Parecia ter-se desprendido do artista uma onda de ódio. Notava na voz do outro homem um desagrado e um certo desprezo. E não suportava que lhe falassem assim. Sentimentalismo mórbido.

- Talvez assassine a estupidez, a estupidez sentimental - disse o artista.

- Acha? A mim parece-me que todos esses tubos e estas vibrações onduladas são por si suficientemente estúpidas e muito sentimentais. Revelam uma grande dose de autocompadecimento e uma auto-imagem feita de nervosismo.

Uma nova onda de ódio cobriu a cara do artista, que logo se tornou amarela. Mas com uma espécie de silenciosa *hauteur*,² virou os quadros para a parede.

Saíram do estúdio num silêncio pesado. Depois do café, Duncan disse:

- Não me importo nada de passar por pai do filho de Connie. Mas imponho uma condição: que ela pose para mim. Há anos que lhe peço e ela recusou sempre.

Falou num tom de decisão sinistra, como um inquisidor que anuncia um auto dafé.

- Ali! - exclamou Mellors. - Somente com essa condição, portanto?

- Exactamente. Só o faço com esta condição. Tentou imprimir à voz o máximo de desprezo pelo outro e exagerou.

- Não me quer como modelo ao mesmo tempo? - perguntou Mellors. - Poderia fazer um grupo, Vulcano e Vénus sob o Manto da Arte. Eu fui ferreiro, antes de ser coureiro.

- Muito obrigado - respondeu o artista -, mas a figura de Vulcano não me interessa.

- Nem mesmo tubificado e enfeitado? O outro não respondeu, para marcar a sua superioridade. O serão prolongou-se. Duncan fingia obstinadamente ignorar a presença do outro homem e conversou com as duas mulheres em frases curtas, como se as palavras fossem arrancadas ao mais profundo da sua melancolia maléfica.

- Não gostaste dele, mas ele é melhor do que parece. Muito simpático - explicou Connie, quando saíram.

- É um cachorrinho preto, doente e com tosse - disse Mellors.

- Hoje, na verdade, foi desagradável.

- Vais posar para ele? - já não me importo realmente. Não permito que me toque, portanto não tem importância. E se isso torna possível nós vivermos juntos.

- Vai fazer uma porcaria numa tela.

- Não me interessa. Vai pintar os seus sentimentos por mim, o que não me afecta. E em circunstância nenhuma conseguirá tocar-me. E se julga que

² "Altivez". (N.da T)

faz alguma coisa a olhar para mim com os seus olhos de mocho artístico, eu deixo. Pode-me transformar em quantos tubos quiser. O problema é dele. Odiou-te por lhe teres dito que a sua arte tubificada era sentimental e convencida. Mas é mesmo verdade.

Capítulo XIX

Meu caro Clifford:

Receio que aquilo que previu tenha acontecido. Estou apaixonada por outro homem e espero que me dê o divórcio. Presentemente, estou a viver com Duncan no seu apartamento. Como lhe contei, estive connosco em Veneza. Lamento muito por si, mas tente compreender. Na realidade já não precisa de mim e eu não suporto a ideia de voltar para Wragby. Lamento profundamente. Tente perdoar-me, e divorcie-se e arranje alguém melhor do que eu. Eu não sou a mulher que lhe convém. Sou muito impaciente e egoísta, suponho. Mas nunca poderei voltar para si. Lamento muito tudo o que aconteceu, por si. Mas, se encarar os factos calmamente, será mais fácil. Pessoalmente, não se interessava realmente por mim. Por isso, perdoe-me e liberte-se de mim.

Clifford, no seu íntimo, não ficou surpreendido com esta carta, sabia há muito tempo que ela o deixaria. Mas sempre se recusara a admiti-lo como um facto. Exteriormente, ao tomar conhecimento disso, foi um golpe e um choque muito grande, pois nunca tinha perdido a sua confiança em Connie.

É assim que nós somos. Pela força da vontade eliminamos o conhecimento intuitivo e não permitimos que se torne consciente. Daí resulta um estado de espírito caracterizado pelo medo, ou pela apreensão, que torna dez vezes mais violentos os choques sofridos.

Clifford parecia uma criança histérica. Assustou a senhora Bolton, sentado na cama com um aspecto sinistro e inexpressivo.

- Mas, Sir Clifford, que é que se passa? Não respondeu. Estava apavorada, julgando que tinha tido um ataque. Aproximou-se rapidamente, tocou-lhe na cara e pegou-lhe no pulso.

- Tem alguma dor? Diga-me onde lhe dói! Diga-me, por favor! Clifford continuava sem responder.

- Oh, meu Deus! Vou já telefonar ao doutor Carrington, de Sheffield, e peço ao doutor Lecky para vir vê-lo imediatamente.

Dirigia-se para a porta quando ouviu um som cavernoso:

- Não! A senhora Bolton parou e olhou fixamente para ele. A cara estava amarela, vazia como a de um idiota.

- Não quer que eu chame o médico?

- Sim. Não quero o médico - respondeu com uma voz sepulcral.

- Mas, Sir Clifford, está doente e não me atrevo a tomar essa responsabilidade. Tenho de mandar chamar o médico, senão a culpa será minha.

Silêncio. A voz cavernosa ouviu-se de novo:

- Não estou doente. A minha mulher não volta. Parecia uma imagem a falar.

- Não volta? Refere-se a Lady Chatterley? A senhora Bolton aproximou-se um pouco mais da cama.

- Não acredito. Ela volta com certeza. A estátua sentada na cama não se mexeu, mas empurrou uma carta sobre a colcha.

- Leia!

- Não, Sir Clifford, é uma carta de Lady Chatterley e ela com certeza não gostaria, se soubesse que eu li uma carta sua. Se quiser, pode contar-me o que ela diz.

- Leia! - repetiu.

- Eu faço- o para lhe obedecer, Sir Clifford. E ela leu a carta.

- Bem, estou admirada com Lady Chatterley. Tinha prometido tão sinceramente que voltaria.

A expressão de Clifford parecia aprofundar-se, tornando-se mais selvagem e apática. A senhora Bolton olhou para ele e ficou preocupada. Sabia do que se tratava: histeria masculina. Não vinha de soldados, sem primeiro aprender alguma coisa sobre esta desagradável doença.

Sentia-se ligeiramente irritada contra ele. Qualquer homem em poder de todas as suas faculdades, devia ter notado que a mulher gostava de outra pessoa e que acabaria por o deixar. A senhora Bolton tinha a certeza de que Sir Clifford tinha consciência disso, embora se recusasse a admiti-lo. Se o tivesse admitido, e se estivesse preparado para o facto, ou lutado com a mulher, teria tido uma reacção de homem. Mas não! Sabia-o e sempre se tentara convencer de que não era verdade. O Diabo puxava-lhe a cauda e ele fingia convencer-se que eram os anjos que lhe sorriam. Esse estado de espírito, cheio de falsidade, tinha provocado uma crise de nova falsidade e de histeria, que é uma forma de loucura. "Tudo isto - pensava a senhora Bolton com um certo ódio - vem de não pensar senão nele. Ocupava-se exclusivamente do seu eu imortal, e, quando sofre um choque, fica como uma múmia tolhida pelas próprias ligaduras. Olhem para ele!"

Mas a histeria é perigosa, e ela como enfermeira, era seu dever arrancá-lo daquele estado. Qualquer tentativa para despertar a sua masculinidade e o seu orgulho seria pior: a sua masculinidade estava morta, temporariamente pelo menos, se não definitivamente. Enrolar-se-ia mais e mais como um verme e desapareceria.

A única possibilidade era libertar o autocompadecimento. Como a protagonista de Tennyson, chorar ou morrer.

E a senhora Bolton começou a chorar. Cobriu a cara com a mão e desatou a soluçar, com sons estridentes e breves:

- Nunca pensei que Lady Chatterley fizesse isso, nunca pensei! - dizia ela.

Depois evocou o seu grande desgosto e a sua vivência de sofrimento, e começou a chorar lágrimas amargas e sentidas. já era um choro sincero - era fácil para a senhora Bolton encontrar razões para chorar.

Clifford pensava na traição de Connie, e, por contágio da dor, os seus olhos encheram-se de lágrimas, que lhe deslizaram pelas faces. Chorava por ele mesmo. A senhora Bolton, logo que o viu a chorar, limpou-lhe as lágrimas com um lenço e inclinou-se para ele.

- Não se enerve, Sir Clifford! - dizia, muito emocionada. Não se enerve, que lhe faz mal.

O corpo dele subitamente começou a tremer, dominado por soluços silenciosos e reprimidos e as lágrimas escorregavam mais depressa pelo rosto. Ela pousou-lhe a mão no braço e recomeçou a chorar. Ele estremeceu de novo, como se estivesse com convulsões. Ela passou-lhe o braço pelo ombro.

- Vamos, vamos, vamos, acalme-se, acalme-se - gemia ela entre lágrimas.

Puxou-o para ela e colocou-lhe os braços à volta dos seus ombros largos, enquanto ele deitava a cara no peito da senhora Bolton, soluçando e sacudindo os ombros enormes, e lhe fazia caricias no cabelo louro escuro e dizia:

- Vamos, então, acalme-se, não se enerve.

Ele abraçou-a também, colou-se a ela como se fosse uma criança, e o peitilho do avental branco engomado e o peito do vestido de algodão azul-pálido ficaram molhados de lágrimas. Clifford estava finalmente entregue.

Assim, finalmente, ela beijou-o e embalou-o contra o peito, enquanto dizia para si mesma: "ó Sir Clifford! ó poderosos e grandes Chatterleys! Aonde foi possível chegar!". Ele acabou por adormecer como uma criança. Ela sentiu-se muito cansada e foi para o quarto, e começou a rir e a chorar, era o seu momento de histeria. Tudo aquilo era tão ridículo! Tão tenebroso! Tão indigno! Mas de qualquer forma era realmente complicado.

A partir desse dia, Clifford passou a comportar-se como uma criança com a senhora Bolton. Pegava-lhe na mão, adormecia com a cabeça deitada no peito dela, e, quando um dia ela lhe deu um beijo, delicadamente, ele pediu: "Beije-me! Beije-me!". E, enquanto ela lavava o seu corpo sólido e branco, ele dizia o mesmo

"Beije-me". E ela beijava-o no corpo, onde calhava, quase por brincadeira.

A sua cara estava estranha, vazia, e revelava um espanto de criança. E olhava-a com os seus grandes olhos infantis abandonados ao culto da madona. Era da parte dele um abandono total, num abandono de toda a sua virilidade, um regresso quase perverso a um estádio infantil. Depois metia a mão no peito da senhora Bolton, acariciava-lhe os seios e beijava-os com exaltação, a exaltação perversa de um homem que se quer convencer de que é uma criança.

A senhora Bolton exultava, mas sentia vergonha, apreciava e odiava, simultaneamente, o comportamento de Clifford. No entanto, nunca o repelia nem o censurava, e estabelecia-se entre eles uma intimidade física, uma

intimidade esquisita, que o convertia numa criança ingênua, perdida no seu encanto, quase próxima da exaltação religiosa. Era uma aplicação literal da velha frase "não seja como as crianças". Ela era a *Magna Mater*, cheia de força e de poder, que tinha sob a sua guarda aquele homem-criança, grande e louro, submetido à sua vontade e ao seu domínio.

Era estranho, quando o homem-criança, que era Clifford, se transformou naquele ser, lentamente, durante anos, surgiu no mundo, revelava-se muito mais vivo e hábil do que o homem autêntico que costumava ser. Aquele homem-criança, perverso, era um verdadeiro homem de negócios, porque, então, no negócio, era totalmente adulto, penetrante como uma agulha, e impenetrável como um bocado de aço. Quando se encontrava entre outros homens e procurava a maneira de atingir os seus fins e tirar o maior rendimento das minas, revelava uma perspicácia e uma firmeza extraordinárias e quase sinistras, e uma espantosa segurança no ataque e na defesa. Era como se a sua passividade e prostituição à *Magna Mater* lhe desse um novo espírito para o mundo dos negócios e uma força sobre-humana. O mundo nojento das emoções íntimas e o rebaixamento do seu eu de homem conferiram-lhe uma segunda natureza fria, quase visionária, mas hábil para o negócio, era quase sobre-humano.

E a senhora Bolton sentia-se triunfante.

- Ele agora está em boa forma! - dizia ela orgulhosamente. E deve-mo a mim. Palavra de honra, com a Lady Chatterley ele nunca teria chegado a este ponto. Não é mulher para apoiar um homem. Queria demasiado para si.

Ao mesmo tempo, nalgum recanto misterioso da alma feminina, desprezava-o e odiava-o. Para ela, ele significava a besta caída e o monstro que se contorce de dor. E, enquanto o ajudava e o encorajava com todas as suas forças, afastado, no lugar mais recôndito da sua feminilidade saudável, desprezava-o com um desprezo selvagem e sem limites. O vagabundo mais reles valia mais do que ele.

O comportamento de Clifford em relação a Connie era estranho. Insistia em voltar a vê-la e, além do mais, insistia em que viesse de novo para Wragby. Estava perfeitamente determinado nesse ponto. Connie prometera voltar, tinha de cumprir.

- Mas qual é a vantagem? - perguntava a senhora Bolton. Não pode deixá-la e dar-lhe a liberdade?

- Não! Ela disse que voltava, portanto tem de vir. A senhora Bolton nunca mais o contrariou. Sabia com o que lidava.

Clifford escreveu uma carta a Connie, para Londres:

Não preciso de lhe dizer o efeito que a sua carta me causou. Talvez consiga imaginar, se tentar, mas duvido que se dê ao trabalho de pôr a sua imaginação a trabalhar por minha causa.

Só lhe posso responder uma coisa: tenho de a ver pessoalmente aqui em Wragby, antes de tomar qualquer decisão. Prometeu solenemente voltar a Wragby, e continuo preso à sua promessa. Não acreditarei nem

compreenderei coisa nenhuma até vê-la pessoalmente, aqui, sob circunstâncias normais. Escuso de lhe dizer que ninguém suspeita de nada, portanto o seu regresso não terá nada de anormal. Se depois de termos conversado sobre o assunto verificar que continua na mesma disposição de espírito, poderemos então chegar a um acordo.

Connie mostrou esta carta a Mellors.

- Ele começa a vingar-se - respondeu ele, entregando-lhe a carta.

Connie não respondeu. De certo modo estava surpreendida por ver que sentia medo de Clifford. Tinha medo de se aproximar dele, como se fosse diabólico ou perigoso.

- Que hei-de fazer?

- Nada, se não te apetece. Connie respondeu à carta, tentando fazê-lo mudar de ideias. Ele respondeu:

Se não vier agora a Wragby, ficarei à espera que venha, mais tarde ou mais cedo, e agirei em conformidade. Continuarei à sua espera, mesmo que seja por cinquenta anos.

Connie teve medo. Clifford aproveitava-se da situação de uma forma insidiosa, e ela tinha a certeza de que ele estava perfeitamente determinado. Não lhe daria o divórcio e o filho seria dele, a menos que ela conseguisse provar que era ilegítimo.

Após algum tempo de preocupações e tormentos, resolveu ir a Wragby com Hilda. Comunicou a Clifford a sua decisão e este respondeu:

A sua irmã não será bem-vinda a esta casa, mas não lhe fecharei a porta. Sem dúvida que ela contribuiu para o abandono dos seus deveres e responsabilidades, portanto não espere que eu tenha prazer em vê-la.

Seguiram para Wragby. Quando chegaram, Clifford não estava em casa. Foram recebidas pela senhora Bolton.

- Oh, minha senhora, não é o feliz regresso que todos esperávamos!

- Acha? "Aquela mulher sabia. E o resto do pessoal saberia alguma coisa?" Entrou na casa que odiava com todas as suas forças. A grande construção irregular pareceu-lhe diabólica, uma ameaça pendente sobre a sua cabeça. Já não era a dona da casa, mas a vítima.

- Não consigo ficar aqui muito tempo - murmurou para Hilda, um pouco assustada.

Foi terrível entrar no quarto, voltar ao passado, como se nada tivesse acontecido. Todos os minutos passados dentro das paredes de Wragby foram um suplício.

Só encontraram Clifford à hora do jantar. Apareceu impecavelmente vestido, com gravata preta. Mostrou-se reservado e superior. Foi muito bem-educado durante o jantar e esforçou-se por estabelecer uma conversa. Mas a situação, no seu todo, parecia algo esquisita.

- O pessoal que é que sabe? - perguntou Connie, numa altura em que a criada saiu.

- Das suas intenções? Absolutamente nada.

- A senhora Bolton sabe. Clifford mudou de cor.
- A senhora Bolton não faz exactamente parte do pessoal.
- Oh, não me interessa. Ficaram num estado de tensão até ao fim do café. Depois Hilda saiu e foi para o quarto.

Clifford e Connie ficaram em silêncio, nenhum dos dois pretendia começar. Connie estava satisfeita por não o ver tomar atitudes patéticas e queria evitar isso a todo o custo. Esforçava-se por que ele pudesse manter o seu ar de superioridade. Sentada, olhava para as mãos.

- Suponho que não está arrependida de não ter cumprido a sua palavra
- disse Clifford, finalmente.

- Não posso evitar.
- Se não pode, há alguém que possa?
- Creio que ninguém. Ele fitava-a com uma raiva fria. Estava habituado a ela, ela fazia por assim dizer parte da sua vida e da sua vontade. Como se atrevia a faltar à sua palavra e a destruir todo o edifício da sua vida quotidiana? Como se atrevia a perturbar a sua personalidade?

- E que é que a leva a faltar à sua palavra?
- O amor - respondeu Connie. Seria mais prático não saírem do campo das banalidades.

- Amor por Duncan Forbes? Mas nunca o achou digno de si, lembro-me que mo disse quando nos conhecemos. E agora quer convencer-me que o ama acima de todas as coisas neste mundo?

- As pessoas mudam.
- É possível. Mas também é possível que você tenha caprichos. Tem de me convencer da importância da mudança. Muito simplesmente, não acredito no seu amor por Duncan Forbes.

- Porque é que havia de acreditar? A única coisa que tem a fazer é dar-me o divórcio e não acreditar nos meus sentimentos.

- Porque é que hei-de dar o divórcio?
- Porque não quero aqui viver mais tempo e porque não gosta de mim.
- Desculpe! Eu não mudo. Pela minha parte, uma vez que é minha mulher, prefiro que continue debaixo do meu tecto, digna e tranquilamente. Pondo de parte todos os seus problemas sentimentais - e garanto-lhe que para mim pô-los de parte significa muito -, é-me moralmente desagradável ver quebrar-se toda esta vida de Wragby e toda esta rotina respeitável, por causa de um capricho seu.

Momentos depois ela respondeu:

- Não há nada a fazer. Vou-me embora. Espero um filho. Ele ficou também em silêncio, por momentos.

- E é por causa da criança que quer ir? - perguntou ele, finalmente.

Connie disse que sim com a cabeça.

- E porquê? Duncan Forbes está assim interessado na descendência?
- Mais do que você estaria com certeza.

- Sim? Quero a minha mulher, e não vejo nenhuma razão para a deixar partir. Se quer educar uma criança sob o tecto da minha casa, é bem-vinda e a criança também, desde que a ordem e a decência sejam preservadas. Ou Duncan é mais importante para si. Não acredito.

Fez-se um silêncio.

Mas não percebe - disse Connie - que tenho de me ir embora e viver com o homem que amo?

- Não, não percebo, e não dou nada pelo seu amor nem pelo homem que você ama. Não acredito nessas escorregadelas.

- Mas eu acredito, imagine!

- Acredita? Minha querida senhora, garanto-lhe que é demasiado inteligente para acreditar no seu amor por Duncan Forbes. Acredite que até gosta mais de mim. Portanto, porque é que eu hei-de colaborar neste disparate?

Ela achou que ele tinha de certo modo razão, e que era impossível esconder-lhe a verdade por mais tempo.

Porquê? Porque não é Duncan que eu amo respondeu ela, fitando-o de frente. - Só lhe dissemos que era Duncan para o poupar.

- Para me poupar?

- Sim! Porque o homem que eu amo, e você vai-me odiar toda a vida por isso, é o senhor Mellors, o nosso antigo couteiro.

Clifford, se pudesse, teria saltado da cadeira. Ficou amarelo, e olhou-a com ódio, com os olhos salientes de quem contempla uma catástrofe.

Encostou-se, anelante, a olhar para o tecto. Finalmente recompôs-se.

Isso é verdade? - perguntou, com um aspecto horrível. É, e sabe bem que é. Quando começou? Na Primavera. Clifford calou-se. Parecia um animal apanhado numa armadilha.

- E era você a pessoa que estava no quarto da casa de campo, então?

Ele, na verdade, sempre tinha sabido de tudo, interiormente.

- Era! Ele continuava inclinado para a frente na cadeira, olhando-a como a um animal aprisionado.

- Meu Deus! Devia ser eliminada da face da Terra!

- Porquê? - perguntou ela, repentina evagamente. Mas ele fingiu não ouvir.

- Esse miserável! Esse pretensioso ordinário! Esse rafeiro! E ter uma ligação aqui, com um criado meu! Meu Deus, meu Deus, não há nada mais ignóbil do que a baixeza das mulheres!

Ele estava fora de si, como ela tinha previsto. E vai ter um filho desse miserável? É verdade! É verdade! É mesmo verdade. Desde quando sabe? Desde Junho. Ele ficou sem fala e retomou aquele ar de criança, vazio e estranho.

- Tais pessoas nunca deviam ter nascido.

- Quais pessoas? Ele olhou-a com uma expressão perdida e não respondeu. Era evidente que não aceitava o facto de a existência de Mellors;

poder estar ligada à sua, fosse como fosse. Era um ódio, um ódio indescritível, impotente.

- E quer casar com ele e usar o nome dele? - perguntou, por fim.

- É isso mesmo o que eu quero. Ele ficou de novo emudecido.

- Bem! - disse, finalmente. - Isso só prova que o que eu sempre pensei a seu respeito está certo: você não é normal, não está em plena posse das suas faculdades. É uma mulher semi-louca e perversa, que precisa de depravação para viver, que tem a nostalgia de *la boue*.²

De súbito, Clifford estava convertido em moralista: via nele a própria encarnação do bem, e em Mellors e Connie a encarnação da baixeza e do mal. A sua idiotice aumentava progressivamente.

- Portanto, o melhor é divorciar-se de mim, não acha?

- Não! Pode fazer o que quiser, mas não me divorcio! - respondeu Clifford.

- Porquê? Ele não respondeu. Era o silêncio da obstinação imbecil.

- Então consentiria que a criança fosse legalmente sua e herdeira de Wragby?

- A criança não me interessa.

- Mas, se for rapaz, é legalmente seu filho, herda o título e será o senhor de Wragby.

- Nada disso me interessa.

- Mas tem de interessar. Farei tudo o que puder para que a criança não seja sua. Nem que fique ilegítima, se não puder ter o nome de Mellors.

- Faça como quiser. Era impossível convencê-lo.

- Mas não me quer dar o divórcio? Pode utilizar Duncan como pretexto, não é necessário mencionar os nomes verdadeiros. E Duncan não se importa.

- Nunca me divorciarei de si - respondeu ele, como se estivesse a espetar um prego.

- Porquê? Só porque eu quero?

- Porque sigo a minha inclinação e não estou inclinado a divorciar-me.

Era inútil continuar. Connie foi para o andar de cima e contou a Hilda os resultados da entrevista.

- É melhor irmos amanhã embora e esperar que ele fique mais normal - disse Hilda.

Connie passou parte da noite a arrumar as suas coisas. De manhã mandou as malas para a estação, sem dizer nada a Clifford. Decidiu encontrar-se com ele, só para despedida, antes do almoço.

Falou com a senhora Bolton.

- Tenho de me despedir de si, senhora Bolton, sabe porquê. E tenho a certeza que nada dirá a ninguém.

- Pode confiar em mim, minha senhora, embora nos custe

muito a todos. Mas espero que seja muito feliz com o outro senhor.

² "Nostalgia da lama." (N. da T)

- O outro senhor? O senhor é Mellors, e gosto dele. Sir Clifford já sabe a verdade, mas não diga a ninguém. E se um dia Sir Clifford estiver disposto a divorciar-se, mande-me dizer, sim? Quero casar legalmente com o homem que amo.

- Com certeza, minha senhora. Pode confiar em mim. Serei fiel a Sir Clifford e à senhora, porque ambos têm razão, cada um na sua posição.

- Muito obrigada. E olhe, peço-lhe que aceite isto, está bem? E mais uma vez Connie deixou Wragby. Seguiu com Hilda para a Escócia. Mellors foi para o campo e arranjou trabalho numa quinta. Ele tencionava obter o seu divórcio, mesmo que Connie não conseguisse o dela. Durante seis meses trabalharia numa quinta, e talvez depois pudessem os dois comprar uma, em que ele poderia aplicar a sua energia. Teria de trabalhar muito, mesmo muito, para ganhar a vida, mesmo servindo-se inicialmente do dinheiro de Connie. Portanto teriam de esperar pela Primavera, pelo nascimento do bebé, pelos primeiros dias de Verão.

Quinta da Granja, Old Heanor, 29 de Setembro

Consegui arranjar trabalho aqui sem grande dificuldade, porque conhecia Richards, um dos engenheiros da minha companhia no exército. A quinta pertencia à Companhia Mineira Buder and Smitham, cultivava-se feno e aveia para os pôneis da mina. Há também vacas e porcos, etc., e ganho trinta xelins por semana como trabalhador do campo. Rowley, o rendeiro, manda-me fazer os mais variados trabalhos para eu aprender o mais possível até à Páscoa. De Bertha nada sei. Não percebo porque é que ela não apareceu no divórcio, não sei o que anda à fazer. Mas, se me conservar aqui sossegado até Março, estou convencido que conseguirei a minha liberdade. E não te preocupes com Sir Clifford. De repente há-de resolver livrar-se de ti. E desde que não te incomode, é já o suficiente.

Vivo numa casa muito antiga em Engine Row, muito decente. O dono é maquinista em High Park, alto, com barba, e muito religioso. A mulher parece um pássaro, adora requintes e tudo o que é "fino". Mas perderam o filho único na guerra e não se recompuseram do golpe. Têm uma filha feia, que anda a tirar o curso de professora, e, de vez em quando, ajudo-a a estudar.

Portanto, constituímos uma família. São pessoas muito decentes e amáveis comigo. Espero estar mais bem instalado do que tu.

Gosto do trabalho da quinta, sem dúvida. Não é particularmente inspirador, mas também não preciso de inspiração. Estou habituado a lidar com cavalos e vacas; estas, embora sejam muito femininas, dão-me calma. Quando me sento com a cabeça encostada a elas, a ordenhá-las, sinto-me bem. Têm seis vacas de Hereford, belos animais. Acabámos há pouco a colheita da aveia. Diverti-me, apesar da chuva, e de magoar as mãos. Não me interessam muito as pessoas, mas dou-me bem com elas.

As minas vão mal. Isto é uma região mineira como Tevershall, embora mais bonita. Às vezes sento-me no Wellington a conversar com os homens.

Queixam-se muito, mas não vão fazer nada. As pessoas dizem que os mineiros da Notts-Derby têm o coração no sítio, mas que todo o resto da sua anatomia está ao contrário, e vivem num mundo que não precisa deles. Aprecio-os, mas não me interessam. São muito pouco combativos. Falam muito de nacionalização da indústria, mas não se pode nacionalizar o carvão e deixar as outras indústrias no estado em que estão. Falam ainda em novos aproveitamentos do carvão, o que Sir Clifford está a fazer. Pode ser que resulte em certos casos, mas sempre duvido. Faça-se o que se fizer do carvão, é necessário vendê-lo. Os homens são muito apáticos. Vêem que as coisas correm mal e em seu prejuízo, e creio que têm razão. Alguns dos mais novos falam dos russos, mas sem grande convicção. A única convicção que lhes resta é que as coisas correm mal, e, mesmo com os russos, teriam de continuar a vender carvão: aí é que está o problema.

Temos uma vasta população industrial que tem de ser alimentada, portanto a máquina tem de continuar a trabalhar, custe o que custar. As mulheres protestam mais do que os homens, e com mais convicção. Os homens não têm energia, sentem-se como que perseguidos, mas não reagem. De resto, nenhum saberia o que fazer, embora todos falem. Os jovens queixam-se de não ter dinheiro para gastar. A vida deles depende exclusivamente do dinheiro, e não o têm. Na nossa civilização, e devido à nossa educação, a massa depende inteiramente do dinheiro que pode gastar, e agora há pouco. As minas trabalham por semana dois dias ou dois dias e meio, e não se notam sinais de melhoria da situação, mesmo para o inverno. Isto quer dizer que um homem tem de sustentar a família com vinte e cinco a trinta xelins. As mulheres estão desesperadas, mas também são as que gostam de gastar dinheiro.

Se ao menos fosse possível explicar-lhes que viver e gastar dinheiro não significa o mesmo! Mas não vale a pena. Se lhes ensinassem a viver em vez de pensarem em gastar dinheiro, poderiam viver mais felizes com os seus vinte e cinco xelins. Se os homens usassem calças vermelhas, como eu costumo dizer, não pensariam tanto no dinheiro. Podiam dançar e saltar e cantar, pavonear-se e ser elegantes e precisariam de pouco dinheiro. E poderiam divertir as mulheres e as mulheres poderiam diverti-los. Deviam aprender a ser nus e belos, a cantar e a dançar em grupos, a fabricar os seus instrumentos, a bordar os seus emblemas. E não precisariam de dinheiro. Esta é a única solução para o problema industrial: treinar as pessoas para conseguirem viver, e viver bem, sem necessidade de gastar. Mas é impossível. Hoje em dia as pessoas são limitadas, e a grande massa nem mesmo procura pensar, porque não sabe: devia ser viva e alegre e adorar o deus Pá, que é o grande deus das massas. A elite pode ter outros cultos, mas seria melhor que as massas fossem pagãs.

Mas os mineiros não são pagãos, muito longe disso. São uma gente triste, morta, morta para o amor, para a vida. Os mais jovens andam com as raparigas nas motos e vão dançar *jazz* quando podem. Mas estão mortos por dentro. Para tudo precisam de dinheiro, e o dinheiro envenena quando se tem e quando não se tem.

Acho que já deves estar cansada de tudo isto, mas quero falar de mim e não tenho nada para contar. Não gosto de pensar muito em ti, porque é horrível. Mas toda a vida que faço agora é para preparar a nossa vida, juntos. No fundo, sinto-me assustado. Paira qualquer coisa no ar, que nos quer apanhar. Ou talvez seja simplesmente Marturion, que não é mais do que a vontade colectiva dos homens, que quer dinheiro e odeia a vida. Sinto no ar grandes mãos brancas e ávidas que apertam a garganta dos que querem viver, dos que querem viver para além do dinheiro. Aproximam-se maus dias. Se as coisas continuam assim, no futuro só nos resta a morte e a destruição das massas industriais. Às vezes sinto as minhas entranhas a derreterem-se, enquanto tu esperas um filho meu. Mas não faz mal. Todas as calamidades que assolaram o mundo jamais conseguiram apagar os corações, nem o amor das mulheres.

Portanto, nada poderá matar o meu desejo de ti, nem a pequena chama que existe entre nós. No próximo ano estaremos a viver juntos. E, embora tenha medo, acredito que estejas comigo. Um homem tem de lutar, mas, ao mesmo tempo, acreditar nalguma coisa. Só nos podemos precaver contra o futuro acreditando em nós e em qualquer coisa para além de nós. Portanto, pela minha parte, acredito na chama que nos une, que para mim é neste momento a única coisa que existe. Não tenho amigos, amigos íntimos, nada mais do que tu, e tudo o que me interessa na vida é essa chama. Há o bebé, mas é uma consequência. É o meu Pentecostes, a língua de fogo entre nós. O antigo Pentecostes não é correcto. Eu e Deus, é pretensioso. Mas a língua de fogo entre nós, não. E luto e lutarei por ela contra todos os Cliffords e Berthas, companhias mineiras e governos e pessoas que só vivem por dinheiro.

É por tudo isto que não gosto de pensar muito em ti. Sinto-me torturado, e para ti não traz vantagem. Não gosto que estejas longe de mim. Mas se começo a atormentar-me ainda é pior. Paciência, o que é preciso é paciência. Este é o meu quadragésimo Inverno e quanto aos que já passaram nada posso fazer. Neste Inverno terei a minha língua de fogo em paz. E não consentirei que a respiração das pessoas a apague. Acredito num mistério superior que não permite que os corações se apaguem. Se estás na Escócia e eu nos Midlands e não te posso abraçar e agarrar, resta-me no entanto algo de ti. A minha alma palpita docemente contigo na pequena chama de Pentecostes; e é como a paz que se sente depois de fazer amor. Há uma chama que nasce quando se faz amor. Até as flores nascem do amor entre o sol e a terra. E tudo isso é um problema delicado que exige paciência e uma longa espera.

E assim gosto da minha castidade neste momento, porque é como a paz que sobrevém ao amor. Gosto de levar uma vida casta, como as campânulas brancas gostam da neve. Gosto da castidade que é o momento de paz no nosso amor, e que é uma chama branca, muito branca. E quando a Primavera chegar, quando passarmos a viver juntos, então poderemos, ao fazer amor, tomar a pequena chama brilhante, amarela e brilhante. Agora é impossível. Agora temos de ser castos, e é bom ser casto, é como um rio de água fria na alma. Gosto da castidade que corre agora entre nós. É água fresca da chuva. Como é possível desejar permanentemente as cansativas aventuras? É terrível ser-se apenas Dom Juan e não se ter paz no amor; ser-se como a pequena chama acesa, incapaz de ser casto como ao pé de um rio.

Bem, tantas palavras só porque não te posso tocar. Se pudesse dormir abraçado a ti, a tinta ficaria no tinteiro. Podemos ser castos estando juntos, como podemos sê-lo fazendo amor. Mas, por agora, temos de viver separados, e creio que é realmente mais sensato. Oh! Mas não tenho a certeza.

Não faz mal, não faz mal, não vamos sofrer por isso. Eu acredito realmente na chama e nesse deus cujo nome não sei, mas que não consentirá que se apague. Dentro de mim há tanto de ti que só é pena não poderes estar aqui inteira.

Não te preocupes com Sir Clifford. Se não tiveres notícias dele, não te preocupes. Ele não pode fazer-te mal. Limita-te a esperar, a esperar que ele decida ver-se livre de ti. E, se não for assim, saberemos libertar-nos dele. Mas não, ele acabará por expulsar-te da sua vida como uma criatura abominável.

E, neste momento, não consigo sequer parar de te escrever.

Estamos já muito próximos um do outro. Mas uma grande parte de nós está no outro. É preciso vivermos isso e prepararmo-nos para o nosso encontro. John Thomas despede-se de Lady Jane, um pouco triste, mas cheio de esperanças no coração.

FIM

COMENTÁRIOS SOBRE O AMANTE DE LADY CHATTERLEY

D. H. Lawrence

Tradução de Fernando B. Ximenes

Devido à existência de várias edições piratas de *O amante de Lady Chatterley*, eu lancei em 1929 uma edição popular barata, produzida na França e oferecida ao público a sessenta francos, na esperança de atender pelo menos à demanda europeia. Os piratas americanos, principalmente, foram ágeis e operosos. A primeira edição clandestina já estava sendo vendida em Nova York pouco mais de um mês após a chegada aos Estados Unidos dos primeiros exemplares autênticos vindos de Florença. Era um fac-símile do original, produzido pelo método fotográfico, vendido como se fosse a primeira edição original. O preço era, normalmente, de quinze dólares, enquanto o preço do original era de dez dólares; e o comprador saía com seu livro na doce ignorância da fraude.

Esta ousadia fez escola. Contaram-me que houve uma outra edição em fac-símile produzida em Nova York ou em Filadélfia; e eu mesmo estou de posse de um livro de aparência asquerosa, encadernado em tecido laranja-fosco, de rótulo verde-claro, produzido por fotografia, muito borrado e contendo a minha assinatura falsificada pela criança-prodígio da família de piratas. Foi quando esta edição apareceu em Londres proveniente de Nova York, em fins de 1928, sendo oferecida ao público por trinta xelins, que eu rodei em Florença a minha pequena segunda edição de duzentos exemplares, que ofereci a um guinéu. Eu preferiria tê-la guardado por um ano ou mais, porém fui obrigado a vender pelo aparecimento da edição pirata laranja molambenta. Mas o número era muito pequeno. O pirata laranja persistiu.

Depois eu tive nas mãos um volume fúnebre, fúnebre encadernado em preto, comprido, para se parecer com urna bíblia ou um livro grosso de cânticos, melancólico. Desta vez o pirata não foi apenas sóbrio: ele foi extremado também. Não há só uma, mas duas folhas de rosto, e em cada uma ele incluiu uma vinheta representando a Águia Americana, com seis estrelas em volta da cabeça e um raio chispendo de suas patas, tudo isso cercado por uma coroa de louros em honra de sua última proeza no campo dos roubos literários. No todo, é um volume sinistro — feito o capitão Kidd de rosto velado, lendo um sermão para os que se encaminham ao cadafalso. Por que o pirata teria alongado a página, acrescentando um cabeçalho de página inexistente, eu não sei. O efeito, porém, é peculiar e desolador, sinistro e arrogante. Pois é lógico que também este livro foi produzido pelo processo fotográfico. Por algum motivo, a assinatura foi omitida. E eu ouvi dizer que

este tomo lúgubre é vendido por dez, vinte, trinta e cinquenta dólares, dependendo do capricho do livreiro e da credulidade do comprador.

Com esta são três as edições piratas comprovadas nos Estados Unidos. Já ouvi falar numa quarta, outro fac-símile do original. Porém como ainda não a vi prefiro não acreditar nela.

Há, entretanto, uma edição pirata europeia de mil e quinhentos exemplares, produzida por uma firma de livreiros parisienses e trazendo a inscrição *Imprime en Allemagne*. Impresso na Alemanha. Impressa ou não na Alemanha, o certo é que a edição foi impressa e não fotografada, pois alguns erros de grafia do original foram corrigidos. E trata-se de um volume respeitável, uma réplica bastante aproximada do original, mas falta a assinatura, e ela se denuncia também pela borda de seda verde e amarela da lombada. Esta edição é vendida ao comércio a cem francos e oferecida ao público a trezentos, quatrocentos e quinhentos francos. Dizem que livreiros desonestíssimos andam falsificando a assinatura e oferecendo o livro como se fosse a edição original autografada. Eu espero que não seja verdade. Mas tudo isso soa muito feio para o "comércio" de livros. Ainda assim, resta algum consolo. Há livreiros que não querem saber da edição pirata. Seus escrúpulos sentimentais e profissionais não o permitem. Outros a vendem, mas com pouco entusiasmo. E aparentemente todos eles prefeririam vender a edição autorizada. De modo que o sentimento atua de uma forma autêntica contra os piratas, mesmo que não seja forte o bastante para excluí-los do mercado.

Nenhuma das edições piratas recebeu de mim qualquer espécie de autorização, e de nenhuma delas eu recebi um centavo sequer. Um livreiro meio arrependido de Nova York, entretanto, enviou-me alguns dólares que, segundo ele, representavam meus 10% de direitos autorais por todos os exemplares vendidos em sua loja. "Eu sei que é apenas uma gota de água no oceano", escreveu ele. Evidentemente, ele queria dizer uma gota de água *retirada* do oceano. E, para uma simples gota, tratava-se de uma bela soma, o que me faz pensar em como deve ter sido largo o oceano dos piratas!

Eu recebi uma oferta mais do que tardia dos piratas europeus, aborrecidos com a teimosia dos livreiros, propondo o pagamento de direitos autorais por todos os exemplares vendidos no passado e a serem vendidos no futuro, desde que eu autorizasse as suas edições. Ora, pensei comigo, num mundo de: Cada um por si e Deus por todos — por que não? Mas na hora de concretizar a coisa o orgulho se revoltou. Eu sei que o beijo de Judas é fácil. Mas esperar que eu retribua o seu beijo...!

Portanto eu consegui publicar a edição francesa, pequena e barata, fotografada do original e oferecida a sessenta francos. Os editores ingleses me instavam a preparar uma edição expurgada, prometendo mundos e fundos, talvez até, quem sabe, um bom pé-de-meia, uma daquelas meias de lã de bebê, por certo! E insistiam em que eu devia mostrar ao público que se tratava de uma boa novela, apesar de toda a censura e de todas "aquelas palavras". Eu bem que me senti tentado a atender o pedido e expurgar o texto. Mas é

impossível! Seria a mesma coisa tentar corrigir a forma do meu nariz com uma tesoura. O livro sangra.

E apesar de todo o antagonismo eu escrevi esta novela como um livro honesto, sadio e necessário às pessoas de hoje. As palavras que tanto nos chocam a princípio deixam de nos chocar depois de algum tempo. Será porque a mente se torna depravada pelo hábito? De jeito nenhum. O que acontece é que as palavras chocam apenas os olhos; elas não ferem a mente, jamais. Pode ser que as pessoas sem cabeça continuem a se sentir chocadas, mas elas não importam. E as pessoas de boa cabeça compreendem que nunca se chocaram de fato: e essa compreensão vem acompanhada de um grande alívio.

É esta a questão; só esta. Nós, seres humanos de hoje, evoluímos física e culturalmente para muito além dos tabus inerentes à nossa cultura. É muito importante que se compreenda isto. Provavelmente, para os Cruzados, simples palavras seriam potentes e evocativas a um grau além da nossa imaginação. O poder evocativo das ditas palavras obscenas deve ter sido um perigo concreto para as naturezas confusas, obscuras e violentas da Idade Média, e talvez continue sendo ainda hoje forte demais para as naturezas retrógradas, lerdas e inferiores. Porém a verdadeira cultura nos faz manifestar diante de uma palavra somente as reações mentais e evocativas que se situam no âmbito da mente, poupando-nos das reações físicas violentas e indiscriminadas, capazes de devastar a decência social. No passado, o homem era inseguro -ou grosseiro demais para contemplar seu próprio corpo físico e suas próprias funções físicas sem se enredar todo nas reações físicas que o dominavam. A situação agora é outra. A cultura e a civilização nos ensinaram a separar as reações. Nós sabemos, já, que o ato não é uma consequência obrigatória do pensamento. Em verdade, pensamento e ação, palavras e atos, são duas formas distintas de consciência, duas vidas distintas que vivemos. Precisamos, sim, com toda a sinceridade, mantê-las em contato. Mas enquanto pensamos não agimos, e enquanto agimos não pensamos. A necessidade maior é a de que ajamos segundo os nossos pensamentos, e pensemos segundo os nossos atos. Porém, enquanto estamos imersos em pensamentos, não podemos efetivamente agir, e enquanto estamos entregues à ação, não podemos efetivamente pensar. As duas condições — pensamento e ação — excluem-se mutuamente. Contudo, elas precisam coexistir num relacionamento harmônico.

E este é o verdadeiro significado do livro: eu quero que homens e mulheres se sintam capazes de pensar no sexo completa, profunda, honesta e limpamente.

Mesmo que não possamos agir sexualmente de modo a alcançar a satisfação completa, que ao menos saibamos pensar sexualmente de forma completa e clara. Toda essa conversa-fiada de mocinhas e virgindade, como uma folha branca imaculada onde nada está escrito, é pura balela. Toda mocinha, todo rapaz é um emaranhado de tormentas, uma ebulição de sentimentos sexuais e pensamentos sexuais que só os anos conseguirão

desatar. Anos de pensamentos honestos acerca do sexo, e anos de ação sexual decidida nos levarão enfim aonde queremos chegar, à nossa castidade real e realizada, à nossa integridade, quando o nosso ato sexual e o nosso pensamento sexual se tornarão harmônicos, sem prejudicar um ao outro.

Longe de mim sugerir que todas as mulheres devam sair à caça de couteiros dispostos a se tornarem seus amantes. Longe de mim sugerir que elas devam sair à caça de quem quer que seja. Nos dias de hoje, um número muito grande de homens e mulheres encontra a felicidade na abstinência, no distanciamento sexual, preservando-se do contato: e ao mesmo tempo, no entendimento e na compreensão do sexo em sua plenitude. A nossa época é mais de compreensão que de ação. Houve um exagero de ação no passado, e em particular de ação sexual, num enfadonho repetir-se que não encontrava eco no pensamento e nem na compreensão. A nossa tarefa, agora, é compreender o sexo. Hoje, a compreensão plena e consciente do sexo é mais importante do que o próprio ato. Depois de séculos de obscurantismo, a mente exige saber, e saber por inteiro. O corpo está em segundo plano, a bem dizer. O ato do sexo, em nossos dias, tem muito de teatro e representação. As pessoas agem, pois acham que é isto o que se espera delas. Quando, a rigor, é a mente que está interessada, e o corpo tem que ser provocado. O motivo está em que os nossos antepassados eram assíduos no ato sexual, sem jamais pensarem sobre ele, sem nunca compreendê-lo, a ponto de agora o ato tender ao mecanicismo frustrante e morno; só a compreensão mental revigorada será capaz de revigorar a experiência.

A mente precisa recuperar o terreno perdido em assuntos de sexo; ou, mais, em todos os atos físicos. Mentalmente, o nosso pensamento sexual está atrasado, retido por uma insegurança, por um medo onipresente e rasteiro que nos iguala aos nossos ancestrais incultos e animais. Sob este aspecto, sexual e físico, apenas sob este aspecto, abandonamos a evolução da mente. Agora temos que recuperar o tempo perdido e encontrar um equilíbrio entre a consciência das sensações e experiências do corpo e essas sensações e experiências em si mesmas. Equilibrar a consciência do ato e o próprio ato. Colocá-los em harmonia. Isso implica adquirirmos a reverência que o sexo exige, e o respeito que a estranha experiência do corpo exige. Isso implica sermos capazes de empregar as palavras ditas obscenas, porque elas são uma parte da consciência e do corpo da mente. A obscenidade surge apenas quando a mente despreza e teme o corpo, e quando o corpo odeia a mente e resiste à ela.

Quando lemos a história do coronel Barker, tudo isso se torna claro. O coronel Barker era uma mulher que vivia travestida de homem. O "coronel" casou-se com uma mulher e viveu cinco anos com ela em "felicidade conjugal". E a pobre esposa imaginando esse tempo todo que levava uma vida normal e feliz com um marido de verdade. A revelação, afinal, foi de uma crueldade insuportável para a pobre mulher. Uma situação dessas é monstruosa. Entretanto, há milhares de mulheres que, nos dias de hoje,

poderiam ser iludidas da mesma forma sem se darem conta do engodo. Por quê? Porque não sabem de nada, porque não conseguem pensar sexualmente; sob este prisma, elas são como débeis mentais. Seria conveniente entregar este livro a todas as meninas de dezessete anos.

Caso semelhante é o do venerando sacerdote e professor de vida "impoluta e santa" que, aos sessenta e cinco anos de idade, foi arrastado aos tribunais por molestar meninhas. Isto acontece no momento em que o ministro do Interior, ele próprio um quase velho, decreta aos quatro ventos e exige que se cumpra na terra um silêncio hipócrita sobre todas as questões sexuais. Será que a experiência daquele outro cavalheiro idoso, correto e "puro", não faz que pare para pensar?

Mas é assim mesmo. A mente nutre um temor antigo e subalterno ao corpo e à potência do corpo. É à mente que precisamos liberar e civilizar, aqui. O terror que o corpo inspira à mente deve ter provocado a loucura de um número incontável de homens. A insanidade de um intelectual do porte de Swift é pelo menos parcialmente atribuível a esta causa. No poema que escreveu para a sua amante, Célia, onde encontramos o refrão ensandecido: "Mas... Célia, Célia, Célia c**a" (a palavra rima com traga), vemos o que pode acontecer a um grande homem entregue ao pânico. Uma inteligência brilhante, como Swift, foi incapaz de perceber o ridículo a que se expunha. É evidente que Célia c**a! Quem não o faz? E não seria muito pior se ela não o fizesse? Argumentar é inútil. Pense na pobre Célia, compelida a sentir-se envergonhada de suas funções naturais saudáveis pelo próprio "amante". É monstruoso. E resulta de termos palavras-tabus, e de não atualizarmos a mente com o desenvolvimento físico e sexual.

Em contraste com o chhhh! chhhh! dos puritanos, que produz imbecis sexuais, temos a pessoa moderna, jovem e intelectualizada, que balança ao ritmo do jazz e se dá uma importância tremenda e não se cala por nada e faz "o que bem entende". Por temerem o corpo e negarem a sua existência, os jovens avançados se colocam no outro extremo e o tratam como uma espécie de brinquedo, um brinquedo meio chatinho, mas que, ainda assim, propicia algum divertimento antes que sobrevenha a decepção. Os jovens debocham da importância do sexo, aceitando-o como quem aceita um coquetel e usando-o para escandalizar os adultos. Esses jovens são avançados e superiores. Eles desprezam livros como *O amante de Lady Chatterley*, para eles muito simples e corriqueiro. As palavras impertinentes nada lhes dizem, e a atitude diante do amor parece ultrapassada. Para que tanta comoção, se ele pode ser saboreado como se saboreia um coquetel? O livro, dizem eles, revela a mentalidade de um garoto de catorze anos. Mas talvez a mentalidade de um garoto de catorze anos, que ainda manifesta uma ligeira reverência natural e um temor compreensível pelos fatos do sexo, seja mais íntegra que a mentalidade dos jovens consumidores de coquetéis que nada respeitam e cuja mente nada tem a fazer, exceto brincar com os brinquedos da vida, sendo o sexo um dos

brinquedos principais — ainda que nesse processo a mente se perca. Heliogábalos, Heliogábalos!

Portanto, entre o puritano fosco e soturno, que provavelmente cederá à indecência sexual na idade avançada, e o jovem moderno e intelectualizado que diz: "Nós podemos fazer o que bem entendemos. Tudo o que pode ser pensado pode ser feito", e também a pessoa inferior e inculta de mente suja, que procura a sujeira — este livro mal encontra espaço para se situar. Mas a todos eles eu digo a mesma coisa: continuem apegados às suas perversões, se gostam delas — à sua perversão do puritanismo, à sua perversão da licenciosidade intelectualizada, à sua perversão da mente ab-jeta. Mas eu me atenho ao meu livro e à minha posição: a vida só é suportável quando a mente e o corpo estão em harmonia, e há um equilíbrio natural entre eles, e cada um sente um respeito natural pelo outro.

E é evidente que não há equilíbrio e não há harmonia agora. Na melhor das hipóteses, o corpo é um instrumento da mente; na pior das hipóteses, um brinquedo. O homem de negócios se mantém "em forma", ou seja, mantém o seu corpo em boas condições de funcionamento para o bem do seu trabalho, e o jovem-padrão, que dedica tanto tempo a manter a forma, só o faz, como regra geral, por narcisismo, por um ensimesmamento estrangulado. A mente possui um conjunto estereotipado de ideias e "sentimentos", e o corpo é obrigado a representar, feito um cãozinho treinado: a pedir açúcar, quer queira, quer não queira; "apertar a mão", quando está doído de vontade de abocanhar a mão estendida. O corpo dos homens e das mulheres de hoje é apenas um cãozinho treinado. E esta definição se encaixa perfeitamente aos jovens livres e emancipados, mais do que a qualquer outro grupo. Acima de todos, seus corpos são os corpos de cães treinados. E como o cãozinho é treinado para fazer coisas que o cãozinho de ontem nunca fez, eles se consideram livres, cheios de vida verdadeira, os únicos verdadeiros seres humanos.

Mas eles sabem muito bem quanto isso é falso. Da mesma forma que o homem de negócios sabe, num canto da consciência, que está errado também. Homens e mulheres não são cachorros de fato, embora pareçam e ajam como tal. Lá dentro, lá no fundo, persiste uma imensa vergonha e um descontentamento impiedoso. O corpo está morto ou paralisado no seu eu natural espontâneo. Ele sustém apenas a vida secundária de um cachorro de circo, representando e se exibindo; e, por fim, desmoronando.

Que vida ele poderia levar, por si mesmo? A vida do corpo é a vida das sensações e das emoções. O corpo sente a fome concreta, a sede concreta, a alegria concreta do sol ou da chuva, o prazer concreto do cheiro das rosas ou da visão de um canteiro de lilases; a raiva concreta, a tristeza concreta, o amor concreto, a ternura concreta, o carinho concreto, a paixão concreta, o ódio concreto, a dor concreta. Todas as emoções pertencem ao corpo, e só são reconhecidas pela mente. Podemos ouvir a notícia mais desgraçada do mundo e sentir apenas um desconforto mental. E então, horas depois, talvez

durante o sono, a consciência pode atingir os centros corporais, e a dor de fato confrangerá o coração.

Como são diferentes os sentimentos mentais e os sentimentos concretos. Hoje, muita gente vive e morre sem nunca ter tido sentimentos concretos — embora se leve uma "vida emocional rica", aparentemente, já que se ostentam tantos e tão fortes sentimentos mentais. Mas tudo isso é falso. Na mágica, uma das chamadas imagens "ocultas" representa um homem que parece estar de pé defronte de um espelho plano de mesa, que o reflete da cintura à cabeça, de modo que se tem um homem da cabeça à cintura, e depois o seu reflexo invertido, da cintura à cabeça outra vez. E seja qual for o significado deste truque para a mágica, ele significa que somos hoje criaturas cujo eu emocional ativo não possui existência concreta, e é meramente refletido de cima para baixo pela mente. A nossa educação, desde o início nos *ensina* uma certa faixa de emoções, o que sentir e o que não sentir, e como sentir os sentimentos que nos permitimos sentir. Todo o resto inexistente, simplesmente. A crítica vulgar dirigida a todo bom livro novo é: Ninguém nunca se sentiu assim! — As pessoas se permitem sentir um certo número de sentimentos acabados. Era assim no século passado. Esse sentir apenas o que nos permitimos sentir acaba matando toda a capacidade de sentimento, e na faixa emocional mais elevada não sentimos nada, nada. Isto aconteceu no século atual. As emoções elevadas estão rigorosamente mortas. Elas têm que ser fingidas.

E por emoções elevadas entendemos o amor em todas as suas manifestações, desde o desejo genuíno de amor afetuoso, ao amor por nossos semelhantes, ao amor a Deus: entendemos o amor, o júbilo, o encantamento, a esperança, a raiva sincera e indignada, o senso apaixonado de justiça e injustiça, a honra e a desonra, e a crença real em *qualquer coisa*; pois a crença é uma emoção profunda que tem a convivência do coração. Todas essas coisas, hoje, estão mais ou menos mortas. Pusemos em seu lugar a contrafação espalhafatosa e sentimental das mesmas emoções.

Nunca houve uma era mais sentimental, mais desprovida de sentimentos concretos, mais exagerada em sentimentos falsos do que a nossa. O sentimentalismo e a contrafação dos sentimentos tornaram-se uma espécie de jogo, em que cada qual procura superar o seu semelhante. O rádio e o cinema são meros simulacros de emoção o tempo inteiro; a imprensa e a literatura de hoje também. As pessoas chafurdam em emoção: emoção falsificada. Elas lambem emoção como os cães; elas vivem dentro da emoção e na emoção. Elas babam emoção.

E, às vezes, elas parecem conviver bastante bem com tudo isso. E depois, cada vez mais, elas sucumbem. Elas se desfazem em pedaços. Nós podemos enganar a nós mesmos sobre os nossos sentimentos por muito tempo. Mas não para sempre. O próprio corpo devolve o golpe, e bate sem um pingão de remorso no fim.

Quanto às outras pessoas — é possível enganar a maioria das pessoas o tempo todo e todas as pessoas durante a maior parte do tempo, mas não todas as pessoas durante o tempo todo, com falsos sentimentos. Um casal jovem pode se apaixonar com um amor de mentira, e se enganar completamente; cada um iludido consigo mesmo e com o outro. Mas, tristeza, o amor de mentira é um bolo bom e um pão ruim. Ele produz uma indigestão emocional terrível. Chega-se a um casamento moderno, e a uma separação mais moderna ainda.

O problema da emoção falsa é que ninguém está feliz de verdade, ninguém está contente de verdade, ninguém tem paz. As pessoas vivem correndo para fugir à emoção falsa que em si mesmas é mais forte. Elas correm dos sentimentos falsos de Peter para os sentimentos falsos de Adrian, das emoções forjadas de Margaret para as de Virgínia, do cinema para o rádio, de Eastbourne para Brighton, e quanto mais elas mudam mais elas são a mesma coisa.

Acima de tudo, o amor é hoje um sentimento fingido. Ele acima de tudo — dizem os jovens — é o logro maior. Desde que seja levado a sério, bem entendido. O amor não incomoda quando é levado na brincadeira, como um divertimento. Mas quando se começa a levar o amor a sério a decepção é atroz.

Não há homens *de verdade* para amar, dizem as moças. E, dizem os rapazes, não há mulheres *de verdade* por quem se apaixonar. Por isso moças e rapazes seguem se apaixonando por entes irreais; isto significa que quando não se pode ter sentimentos reais o jeito é forjar sentimentos: pois ter alguns sentimentos é indispensável, como apaixonar-se. Ainda há jovens que *gostariam* de ter sentimentos concretos, e que se mortificam para entender por que não podem. Principalmente no amor.

Mas principalmente no amor, hoje em dia, só existem emoções dissimuladas. Fomos ensinados a desconfiar de todo mundo, no que toca às emoções, dos pais para baixo, ou para cima. Não mostre a *ninguém* as suas emoções verdadeiras, se as tiver; este é o lema da nossa época. Entregue o seu dinheiro, até, mas *nunca* os seus sentimentos. Eles seriam pisoteados.

Eu creio que não terá existido uma era de maior desconfiança entre as pessoas do que a nossa; e isso debaixo de uma honestidade social superficial mas razoavelmente genuína. Muito poucos dos meus amigos bateriam a minha carteira, ou deixariam que eu me sentasse numa cadeira de pé quebrado. Mas praticamente todos os meus amigos transformariam as minhas emoções verdadeiras em motivo de chacota. Não há nada que possam fazer; é o espírito dos nossos dias. E lá se vai o amor; e lá se vai a amizade — pois ambos pressupõem uma simpatia emocional em sua essência. Daí o amor forjado, do qual não adianta fugir.

E com emoções fingidas não pode haver sexo de verdade. O sexo é a única coisa imune ao logro, à trapaça; e ele é o centro da maior de todas as trapaças: a trapaça emocional. Quando se chega ao sexo, toda a trama é

desfeita. Porém em todas as vias que nos levam ao sexo a farsa se intensifica mais e mais. Até que chegamos lá. E então ela cai por terra.

O sexo arrasa a emoção fingida e é impiedoso, cruel contra o falso amor. O ódio peculiar das pessoas que não se amaram mas fingiram amar e talvez imaginaram até que sentiam amor de fato é um dos fenômenos do nosso tempo. O fenômeno, logicamente, pertence a todos os tempos. Mas hoje ele é quase universal. As pessoas que pensam que se amam ternamente, ternamente, e atravessaram os anos com seu amor ideal... ah, de repente o ódio mais profundo e mais vívido aparece. Se não extravasa ainda bem cedo, ele se preserva até que o casal feliz se aproxime dos cinquenta anos, o momento da grande transformação sexual, e então — cataclismo!

Nada poderia ser mais espantoso. Nada mais assustador, em nossa época, do que a intensidade do ódio que as pessoas, homens e mulheres, sentem umas pelas outras depois que se "amaram". Ele explode dos modos mais extraordinários. E, quando se chega a conhecer as pessoas intimamente, ele é quase universal. É a faxineira tanto quanto a dona da casa, e a duquesa tanto quanto a mulher do guarda.

E tudo isso seria horrível demais se não nos lembrássemos de que, seja nos homens, seja nas mulheres, ele é a re-ação orgânica contra um amor de mentira. Todo amor é falso, hoje. Estereotipado. Todos os jovens sabem como devem se sentir e como devem se comportar no amor. E sentem, e se comportam assim. E é puro amor fingido. Por isso a vingança os atingirá multiplicada por dez. O sexo, o próprio organismo sexual de homens e mulheres, acumula uma raiva mortal e desesperada depois que uma determinada quantidade de amor fingido é imposta a ele, ainda que ele próprio não tenha dado nada além de amor fingido. O elemento de falsidade no amor termina enlouquecendo ou matando o sexo, o sexo mais profundo, no indivíduo. Mas talvez seja mais prudente dizer que ele *sempre* alucina o sexo interior, mesmo que afinal termine sendo morto por ele. Há sempre o período de raiva. O mais estranho é que os piores transgressores no jogo do amor fingido tornam-se os mais raivosos. Aqueles cujo amor teve uma ponta de sinceridade são sempre mais tolerantes, embora tenham sido os mais ludibriados.

É aí que reside a tragédia: nenhum de nós é uniforme, nenhum de nós é *todo* falsidade, nenhum de nós é *todo* amor sincero. E em muitos casamentos, em meio à farsa brilha uma chama pequena de verdade, de ambos os lados. A tragédia é que numa época singularmente preocupada com o falso, avessa ao sucedâneo e à desonestidade na emoção e, em particular, na emoção sexual, a raiva e a suspeita contra o elemento de falsidade acabem por suplantar e extinguir a chama ténue e verdadeira da comunhão do amor, que poderia ter feito duas vidas felizes. Por isso é perigoso atacar apenas a falsidade e a farsa da emoção, como faz a maioria dos escritores "avançados". Embora eles o façam, é óbvio, para contrabalançar a farsa infinitamente maior dos escritores "românticos" sentimentais.

Espero estar esclarecendo, assim, algumas das minhas ideias sobre o sentimento do sexo, pelas quais tenho sido injuriado com tanta monotonia. Quando um rapaz "sério" me disse, outro dia: "Não, não consigo acreditar na regeneração da Inglaterra pelo sexo", eu só pude responder: "Eu sei que não". Nele, o sexo não existia: pobre monge-narci-so, hesitante e envergonhado que era. E ele não saberia compreender essa inexistência de sexo. Para ele, as pessoas tinham apenas a mente, ou não tinham a mente — a maioria não tinha —, de modo que viviam para serem ridicularizadas, e ele andava em círculos, inutilmente, procurando pelo ridículo ou pela verdade, hermético e impermeável dentro do seu próprio eu.

E quando jovens inteligentes como esse me vêm falar de sexo ou debochar dele, eu não digo nada. Não há nada a dizer. Mas eu sinto um desânimo terrível. Para eles sexo significa, pura e simplesmente, uma calcinha de mulher e o seu desajeitado despir. Eles leram toda a literatura do amor, *Ana Karênina*, etc. e tal, e contemplaram todas as estátuas e imagens de Afrodite, o que é maravilhoso. Porém quando o assunto é a realidade, o cotidiano, sexo significa para eles mocinhas inexpressivas em calcinhas de luxo. Sejam universitários de Oxford ou trabalhadores braçais, não há diferença. A anedota da cidade de veraneio da moda onde as meninas da cidade se juntam a jovens alpinistas, e os fazem seus "pares de dança" por uma temporada — ou menos —, é típica. Era fim de setembro. Os turistas de verão já haviam quase todos ido embora. John, um jovem agricultor das montanhas, despedira-se de sua "amiga" da capital e caminhava sozinho pelas ruas. "Ei, John, já está com saudades dela?" "Eu não! Mas nunca vi calcinhas mais bonitas!"

Isso é tudo o que o sexo significa para eles: o enfeite, o acessório. A regeneração da Inglaterra com o quê? Meu Deus! Pobre Inglaterra; ela terá que regenerar o sexo em sua juventude antes que a sua juventude a possa regenerar. Não é a Inglaterra que precisa ser regenerada: é a mocidade inglesa.

Acusam-me de barbarismo. Eu quereria arrastar a Inglaterra ao nível dos selvagens. Mas é essa estupidez primária, essa apatia em coisas de sexo, que eu considero bárbara e selvagem. O homem que acha as roupas de baixo da mulher a parte mais excitante dela é um selvagem. Os selvagens são assim. Conhecemos a história da mulher selvagem que usava três sobretudos, um em cima do outro, para excitar o seu homem: e conseguia. A crueza medonha de se ver no sexo nada além de um ato funcional e um certo revirar de roupas é, na minha opinião, um grau primitivo de barbarismo e selvageria. No que toca ao sexo, a nossa civilização branca é crua, bárbara e de uma feiúra selvagem: principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Testemunha disso é Bernard Shaw, um dos maiores expoentes da nossa civilização. Ele diz que as roupas excitam o sexo, e que a ausência delas tende a matá-lo — falando das mulheres encasacadas de ontem e das nossas irmãs de braços e pernas nuas de hoje; e faz troça do Papa por querer cobrir

as mulheres, dizendo que a última pessoa do mundo em condições de saber alguma coisa de sexo é o Sumo Sacerdote da Europa, e que a única pessoa a quem deveríamos consultar sobre o assunto seria a Suma Prostituta da Europa, se tal pessoa houvesse.

Aqui constatamos a petulância e a vulgaridade dos nossos maiores pensadores, pelo menos. As mulheres seminuas de hoje com certeza não despertam muitos sentimentos sexuais nos homens encasacados dos nossos dias — que, por sua vez, também não despertam muitos sentimentos sexuais nas mulheres. Mas por quê? Por que a mulher despida de hoje desperta sentimentos tão mais fracos do que a mulher modesta da década de 1880 do senhor Shaw? Seria tolice resumir a questão num mero vestir-se.

Quando o sexo da mulher é em si mesmo dinâmico e vivo, ele se transforma num poder em si mesmo, além da razão dela. E por si mesmo ele dissemina o seu encanto peculiar, atraindo os homens com a promessa implícita da consumação do desejo. E a mulher é obrigada a se proteger, a se esconder na medida do possível. Ela se oculta em timidez e recato, pois seu sexo é um poder em si mesmo, expondo-a ao desejo dos homens. Se uma mulher em quem o sexo estivesse aceso e vivo expusesse seu corpo nu como as mulheres de hoje, os homens iriam à loucura por ela. Como Davi enlouqueceu por Betsabá.

Mas quando o sexo da mulher perde o seu apelo dinâmico e se torna, sob diversos aspectos, morto ou estático, a mulher sente a *necessidade* de atrair os homens pelo simples fato de que não os atrai naturalmente. Por isso toda a atividade que costumava ser inconsciente e espontânea passa a ser pensada e repulsiva. A mulher expõe seu corpo cada vez mais, e quanto mais ela o expõe mais os homens experimentam uma aversão sexual a ela. Porém não esqueçamos que serão *socialmente* fascinados por ela ao mesmo tempo. Hoje, estas duas situações ocupam pólos opostos. Socialmente, os homens apreciam a figura da mulher seminua, seminua nas avenidas. É *chic*, é uma declaração de desafio e independência, é moderno, é livre e é popular por ser estritamente assexual, ou anti-sexual. Nem homens nem mulheres *querem* sentir desejo de verdade, hoje. Eles e elas preferem o sucedâneo mental, o falso.

Mas nós somos seres muito confusos, nós todos, e criaturas de muitos desejos diversos, quase sempre contrários. Os próprios homens que incentivam as mulheres a serem mais ousadas e assexuais são os que mais reclamam da assexualidade das mulheres. O mesmo se passa com as mulheres. As que adoravam, veneravam os homens por seu requinte e por sua assexualidade na vida social são as que mais os odeiam por não serem "homens". Em público, *en masse*, em sociedade, todo mundo hoje quer o sexo fingido. Mas em certos momentos de sua vida todos os indivíduos abominam esse mesmo sexo fingido com um ódio mortal e ensandecido, e os que mais o manifestaram talvez sintam o ódio mais feroz dele, espelhado na outra pessoa — ou nas outras pessoas.

As moças de hoje poderiam cobrir-se até os olhos, usar saias rodadas e coques e tudo, e embora talvez não produzissem o efeito endurecedor peculiar no coração dos homens que as nossas mulheres seminuas certamente provocam, também não exerceriam uma atração sexual maior. Se não há sexo para sufocar, não adianta sufocá-lo com roupas. Ou não adianta muito. O homem se mostra normalmente propenso a ser iludido — por algum tempo — até pelo *nada* encasacado.

O que precisa ficar claro é que quando as mulheres estão sexualmente vivas, quando são vibrantes e atraentes apesar de si mesmas, além de sua própria vontade, elas sempre se cobrem, e se escondem debaixo de roupas, graciosamente. A extravagância das anquinhas e outros artefatos semelhantes da década de 1880 foi apenas um prenúncio da assexualidade que se aproximava.

Enquanto o sexo for um poder em si mesmo, as mulheres tentarão todos os tipos de disfarces — fascinantes — e os homens se pavonearão. Quando o Papa insiste para que as mulheres cubram sua carne nua nas igrejas, não é contra o sexo que ele fala, mas contra os recursos assexuados da imodéstia feminina. O Papa e os padres concluem que a exibição do corpo feminino na rua e na igreja produz um estado de espírito ruim, "profano", em homens e mulheres. E é verdade. Mas não porque assim desperte o desejo sexual: isso não acontece, ou só acontece muito raramente: até o senhor Shaw concordaria. Mas quando o corpo feminino deixa de despertar qualquer desejo há algo fundamentalmente errado! Há algo tristemente errado. Pois hoje os braços nus das mulheres suscitam um sentimento de impertinência, cinismo e vulgaridade que é, de fato, o último sentimento com o qual alguém deveria pisar numa igreja, desde que se tenha um mínimo de respeito pela Igreja. Os braços nus das mulheres numa igreja italiana são, com certeza, um sinal de desrespeito para com a tradição.

A Igreja Católica, principalmente no sul, não é nem anti-sexual, como as Igrejas do norte, nem assexual, como o senhor Shaw e outros pensadores sociais semelhantes. A Igreja Católica reconhece o sexo, e fez do matrimônio um sacramento baseado na comunhão sexual com a finalidade de se reproduzir a espécie. Mas a procriação, no sul, não é o fato, ou o ato, vazio e científico em que foi transformada no norte. O ato da procriação permanece cheio do mistério e da importância sexual do passado remoto. O homem é um criador em potencial, e isso se reveste de esplendor. E tudo isso foi destruído pelas Igrejas do norte e pela trivialidade lógica de Shaw e seus seguidores.

Porém tudo o que se perdeu no norte, a Igreja do sul tentou manter, sabendo que tem uma importância básica na vida. O senso de ser um criador em potencial e um magistrado, como pai e marido, talvez seja essencial à vida cotidiana do homem, para que ela seja plena e satisfatória. O senso da eternidade do casamento talvez seja necessário à paz interior de homens e mulheres. Mesmo que traga em si uma ameaça de Juízo Final, ele é necessário. A Igreja Católica não perde tempo lembrando às pessoas que no

céu não existe casamento nem o dar-se em casamento. Ela insiste que quando se casa se está casado para sempre! E as pessoas aceitam a lei, o destino e a dignidade de tudo isso. Para o sacerdote, o sexo é a chave do casamento e o casamento é a chave da vida cotidiana das pessoas e a Igreja é a chave da vida major.

Portanto o apelo sexual em si mesmo não é agressivo à Igreja. Muito mais perigoso é o desafio anti-sexual dos braços nus, o desrespeito, a "liberdade", o cinismo, a irreverência. O sexo pode ser obsceno na igreja, ou blasfemo, porém nunca cínico e ateu. Potencialmente, os braços nus das mulheres de hoje são cínicos e ateus, na acepção grosseira e vulgar de ateísmo. É natural que a Igreja se volte contra isso. O Sumo Sacerdote da Europa entende mais de sexo que o senhor Shaw, pois conhece melhor a natureza essencial do ser humano. Ele possui uma experiência de mil anos, ele tem assento na tradição. O senhor Shaw saltou para o mundo num dia. E o senhor Shaw tem, como dramaturgo, dado cambalhotas e oferecido números de sexo adulterado ao público moderno. E ele se sai muito bem. Como os filmes mais vagabundos. Mas fica evidente, ao mesmo tempo, que ele é incapaz de tocar o sexo profundo das pessoas reais, de cuja existência ele mal parece suspeitar.

E, como se num paralelo consigo mesmo, o senhor Shaw sugere que a Suma Prostituta da Europa deveria ser consultada em assuntos de sexo, no lugar do Sumo Sacerdote. O paralelo é justo. A Suma Prostituta da Europa conheceria, sem dúvida, tanto quanto o senhor Shaw, os temas do sexo. O que não chega a ser grande coisa. A exemplo do senhor Shaw, A Suma Prostituta da Europa teria um conhecimento gigantesco do sexo fingido dos homens, um processo rasteiro que vive na dependência de truques e fetiches. E, tal como ele, ela desconheceria por inteiro o sexo real dos homens, aquele que tem o ritmo das estações e dos anos, a crise do solstício do inverno e a paixão da Páscoa. Sobre isto a Suma Prostituta não saberia nada, absolutamente nada, pois sem tê-lo perdido ela não se tornaria prostituta. Mas, ainda assim, ela saberia mais do que o senhor Shaw. Ela saberia que o sexo profundo e rítmico da vida interior do homem existe. Ela saberia, por se ver em luta com ele inúmeras vezes. Toda a literatura do mundo revela a impotência sexual irremediável da prostituta, a sua incapacidade de reter o homem, a sua raiva contra o instinto profundo de fidelidade do homem, que é, como demonstra a história do mundo, um pouquinho, um pouquinho só mais profundo que o seu instinto de infidelidade sexual promíscua. Toda a literatura do mundo mostra como é forte o instinto de fidelidade do homem e da mulher, como homens e mulheres se esforçam incansavelmente pela satisfação desse instinto, e sofrem por sua própria dificuldade de encontrar a maneira sincera de serem fiéis. O instinto de fidelidade talvez seja o instinto mais profundo do grande complexo a que chamamos de sexo. Onde há sexo verdadeiro, há uma paixão subjacente pela fidelidade. E a prostituta sabe disso, pois defronta com ela. A prostituta só consegue reter homens desprovidos de sexo verdadeiro, homens

falsificados: e a estes ela despreza. Os homens que possuem o sexo verdadeiro acabam por deixá-la, inevitavelmente, já que ela é incapaz de satisfazer a seus desejos reais.

A Suma Prostituta sabe disso. O Papa também, desde que se dê ao trabalho de pensar no assunto, pois tudo isso está na consciência milenar da Igreja. Porém o Sumo Dramaturgo não sabe, não sabe nada. Ele tem um curioso vazio em sua constituição. Para ele, todo sexo é infidelidade, e apenas a infidelidade é sexo. O casamento é assexual, nulo. O sexo só se manifesta na infidelidade, e a rainha do sexo é a Suma Prostituta. Se o sexo aflora no casamento, é porque um dos cônjuges se apaixona por mais alguém, e quer ser infiel. A infidelidade é o sexo, e as prostitutas o conhecem da cabeça aos pés. Já as esposas nada sabem, nada são.

É este o ensinamento dos Sumos Dramaturgos e dos Sumos Pensadores da nossa geração. E o público vulgar concorda com eles inteiramente. Sexo é algo que não se tem, exceto para se jogar com ele. Fora o jogo, ou seja, fora a infidelidade e a fornicção, o sexo não existe. Nossos maiores pensadores, terminando no sabichão iconoclasta chamado senhor Bernard Shaw, têm ensinado este lixo com tanto desvelo que ele quase se tornou um fato. O sexo praticamente inexistente fora das formas espúrias da prostituição e da fornicção abjeta. E o casamento ficou vazio, oco.

Mas esta questão do sexo e do casamento é de uma importância sem igual. A nossa vida em sociedade se funda no casamento, e o casamento, dizem os sociólogos, está fundado na propriedade. O casamento constitui o método mais perfeito para conservar a propriedade e estimular a produção. E ali ele se esgota.

Será mesmo? Estamos na iminência de uma grande revolta contra o casamento, uma revolta passional contra seus laços e restrições. Na realidade, pelo menos três quartos da infelicidade da vida moderna poderiam ser depositados às portas do casamento. Há poucas pessoas casadas, hoje em dia, e poucas não casadas, que não tenham sentido um ódio intenso e vívido contra o casamento em si, o casamento instituição, o casamento imposto à vida humana. Muito, muito maior que a revolta contra os governos é essa revolta contra o casamento.

E todos, quase todos, têm por certo que tão logo encontremos uma saída o casamento será abolido. Os soviéticos abolem o casamento: ou aboliram. Se novos estados "modernos" surgirem, é bem provável que façam o mesmo. Eles tentarão encontrar algum sucedâneo social para o casamento, abolindo o odiado jugo da vida conjugal. Apoio estatal à maternidade, apoio estatal aos filhos, e a independência da mulher. Faz parte do programa de todo grande plano de reforma social. E implica, é lógico, a abolição do casamento.

A única pergunta que nos deveríamos propor é: nós queremos que isso aconteça? Nós queremos a independência absoluta das mulheres, o apoio estatal à maternidade e aos filhos, e a conseqüente eliminação da necessidade

do casamento? Nós queremos que isso aconteça? Pois só o que importa é que os homens e mulheres façam o que querem fazer *de fato*. Embora aqui, como sempre, não possamos esquecer que o homem tem um conjunto de valores duplo: valores superficiais e profundos; os desejos pessoais, inconsequentes, temporários, e os desejos íntimos, impessoais e maiores, que são satisfeitos ao longo de extensos períodos de tempo. Os desejos do momento são fáceis de reconhecer, mas os outros, os profundos, impõem dificuldades. É função dos nossos Sumos Pensadores nos falar de nossos desejos profundos, e não ficar entupindo os nossos ouvidos com desejos menores.

A Igreja se assenta no reconhecimento de pelo menos alguns desses desejos profundos e maiores do homem, desejos que levam anos, gerações ou mesmo séculos para serem satisfeitos. E a Igreja, celibatária como seus sacerdotes, construída como foi possível sobre a rocha solitária de Pedro, ou de Paulo, ergue-se, enfim, sobre a indissolubilidade do casamento. Basta que se torne o casamento instável em alto grau, dissolúvel, impermanente, para que a Igreja desmorone. Como prova, basta considerar o enorme declínio da Igreja Anglicana.

O motivo é que a Igreja se funda no elemento de *união* da humanidade. E o primeiro elemento de união no mundo de Cristo é o laço do casamento. O laço do casamento, o elo do casamento, conforme o ponto de vista, é o cimento que une a sociedade cristã. Se ele for desfeito, voltaremos ao domínio absoluto do estado, que existia antes da era cristã. O estado romano era todo-poderoso, e os pais romanos representavam o estado, e a família romana era propriedade do pai, gerida por uma espécie de delegação do próprio estado. O mesmo se dava na Grécia com uma ênfase menor na *permanência* da propriedade, mas tendo em seu lugar a celebração cintilante das posses do momento. A família foi muito mais insegura na Grécia que em Roma.

Mas em ambos os casos a família era o homem, representante do estado. Há estados em que a família é a mulher: antes houve. Há estados em que a família quase inexistente, estados sacerdotais em que os sacerdotes controlam tudo, inclusive a família. E há o estado soviético, onde se supõe que a família não exista e o estado controla cada indivíduo diretamente, mecanicamente, como nos grandes estados religiosos feito o Egito primitivo se controlava o povo diretamente, através da vigilância e dos rituais dos sacerdotes.

A dúvida com que defrontamos é se devemos recuar ou avançar no que se refere a qualquer uma dessas formas de controle estatal. Nós queremos ser como os romanos sob o Império, ou quem sabe sob a República? Nós queremos ser, diante de nossas famílias e de nossa liberdade, como os cidadãos gregos de uma cidade-estado em Helas? Nós queremos nos imaginar na estranha condição dos egípcios antigos, dominados pelos sacerdotes e envoltos em rituais? Nós queremos a intimidação do bolchevismo?

Eu, por mim, respondo NÃO! Não a todas as perguntas! E dizendo *não* somos obrigados a considerar novamente um velho adágio segundo o qual a maior contribuição do Cristianismo à vida social do homem foi o casamento. O Cristianismo deu ao mundo o casamento: o casamento que conhecemos. O Cristianismo estabeleceu a pequena autonomia da família dentro da lei maior do estado. O Cristianismo tornou o casamento sob certos aspectos inviolável, ou, no mínimo, inviolável pelo estado. Foi o casamento, talvez, que deu ao homem o melhor de sua liberdade, oferecendo-lhe um pequeno reino todo seu dentro do grande reino do estado, que deu a ele um reduto de independência de onde pode se defender contra qualquer estado injusto. Homem e mulher, rei e rainha, com um ou dois súditos e alguns metros quadrados de território seu: é isto, na verdade, o casamento. O casamento é liberdade real, pois dá ao homem, à mulher e aos filhos a oportunidade de satisfação.

Nós quereríamos, então, destruir o casamento? Se o destruirmos, é certo que caíamos todos muito mais sob as garras do estado. Nós queremos cair sob as garras do estado, de qualquer estado? Eu, por mim, não quero.

E a Igreja criou o matrimônio fazendo dele um sacramento, um sacramento que une homem e mulher na comunhão do sexo, inseparáveis, exceto pela morte, e mesmo assim não libertos do casamento. O casamento, até onde viva o indivíduo, é eterno. O casamento, criando um corpo completo de dois incompletos, criando meios para o desenvolvimento complexo da alma do homem e da mulher em uníssono por toda a vida; o casamento, sagrado e inviolável, o grande canal de satisfação terrena para o homem e para a mulher, em harmonia, sob o domínio espiritual da Igreja.

Esta foi a maior contribuição do Cristianismo para a vida do homem, e apesar disso é esquecida com muita facilidade. O casamento será ou não será um passo imenso no sentido da realização de homens e mulheres? Será ou não será? O casamento é um grande instrumento da realização de homens e mulheres, ou frustra essa realização? Eis uma pergunta fundamental, a que cada homem e cada mulher precisa responder por si.

Se adotarmos a postura Não-Conformista, Protestante, de que somos almas individuais isoladas e que a nossa tarefa suprema é salvar nossas almas, então o casamento se torna, com certeza, um obstáculo. Se o que me cabe é salvar a minha alma, é melhor que ignore o casamento. Monges e eremitas sabiam disso. Mas, também, se estou interessado apenas em salvar a alma das outras pessoas, é melhor que ignore o casamento, como sabiam os apóstolos e os santos pregadores.

Mas supondo que eu não esteja inclinado a salvar a minha própria alma e nem a alma dos outros? Supondo que a Salvação me seja incompreensível, como confesso que é? "Ser salvo", para mim, pertence ao idioma da presunção. Supondo, portanto, que eu não consiga ver esse Salvador, essa Salvação, supondo que eu veja a alma como algo que exista para ser desenvolvido e realizado ao longo de uma vida inteira, nutrida, alimentada, e desenvolvida e realizada, até o fim; o quê, então?

Eu entendo que o matrimônio, ou algo parecido com ele, é essencial, e que a Igreja antiga conhecia bem as necessidades persistentes do homem, além das necessidades espasmódicas de hoje e de ontem. A Igreja estabeleceu o casamento até o fim da vida, para a satisfação da vida terrena da alma, sem adiá-la para depois da morte.

A Igreja antiga sabia que a vida é o que nos cabe aqui, e deve ser vivida, vivida para a nossa satisfação. A rígida lei de Bento e os voos imaginosos de Francisco de Assis foram cintilações no céu uniforme da Igreja. O ritmo da vida em si mesma foi preservado pela Igreja hora a hora, dia a dia, estação a estação, ano a ano, época a época, instilado no povo, e as cintilações agrestes foram adaptadas a esse ritmo permanente. Nós o sentimos no sul, nos campos, quando ouvimos o bater de sinos ao amanhecer, ao meio-dia, ao pôr-do-sol, marcando as horas com o som de missa ou de oração. É o ritmo do sol de todos os dias. Nós o sentimos nas festividades, nas procissões, no Natal, nos Reis Magos, na Páscoa, em Pentecostes, no dia de São João, em Todos os Santos, em Finados. É a roda do ano, o movimento do sol pelo solstício e pelo equinócio, a chegada das estações, a partida das estações. E ele está no ritmo interno do homem e da mulher também, com a tristeza da Quaresma, o encantamento da Páscoa, o júbilo de Pentecostes, as fogueiras de São João, as velas nas sepulturas de Finados, as árvores iluminadas do Natal, tudo representando as emoções rítmicas acesas nas almas de homens e mulheres. E os homens sentem o ritmo glorioso da emoção no masculino, as mulheres no feminino, e no uníssono de homens e mulheres a emoção se completa.

Agostinho disse que Deus cria o universo todos os dias; e para a alma viva, emocional, isto é verdade. Toda manhã amanhece sobre um universo inteiramente novo, toda Páscoa faz brilhar uma glória inteiramente nova de um mundo novo se abrindo em nova flor. E a alma do homem e a alma da mulher são novas nesse mesmo sentido, com a alegria infinita da vida e com a novidade eterna da vida. Por isso o homem e a mulher são novos um para o outro ao longo de suas existências, no ritmo do casamento, que é igual ao ritmo do ano.

O sexo é o equilíbrio do masculino e do feminino no universo, a atração, a repulsão, o trânsito da neutralidade, a nova atração, a nova repulsão, sempre diferente, sempre novo. O longo intervalo neutro da Quaresma, quando o sangue se esfria, e a doçura do beijo da Páscoa, a festa sexual da primavera, a paixão do estio, o encolher lento, a revolta e a dor do outono, a volta do cinza e então o estímulo agudo do inverno de noites intermináveis. O sexo percorre o ritmo do ano, no homem e na mulher, transformando-se incessantemente: o ritmo do Sol em sua relação com a Terra. Ah, que catástrofe para o homem quando ele se aliena do ritmo do ano, do seu uníssono com o Sol e a Terra. Ah, que catástrofe, que mutilação do amor quando ele é feito sentimento pessoal, meramente pessoal, alijado do nascer e do pôr-do-sol, preterido da ligação mágica do solstício e do equinócio! O

nosso problema é este. Estamos sangrando nas raízes, porque fomos separados da Terra, do Sol e das estrelas, e o amor é um sorridente deboche, pois, pobre broto arrancado, nós o tiramos de seu ramo na árvore da Vida e queremos que continue florescendo em nosso vaso de civilização sobre a mesa.

O casamento é a chave da vida humana, mas não há casamento à parte da roda do sol e do trajeto da terra, do vagar dos planetas e da magnificência das estrelas fixas. Não será o homem completamente distinto, ao cair da noite, do que era ao amanhecer? E a mulher também? E não é a harmonia e a discórdia cambiante de suas variações que fazem a música secreta da vida?

E não é assim pela vida inteira? O homem é diferente aos trinta, aos quarenta, aos cinquenta, aos sessenta, aos setenta; e a mulher do seu lado é diferente. Mas não existe alguma estranha conjunção em suas diferenças? Não há uma harmonia peculiar através da juventude, do período da procriação, do período da florescência e dos filhos pequenos, do período da mudança da vida da mulher, doloroso, porém ele mesmo uma renovação, do período da paixão minguante, porém do estreitamento bom do afeto, do período obscuro e desigual da chegada da morte, quando homem e mulher se entreolham na apreensão sombria da separação que não é uma separação de fato; não haverá, através de tudo isso, um encadeamento invisível e desconhecido de equilíbrio, harmonia e complementação, como uma sinfonia silenciosa que passe ritmicamente de uma fase a outra, tão diversa, tão diversa em seus muitos movimentos, e, no entanto, uma sinfonia, feita do canto silente de duas vidas estranhas uma à outra e incompatíveis, um homem e uma mulher?

O casamento é isto, o mistério do casamento, o casamento que preenche a sua finalidade aqui, nesta vida. Podemos acreditar sem susto que no céu não haja casamento, que pessoas não se dêem em casamento. Tudo tem que se cumprir aqui, e se não for cumprido aqui jamais será cumprido. Os grandes santos vivem apenas, até Jesus vive apenas para emprestar uma nova satisfação e uma nova beleza ao sacramento permanente do matrimônio.

Porém — e este porém se choca com o nosso coração feito bala — o casamento nunca será casamento se não for básica e permanentemente fálico, ou seja, ligado ao Sol e à Terra, à Lua, às estrelas fixas e aos planetas, no ritmo dos dias, no ritmo dos meses, no ritmo das quadraturas, dos anos, das décadas e dos séculos. O casamento não será casamento se não for uma correspondência de sangue. Pois o sangue é a substância da alma e da consciência mais profunda. É pelo sangue que somos; e é pelo coração e pelo fígado que vivemos e nos movimentamos e temos o nosso ser. No sangue, saber e ser, ou sentir, são uma coisa só, una e indivisível; não há serpente, não há maçã capaz de provocar um rompimento. Por isso, só quando a conjunção é uma conjunção de sangue há casamento de verdade. O sangue do homem e o sangue da mulher são duas correntes eternamente diversas que não podem nunca se unir. Até mesmo a ciência nos ensina isto. Mas, portanto, eles são os dois rios que envolvem a vida inteira, e no casamento o círculo se

completa, e no sexo os dois rios se tocam e se renovam um ao outro, sem nunca se misturarem ou se confundirem. Nós sabemos que sim. O falo é uma coluna de sangue que enche o vale de sangue da mulher. O grande rio do sangue masculino toca até as profundezas o grande rio do sangue feminino — entretanto, nenhum deixa o seu leito.

E a mais profunda de todas as comunhões, como todas as religiões, na prática, sabem. E é um dos maiores de todos os mistérios — na verdade, o maior, como quase toda iniciação revela, desvendando a suprema realização do casamento místico.

E é este o significado do ato sexual: esta Comunhão, este tocar-se de dois rios, Eufrates e Tigre, para usar uma imagem antiga, circundando as terras da Mesopotâmia, onde ficava o Paraíso, ou o Jardim do Éden, onde o homem teve seu começo. Casamento é isto, este circuito de dois rios, esta comunhão de duas correntes sanguíneas, isto e nada mais; como todas as religiões sabem.

Dois rios de sangue são o homem e a mulher, duas correntes eternas distintas que têm o poder de se tocar e comungar, e portanto o poder da renovação, da reconstrução um do outro sem qualquer rompimento de seus limites sutis, sem qualquer mistura, sem qualquer perturbação. E o falo é o elo que une os dois rios, que faz dos dois rios uma unidade, e produz de sua dualidade um circuito único, para sempre. E isto, esta unidade concretizada gradualmente ao longo de uma vida a dois, é a realização mais sublime do tempo ou da eternidade. Dela nascem todas as coisas humanas: os filhos, a beleza e tudo o que há de bem-feito; todas as verdadeiras criações da humanidade. E tudo o que sabemos da vontade de Deus é que Ele quis a existência desta unidade, a ser satisfeita no correr de uma vida, esta unidade dentro da grande corrente sanguínea dupla da humanidade.

O homem morre, e a mulher morre, e talvez separadas suas almas viagem de volta ao criador. Quem sabe? Mas sabemos que a unidade do sangue do homem e da mulher no casamento completa o universo, até onde exista a humanidade, e completa o deslizar do sol e o fluir de todos os astros.

Tudo isso tem, com certeza, uma contrapartida, e uma contrapartida de falsidade. O casamento falso existe, como quase todos os casamentos modernos. As pessoas, hoje, são apenas personalidades, e o casamento atual acontece quando duas pessoas se sentem "balançadas" pela personalidade uma da outra: quando têm os mesmos gostos em móveis, livros, esportes ou diversões, quando adoram "conversar" entre si, quando admiram a "inteligência" uma da outra. Porém isto, esta afinidade de mente e personalidade, é uma base excelente para a amizade entre os sexos, porém uma base desastrosa para o casamento. Pois o casamento inicia inevitavelmente a atividade sexual, e a atividade é, sempre foi e será, em certa medida hostil ao relacionamento mental, *pessoal* entre homem e mulher. É quase um axioma que o casamento de duas *personalidades* termine em ódio físico — ódio terrível. As pessoas que se dedicam pessoalmente uma à outra a

princípio odeiam-se com um ódio para o qual não encontram explicação e que tentam esconder, pois ele as deixa envergonhadas, e que nem por isso deixa de ser menos dolorosamente óbvio, em particular para elas mesmas. Nas pessoas de sentimentos individuais fortes, a irritação acumulada no casamento tende a se acentuar até o ponto em que a raiva atinge as raias da loucura. E, aparentemente, sem motivo algum.

Porém o motivo real é que a simpatia exclusiva dos nervos e da mente e do interesse pessoal é, infelizmente, hostil à simpatia de sangue entre os sexos. O culto moderno à personalidade é ótimo para amigos de sexos opostos e fatal para o casamento. No todo, seria preferível que as pessoas modernas não se casassem. Elas se manteriam muito mais em consonância com o que são, com sua própria personalidade.

Casamento ou não casamento, porém, o fatal sempre acontece. Quando se conheceu, apenas se conheceu a simpatia pessoal e o amor pessoal, o ódio e a raiva cedo ou tarde se apossam da alma pela frustração e pelo sufocamento da simpatia do sangue, do contato do sangue. No celibato, essa negação faz definhar e traz amargura, porém no casamento ela produz raiva. E isso, hoje, não pode ser evitado, assim como não podemos evitar as trovoadas. É parte do fenômeno da psique. O importante, aqui, é que o próprio sexo se torna subserviente à personalidade e ao "amor" pessoal, inteiramente, sem nunca oferecer a satisfação e a realização sexual. A rigor, talvez haja muito mais atividade sexual num casamento de "personalidades" que num casamento de sangue. A mulher suspira por um amante perpétuo; e no casamento pessoal ela o consegue, relativamente. E como ela acaba por odiá-lo, e ao desejo incessante dele! E como, afinal, nada é recebido, nada é satisfeito!

Foi um erro que eu cometi, falando de sexo. Eu sempre entendi que o sexo significasse a simpatia de sangue e o contato de sangue. Tecnicamente é o que acontece. Mas, na prática, quase todo o sexo moderno é pura questão de nervos, nervos frios e exangues. Sexo pessoal. E este sexo pessoal branco, frio, nervoso, "poético", que é praticamente tudo o que os seres humanos modernos conhecem de sexo, produz um efeito fisiológico peculiaríssimo, e um efeito psicológico não menos. As duas correntes sanguíneas são postas em contato, no homem e na mulher, da mesma forma que no impulso da paixão do sangue e do desejo do sangue. Mas enquanto o contato ao sabor da paixão e do desejo do sangue é positivo, renovando o sangue, na insistência do desejo nervoso e pessoal o contato do sangue se torna friccionai e destrutivo, resultando no embranquecimento e no empobrecimento do sangue. O sexo pessoal ou nervoso ou espiritual é destrutivo para o sangue, e tem uma atividade catabólica, enquanto o coito em desejo sanguíneo cálido é uma atividade do metabolismo. O catabolismo da atividade sexual "nervosa" bem pode produzir, por alguns instantes, uma espécie de êxtase e de aguçamento da consciência. Porém isto, como o efeito do álcool ou das drogas, é resultado da decomposição de certos corpúsculos

do sangue, num processo de empobrecimento. Este é apenas um dos diversos motivos para a falta de energia das pessoas modernas; a atividade sexual, que deveria ser revigorante e renovadora, torna-se exaustiva e debilitante. Por isso, quando um jovem não consegue acreditar na regeneração da Inglaterra através do sexo, eu me vejo constrangido a concordar com ele, já que a sexo moderno é quase exclusivamente pessoal e nervoso e, nas suas consequências, exaustivo e desintegrador. O efeito desintegrador da atividade sexual moderna é inegável. Ele só é menos fatal que o efeito desintegrador da masturbação, mais mortífero ainda.

Portanto eu começo a perceber, enfim, o significado das ofensas que meus críticos me dirigem por eu exaltar o sexo. Eles conhecem apenas uma forma de sexo; aliás, para eles só existe uma forma de sexo: o sexo nervoso, pessoal, desintegrador, o sexo "branco". E isto, evidentemente, é algo sobre o que as pessoas podem fazer floreios e inventar mentiras, mas nunca nutrir esperanças. Eu concordo. Sim, eu concordo que não podemos ter esperanças de regenerar a Inglaterra com sexo desta espécie.

Ao mesmo tempo, não vejo nenhuma esperança de regeneração para uma Inglaterra assexuada. Uma Inglaterra que perdeu o seu sexo não me parece justificar muitas esperanças. Embora eu possa ter cometido uma tolice insistindo no sexo quando o tipo corriqueiro de sexo é precisamente o que eu *não* advogo e *não* quero, ainda assim não posso apagar tudo e acreditar na regeneração da Inglaterra pela assexualidade. Uma Inglaterra assexuada! Não, meus ouvidos não ouvem um eco de esperança.

E o outro sexo, o sexo quente do sangue que cria a vida e revitaliza a ligação entre o homem e a mulher — como poderemos recuperá-lo? Eu não sei. Entretanto, é imprescindível recuperá-lo; ou os jovens o resgatam, ou estaremos todos perdidos. Pois a ponte para o futuro é o falo, o falo e nada mais. Porém não o pobre falo nervoso e falaz do amor moderno. Esse não!

O novo impulso à vida nunca virá sem o contato sanguíneo; o contato sanguíneo verdadeiro, positivo, e não a reação negativa nervosa. E o contato sanguíneo essencial se dá entre o homem e a mulher; sempre foi assim e sempre será. O contato do sexo positivo. Os contatos homossexuais são secundários, ainda quando não sejam meros substitutos de reação desesperada para o sexo nervoso inteiramente insatisfatório entre homens e mulheres.

Se a Inglaterra deve ser regenerada — para usar a frase do jovem que parecia acreditar na necessidade de uma *regeneração...* a própria palavra é dele, não minha —, isto só poderá acontecer pelo surgimento de um novo contato de sangue, um novo tato e um novo casamento. Será uma regeneração fállica, em vez de sexual. Pois o falo é o grande símbolo ancestral da vitalidade divina do homem e do contato mais íntimo.

Será, também, uma renovação do casamento: o verdadeiro casamento fállico. E, mais ainda, será a reposição do casamento em harmonia com o cosmos rítmico. O ritmo do cosmos é uma coisa da qual não podemos escapar

sem impor à nossa vida um amargo empobrecimento. Os cristãos primitivos tentaram matar o velho ritmo pagão dos rituais cósmicos e, até certo ponto, conseguiram. Eles mataram os planetas e o zodíaco, talvez porque a astrologia já estivesse rebaixada à simples leitura da sorte. Eles pretenderam matar as festividades anuais. Porém a Igreja, que sabe que o homem não vive só pelo homem, mas pelo Sol e pela Lua e pela Terra em suas rotações, restaurou os dias santos e as festas quase como os pagãos as comemoravam, e os camponeses cristãos continuaram procedendo da mesma forma que os camponeses pagãos, fazendo uma pausa para rezar ao nascer do dia, ao pôr-do-sol, e ao meio-dia — os três grandes momentos do dia do Sol; e então o novo feriado, o que pertencia ao ciclo ancestral dos sete; e depois a Páscoa, a morte e ascensão de Deus, Pentecostes, as fogueiras de junho, os mortos e os espíritos das sepulturas em novembro, depois o Natal, os Reis. Durante séculos a massa viveu nesse ritmo, sob a tutela da Igreja. E é na massa que as raízes da religião são eternas. Quando a massa perde o ritmo religioso, ela morre sem esperanças. Porém veio o protestantismo e aplicou um duro golpe ao ritmo religioso e ritualístico do ano na vida humana. O não-conformismo quase completou a tarefa. Agora temos um pobre povo cego e alienado para o qual apenas a política e os feriados bancários atendem à necessidade humana eterna de viver em harmonia ritual com o cosmos em suas rotações, em submissão eterna às leis maiores. E o casamento, uma das necessidades maiores, sofreu igualmente a perda da influência das grandes leis, dos ritmos cósmicos que devem reger a vida sempre. A humanidade precisa retornar ao ritmo do cosmos e à permanência do casamento.

Tudo isto é um pós-escrito, uma reflexão sobre minha novela *O amante de Lady Chatterley*. O homem tem necessidades menores e necessidades profundas. Nós incorremos no erro de viver segundo as nossas necessidades menores, até que quase perdemos as nossas necessidades profundas, numa espécie de loucura. Há uma moralidade menor, que se liga às pessoas e às necessidades menores do homem; e esta, infelizmente, é a moralidade segundo a qual vivemos. Mas há uma moralidade profunda, que se liga a toda a humanidade feminina, a toda a humanidade masculina, e às nações, às raças e às classes de homens. Essa moralidade maior afeta o destino da humanidade ao longo de grandes períodos de tempo, fala às necessidades profundas do homem, e geralmente está em conflito com a moralidade menor das necessidades menores. A consciência trágica nos ensinou, até, que uma das necessidades supremas do homem é o conhecimento e a experiência da morte; todo homem precisa conhecer a morte em seu próprio corpo. Mas a consciência maior das épocas pré-trágicas e pós-trágicas nos ensina — embora não tenhamos atingido ainda a época pós-trágica — que a necessidade máxima do homem é a renovação eterna do ritmo completo da vida e da morte, o ritmo do ano do Sol, o ano do corpo de uma vida inteira, e o ano maior das estrelas, o ano da alma de imortalidade. É esta a nossa necessidade, a nossa imperativa necessidade. E a necessidade da mente, da

alma, do corpo, do espírito e do sexo: tudo. Seria inútil perguntar por uma Palavra que satisfizesse a esta necessidade. Não há Palavra, não há Logos, não há Verbo capaz de satisfazê-la. A Palavra é dita, quase inteira: precisamos apenas prestar atenção de verdade. Mas quem nos chamará ao Ato, ao grande Ato das Estações e do ano, ao Ato do ciclo da alma, ao Ato da vida da mulher em comunhão com a do homem, ao pequeno Ato do percurso da Lua, ao Ato um pouco maior do percurso do Sol, e ao maior ainda do percurso dos astros? É o Ato da vida que precisamos aprender agora: costuma-se acreditar que já aprendemos a Palavra, mas, ai de nós, basta que nos encaremos. Pode ser que à luz da Palavra sejamos perfeitos, mas à luz do Ato somos dementes. Preparemo-nos agora para a morte da nossa vida "menor" de hoje, e para a reemergência numa vida maior, em contato com o cosmos em movimento.

Na prática, é uma questão de relações. Nós *temos* que retornar a uma relação vívida e nutritiva com o cosmos e o universo. O caminho é o ritual diário, é tarefa do indivíduo e da família; um ritual de alvorada e crepúsculo e meio-dia, o ritual do acendimento da fogueira e do derramamento da água, o ritual da primeira respiração, e da última. É uma tarefa para o indivíduo e para a família, um ritual do dia. O ritual da lua e de suas fases, da estrela matutina e da estrela vespertina, é para homens e mulheres em separado. Mas o ritual das estações, com o Drama e a Paixão da alma incorporados à procissão e à dança, é para a comunidade um ato de homens e mulheres, de uma comunidade inteira em união. E o ritual dos grandes acontecimentos do ano das estrelas é para nações e povos inteiros. A estes rituais nós precisamos voltar: ou fazer com que evoluam de acordo com as nossas necessidades. Pois a verdade é que estamos perecendo por falta de satisfação das nossas necessidades maiores, estamos afastados das grandes fontes de nossa nutrição e renovação internas, fontes que jorram eternamente no universo. Sob o ponto de vista da vitalidade, a raça humana está morrendo. Ela é como uma enorme árvore arrancada, com as raízes no ar. Temos que nos plantar outra vez no universo.

Isto implica um retorno a formas ancestrais. Porém teremos que criar essas formas outra vez, e será mais difícil do que pregar um evangelho. Os Evangelhos cristãos vieram nos dizer que estávamos todos salvos. Mas nós olhamos para o mundo hoje e compreendemos que, desgraçadamente, em vez de estar salva do pecado, seja ele qual for, a humanidade está completamente perdida, perdida para a vida e próxima da nulidade e do extermínio. Temos que retornar, e o caminho será longo, até o início das concepções idealistas, antes de Platão, antes do surgimento da ideia trágica da vida, para que nos ponhamos de pé outra vez. Pois o evangelho da salvação através dos Ideais e da fuga do corpo coincidiram com o conceito trágico da vida humana. Salvação e tragédia são uma coisa só, e hoje se tornaram ambas irrelevantes.

Voltar, para antes do aparecimento das religiões e filosofias idealistas que fizeram o homem dar os primeiros passos na grande excursão da tragédia.

Os últimos três mil anos da humanidade foram uma excursão pelos ideais, pela imaterialidade e pela tragédia, mas agora a excursão terminou. E é como o fim de uma tragédia no teatro. O palco está pontilhado de corpos mortos — pior ainda, corpos sem significado —, e o pano desce.

Porém na vida o pano nunca desce ao fim da cena. Os corpos mortos permanecem ali, junto aos inertes, e alguém precisa levá-los embora; o mundo não pára. Vive-se o dia seguinte. E hoje já é o dia seguinte ao fim da época trágica e idealista. Uma inércia gigantesca abate-se sobre os protagonistas restantes. Entretanto, nós temos que seguir adiante.

Agora nós temos que restabelecer as grandes relações que os nobres idealistas, com seu pessimismo latente, sua crença de que a vida é apenas um conflito fútil, para ser evitada até a morte, destruíram por nós. Buda, Platão e Jesus foram três irremediáveis pessimistas diante da vida, ensinando que só encontraríamos a felicidade se nos abstraíssemos da vida, da vida diária, anual, estacionai, de nascimento e morte e fruição, e vivêssemos no espírito "imutável" ou eterno. Mas agora, depois de quase três mil anos, agora que nos abstraímos quase completamente da vida rítmica das estações, do nascimento e da morte e da fruição, agora compreendemos que não se trata de uma atitude abençoada ou liberadora, mas uma atitude de nulidade. Ela produz a inércia nula. E os grandes salvadores, os grandes professores, só nos alienam da vida. Foi esta a trágica *excursus*.

O universo está morto para nós, e agora, como fazê-lo readquirir a vida? O "conhecimento" matou o Sol, fazendo dele uma bola de gás com manchas; o "conhecimento" matou a Lua, que é uma pequena terra morta salpicada de crateras extintas, como se tivesse catapora; a máquina matou a Terra para nós, fazendo dela uma superfície mais ou menos acidentada sobre a qual caminhamos. Como, de tudo isso, extrairemos as órbitas grandiosas dos céus da alma, que nos enchem de indizível prazer? Como extrairemos outra vez Apoio, e Átis e Demétrio e Perséfone e os campos do Dis? Como ver, até, a estrela Vésper, ou Betelgeuse?

Nós temos que trazê-los todos de volta, pois são o mundo da nossa alma, o mundo onde a nossa consciência maior habita. O mundo da razão e da ciência — a Lua, um bolo de terra morta; o Sol, apenas um aglomerado de gás com manchas: esse é o mundo árido e estéril, o pequeno mundo onde reside a mente abstraída. O mundo da nossa consciência menor, que conhecemos em nosso *distanciamento* chicanista. É assim que conhecemos o mundo quando o conhecemos isolado de nós próprios, no desligamento perverso de tudo. Quando conhecemos o mundo em união conosco, conhecemos a terra jacintina e plutônica, sabemos que a Lua nos dá o nosso corpo como uma dádiva, ou o leva embora; nós conhecemos o ronco do grande leão dourado que é o Sol, que nos lambe como uma leoa lambe os filhotes, dando-nos ousadia, ou então como a fera ruiva e irada que avança sobre nós com as unhas à mostra. Há muitos modos de saber, há muitos tipos de conhecimento. Porém, para o homem, as duas modalidades de conhecimento são o conhecer

em termos de distanciamento, que é mental, racional, científico, e o conhecer em termos de união, que é religioso e poético. A religião cristã perdeu com o protestantismo a união do corpo, do sexo, das emoções e das paixões com a Terra, o Sol e as estrelas.

Mas o relacionamento tem três faces. Primeiro há a relação com o universo vivo. Depois vem a relação do homem com a mulher. Por fim vem a relação do homem com o homem. Todas elas são relações de sangue, e não apenas do espírito ou da mente. Nós abstraímos o universo em Matéria e Força, nós abstraímos homens e mulheres em duas personalidades distintas — personalidades sendo unidades isoladas, incapazes de união —, de modo que todas as três relações fundamentais tornaram-se incorpóreas, mortas.

Entretanto, nenhuma delas está tão morta quanto a relação do homem com o homem. Eu acho que se parássemos para analisar até as últimas consequências o que os homens sentiram uns pelos outros hoje, acabaríamos por constatar que todo homem considera seu semelhante uma ameaça. É curioso, mas com a intensificação dos aspectos mentais e ideais acentua-se a percepção da presença física de qualquer outro homem como uma ameaça, uma ameaça contra a nossa própria existência. Todo homem que se aproxima de mim põe em risco a minha própria vida; não mais o meu próprio ser.

Este fato, feio, deprimente, percorre a nossa civilização de ponta a ponta. Como dizia a publicidade de uma novela de guerra, é um épico de "amizade e esperança, lama e sangue", significando, é claro, que amizade e esperança terminam forçosamente em lama e sangue.

Quando a grande cruzada contra o sexo e o corpo se iniciou a pleno vapor com Platão, era uma cruzada por "ideais" e por um conhecimento "espiritual" distanciado. O sexo é unificador por excelência. Em sua vibração lenta e potente, o calor do coração fez as pessoas felizes juntas, em união. As filosofias e religiões idealistas se lançaram à tarefa deliberada de matá-lo. E conseguiram. Agora conseguiram. A última grande ebulição de amizade e esperança foi sufocada em lama e sangue. Agora os homens são todos pequenas entidades distintas. Embora a "cortesia" seja a palavra de ordem da moda — todo mundo tem que ser "cortês" —, por baixo dessa cortesia encontramos uma frieza de coração, uma ausência de coração, uma insensibilidade assustadora. Todo homem é uma ameaça para os seus semelhantes.

Os homens só se conhecem uns aos outros na ameaça. O individualismo triunfou. Se eu sou um indivíduo independente e pleno, então todos os outros seres humanos, todos os homens em particular, constituem uma grave ameaça à minha pessoa. Esta é a característica mais importante da sociedade moderna. Somos todos extremamente cordatos e "gentis" uns com os outros porque temos medo uns dos outros.

O senso de isolamento, seguido do senso de ameaça e de medo, surgirá forçosamente sempre que o sentimento de unidade e comunhão com os nossos semelhantes declinar, e o sentimento de individualismo e personalidade, que é

a existência em isolamento, aumentar. As chamadas classes "cultas" são as primeiras a desenvolver a "personalidade" e o individualismo, e as primeiras a caírem nesse estado de ameaça e medo inconscientes. As classes trabalhadoras retêm a velha união do calor do sangue por mais algumas décadas. E depois elas a perdem também. E aí a consciência de classe torna-se epidêmica, e com ela o ódio entre as classes. Tanto o ódio quanto a consciência de classe são apenas um sinal de que a antiga união e o antigo calor do sangue se esvaíram, e que cada homem se vê solitário. Surgem daí grupamentos hostis de homens reunidos para fazer oposição uns aos outros, para a luta. A rivalidade social torna-se um requisito necessário à auto-afirmação.

Mais uma vez: esta é a tragédia da vida social contemporânea. Na Inglaterra do século passado, uma curiosa ligação sanguínea mantinha as classes em harmonia. Os proprietários de terra poderiam ser arrogantes, violentos, intimidadores e injustos, porém sob vários aspectos eles comungavam com o povo, partes da mesma corrente sanguínea. Percebe-se isto em Defoe ou Fielding. E então, com a pífia Jane Austen, ela desaparece. A velha solteirona tipifica a "personalidade" contraposta ao caráter, o conhecimento egoísta em vez do conhecimento partilhado; Jane Austen é, para os meus sentimentos, uma pessoa repugnante. Inglesa no sentido mau, mesquinho e esnobe da palavra, assim como Fielding é inglês no sentido bom e generoso.

Portanto, em *O amante de Lady Chatterley*, temos um homem, Clifford, que é personalidade pura, tendo perdido por completo o contato com os seus semelhantes, homens ou mulheres, exceto pelo relacionamento de uso. Todo o calor humano se foi, o lar é frio, o coração inexistente como órgão humano. Ele é um produto exemplar da nossa civilização, porém é a morte do que há de humano no mundo. Ele é cortês por força do hábito, mas desconhece o que seja afeto e simpatia. Ele é o que é. E ele perde a mulher que escolheu para esposa.

O outro homem possui ainda o calor humano, mas está sendo caçado, destruído. É uma questão até de se a mulher que se ligou a ele o apoiará e dará o justo valor ao seu significado vital.

Já me perguntaram diversas vezes se eu fiz Clifford paralítico intencionalmente, se ele é simbólico. E meus amigos literatos dizem que teria sido melhor deixá-lo íntegro e potente, e fazer que a mulher o abandonasse assim mesmo.

Quanto ao "simbolismo" ser intencional — eu não sei. Pelo menos não no começo, quando Clifford foi criado. Quando eu criei Clifford e Connie, não tinha a menor ideia do que eram ou de por que eram. Eles brotaram já bem parecidos com o que são agora. Porém a novela foi escrita do começo ao fim três vezes. E quando eu li a primeira versão entendi que a invalidez de Clifford era simbólica da paralisia, da profunda paralisia emocional ou passional da quase totalidade dos homens do seu tipo e da sua classe. Eu

compreendi que talvez fosse injusto com Connie paralisá-lo tecnicamente. A sua fuga tornava-se tão mais vulgar! Entretanto, a história tomou esse rumo por si só, e eu resolvi deixá-la como estava. Quer se chame a isto de simbolismo ou não, o certo é que foi inevitável.

Estes apontamentos, que estou escrevendo quase dois anos após a conclusão da novela, não pretendem explicar nem expor nada: apenas fornecer alguns dados emocionais que talvez sejam necessários para servir de fundo ao livro. Trata-se de um livro que se choca tão de frente com as convenções que me pareceu conveniente justificar os motivos da minha atitude de desafio, uma vez que o desejo tolo de *épater le bourgeois*, de chocar o homem comum, não merece consideração. Se uso palavras-tabu, há um motivo. Nunca libertaremos a realidade fálica da nódoa da "elevação" até que lhe emprestemos um idioma fálico e usemos as palavras obscenas. A maior de todas as blasfêmias contra a realidade fálica é a sua "elevação a um plano superior". Assim, se Lady Chatterley se casar com o couteiro — o que ela ainda não fez —, não será por despeito às diferenças de classe, mas a despeito delas.

Por fim, alguns correspondentes me escrevem reclamando que descrevo as edições piratas — as que chegam ao meu conhecimento —, mas não a original. A primeira edição original, produzida em Florença, foi encadernada em capa dura, com papel avermelhado cor de amora, de pouco brilho, tendo a minha fénix (o símbolo da imortalidade, a ave renascendo do ninho de chamas) impressa em preto na frente e um rótulo de papel branco na quarta capa. O papel é italiano, feito à mão, amarelo-claro, de boa qualidade, porém a impressão, embora agradável, é comum, e a encadernação é a de costume nas pequenas gráficas florentinas. Não há nada de especial; entretanto, é um volume agradável — bem mais agradável, inclusive, que livros muito "superiores".

Se há muitos erros de grafia — há mesmo! —, é porque o livro foi composto numa pequena tipografia italiana, familiar, onde ninguém sabia uma só palavra de inglês. Nenhuma pessoa que trabalhou na produção do livro tinha a mínima noção de inglês, e portanto não houve constrangimentos: as provas saíram horríveis. O impressor saía-se bastante bem por algumas páginas, e depois tomava um porre ou coisa parecida. E então as palavras tornavam-se estranhas, *macabras*, tudo menos inglês. Por isso, se ainda restaram alguns erros dos quase incontáveis que havia, é um milagre que não haja mais.

E então um jornal escreveu lamentando o pobre tipógrafo que teria sido enganado por mim para imprimir o livro. Enganado, não! Ele era um homenzinho de bigodes brancos que acabara de se casar com a segunda esposa. Eu fui claro: o livro tem palavras assim-e-assado, em inglês, e descreve certas coisas. Não precisa imprimir se achar que isto irá lhe causar problemas! "O que ele descreve?", perguntou-me ele. E, ouvindo a resposta, exclamou com a indiferença brusca dos florentinos: "O! Ma! Nós fazemos isto

todos os dias!" E parece que, para ele, a questão ficou decidida de uma vez por todas. Como não se tratava de nada político ou anormal, para que esquentar a cabeça? Coisas de todo dia, coisas banais.

Mas foi uma batalha, e é surpreendente que o livro tenha saído tão bom. Só havia tipos suficientes para a composição de metade do livro: por isso a metade foi composta, os mil exemplares foram impressos e, por precaução, os duzentos exemplares em papel barato, a pequena segunda edição, também: em seguida os tipos foram redistribuídos, e a segunda metade composta.

Depois veio a luta da distribuição. O livro foi confiscado imediatamente pela alfândega dos Estados Unidos. Por sorte, os ingleses foram mais lentos, de modo que praticamente a edição inteira — pelo menos oitocentos exemplares — entrou no país.

Por fim a tormenta das agressões vulgares. Mas era inevitável que fosse assim. "Nós fazemos isto todos os dias", diz o tipógrafo italiano. "Monstruoso e horrível!", berra uma parte da imprensa inglesa. "Obrigado por ter escrito um livro sexual sobre o sexo, até que enfim. Eu estou farto de livros assexuais", diz um dos mais ilustres cidadãos de Florença a mim — um italiano. "Não sei — não sei — se não é um tanto pesado", diz um tímido crítico de Florença. "Signor Lawrence, o senhor acha preciso dizer *tudo* isto?" Eu afirmei que sim, e ele ficou pensativo. "Ah, um deles era um vampiro intelectualizado e o outro um maníaco sexual idiota", disse uma mulher americana referindo-se aos dois homens do livro. "Eu só lamento que Connie não tenha tido escolha — *como sempre!*